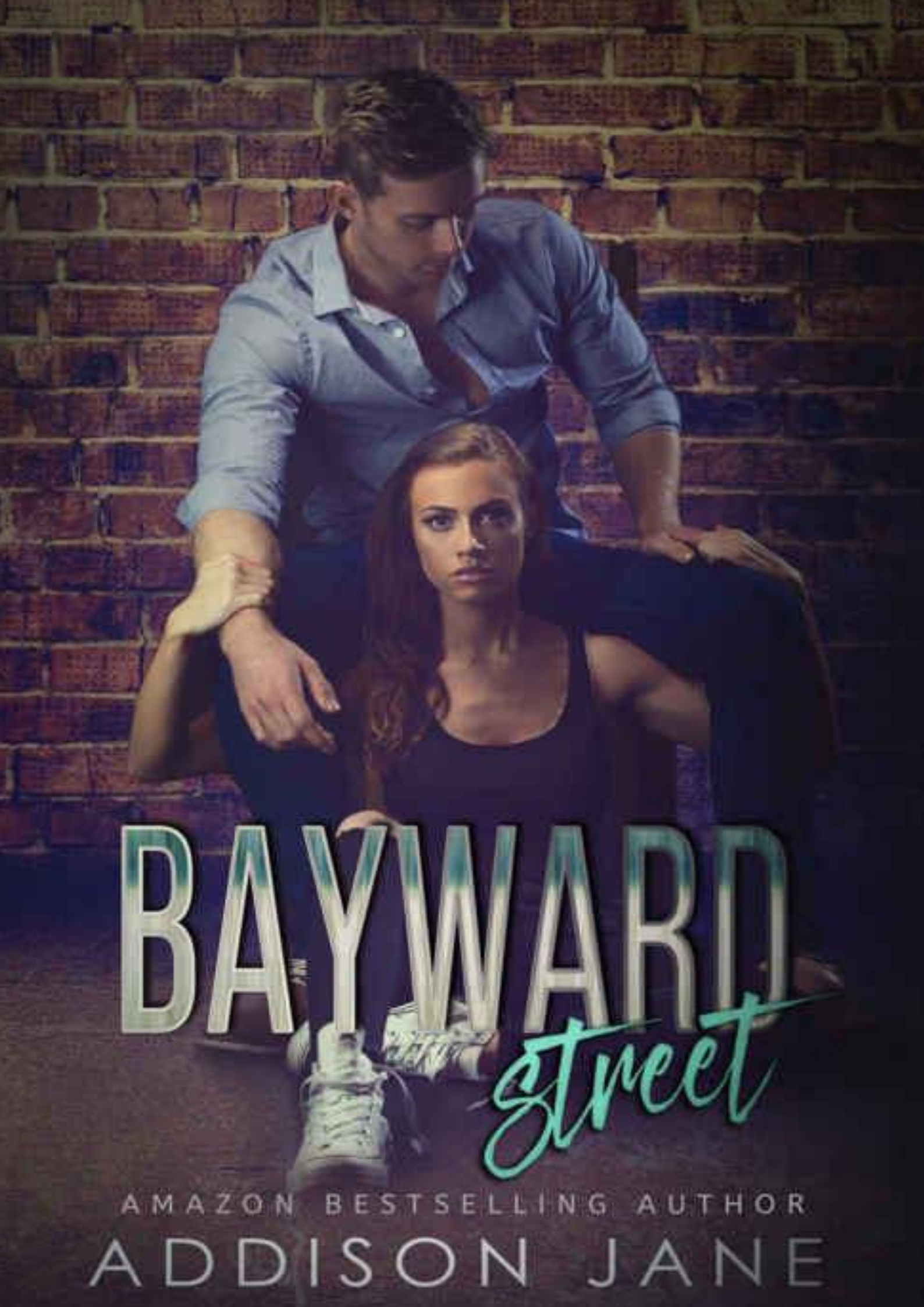

BAYWARD
street
AMAZON BESTSELLING AUTHOR
ADDISON JANE

EQUIPE WAS



DISPONIBILIZAÇÃO E TM: SIDRIEL WINGS

TRADUÇÃO: DONATELLA TERRA, KASS, ATENAS WINGS

REVISÃO INICIAL: DONATELLA TERRA, KASS E ATENAS WINGS

REVISÃO FINAL: THÂNIA CRISTINA

LEITURA FINAL: SIDRIEL WINGS

FORMATAÇÃO: SIDRIEL WINGS

Março 2019

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, indentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

BAYWARD Street

Addison Jane

SINOPSE

A lei dizia que eu era uma fugitiva.

Eu preferia o termo sobrevivente.

Depois de ser quebrada e emocionalmente torturada por quinze anos, eu fiz uma escolha para mudar o caminho em que a minha vida estava.

Isso me deixou sozinha, sem lar e com medo, mas viva.

As ruas foram onde eu encontrei minha família. Um grupo de crianças como eu que a sociedade não conseguiu proteger.

Nós não éramos mais adolescentes - éramos uma estatística, um incômodo, a porcaria na sola do sapato da cidade.

Quando ele apareceu naquela noite, nunca esperei sentir as coisas que senti.

Ele foi honesto e protetor e viu diretamente o exterior endurecido que eu havia criado.

Ele me fez querer lutar por algo melhor.

Eu poderia correr, voltar para a rua e continuar arriscando a vida só para viver.

Mas agora, que me estava sendo oferecido algo mais, eu não tinha certeza se poderia voltar sem pelo menos um gostinho de como era.

Nós viemos de dois mundos completamente diferentes, mas eles estavam prestes a colidir. E eu estava prestes a aprender que talvez a grama realmente não fosse muito mais verde do outro lado.

PRÓLOGO

Eu não tenho certeza no que Deus estava pensando no dia em que ele decidiu me colocar dentro da barriga da minha mãe. Talvez ele estivesse tendo um dia realmente ruim? Talvez alguém tivesse participado de algum sexo antes do casamento, ou talvez ele só quisesse ser um idiota? Porque decidir que eu seria a única que iria crescer com Allison e Greg Campbell como pais era uma decisão que eu nunca, jamais, o perdoaria.

Crescer para mim foi duro na maior parte do tempo. Eu vi meu pai espancar minha mãe diariamente, e assisti minha mãe agir como se merecesse isso. Ele usava qualquer coisa que conseguisse pegar em suas mãos, ou que estivesse ao seu alcance, por exemplo, seu cinto, uma lâmpada, o controle remoto da televisão e eu não poderia culpá-lo por sua criatividade. Eu gostaria de poder culpar o álcool ou as drogas, mas a realidade mostrava que ele era apenas um filho da puta poderoso. Meu pai era um homem importante. Ele fez muito pela cidade e pela câmara municipal, emitindo licenças para construções e examinando problemas. Ele também era responsável em decidir sobre o que precisava ser demolido e quando isso aconteceria. O poder subiu à cabeça dele, a um nível que envolveu a degradação e destruição de sua própria esposa e filha.

Na maior parte do tempo, ele me deixava em paz. Com isso, eu quero dizer que ele ainda tentava levantar a mão para mim de vez em quando. Meu pai impôs seu abuso de muitas outras formas. Ele nunca

comprava comida para nós até que precisasse de alguma coisa, então dava à minha mãe uma pequena quantia de dinheiro para ir ao mercado. Por sorte, sempre frequentei escolas que ofereciam refeições, mas essa era a única coisa que eu comia durante dias. Eu não podia nem contar a quantidade de vezes que ele me trancou no quarto, nem mesmo me permitindo usar o banheiro e, em vez disso, apenas me deixando com um balde. Na maioria dos dias, eu era negligenciada e tratada pior do que um animal doméstico.

Minha mãe tomou cada surra como a esposa submissa que era. Sempre aceitando que estava errada e curvando-se para aquele homem que, aos seus olhos, a possuía. Eu acho que deveria agradecer-lhe de alguma maneira. Ela me mostrou características de uma mulher que eu nunca quereria ser quando crescesse. Um homem nunca iria me fazer sentir inferior, nem jamais tocaria em mim sem o desejo de morrer.

Fiquei com essas palavras por alguns meses antes do meu décimo quinto aniversário, até que Greg Campbell decidiu que eu deveria aceitar alguma responsabilidade pela insolência da minha mãe. Eu tinha certeza de que seria a última coisa que ele faria, e a melhor coisa que já fiz.

— Venha cá, sua pirralha, — meu pai gritou para mim da sala. Eu sabia que alguma merda estava prestes a explodir. Preparei-me para isso e me convenci de que no segundo em que ele me tocasse, seria o fim de sua vida. Minha mãe podia aguentar sua porcaria, ser mandada para a merda todos os dias, mas como o inferno eu ia ficar esperando que ele me espancasse.

— Keira! — Ele gritou novamente. Abri a gaveta da cozinha silenciosamente, encontrei uma grande faca de açougueiro e a tirei. Mudei de uma mão para outra, sentindo seu peso pressionar na palma da minha mão. Foi uma sensação boa, uma sensação de poder e força. A superfície era brilhante e eu quase podia ver meu reflexo perfeitamente em sua lâmina. E por um momento, me perguntei como ficaria manchada com o sangue do meu pai. Coloquei na parte de trás do meu jeans, não querendo uma facada na minha bunda se por algum motivo o babaca me pegasse de surpresa. Tomei duas respirações profundas e instáveis antes de reunir coragem suficiente para entrar na cova dos leões.

A primeira coisa que notei foi minha mãe enrolada em posição fetal no canto da sala. Suas pernas estavam dobradas firmemente contra o peito, as mãos ensopadas com sangue e pressionadas ao lado de sua cabeça. Minha raiva aumentou rapidamente, e tive que acalmar meu desejo de desembainhar minha faca e correr para meu pai em uma fúria cheia de vingança.

— Sua mãe pegou algum dinheiro da minha carteira, disse que era porque precisávamos de comida para alimentar você, — ele disse estranhamente calmo, enquanto sua bunda gorda tentava sair do nosso velho sofá. — Você acha que está certo? Ela pegar meu dinheiro?

Eu não respondi, mesmo quando ele ergueu as sobrancelhas, praticamente me convidando a responder, para então ter uma razão para atacar. Eu permaneci calmamente na entrada entre nossa cozinha e sala de estar. Minha mão coçou para pegar a faca. Era como assistir a um velho faroeste, nós dois encarando um ao outro, esperando que o outro desse o

primeiro passo. Eu sabia que não demoraria muito, porém, meu pai odiava ser ignorado tanto quanto odiava insolência.

— Responda-me, Keira, — ele rosnou, dando alguns passos mais perto. Foi o tapa no rosto que me pegou de surpresa, seguido de perto pelo grito de minha mãe. Fiquei atordoada por um momento, tendo que segurar a porta para me equilibrar. Dor irradiava através do meu queixo e lágrimas queimavam nos meus olhos. Eu podia sentir seu hálito quente enquanto ele estava em cima de mim, me provocando, tentando me mostrar quem mandava. Eu me segurei com uma mão e empurrei meus ombros para trás, ousando olhar nos olhos dele. Seus olhos escuros ardiam de raiva.

— Merdinha patética, — ele gritou para mim. Minha mão livre alcançou atrás do cós do meu jeans, e eu agarrei o cabo da faca com força. — Assim como a puta da sua mãe! — Eu o vi puxar o punho para trás e de repente tudo ficou em câmera lenta. Eu podia sentir a mudança no ar e um alto sentimento de satisfação, sabendo que meu mundo estava prestes a ser jogado em um rumo diferente.

Antes que ele pudesse lançar seu punho para frente, eu puxei a faca e a forcei com toda a força do meu pequeno corpo no meio do peito do meu pai. Eu empurrei com cada grama de força, sabendo que eu só tinha uma tentativa nisso, uma única chance e eu estava determinada a fazer valer a pena. Meus braços queimavam com a força e meus pulmões imploravam por respirar, quando percebi que estava gritando como uma guerreira enlouquecida correndo pelo campo de batalha. Um golpe no lado da minha cabeça finalmente me fez soltar minha arma e me lançou

no chão da sala. Meus ouvidos estavam zunindo, e minha respiração estava irregular, mas olhei para cima a tempo, para ver meu pai tropeçar para trás e cair com um solavanco no espaço dele no sofá. Seus olhos se arregalaram em choque com o objeto estranho que agora se projetava logo acima do umbigo. Você não podia nem ver a lâmina, ela tinha entrado por todo o caminho do peito até o fim. Por um momento, fiquei completamente atordoada, sem perceber que tinha tanta força, mas eles dizem que a adrenalina permitia que as pessoas fizessem coisas super-humanas.

Então, meu pai xingou. — S... sua puta do c... caralho!

Saltando com a força de sua raiva, eu corri pela sala. O sangue foi se amontoando ao redor da faca, encharcando sua camiseta quase branca de um vermelho brilhante doentio. Ele apenas ficou lá, olhando para o cabo preto da faca, suas mãos trêmulas emoldurando-a como se ele não tivesse certeza se deveria deixá-la lá ou puxá-la para fora.

Eu podia ouvir a voz da minha mãe, frenética e instável. Ela tropeçou na sala indo para o corredor, com o celular pressionado ao ouvido e lágrimas escorrendo por suas bochechas.

— Ele foi esfaqueado... Seu estômago... Por favor! — Ela chorou ao telefone antes de passar o endereço da casa. Percebi então que ela estava chamando uma ambulância para ele.

— Não... — Eu tropecei enquanto tentava me arrastar pelo chão, queimando meus joelhos no tapete gasto e agarrando seu vestido —... deixe-o morrer, — implorei. Agarrando seus ombros quando finalmente encontrei o meu equilíbrio precário, eu a sacudi asperamente.

Ela nem sequer olhou para mim, continuou a soluçar com seu celular. Não!

Eles não podiam salvá-lo.

Se eles o salvassem, então não haveria justiça feita.

Ele precisava que sua vida fosse arrancada dele, assim como fizera com a minha e como fizera com a da minha mãe. Olhei ao redor freneticamente antes de finalmente decidir sobre um plano de ação que não permitiria mais que este homem destruísse nossas vidas. Endireitei os ombros, caminhei com força e propósito para a cozinha, abrindo as gavetas em busca de outra grande faca. A essa altura, eu podia ouvir os sons de sirenes fazendo barulho à distância, cada vez mais próximo a cada segundo. Procurando encontrei a próxima melhor coisa, uma faca de cabo preto com borda serrilhada. Não era tão grande e nem tão pesada, mas eu estava ficando sem tempo.

Meus passos eram nítidos e sólidos quando voltei para ficar diante de meu pai. Seus olhos estavam começando a ficar vidrados, e eu sabia que era uma questão de minutos para ele desmaiar completamente.

— Eu te odeio, — eu disse a ele sombriamente. — Você fez de sua missão tornar a minha vida e a da minha mãe um inferno. Mas o engraçado é que agora você é quem vai se esconder do diabo. Apodreça no inferno. — Eu levantei a faca, pronta para empurrá-la através de seu baixo ventre. Infelizmente, mais uma vez Deus me jogou outro grande 'dane-se' enquanto fui derrubada no chão. A faca foi arrancada da minha mão, e meus braços foram dobrados duramente para trás das minhas costas, fazendo com que um grito de dor escapasse da minha boca. Senti o

aço frio das algemas envolvendo meus pulsos quando olhei para cima e vi uma multidão de paramédicos trabalhando no corpo inconsciente de meu pai.

A atenção de minha mãe estava concentrada em meu pai quando fui levada por vários policiais pela porta da frente. Eu me perguntei por que ela estava chorando. Por que ela apenas não me deixou matá-lo para termos uma vida melhor? Eu sabia que minha vida estava prestes a mudar drasticamente, e quando me sentei no banco de trás do carro da polícia, sorri, sabendo que não importava o que fosse, era para melhor.

CAPÍTULO UM

Os sons dos meus patins deslizando contra o concreto da calçada eram um zumbido constante. Mesmo enquanto eu movia meu corpo, passando pelos estranhos que passavam pelas movimentadas ruas da cidade, o som continuava o mesmo. Uma abertura na calçada paralisou o barulho momentaneamente, mas, assim que continuei, o mesmo zumbido que ouvia todos os dias enquanto seguia pelas ruas, continuou.

Essa era a minha vida.

Eu vivia em um zumbido constante.

Dobrei uma esquina, desviando para não esbarrarem em um homem de negócios que estava com a cabeça baixa. Ele digitava furiosamente, seus dedos batendo a uma velocidade ridícula contra a tela *touch screen*[1] de seu celular, nunca parando para olhar para cima quando passei por ele e nossos ombros roçaram um no outro.

Enquanto eu continuava pela rua lateral, discuti comigo mesma se deveria voltar. Homens como ele eram a razão pela qual, algumas pessoas como eu sobreviviam a outro dia. Eles estavam alheios ao mundo ao seu redor, indiferentes a qualquer um, exceto por si mesmos e onde precisavam estar ou o que comprar para o almoço.

Eu, por outro lado, tinha pessoas que confiavam em mim, sem nenhum lugar para estar, e as chances de comer em qualquer dia eram sempre quase nulas. Dando uma rápida olhada por cima do meu ombro,

[1]Touch screen – tela sensível ao toque.

notei que o homem estava agora do outro lado da rua e desaparecendo em um grande prédio de escritórios. Minha chance se foi, mas fiz uma anotação mental do tempo, suspeitando que talvez esse caminho fosse apenas uma parte de seu trajeto regular para o trabalho, e eu posso ter uma chance outro dia.

Aumentei minha velocidade, me empurrando mais rápido. As pessoas nunca saíam do meu caminho. Isso não me surpreendeu, no entanto. Eles achavam que eram melhores que eu, achavam que eu não tinha o direito de estar nesta rua com eles. Eles estavam correndo para trabalhos de alto nível com suas bolsas Gucci e ternos de negócios como advogados, contadores, assistentes pessoais, médicos - eram tantas possibilidades.

E o que eu era? Eu era uma fedelha da Bayward Street[2].

Eu roubei, enganei, e às vezes encontrei comida na parte de trás das lojas dentro de lixeiras. Mas ninguém nunca ia me dizer onde eu poderia ou não andar, porque era um ser humano. E eu posso viver nas ruas, mas ainda era uma pessoa, e isso me dava o direito de caminhar ou passear onde quer que deseje, assim como eles.

Eu tinha acumulado um leve suor quando cheguei ao meu destino. Enquanto as gotas escorriam no meu couro cabeludo, era um lembrete agradável de que eu consegui sobreviver a outro inverno.

Embora a Califórnia raramente atinja temperatura negativa, quando você está fora constantemente na chuva e no ar frio, ainda pode ser mortal. É tão fácil esquecer que ter uma casa aquecida significa que,

[2]Bayward Street – um local de Londres.

quando você tem que sair e enfrentar o tempo, ela ainda estará quente e esperando por você. Era um santuário longe das intempéries. Mas quando a sua casa era as ruas, não havia santuário. Você fazia o que podia para se manter aquecida, e esperava como o inferno que quando fosse dormir naquela noite você acordasse na manhã seguinte.

— Sr. Song, é tão bom te ver, — sorri enquanto paro do lado de fora do pequeno negócio de lavanderia.

Ele usou o dedo indicador para empurrar os óculos para cima da ponta do nariz antes de me receber com um largo sorriso. — Fable! Que bom ver você.

Quando minha vida nas ruas começou, o Sr. Song foi uma das primeiras pessoas a falar comigo como se eu não fosse apenas um chiclete na sola de um sapato. Enquanto eu me sentava na calçada, segurando meu cartaz de papelão, ele se agachou ao meu lado e simplesmente disse: — Ninguém lhe dá dinheiro porque você está suja e fedorenta. Venha, eu ajudo.

Layla, minha melhor amiga e companheira, sempre me disse para não confiar em nenhum homem que se oferecesse para me levar a algum lugar e me ajudar. Mas vi algo diferente nos olhos do sr. Song, diferente do que vi nos olhos das pessoas que passaram por mim na rua.

Compaixão.

A lavanderia do Sr. Song era um negócio pequeno, mas movimentado. O que ele me ofereceu naquele dia foi uma troca. Eu trabalharia por algumas horas em sua loja uma vez por semana, e ele me

permitiria lavar e secar minhas roupas, além de tomar um banho. Na época, eu sentia que roupas limpas eram a menor das minhas preocupações, o resmungo do meu estômago vazio dominando todos os meus outros sentidos me incomodava muito mais.

Mas ele explicou: — Garota com roupas sujas e cabelo sujo, parece uma viciada em drogas. Garota que se veste bem e cheira bem, parece uma garota que só precisa de uma ajudinha.

Suas palavras faziam sentido. As pessoas julgavam os outros diariamente por sua aparência.

Como você se apresenta pode ser a diferença entre conseguir o emprego para o qual você se candidatou ou não, ou conseguir um encontro com a mulher que você deseje.

As ruas não eram diferentes. As pessoas ainda nos julgavam pelo jeito que parecíamos, apenas por diferentes razões. Quantas vezes as pessoas andavam pelas ruas e viam um morador de rua com suas roupas esfarrapadas, descabelados, e pensavam: — *eles usariam o dinheiro só para comprar drogas ou álcool.*

Eu aprendi muito rápido que cuidar de mim significava talvez sobreviver outro dia.

Sr. Song me convidou para entrar, e eu fiz um rápido trabalho de retirar e jogar as roupas da minha mochila em uma máquina de lavar vazia, antes de subir as escadas para o pequeno apartamento em que ele morava e entrar para tomar um banho quente. Era provavelmente o único que eu teria em toda a semana, então fiz valer á pena. Lavando a sujeira

dos últimos sete dias, e deliciando-me em vê-la escorrer pelo ralo aos meus pés. Lavei e enxuguei o cabelo antes de ir lá para baixo e trocar as minhas roupas agora limpas em uma secadora.

Ouvindo a campainha da porta, indicando que um cliente havia entrado me aventurei, agora renovada e pronta. Era estranho que as pessoas entrassem na loja e falassem comigo como se eu fosse apenas outra pessoa. Isso me deu um sentimento de nostalgia de saber que eles não tinham ideia de que, depois das próximas horas, eu voltaria para a pequena barraca na Bayward Street que chamava de casa. Sabendo que eles poderiam muito bem passar por mim na rua no dia seguinte e olhar para o lado oposto, me colocando no rótulo de — *apenas outro adolescente que tinha fugido de casa e agora não conseguia se sustentar.* — Eles olhavam para o outro lado ou atravessavam a rua, de modo que não precisavam fazer contato visual ou fingir que me ignoravam enquanto implorava por mudança.

Não. Naquele momento, para eles, eu era uma garotinha com um emprego, ajudando-os a limpar manchas de vinho de suas camisas ou manchas de vômito dos seus lençóis porque seu filho estivera doente na noite anterior.

Eu era outra pessoa.

E foi bom ser essa pessoa, mesmo que apenas por um momento.

Era quase hora do almoço quando o Sr. Song me espantou de sua loja com duas maçãs e um sanduíche de manteiga de amendoim. Agradeci graciosamente a ele e suspirei de alívio enquanto patinava para longe, colocando a comida na minha bolsa, embora meu corpo ansiasse para

entrar em um beco onde ninguém pudesse me ver e zombar de tudo. Eu não tinha comido nada desde a manhã de ontem, quando alguns caras acidentalmente tinham deixado cair no chão uma garrafa de água e uma pizza enquanto filmavam sua boa ação em uma câmera.

Isso me deixou envergonhada e também um pouco irritada por estarmos sendo usados para validar sua contribuição para a sociedade. Apenas para que eles pudessem ir para casa e fazer o *upload*[3] para a Internet mostrando a todos como eles haviam enfrentado as humildes profundezas da pobreza, e estavam salvando o mundo com uma pizza de cada vez. Eu queria desesperadamente dizer-lhes para enfiar sua maldita pizza no rabo, e voltar quando suas intenções fossem puras e de coração, não apenas porque eles queriam um milhão de acessos no *YouTube*[4].

Mas se viver nas ruas me ensinou uma coisa, foi que às vezes precisávamos engolir nosso orgulho e aceitar a ajuda que as pessoas ofereciam, fosse genuína ou não. Você não sobrevivia aqui sendo teimoso.

E essencialmente, a sobrevivência era nosso principal objetivo.

[3]**Upload** é um termo da língua inglesa com significado referente à ação de enviar dados de um computador local para um computador ou servidor remoto, geralmente através da internet.

[4]**YouTube** é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno. O serviço foi criado por três ex- funcionários do PayPal - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - em fevereiro de 2005

CAPÍTULO DOIS

Meu corpo sentiu paz quando patinei até parar no final da rua que chamávamos de lar. Bayward era uma rua sem saída, onde uma parte de uma nova rodovia havia sido construída há alguns anos atrás. Vivíamos embaixo dela, no que eu descreveria como uma pequena comunidade.

Dez barracas agrupadas em um círculo apertado. Alguns blocos quebrados e troncos cercavam um velho tambor que usamos para fazer fogo quando o tempo estava mais frio. Havia uma cerca alta de arame que era uma triste tentativa de manter as pessoas fora da estrada, mas isso nunca nos impediu. Porém essa cerca nos protegeu de qualquer um que poderia passar por aqui e pensar que nós seríamos alvos fáceis.

Nós não estávamos alheios ao fato de que os adolescentes que viviam nas ruas desapareciam todos os dias. Os predadores sabiam que ninguém se importaria se desaparecessem. Poderíamos relatar tudo o que desejássemos, mas, na maior parte, a polícia achava que tinham coisas melhores a fazer do que procurar na cidade por um adolescente indigente que passava o tempo causando mais problemas para a sociedade do que valiam.

Eu me abaixei para passar através do buraco discreto na cerca antes de cobri-lo de volta e atravessar o terreno acidentado sob meus patins para a minha casa.

— Querida, estou em casa, — eu chamei, deslizando pela abertura entre as duas barracas.

Layla estava sentada em um dos assentos improvisados e se virou para mim, seu rosto se iluminando quando ela me viu. — Como foi o Sr. Song hoje?

Rindo, sentei-me ao lado dela, jogando minha bolsa no chão ao meu lado e começando a remover meus patins. Eles eram meu tesouro. Locomover-se pela cidade ficava muito mais fácil quando você tinha rodas e não precisava usar seus pés.

— O mesmo velho Sr. Song.

Ela sorriu e assentiu como se soubesse exatamente o que eu queria dizer. — Kyle e Lee saíram cerca de cinco minutos atrás, você os viu?

Eu balancei a cabeça. — Onde eles estavam indo?

— Fazer a viagem pela cidade para conversar com o tio deles.

Peguei as duas maçãs da minha bolsa e joguei uma para ela. Ela pegou facilmente, seus olhos tristes brilhando enquanto ela olhava para a comida. Ela me deu um rápido agradecimento e deu uma grande mordida, deixando o suco escorrer de seu queixo.

— Eles vão vê-lo novamente? — Eu perguntei curiosamente antes de morder a minha própria maçã com os dentes.

— Eles vão fazer dezoito anos no próximo mês, — ela murmurou em torno de uma boca cheia de fruta. Layla era linda, mesmo com pequenos pedaços de saliva e comida saindo de seus lábios. Seu cabelo loiro caía em ondas sobre os ombros, e seus olhos azuis eram da cor do céu no mais claro dos dias. — Eles acham que ele pode ser capaz de dar-lhes um

trabalho, assim que forem maiores de idade para trabalharem atrás do balcão.

Kyle e Lee eram gêmeos idênticos. Seus pais os expulsaram por volta dos 14 anos quando Lee finalmente saiu do armário e se assumiu gay. Kyle era hetero, mas apoiava o modo de vida de seu irmão. Portanto, seus pais também lhe deram o chute. Apesar de que ele jamais teria ficado lá sem Lee, eles eram inseparáveis e odiavam ficar longe um do outro por mais de um dia ou dois.

Enquanto a maioria das pessoas ficaria chocada e surpresa que um pai pudesse empurrar seus filhos para as ruas, não se importando se eles não tivessem um teto sobre sua cabeça e comida em seus estômagos, essa história era uma que todos nós conhecíamos bem.

As pessoas muitas vezes nos desprezavam, pensando que éramos rebeldes e violadores de regras. Mas a realidade era que as ruas nos fizeram assim. Não foi em um dia que nos cansamos de nossos pais e decidimos que seria melhor vivermos nas ruas, implorando por nossa próxima refeição.

Nós queríamos um lar, e precisávamos desesperadamente de alguém que se preocupasse conosco, nos oferecesse segurança e amor, e algum tipo de confiança. Coisas que nunca recebemos de nossas famílias verdadeiras, mas que encontramos aqui, em um buraco escuro e sujo em uma rua da cidade com pessoas que não tinham nada para dar além de seus corações.

— Fable! — Um braço pesado cobriu meus ombros e me puxou para um abraço. Meu corpo se inclinou para Eazy, me sentindo confortável em

seus braços. Para dezesseis anos o garoto era grande, apesar de eu ter observado seus músculos e peso se deteriorarem desde que ele estava aqui. Mas ele ainda me fazia sentir segura. — Oi, Eazy.

— Layla disse que estava ansiosa para ir à estação de metrô mais tarde hoje à noite. Você quer vir?

Oferecendo metade da minha maçã a Eazy, ele sorriu com gratidão. — Sim, eu vou. Você acha que Kyle e Lee voltarão a tempo?

Layla encolheu os ombros. — É uma caminhada até ao outro lado da cidade onde o clube de seu tio está localizado. Vai levar umas boas horas para chegar lá e voltar. Eu tenho certeza de que ficaremos bem em ir sem eles.

Layla era incrível no violão, ela tocava com o coração e paixão. Era a única coisa que ela nunca deixaria ser afetada por sua vida na rua, seu amor pela música.

O nervoso se instalou no meu estômago. Eu odiava ir às estações de metrô à noite sem um grupo sólido de nós. Mas era uma das maneiras que fazíamos dinheiro para nos ajudar a sobreviver. E sexta à noite era o melhor momento. Haviam pessoas deixando a cidade depois da noite de sexta-feira para beber com seus companheiros de negócios, ou pessoas indo para o centro da cidade para ver as luzes ou ir nas casas noturnas. E o álcool tornava as pessoas mais generosas com seu dinheiro, mas também as tornava muito mais imprevisíveis.

— Nós vamos ficar bem, Fay. Podemos levar Andre e Coop.— Eazy me deu outro aperto antes de jogar o caroço da maçã comida no tambor de fogo. — Vai ficar tudo bem.

Eu não pude deixar de retribuir seu sorriso quando ele me presenteou com um sorriso de menino. Mesmo que ele só estivesse conosco há alguns meses, imediatamente se tornou alguém em quem eu podia confiar.

Nós ficamos para o resto do dia, ouvindo Layla tilintar em seu violão enquanto outra de nossas amigas, Daisy, ficava tocando melodias doces em seu violino. Assim como Layla, Daisy alimentava-se de música e às vezes eu me perguntava se era a única coisa que a mantinha sã.

À medida que a noite se aproximava, eu esperava que Kyle voltasse a tempo de fazer a viagem conosco até à estação. Kyle era aquele com quem eu me sentia mais segura, ele era forte e inteligente, sempre ficava com seus olhos observando. Enquanto eu não estava com medo de dar um soco ou lutar por mim mesma se fosse provocada, não era ingênua o suficiente para pensar que não havia homens lá fora que fossem muito mais fortes que eu. E se esse fosse o caso e eu fosse pega sozinha, odiava pensar no que poderia acontecer.

Viajaríamos juntos, mas nos dividiríamos em vários pontos para atingir diferentes grupos de pessoas. A maneira como trabalhávamos era estratégica e bem planejada. Precisava ser. As ruas da cidade e do metrô eram perigosas em um bom dia, mas à noite podiam ser mortais.

Encontrei o meu par de jeans escuro favorito e vesti. Infelizmente para mim, eles tinham acabado de ser lavados e secos naquele dia, então

colocá-los significava que eu lutaria com eles por dez minutos enquanto tentava arrastá-los pelas minhas pernas, o tecido agarrado a mim pelo resto da vida, mesmo com a alta quantidade de *stretch*[5] que eles tinham.

— Você deveria seriamente apenas comprar um jeans novo, — Layla comentou, olhando divertida enquanto eu estava deitada no chão da minha barraca, tentando murchar minha barriga e forçar os botões juntos. Era uma forma de arte.

— Sim, talvez seja hora de fazer compras em um varal no quintal.— Eu balancei a cabeça em concordância enquanto me levantava do chão e saía.

Layla bateu palmas. — Oh, eu amo essa loja, eles têm tantas opções de escolha.

Eu ofeguei zombeteiramente. — E é bem em nossa faixa de preço.

Nós duas rimos quando eu prendi meu braço ao dela e puxei-a para a cerca onde os meninos e Daisy estavam esperando.

Roubar era uma parte muito real de como sobrevivemos. Roupas que as pessoas tinham pendurado para secar. Um saco ou uma bolsa que alguém não estava de olho. Às vezes, até dinheiro ou carteiras saíam do bolso de alguém. Bater carteiras não era o meu forte, mas algumas das outras crianças aqui tinham essa boa arte.

Todos nós arriscamos muito por roubar pessoas. Ser apanhado significava possivelmente ser preso e ficar um tempo afastado, alguns de nós já sofreram com essa punição e não estávamos prontos para

[5]**Stretch** é uma propriedade que existe para trazer elasticidade à peça, é um atributo MEGA IMPORTANTE nas calças, pois traz flexibilidade e conforto aos seus movimentos.

voltar. Todos nós preferíamos ter um emprego e ganhar dinheiro dessa maneira, e não era por falta de tentativa. Mas até agora a maioria das pessoas estava relutante em nos contratar, a maioria de nós tinha algum tipo de registro criminal e alguns estavam se escondendo, então ter um emprego significava que seria fácil para as pessoas nos localizarem.

O pensamento me fez estremecer. Voltar aos meus pais seria uma sentença de morte. Meu pai havia sobrevivido à minha tentativa de esfaqueamento e ele estava sedento de sangue, meu sangue.

E eu prefiro arriscar minha vida nessas ruas a dar-lhe a satisfação de ser ele a acabar com a minha vida.

CAPÍTULO TRÊS

Mesmo à noite as ruas estavam ocupadas, movimentadas como se fosse dia.

As pessoas nos evitavam como a peste quando seis de nós passeávamos pela rua rindo e empurrando uns aos outros. Agindo como um grupo de adolescentes normais durante uma noite fora. Ou pelo menos foi o que eu pensei que seria. Nunca tive a oportunidade de ser uma adolescente normal.

Meu pai nunca me deixou sair de casa a menos que fosse para a escola. E a situação em que eu estava agora era realmente tudo menos normal.

Paramos na escada mais próxima que levava aos trilhos.

Algumas das estações tinham portas gradeadas, fazendo com que você tivesse que empurrar e depois passar o bilhete de metrô. Mas havia algumas estações, como esta, que tinham apenas uma única barra do outro lado e que chegavam até à cintura. O que significava que poderíamos pular facilmente.

Ficamos atentos, precisando cronometrar nossa abordagem perfeitamente. Precisava haver um trem na plataforma quando saltássemos, para que pudéssemos correr direto para ele e esperar que chegássemos a tempo antes que as portas se fechassem. Às vezes havia segurança na plataforma ou nos portões, e assim que eles nos viam, era o fim, por isso tinha que ser perfeito.

Senti o ruído de um trem abaixo dos meus pés e respirei fundo. — Vamos! — Descendo as escadas de dois em dois, os passos dos meus amigos ecoaram no espaço de concreto quando eles me seguiram para baixo. Meus olhos olhavam em volta enquanto eu corria em direção às barras de entrada, não encontrando ninguém, mas não querendo esperar para descobrir.

Pulei sobre a barra de metal fino assim que o trem à minha frente parou e as portas se abriram lentamente. Meus amigos foram rápidos, mesmo com Eazy tendo que levantar Daisy por cima da barra antes de jogar seu próprio corpo.

Mergulhei através das portas do trem e, um após outro, eles me seguiram para dentro, Eazy se espremeu quando as portas começaram a fechar. O vagão em que entramos estava bem vazio, mas algumas pessoas ainda nos olhavam cautelosamente. Eu simplesmente sorri e acenei para eles com entusiasmo, e eles rapidamente desviaram o olhar. — Em qual parada vamos sair? — Daisy perguntou, ainda respirando pesadamente.

— O mais perto possível do centro da cidade. Andre e Coop podem sair com você, e podemos continuar na próxima estação. Eu sabia que Andre e Coop eram capazes de se defender contra qualquer problema, embora fossem menores que Eazy. Eles pareciam mais velhos do que muitos de nós, o que geralmente era o suficiente para impedir qualquer idiota de pensar que poderiam se meter com um bando de garotos. Especialmente quando Daisy se parece com uma bonequinha de porcelana, com seus cabelos escuros e pele branca pálida, e o fato de ela ter um metro e meio de nada.

Dez minutos e uma dança improvisada de Layla de Pole Dance[6] depois, Daisy e os meninos saíram. Mais pessoas subiram no trem na estação, e isso me deu esperança de que esta noite pudesse ser uma boa noite.

Como se na insinuação, meu estômago resmungou com raiva. Nem Eazy nem Layla notaram, sem dúvida os seus estavam fazendo exatamente a mesma coisa. Uma coisa que todos nós sabíamos, porém, era que, não importa o quê, nós encontraríamos um jeito de passar outro dia. *Juntos.*

Saímos na estação seguinte e preparamos tudo.

Layla colocou o moletom grosso no chão de concreto frio e colocou o estojo de violão antes de se sentar e pegar as cordas em silêncio.

Sentei-me a alguns metros de distância em cima da minha mochila, e Eazy sentou-se em outro lugar mais adiante num banco, parecendo que ele era apenas outro cara esperando por um trem. Descobrimos que as pessoas eram mais propensas a dar dinheiro para garotas do que para garotos. Nós éramos mais acessíveis e mais capazes de puxar as cordas do coração. Os meninos não gostavam de admitir que estivessem com dificuldades.

E eu era uma daquelas crianças.

Estávamos certos em aproveitar essa noite de sexta-feira. Enquanto Layla enchia a estação com o belo som de seu violão e voz, as pessoas

[6]Pole dance é uma forma de dança e ginástica. Originária da Inglaterra dos anos 1980 foi introduzida em Portugal em 2005 pela escola Círculo de Dança de Lisboa. Trata-se de uma dança, utilizando, como elemento, um poste ou barra vertical sobre o qual o bailarino realiza sua atuação.

ficavam encantadas com os doces sons melódicos que vinham dela, e o modo como seus dedos se moviam tão facilmente sobre as cordas de seu instrumento. A garota tinha um grande talento.

O fluxo de pessoas estava ainda maior do que o habitual. Nós ouvimos comentários sobre *Twisted Transistor*[7], uma banda de rock internacionalmente conhecida fazendo um show não muito longe da estação em que estávamos. Se você não sabia quem eles eram, estava vivendo debaixo de uma pedra, uma grande e enorme pedra. Eles estavam em toda parte, especialmente quando o seu líder Ryder Oakley ficou com uma princesa do clube de motoqueiro. Quando essa notícia vazou, o mesmo aconteceu com corações em todo o mundo.

Para nossa sorte, o show funcionou a nosso favor, porque as pessoas eram em sua maioria jovens e empolgados para o show, e ver Layla tocando seu violão ajudou a elevar sua excitação. Eu assisti com espanto como eles ficaram em torno de Layla, pedindo músicas e cantando junto com ela enquanto jogavam dinheiro no estojo de seu violão.

Eazy se aproximou um pouco mais, se colocando na multidão de jovens, então Layla estava ao alcance. Muitas dessas crianças já estavam bêbadas e, enquanto estavam sendo generosas com a mudança de músicas, alguns começaram a ficar um pouco exaltados.

Após cerca de vinte minutos, percebi que Layla estava começando a se desgastar e precisava dar um tempo. Mas os fãs entusiasmados pediram para ela continuar tocando. Eazy chamou minha atenção e nós dois começamos a empurrar através da multidão que havia se reunido.

[7]Twisted Transistor – nome fictício.

— Desculpe, pessoal, precisamos de um pequeno intervalo, — eu falei enquanto eles pediam para ela tocar algo da banda favorita deles. A maioria gemeu e se afastou, subindo as escadas com suas vozes excitadas vibrando nas paredes enquanto se preparavam para o que, eu não duvido, seria um show incrível.

— Vamos lá, eu te dei dinheiro, eu quero um show— um cara falou enrolado. Ele estava usando uma camiseta da *Twisted Transistor*, mas com o quão bêbado ele estava, eu quase podia garantir que o segurança na porta não ia deixar ele ou seus amigos entrarem.

Eazy deu um passo à frente de Layla, cruzando os braços sobre o peito. — Você tem um show, agora se manda.

Um cara atrás deles tirou uma nota de cinqüenta dólares e acenou no ar. Meus olhos se arregalaram. — O quanto você quer esse dinheiro? — Ele provocou seu corpo balançando levemente.

Os outros riram, mas Layla, Eazy e eu nos levantamos, sem dizer uma palavra. — Eu já ouvi falar de vocês, crianças desabrigadas. Dispostos a fazer praticamente qualquer coisa por alguns dólares. — Sua voz era fria e calculada, apesar de seu estado embriagado. — Vocês, garotas, tiram suas camisas e nos dão um pequeno espetáculo, e é toda sua.

— Foda-se, — eu rebati, dando um passo à frente, minha raiva aumentando. — Nós não queremos o dinheiro de garoto rico '*papai paga pela porra de tudo'*.

Eu ouvi outro trem chegando à plataforma no fundo, a rajada de vento soprando ao nosso redor gelando meu corpo.

Um vislumbre de escuridão flamejou nos olhos do menino. Ele estendeu a mão e agarrou meu pulso, me empurrando de volta contra a parede de concreto. Eazy moveu-se para intervir, mas um dos outros caras deu um golpe baixo, atingindo-o no lado da cabeça e o deixando desequilibrado.

— Eazy, — Layla gritou quando um deles pulou em cima dele, e lhe deu outro soco antes de ser retirado e Eazy saltou sobre ele, dando um duro golpe na bochecha do garoto.

O bastardo se aproximou mais, mas eu não estava disposta a aceitar essa porcaria. Eu o puxei para mim e levantei meu joelho, atingindo seu estômago. Ele se curvou, mas não me soltou. Em vez disso, ele puxou meu braço, jogando meu corpo no chão. Meu cotovelo bateu no concreto e eu gritei de dor, o choque trazendo lágrimas aos meus olhos.

Ouvi passos apressados à minha volta e vozes altas. Pelo canto do meu olho, eu vi alguém pegar Layla pela cintura e puxá-la para longe de onde estava tentando arrastar os dois outros caras para longe de Eazy enquanto eles o prendiam no chão.

Eu gritei quando senti um pé se conectar com as minhas costelas e olhei para cima para ver meu atacante se aproximando de mim, falando alguma merda da sua boca que eu não conseguia entender devido à dor que tomou conta dos meus sentidos.

Eu me senti mal, agarrando meu corpo e tentando segurar o vômito que ameaçava se libertar pela minha boca.

Através do borrão, eu vi um objeto surgir do nada, conectando com o lado da cabeça do idiota. Ele desmoronou no chão, e outra pessoa tomou o seu lugar, elevando-se sobre mim. Mas em vez de atirar palavras venenosas, ele estendeu a mão.

Eu segurei meu braço dolorido contra o meu corpo enquanto estendi o outro. Dedos grossos envolveram minha pequena mão e me puxaram para me erguer de pé. Outra mão foi colocada no meu ombro para me firmar enquanto eu me balançava.

— Deixe-me ir, babaca, — Layla gritou, o cara segurando-a rindo em diversão quando ela chutava e lutava contra ele.

Os garotos que nos atacaram estavam se colocando de pé agora, com sangue e hematomas em todos os seus rostos.

— Você acha que é legal, atormentar duas garotas e lutar contra o cara que estava tentando protegê-las? — Um cara com o rosto impassível saiu da multidão de jovens que estavam agora de pé com a gente, alguns cerraram os punhos como se estivessem prontos para uma luta, outros respiravam pesadamente com sangue já em suas mãos. Mas o menino que falava era alto, com os braços cruzados sobre o peito. Suas palavras soaram ferozes, mas calmas.

Dois dos garotos se encolheram, como perdedores lambendo suas feridas, mas aquele que me atacou virou seu olhar furioso em minha direção. — A cadela não podia aceitar uma piada de merda. — Ele cuspiu no chão, uma mistura de saliva e sangue fazendo uma poça na plataforma de concreto.

Eu me irritei. — Você é a única piada de merda aqui. — Tentei dar um passo à frente, mas o cara me segurando reforçou seu aperto no meu ombro.

— Há três caras aqui para cada um dos seus. Que tal você nos contar uma piada, e nós vemos o que acontece? — Sua voz era profunda e rica, e fez meu corpo vibrar. Havia uma confiança sobre ele, a maneira como ele se mantinha e como falou. Os caras que estavam ao nosso lado o respeitavam, eu podia sentir isso.

— Moleque de rua.— O bastardo olhou para mim antes de finalmente virar e mancar com seus amigos até às escadas para a saída.

Layla ficou de pé, ela se virou para o cara alto atrás dela e bufou para ele, erguendo o dedo médio no ar, o que só fez o sorriso dele aumentar.

Nós duas olhamos para Eazy ao mesmo tempo, ele estava sentado contra a parede onde estava o estojo do violão de Layla, seus braços apoiados nos joelhos e a cabeça pendurada com o capuz cobrindo o rosto.

Correndo para ele, eu encostei meu braço contra o meu peito e minhas costelas queimaram como se estivessem em chamas. Eu caí de joelhos e falei baixinho: — Eazy? Você está bem?

Os garotos que estavam ao nosso redor observavam em silêncio quando eu estendi a mão e afastei o capuz do rosto dele. — Oh, E... — Eu sussurrei tristemente, meus dedos roçando o lado do rosto dele. Ele finalmente olhou para cima. Um de seus olhos já estava inchado, o sangue pingando de um corte fresco acima dele. Havia mais hematomas e sangue em suas bochechas. — Vamos para casa.

Levantei-me e recuei, dando-lhe espaço para ficar de pé. Era evidente que ele estava com muita dor. Quando ele finalmente ficou de pé, ouvi um suspiro vindo de trás de mim.

Sua cabeça baixou novamente, mas desta vez, não foi por causa do ataque que ele tinha acabado de suportar, ele queria esconder seu rosto, e foi quando eu percebi o porquê.

— Anton?

CAPÍTULO QUATRO

— Ei Bray, — Eazy resmungou, recostando-se contra a parede em busca de apoio. O garoto líder deu um passo à frente, a testa franzida em confusão. O garoto que me ajudou a ficar de pé se moveu ao lado dele. — Meninas, conheçam Heath e Braydon Carson.— Ele gesticulou para os dois com uma mão machucada.

A atenção de Heath voltou-se para mim, a intensidade de seus olhos enviou um pequeno choque em minha espinha e através do centro de meus ombros, fazendo-me tremer involuntariamente antes de me recompor novamente. Heath era um homem forte e líder. Algo sobre ele me atraiu e me deixou curiosa. Minha mente vagou, imaginando como seria ver o olhar sombrio e sério cair e talvez surgir um sorriso. Seu cabelo castanho chocolate era curto, mas espetado drasticamente em sua cabeça, e parecia combinar perfeitamente com seu comportamento. Foram os olhos azul-bebê que contrastaram fortemente com tudo o mais sobre ele.

Braydon, por outro lado, tinha uma chama de simpatia e diversão que o seguia. Enquanto ele olhava para Eazy em estado de choque, um sorriso começou a aparecer, e ele parecia empolgado com o reencontro. Você poderia dizer que ele era obviamente mais descontraído do que seu irmão, seu cabelo era um pouco mais claro e desgrenhado e seu corpo, embora ainda largo e forte, não combinava exatamente com o de Heath.

— Onde diabos você esteve nos últimos meses, cara? — Braydon perguntou, parecendo ambos surpresos e exultantes.

Eazy riu baixinho. — Estive aqui, mano.

— Vivendo na cidade?

Seu tom ficou mais baixo quando ele respondeu: — Algo assim.

Heath estudou a interação com cuidado, seus olhos e ouvidos absorvendo tudo. Enquanto observava, pude ver sua mente trabalhando, montando o quebra-cabeça. — Você está vivendo nas ruas?

Eazy não virou a cabeça, em vez disso, apenas moveu o olho bom para onde Heath estava, seu corpo tenso. — Sim. Mamãe e papai me chutaram quando descobriram sobre os medicamentos controlados que eu estava tomando.

— Eles te expulsaram? — Braydon rosnou profundamente em sua garganta. — Que porra é essa?

— Olha cara, obrigado pela sua ajuda, mas eu preciso levar as meninas de volta para casa antes que alguns loucos tirem proveito.

Eu não perdi a forma que os olhos de Heath queimaram, e alguns dos outros garotos inclinaram a cabeça em confusão.

Enfiei-me no meio do grupo, mergulhei sob o braço dele. — Eu acho que você esqueceu garoto. Nós somos os loucos.— Ele riu enquanto se inclinava contra mim quando nos afastamos da parede que o sustentava. Minhas costelas protestaram de dor, e eu choraminguei sob seu peso pesado. Nós só demos alguns passos antes de eu ser arrancada dele.

Dois caras tomaram meu lugar, segurando Eazy facilmente. Meu amigo não pareceu muito feliz com isso enquanto caminhavam até ao próximo túnel, que levava ao outro lado dos trilhos, para que pudéssemos pegar o trem que nos levaria de volta para casa.

Eu olhei para Heath, arrancando minha mão de seu aperto firme. Ele não pareceu se abalar com o meu ato de rebeldia.

— Você está bem? — A profundidade de sua voz parecia quase contrária para um cara que eu sabia que não poderia ser muito mais velho do que eu. Era quase reconfortante como você se sente quando alguém está no controle. E sabe de uma coisa? Foi bom deixar outra pessoa estar no controle uma vez.

Eu assenti. — Sim, só um pouco dolorida.

Sua mão roçou minha cintura, seus dedos deslizando sobre a pele delicada da minha barriga, onde minha camisa revelava um pedaço do meu umbigo. Apenas um simples toque enviou tudo na minha cabeça voando em diferentes direções. Parte de mim implorou para que ele me puxasse contra seu corpo apenas para que eu tivesse uma desculpa para tocá-lo. Outra parte gritava para eu correr ao saber que se Eazy conhecia esses caras de sua casa, afinal que tipo de estilo de vida eles teriam.

Uma leve pressão nas minhas costas me tirou dos meus pensamentos quando Health me guiou para a frente.

— Você quebrou meu violão na cabeça daquele cara, — Layla protestou em voz alta, eu podia ouvir a dor em sua voz, no entanto.

Braydon deu um passo em direção a ela, rindo. — Desculpe, tive um momento de estrela do rock. Vou dar um novo para você. Ele se abaixou e ajudou-a a guardar o violão quebrado de volta no estojo, e dei um suspiro de alívio quando vi que o dinheiro que ganhamos ainda estava dentro.

Todos os caras do grupo nos seguiram, alguns sussurrando entre si enquanto subíamos no trem. Heath sentou ao meu lado, olhando pela janela quando o trem seguiu pelos trilhos e as paredes do túnel começaram a brilhar em um arco-íris de grafite.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou, sem sequer se virar para mim.

— Fable.

Eu vi suas sobrancelhas levantadas, mas foi apenas uma demonstração momentânea de emoção porque seu rosto relaxou retornando à sua seriedade. — Nome interessante.

Sorrindo, eu respondi alegremente: — Obrigada, eu mesma escolhi.

— É por isso que você o chama Eazy? — Ele perguntou quando finalmente virou seu corpo para o meu e encontrou meus olhos.

— É um nome de rua.

Ele não perdeu tempo. — E o que exatamente é um nome de rua?

Suspirei, me perguntando se isso era algo que eu realmente queria falar com um cara que mal conhecia. Só porque ele me fez sentir segura, não significava que eu poderia confiar nele. Aprendi há muito tempo o quanto as pessoas poderiam ser dissimuladas, e quão facilmente elas se escondiam atrás de uma personalidade que representavam. Como um

ator de televisão ou um artista em uma peça, eles eram quem precisavam ser para conseguirem o que queriam.

— Um nome de rua nos dá proteção. Ajuda-nos a deixar toda a merda que lidamos antes, e começar algo novo, — Eazy explicou indo para o outro lado do corredor.

— Por que você não pode simplesmente ir para casa? — Alguém perguntou com um toque de tristeza em seu tom. — Certamente sua mãe e seu pai já se acalmaram agora.

— Por que ele iria querer ir para casa? — Eu disparei de volta.

Braydon se sentou na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos. — É onde seus pais estão e sua família.— Ele falou como se fosse a escolha óbvia.

— Deixe-me contar uma história... — comecei, a frustração se instalando.

— Fay, por favor, não, — Eazy sussurrou, pedindo-me através de um olho bom. Eu balancei a cabeça. — Seus pais o expulsaram em pleno inverno, sem nenhuma porra de lugar para ir. Você sabe o que é não ter *ninguém*? Saber que não há lugar para você escapar do frio. Não ter ninguém que segure sua mão enquanto você passa por uma crise de abstinência.

Pela primeira vez, vi uma parte de Heath brilhar nos olhos de Braydon. Ele estava com raiva, mas ao contrário de seu irmão mais velho, ele mal conseguia contê-la. Suas mãos tremiam e seu peito começou a inspirar mais profundamente, como se tentasse se acalmar.

— Nós o encontramos nas ruas, tremendo e mal percebendo o que estava acontecendo ao seu redor. Ele estava saindo de um vício em analgésicos controlados, e seus pais o chutaram para a rua quando descobriram seu pequeno segredo, deixando-o sofrer sozinho. Eles nunca lhe ofereceram a chance de ficar limpo, mesmo que tivessem dinheiro para pagar qualquer tipo de recursos que ele precisasse.— Minha voz subiu acusadoramente, mesmo para esses meninos, que eu poderia dizer por estar em sua presença por um curto período de tempo, que eram garotos que teriam lhe oferecido um lugar para ficar, se ele pedisse por isso.

Mas Eazy era orgulhoso demais para isso. Sentindo como apenas um nada por causa de um erro, havia decepcionado todos com os quais ele se importava.

— Um filho com um problema não era bom o suficiente para fazer parte de *sua* família, — eu sussurrei em desgosto. — Então agora ele é parte da minha e eu nunca vou desistir dele.

Eu podia ver minhas palavras se infiltrando em suas mentes. Seus olhos dançaram com curiosidade e confusão, mas Eazy apenas desviou o olhar.

— Eu te amo, E[8], — eu sussurrei, minha voz se quebrando.

Ele não se virou para mim, mas ouvi a resposta silenciosa: — E eu a você, Fay.

[8] Por vezes, eles tratam o Eazy apenas por E.

Uma voz tomou conta do vagão, nos avisando que a próxima parada estava chegando. — Eu vou sair e encontrar os outros, dizer-lhes que estamos voltando, — Layla ofereceu, passando o violão para mim e se movendo para as portas.

Eu peguei um leve movimento de cabeça, e de repente dois caras estavam fora de seus assentos e indo atrás dela. Um era o garoto alto que a conteve. Ela olhou para mim com cautela antes dele estender a mão para ela. — Eu sou Lucas, este é Sam, nós seremos seus guarda-costas esta noite.— O trem parou e as portas se abriram. Lucas saiu primeiro, estendendo a mão para Layla. — Por favor, venha por aqui...

Ela bufou, contornando-o e descendo a plataforma. Lucas sorriu e me deu uma piscadela fofa antes que ele e Sam fossem atrás dela.

— Você tem seus meninos bem treinados, — eu comentei baixinho para Heath quando o trem recomeçou e os outros meninos começaram a conversar com Eazy.

Heath relaxou em seu assento, a tensão de seu corpo parecendo ter se acalmado um pouco e permitido que ele relaxasse. — Eu não digo a eles para fazer qualquer coisa, mas eles me respeitam e confiam em mim o suficiente para saber que em situações como essa, eu sei o que fazer.— Ele virou a cabeça para olhar para mim, e mais uma vez fiquei chocada com a profundeza de seus olhos. A cor me acalmou. Era como olhar para as ondas suaves de um oceano. — Também temos moral. E eu não vou deixar ninguém bater em algumas garotas, e enfrentar um cara quando a luta não é justa. Não se eu puder evitar.

— O que faz você pensar que eu precisava de sua ajuda?

Ele se virou novamente. — Como estão essas costelas? — Poderia ter sido minha imaginação, mas pensei ter visto um sorriso malicioso no canto de sua boca.

Fiz uma careta, desafiando-o em minha mente a olhar para mim para que ele pudesse sentir o olhar que eu estava dando a ele. — *Touché*[9], idiota.

[9]*Touché* – Belo golpe.

CAPíTULO CINCO

Nós descemos do trem na parada seguinte, e eu chequei a segurança antes de chegarmos aos portões de saída. Braydon segurou Eazy, deslizando os dois juntos pela catraca[10]. Eu fui depois deles, encolhendo-me quando inclinei a minha cintura para levantar minhas pernas.

Heath parecia que queria me ajudar, mas estreitei os olhos para ele e manteve distância. A caminhada para casa foi lenta enquanto os meninos se revezavam basicamente levando Eazy pela rua. O punhado de pessoas que passaram por nós nos encarou, e não deixava dúvida que eles estivessem preocupados com o que havia acontecido com ele. Todavia, parecia mais como se fôssemos um grupo de crianças causando problemas e ele conseguiu o que merecia.

Isso não me incomodou, no entanto. Um tempo atrás eu teria tentado esconder meu rosto, envergonhada do que as pessoas pensavam de mim. Mas agora, eu simplesmente não dava a mínima. Julgar os outros era um instinto humano natural. Se eu estava morando na rua ou trabalhando em um ótimo trabalho, as pessoas sempre olhavam para mim e presumiam o que queriam. O que eu aprendi foi que não importava o que eles pensavam, porque eles não me conheciam ou sabiam a verdade sobre a minha vida. E para ser honesta, é assim que eu preferia.

[10] Catraca, roleta ou torniquete – é uma espécie de portão que permite a passagem de apenas uma pessoa de cada vez, permitindo o controle de acessos.

Os outros me seguiram enquanto eu liderava o caminho pela *Bayward Street*, meu corpo finalmente relaxando enquanto eu via as silhuetas de algumas pessoas em pé ao redor do tambor de fogo.

— Esta é a casa? — Heath questionou baixinho. Eu olhei para ele, as luzes da rua sombreando seu rosto enquanto ele examinava a pequena comunidade de barracas.

— Cristo, — Braydon amaldiçoou atrás de mim quando ele viu onde estávamos indo. — Você não pode estar falando sério.

— Tão sério quanto uma surra em uma estação de metrô, mano, — Eazy riu sombriamente. Quando chegamos à cerca, soltei um assobio alto. Eu pude ver Kyle e Lee mais claramente agora. Ambos se endireitaram, virando-se para nós. — Nós precisamos de ajuda, rapazes.

Eles largaram as coisas e pularam pelas barracas, correndo para nós. Os olhos de Lee se arregalaram quando ele se espremeu pelo espaço entre os arames da cerca e avistou Eazy. — Porra, o que aconteceu?

Kyle veio em seguida, erguendo seu corpo totalmente e olhando para o grupo de caras ao nosso redor. Kyle era o mais protetor de todos. Ele sentia que era sua responsabilidade nos manter seguros e alimentados. Eu podia ver a raiva fomentando dentro dele.

— Fay, vá para dentro, — ele ordenou severamente.

Eu dei um passo à frente, percebendo que Heath me seguia. Kyle, tudo bem. Eles nos ajudaram. Eles conhecem Eazy. Lee nos rodeou, e Braydon ajudou a transferir Eazy para ele.

Braydon olhou para ele com preocupação. — Você não deveria ir ao hospital, cara?

— Nós não podemos... — Respondi simplesmente, — ... eles chamariam o serviço social e tentariam levá-lo embora.

— Fable... — Kyle advertiu enquanto segurava a cerca, para que Lee pudesse ajudar Eazy a passar. Braydon esfregou os cabelos, os olhos vasculhando a nossa casa, onde dois outros se levantaram e observaram a interação à distância. — Isso seria realmente tão ruim?

Ouvi passos e Andre, Coop e Daisy passaram por nós, atravessando a cerca e correndo para onde Lee arrastava Eazy para uma barraca.

Layla se espremeu entre os meninos para ficar ao meu lado. Braydon a seguiu, seus olhos a observando constantemente.

— Para dentro meninas, agora, — Kyle ordenou.

Lay levantou a sobrancelha em seu jeito mordaz antes de virar e apontar para Braydon. — Você me deve a porra de um violão.

Ele sorriu para ela. — Não se preocupe. Você terá um.

Passei o estojo do violão para ela que deu um rápido aceno antes de desaparecer, dizendo por cima do ombro, — Em breve, menino rico.

Kyle agarrou meu cotovelo e me puxou para ele. Eu gritei e retirei-o, respirando fundo enquanto a dor percorria meu corpo como um raio de eletricidade. Meus olhos ficaram borrados de lágrimas e senti um corpo de repente no meu espaço.

— Saia da frente... — Kyle rosnou sua voz mais forte do que eu já ouvi, — ...seu lugar não é aqui. Volte para o seu mundo e deixe minha família em paz.

Eu finalmente recuperei a sanidade, percebendo que era Heath parado na minha frente, bloqueando meu corpo de Kyle. Braydon tinha se movido ao lado dele, seus corpos criando uma parede poderosa que seria intimidante para qualquer um.

Estendendo a mão e envolvendo minha mão ao redor do braço de Heath, eu o puxei para o lado. Eu podia sentir os músculos em seu braço tensos como se ele estivesse pronto para dar um soco a qualquer momento. Levou toda a força que me restou para movê-lo, e mesmo assim seus olhos ficaram colados em Kyle. Eles se mediram com os olhos, a atmosfera ao redor deles crepitando como um diamante na escuridão da rua.

Finalmente longe do grupo, forcei Heath a me encarar. — Vá para casa, — eu disse a ele suavemente. — Obrigada por nos ajudar. Eu não sei o que teria acontecido se vocês não estivessem lá. Mas este não é seu lugar, você precisa sair.

— Você deveria ir a um médico.— Eu sabia que ele estava bravo, mas conseguiu esconder bem atrás da máscara de pedra.

— Eu vou ficar bem, — eu assegurei a ele. — Apenas pegue seus meninos e vá para casa. Kyle não recuará, e se isso continuar piorando, alguém vai acabar chamando a polícia. E não podemos ter a polícia aqui.

Olhei para ele por um longo momento, procurando algum tipo de compreensão em seus olhos, mesmo quando as sombras os cobriam.

— Bray, vamos embora.— Braydon olhou para nós, como se estivesse confuso, mas quando seus olhos encontraram os do irmão, ele assentiu e começou a levar seus amigos embora.

Heath enfiou a mão no bolso e tirou a carteira. Abrindo-a, ele tirou um cartão e o estendeu para mim.

Eu ri baixinho. — O quê? Você já tem cartões prontos para dar às garotas? — Arranquei de seus dedos, surpresa quando vi que não era o nome dele no cartão.

— É da minha mãe. O número que está aí é o número de telefone da minha casa. Ligue, e me procure se você precisar de alguma coisa. — Ele estendeu a mão, envolvendo os dedos na parte de trás do meu pescoço dando um aperto suave. Era bom, eu queria fechar os olhos e aproveitar o momento, mas um segundo depois ele se foi, correndo atrás de seus garotos.

Um braço envolveu minha cintura enquanto eu os assistia ir embora. — Vamos lá, Fay. Vou dar uma olhada no seu braço.— Eu balancei a cabeça e caminhei com ele de volta para as barracas onde todos estavam reunidos e sussurrando baixinho.

— Fizemos 140 dólares, — Layla me informou, com a boca aberta em admiração. — Quê? — Eu engasguei, incapaz de parar o sorriso que cresceu no meu rosto. Kyle me abraçou, seu rosto espelhando o meu. — Puta merda.

Um suave "*Woo hoo*" veio de Eazy, seguido por um gemido doloroso e todos nós rimos.

— Fizemos cerca de trinta.— Daisy sorriu, esvaziando o conteúdo do boné de baseball de Andre para o estojo de violão de Layla junto com o resto.

Kyle beijou minha têmpora, finalmente me soltando e entrando na barraca de Eazy. Eu me sentei no tronco ao lado de Layla, suspirando de alívio que, embora a noite tivesse trazido mais problemas e dor do que nós queríamos, esse dinheiro nos ajudaria a comer por mais de uma semana, talvez até mais.

— Eu não posso acreditar que fizemos tanto.

Os olhos de Layla olharam em volta para os outros enquanto eles se misturavam e conversavam um com o outro. — Alguém deixou uma nota de cem dólares, — ela sussurrou baixinho, olhando para mim com as sobrancelhas levantadas.

— O quê? — Eu engasguei, olhando para a borda do estojo. Ela estava certa, a maior parte do dinheiro estava em moedas ou notas de um dólar. Mas havia uma nota de cem dólares em cima. — Você quer dar um palpite de como isso chegou lá? — Eu perguntei, revirando os olhos.

— Braydon, — nós duas dissemos ao mesmo tempo. Ele era o único perto do estojo quando estava aberto enquanto ajudava Lay a reunir os restos de seu violão.

Meu orgulho me disse para de alguma forma encontrar uma maneira de devolver a ele. Não querendo aceitar tanto dinheiro quando eu sabia

que era só por pena. Mas eu acho que não foi diferente de qualquer outra pessoa na rua nos dando dinheiro. Foi tudo por pena, e como as crianças de rua que éramos nós brincaríamos com essa merda.

Heath e Braydon sentiram pena de nós e da nossa situação, eles olharam para nós como se estivéssemos precisando de algum herói para vir nos salvar, que eramos fracos e indefesos. Mas esse não era o caso.

Todos nós nos encontrávamos em uma situação em que fomos forçados a descobrir uma força interior. Seja finalmente dizendo à sua família que você era gay, defendendo-se, lutando contra seu vício ou fugindo de pais que o usavam como sacrifício humano. Aquele momento de coragem foi o motivo por que estávamos aqui hoje. Nós podemos ter descoberto isso de muitas formas diferentes, mas nunca esqueceríamos como foi finalmente recuperar o controle de nossas vidas.

As pessoas eram comidas vivas todos os dias porque estavam com medo, com muito medo de incomodar alguém ou com vergonha de pedir ajuda.

Eu fui aquela garota, deixando meu pai me derrubar por anos, sempre me encolhendo de medo e nunca me levantando ou dizendo a alguém que algo estava errado. E quando você está quebrado e em uma situação perigosa, há apenas um lugar que o trem leva, à morte.

Esfaquear meu pai foi o catalisador[11] que me forçou a entrar nas ruas de Los Angeles. Por causa disso, o curso da minha vida tinha mudado. Talvez não da maneira que eu teria esperado, mas arrependimentos

[11]Catalisador- substância que modifica a velocidade de uma reação química, neste contexto significa que foi o fato que a levou às ruas.

nunca entraram em minha mente nem por um segundo. Eu não deixo mais as pessoas pisarem em mim. Em vez disso, mantive minha cabeça erguida e acreditei que valia algo mais.

Porque eu tinha visto o que poderia fazer agora e quem poderia ser.

Olhei em volta da nossa pequena casa, vendo todos os meus amigos sorrindo porque todos nós sabíamos que amanhã poderíamos relaxar um pouco. E eu sabia que tinha que engolir meu orgulho porque eles eram mais importantes para mim do que isso.

Eu não precisava que Heath e seus amigos olhassem para mim com pena, achando que a gente estava tão mal. Porque o que tínhamos aqui me faria escolher sobre o que tinha antes, todos os dias.

Eu amava essas crianças. Éramos jovens, um pouco loucos às vezes, mas todos nós sabíamos que cuidávamos um do outro a todo o momento, não importando as circunstâncias ou repercussões. Foi a razão pela qual eu guardei a comida que o Sr. Song me deu e compartilhei com eles, a razão pela qual Layla tocava por dinheiro, mas não guardava tudo para si mesma.

Todos nos juntamos para nos ajudar porque, sem um ao outro, o mundo aqui fora era um lugar muito assustador.

CAPÍTULO SEIS

Eu pulei da borda da pista de skate de concreto, sentindo uma descarga de adrenalina encher o meu corpo enquanto esperava minhas rodinhas se conectarem com a superfície lisa debaixo de mim. O vento passou pelo meu rosto e não pude deixar de rir.

Patins era algo que eu amava. Era quase como um vício. Adorava sentir a brisa na minha pele, mesmo nos dias mais calmos. A liberdade que me dava desviar e torcer fazendo padrões com o meu corpo. Eu bati na inclinação do outro lado da pista, e isso jogou-me no ar. Dobrei meus joelhos e aterrissei com um baque suave na superfície plana do lado de fora.

Minhas rodinhas permitiam-me voar. Podia ser apenas por um momento, alguns segundos, mas por esses segundos ficava livre. Nada mais importava do que certificar-me de que aterrava de pé. E eu fazia isso todas as vezes.

Meus pais compraram-me o meu primeiro par de patins quando eu tinha quatorze anos. Para outros, pode ter parecido generoso, mas a única razão pela qual os compraram foi porque a escola que frequentava estava demasiado longe e era obrigada a ir e vir a pé para casa todos os dias.

Foi a primeira vez que alguém notou que algo poderia estar errado em casa. Minha mãe sempre ficava em casa e meu pai trabalhava no

mesmo lado da cidade que a escola quase todos os dias. No entanto, eles se recusaram a me levar ou me buscar, mesmo na chuva.

Eles também se recusaram a me dar dinheiro para pegar o ônibus da cidade, e os ônibus da escola não iam para tão longe.

Quando uma das minhas professoras notou que eu estava indo para a escola cansada e com bolhas dos meus sapatos, ela começou a questionar as coisas. Caminhava por uma hora e trinta minutos todos os dias até à escola e fazia o mesmo a caminho de casa.

Foi exaustivo.

Quando minha professora me pegou na rua numa sexta-feira e me levou para casa, eu sabia que iria causar problemas. Mas no fundo, eu esperava que talvez fosse isso que precisava para fazer alguém finalmente ver que as coisas não estavam certas.

Infelizmente, meu pai, sempre o encantador, convenceu minha professora de que tudo era porque a minha bicicleta quebrara recentemente, e eles estavam economizando para me comprar um par de patins. Ele disse a ela que queria me ensinar independência e uma vez que eu não praticava nenhum desporto, eles ainda acreditavam que o exercício era importante.

A professora havia saído, aparentemente satisfeita com a explicação, e eu fiquei trancada no meu quarto pelo fim de semana. Meu pai me comprava comida, mas me disse que era por minha conta se eu comia ou não. Ele disse que podia ou não conter algum tipo de veneno.

Era um dos seus jogos.

Iria eu morrer de fome porque estava com medo do veneno, mesmo que a comida pudesse estar perfeitamente bem? Naquele momento da minha vida, eu estava cheia de aceitar os jogos mentais do meu pai, e comi cada pedaço de comida no prato. Esperando o tempo todo que ele realmente tivesse enchido com veneno e que isso fosse o suficiente para possivelmente me matar.

Isso não aconteceu.

Mas na segunda-feira, eu tinha um novo par de patins brilhantes.

O parque de skate estava cheio de crianças de todas as idades, tentando novos truques e tentando o impossível. Era um lugar na cidade onde poderíamos ir e sentir como se fôssemos normais. Nós nos misturávamos com os outros adolescentes, ninguém nos olhava como se fôssemos diferentes ou escória. Nós éramos apenas crianças, nos divertindo e saindo com nossos amigos, como eles. Conversávamos com outros adolescentes, discutindo técnicas e testando nossos limites.

E durante esse tempo, parecia que nada mais importava. Não estávamos preocupados sobre de onde nossa próxima refeição viria, ou se alguém iria nos retirar da calçada. A única preocupação que tínhamos era fazer o melhor movimento e cair de pé.

Qualquer outra coisa poderia esperar.

— Fable! Faz um salto mortal, — Cody, um garoto que nós conhecemos aqui, gritou várias vezes para mim do banco do parque. Kyle e Andre sentaram-se ao lado dele rindo.

Eu patinei para eles, revirando os olhos. Sim, então eles podem colocar na minha lápide[12], — *Fable-esmagou o seu rosto no concreto sendo uma maldita idiota.*

Ele deu de ombros, sorrindo para mim. Eu já vi isso ser feito antes, muitas vezes.

— Eu sou uma skatista recreativa, isto não é o maldito *X Games*[13].

— O que é isso? Tudo o que eu ouvi foi... eu sou uma galinha[14] — ele disse, levantando-se e colocando o skate no chão. Cody era um garoto alto, mas também era incrivelmente magro. Tinha cabelos loiros que pendiam em torno de seu rosto, desgrenhados e longos. Estava constantemente afastando-o dos olhos.

Levantei minhas sobrancelhas. — Diga de novo, Cody. Atreva-se.

Eu comecei a deslizar para a frente, avançando sobre ele. Mas ele estava pronto para mim, colocando um pé na prancha e empurrando com o outro. Agitou os braços como um pássaro e disse: — Cluck[15], cluck, cluck, chicken[16]!

Kyle e Andre estavam quase histéricos a essa altura.

Eu mostrei a eles o dedo antes de decolar depois de Cody, mas isso só alimentou o riso profundo deles. Eu o persegui pelo parque, ele me provocando e eu respondendo com ameaças de violência. A melhor parte

[12]Lápide ou lápida é uma pedra que contém uma inscrição gravada para registrar a morte de uma pessoa, normalmente localizada sobre o túmulo ou anexa a ele. Podem ter também o formato de uma placa de bronze

[13]Campeonato de desportos radicais, incluindo skate. Feito anualmente nos EUA, organizado pela ESPN.

[14] Ser galinha significa ter medo, ser cobarde, medricas.

[15] Cacarejar.

[16]Chiken – galinha.

foi que eu era mais rápida. Nós fizemos isto ao redor do parque inteiro antes dele derrapar em uma paragem atrás do banco do parque, onde os meninos ainda sentavam assistindo em diversão.

— Eles não vão te salvar, — Cody. Eu sorri.

Ele tirou o cabelo do rosto e sorriu enquanto segurava as mãos em sinal de rendição. — Ok, ok, eu retiro o que disse. Você não é uma galinha.

Kyle empurrou o banco e passou o braço em volta da minha cintura. — Não, ela é mais como uma gatinha, toda fofa até que mostra suas garras. Ele me puxou contra ele, minhas rodinhas rolando para onde ele me queria sem resistência.

Eu bufei, protestando fracamente. — Eu sou mais como um tigre ou um leão.

Kyle riu, sua respiração fazendo cócegas no meu pescoço. — Claro, querida.

Kyle sempre foi sensível comigo, e eu nunca me opus, encontrando conforto em seus braços. Nós tivemos alguns, eu acho que você poderia chamar, momentos. Tempos em que nós precisávamos de nos manter aquecidos, e a melhor maneira de fazer isso era com outro corpo ao seu lado. Mas não progrediu para nada mais do que tocar ou beijar.

Todo mundo sabia que éramos chegados. Ele cuidava de todos, vendo os outros como irmãos e irmãs. Mas comigo ele era diferente, talvez um pouco superprotetor.

— Ei, vocês querem vir a uma festa hoje à noite? — A pergunta de Cody me surpreendeu.

— O quê? — Perguntei como se não o tivesse ouvido.

Ele revirou os olhos. — Uma festa... você quer vir? — Ele perguntou de novo, falando devagar como se eu fosse idiota.

— Onde? — perguntou Kyle quando ficou evidente que meu cérebro não conseguia compreender o que estava acontecendo. Nós nunca fomos convidados para ir a qualquer lugar. Cody e algumas das crianças no parque de skate eram as únicas outras pessoas ou adolescentes com quem realmente nos comunicávamos semanalmente.

Ele nunca perguntou, mas eu sabia que ele sabia que nós não tínhamos exatamente casas estáveis. Ele simplesmente não se importava. Nós compartilhávamos uma paixão, então ele nos considerava amigos.

— No centro, no Parkens Hotel. Os amigos do meu irmão alugaram um andar inteiro para um aniversário.

Eu senti Kyle sacudir a cabeça. — Eles nunca nos deixariam entrar lá, cara.

— O meu nome está na porta. Encontre-me no lado de fora às nove e você pode vir comigo.

— Cody, vamos embora!

Cody nos deu um rápido aceno, colocando sua prancha debaixo do braço e correndo para o estacionamento onde seu amigo estava ao lado de um carro esperando por ele.

— Uma festa? — Andre sorriu para nós. — Cara, uma festa em um andar inteiro de um maldito hotel.

Kyle apertou minha cintura antes de usar as mãos para virar o meu corpo para encará-lo. — Você quer ir?

O Parkens Hotel ficava a uma pequena caminhada da Bayward Street, talvez uma viagem de trinta a quarenta e cinco minutos pela cidade. Nós havíamos passado por ele antes, e eu sabia que era formal e apropriado. Cody disse que ele poderia nos levar, mas será que a festa valeria a pena o esforço para chegar lá?

— Talvez...

— Talvez? — Ele repetiu.

Dei de ombros, mas por dentro quase me senti excitada. — Seria meio legal. Poder ir a uma festa e ser... — Não consegui encontrar as palavras.

— Adolescentes normais pra caralho, que não precisam mexer em lixeiras para a próxima refeição? — Andre ofereceu sombriamente.

— Andre — Kyle retrucou.

— Não... — Empurrando-me para fora de seus braços, eu girei em torno de minhas rodinhas. — …ele está certo. Apenas uma noite em que podemos fingir que nossas vidas não giram em torno de se esconder de predadores, ou andar pelas ruas à procura de dinheiro ou alguém para roubar. As pessoas não sabem quem somos ou de onde viemos, e não nos olham como se fôssemos um desperdício de ar.

Kyle me observou com um olhar simpático. — Um dia, querida, tudo isso será uma lembrança. — Ele falou comigo suavemente e foi calmante.

Kyle nos disse várias vezes que nosso tempo nas ruas não era permanente. Todos nós tínhamos que começar do fundo da escada para chegar ao topo. Para nós, não havia elevador ou escada rolante, nem carona. Era tudo sobre dar um passo de cada vez até chegar ao topo.

— Então, você quer ir à festa? — Kyle perguntou, olhando-me com cuidado. Eu olhei para Andre, seus olhos se iluminando.

Uma festa com outras crianças poderia ser apenas o que precisávamos para nos sentirmos bem novamente. As ruas pesavam muito em todos. Nós tentamos não mostrar isso, agir forte porque precisávamos, mas, quando chegava a hora, todos sabíamos que éramos apenas parte de uma estatística.

E essas estatísticas não pareciam boas para nenhum de nós.

Empurrei meus ombros para trás e levantei meu queixo. — Sim, vamos lá.

CAPÍTULO SETE

O nosso grupo foi às ruas. O céu noturno era difícil de ver por baixo dos edifícios imponentes que compunham a nossa casa, mas imaginei que esta noite estava repleta de estrelas e que a lua estava cheia e iluminada em cima de nós.

Coop, Daisy e os restantes membros da nossa pequena família, Sketch e Phee ficaram em casa com Eazy. Ele ainda sentia muita dor, embora tentasse não demonstrar isso. Depois de três dias, pensei que talvez ele estivesse se sentindo melhor, mas mal conseguia ficar de pé, e foi uma luta para conseguir que comesse qualquer tipo de comida ou líquido. Eu estava começando a pensar que Braydon poderia estar certo quando disse que Easy precisava de um hospital.

Layla saltou ao meu lado, cantarolando uma música que eu nunca tinha ouvido. Não era incomum, Lay frequentemente compunha sua própria música e escrevia letras que combinavam com os sons assombrosos de suas melodias. Mas este não era profundo e triste como os outros. Ela estava feliz. Mais feliz do que eu a tinha visto em muito tempo.

Kyle olhou seu relógio enquanto cruzávamos a rua. — São quase nove.

Por sorte, pude ver o hotel de alta classe ao longe, até mesmo percebendo algumas figuras do lado de fora. O Parkens Hotel era propriedade de um grande diretor de cinema. Era infame para as

celebridades que ficavam lá, e os funcionários do hotel serem obrigados a assinar acordos detalhados de não divulgação, juntamente com verificações aprofundadas de antecedentes antes mesmo de serem autorizados a entrar pela porta. Eu leio revistas de entretenimento no meu tempo livre - muitas lojas as jogam fora ou as dão de graça quando ficam desatualizadas. Então eu estava disposta a enfrentar qualquer coisa que incluísse celebridades ou estrelas do rock.

O fato de que eu estaria andando por dentro do hotel era uma emoção em si mesma, mas não era isso que tinha meu corpo fervendo de excitação.

Eu nunca tinha ido a uma festa antes.

Eu tinha quase quinze anos quando fui enviada para a detenção juvenil pelo ataque ao meu pai. O dia da minha audiência da condicional foi o dia em que perdi todo respeito e fé na lei.

Eu me sentei no tribunal ao lado da minha advogada. O nome dela era a sra. Leighton, ela fora designada para mim pelo estado e era gentil, mas severa.

— Como você está se sentindo, Keira? — Ela me perguntou com um sorriso gentil.

— Assustada — eu respondi em voz baixa.

Ela levantou a sobrancelha. — Porque você está assustada? Pelo que me disseram, você foi perfeita, sem problemas comportamentais, problemas com os outros, até mesmo o trabalho na sua escola tem sido

incrível. — Ela me disse, folheando seus papéis e relatórios sobre o meu tempo afastada.

Eu esperei até que seus olhos encontrassem os meus novamente.— Não posso voltar para lá, sra. Leighton. Eu sei que eles disseram e fizeram tudo o que podiam, para fingir que tinham uma ótima casa para eu voltar. Mas simplesmente não é verdade.

— Você não acredita que eles estão fazendo esses cursos para melhorarem suas vidas em casa? — Ela perguntou.

Eu balancei a cabeça rapidamente.

— Eu farei o que puder para mantê-la segura, Keira. Você é minha prioridade.

Eu ouvi as portas atrás de mim abrirem e soube imediatamente que eram eles. Um arrepio percorreu minha espinha, e de repente senti-me mal do estômago. Não me virei, recusando-me a dar-lhes a satisfação de ver meu nervoso.

Nós todos ficamos de pé quando o juiz entrou, era um juiz diferente do que eu tinha visto na primeira vez que estive aqui. Ele era mais velho, provavelmente mais perto de seus sessenta anos, com um horrível penteado em todo o topo da cabeça, lembrando-me de DonaldTrump[17].

Ele examinou o básico do caso, o que aconteceu, qual foi o veredicto, notas dos guardas e professores sobre meu comportamento no centro de detenção. Eu torci e juntei minhas mãos debaixo da mesa enquanto o juiz começava a ler as declarações de meus pais.

[17]Donald Trump- Presidente dos Estados Unidos.

— A carta de sr. Campbell diz...— ele disse em sua voz profunda e rouca, — …que o comportamento de Keira sempre foi difícil de lidar. Ela esteve constantemente tentando ultrapassar os limites com muito pouca consideração pelas consequências, e o efeito que tinham sobre nós como pais. Na época, eu e minha esposa não sabíamos como lidar com uma adolescente tão problemática, e lamento a maneira como tentamos lidar com as explosões dela. Depois de frequentar os cursos para pais no último ano, sentimos que agora temos as estratégias certas e a confiança para lidar com o comportamento de Keira de uma forma mais positiva. Peço sinceras desculpas à minha filha por não ter feito isso antes, e espero que ela possa nos perdoar e voltar para a nossa família para que possamos trabalhar em todos os nossos problemas juntos.

Eu sentei atordoada, minha boca escancarada enquanto olhava para o juiz em absoluto temor. Eu podia ver pelo seu rosto que ele acreditava no drible completo de mentiras que estava rabiscado na página. A Sra. Leighton chamou minha atenção, tristeza em seu rosto quando ela se aproximou e segurou minha mão.

O juiz recomeçou, desta vez a carta era da minha mãe. Cobria praticamente as mesmas coisas que meu pai havia dito, apenas redigido de forma diferente. A raiva começou a borbulhar no meu estômago. Isso não estava certo, não estava bem. Suas mentiras eram quase visíveis, e o fato de o juiz acreditar nelas era uma piada completa e absoluta.

— Keira, você tem alguma coisa que gostaria de dizer? — Perguntou o juiz, dirigindo-se a mim pela primeira vez desde que entramos no

tribunal. Olhei para a sra. Leighton e ela me deu um pequeno sorriso antes de concordar.

Eu me levantei bruscamente, eu tinha tido o suficiente. — Tudo o que eles disseram é mentira. A porcaria mais ridícula que eu já ouvi! Você não leu as declarações anteriores? Nosso vizinho dizendo que sempre via minha mãe com hematomas ou o fato de que eu estava bem desnutrida para uma criança da minha idade? Você sabe por que isso aconteceu? Porque eu nunca fui alimentada. O dia em que tudo isso aconteceu, meu pai acabara de espancar a minha mãe. Porque ela tirou dinheiro da carteira dele para comprar comida visto que eu não tinha comido, POR QUASE DOIS DIAS! — Eu respirei pesadamente, minhas mãos segurando a borda da mesa com tanta força que era doloroso.

— Keira — a Sra. Leighton sussurrou severamente, puxando meu braço e me forçando de volta para a minha cadeira.

— A primeira coisa que você deve notar, Keira, é que este é o meu tribunal, e eu não vou ser afrontado por você estar falando dessa maneira. Estamos claros? — O velho me repreendeu com uma profunda carranca. — Todos esses incidentes foram explicados por seus pais. De acordo com eles, era você quem estava fazendo o abuso, machucando sua mãe e quando você não conseguiu o que queria, você finalmente quebrou e esfaqueou.

— Não! Isso é mentira — eu gritei, voando para fora da minha cadeira novamente. A Sra. Leighton me agarrou e me puxou de volta para a cadeira.

— Keira, por favor… acalme-se. Você não está ajudando a situação — ela rosnou em voz baixa, apenas para os meus ouvidos. Meu coração estava acelerado e minha respiração se tornando superficial.

— Mais uma explosão assim e as coisas vão ficar muito sérias — o juiz rosnou alto, batendo o martelo na mesa na frente dele.

Como isso pode estar acontecendo? Por que é que eles acreditam na desculpa patética do meu pai e não em mim? Minha cabeça começou a girar, eu simplesmente não conseguia compreender o que estava acontecendo.

— Até onde eu sei, mandar você de volta para os seus pais significa possivelmente colocá-los em perigo — ele explicou, uma risada sombria escapou da minha garganta, mas eu não disse nada. — Mas eles ainda têm muita certeza de que os passos que deram são os mais positivos e estão dispostos a tentar o que puderem para manter a família unida. Você, moça, deveria apreciar o fato de que eles ainda querem você em sua casa, ao invés de jogá-la no sistema de adoção.

Eu não aguentava mais isso.

Segurei a coxa da Sra. Leighton, fazendo-a olhar para mim, tristeza e choque, ambos brilhando de volta para mim.

— Eu vou ficar doente se eu ficar aqui, — eu sussurrei enquanto o juiz falava sobre como meus pais estavam dispostos a me aceitar e meu comportamento problemático. — Eu preciso sair.

Ela assentiu com firmeza antes de se levantar. — Sinto muito, juiz Morrison. Minha cliente não está bem, poderíamos, por favor, ter um veredicto antes que ela faça uma grande bagunça no seu tribunal?

O juiz Morrison franziu a testa, mas assentiu.— Ela deve retornar aos cuidados de seus pais sob estrita liberdade condicional, sendo o primeiro de junho a data para ser libertada.

— Fay? — Meu corpo estava sendo sacudido, os movimentos duros me libertando da memória escura. Meus olhos clarearam e vi Kyle olhando para mim, seus olhos cheios de preocupação. — Você está bem?

Balancei a cabeça, tentando me libertar da névoa que enchia minha mente. — Sim, desculpe-me. Só pensando.

Kyle usou as costas da mão para roçar minha bochecha. Seus dedos estavam quentes contra a frieza da minha pele.

— Vocês vieram? — Cody chamou da porta do hotel. Ele ergueu as sobrancelhas, perguntando-me em silêncio se eu estava bem. Jogando-lhe um sorriso suave, olhei em volta para o resto dos meus amigos que estavam todos me observando com curiosidade.

Eu forcei uma suave risada. — Sim, estou bem. Vamos.

O entusiasmo na minha voz estava longe de ser convincente, mas dei um sorriso a Kyle antes de me afastar e caminhar até onde Cody segurava a porta aberta.

Ele devolveu meu sorriso, obviamente satisfeito que eu estava bem e colocou a mão dele para a frente dele. — Depois de você, minha senhora. — Alívio me encheu quando vi o jeito que ele estava vestido. Eu estava

preocupada que nos destacássemos, por que não tínhamos exatamente muitas opções quando se tratava de roupas. Eu tinha ido com um jeans esfarrapado preto, sapatilhas gastas da Converse[18] e um top vermelho com uma jaqueta usada de couro por cima.

Era tão bom quanto eu conseguia.

Mas Cody estava vestido da mesma maneira em uma calça jeans baixas, que eu não tinha certeza de como se mantinha em seu corpo magro e uma camiseta de banda.

Eu zombei da reverência. — Obrigada, jovem senhor.

Meus olhos se arregalaram quando entrei pelas portas do saguão do hotel. Era simples, mas lindo. Os pisos eram de azulejo branco puro, a luz vinha do enorme lustre que pendia acima de mim refletindo em todas as superfícies imaculadas. Suspiros encheram o espaço à medida que todos os meus amigos entravam, desfrutando desse espaço deslumbrante.

— Posso ajudá-lo? — Uma jovem sorriu por detrás da recepção, que estava forrada de dourado ouro. Sua roupa até combinava com a recepção — branco com detalhes dourados.

Cody deu um passo à frente e eu o segui quando se aproximou de uma mulher. Fiquei surpresa que ela não nos tivesse olhado com ceticismo ou chamado o segurança. Deveríamos estar parecendo tão fora do lugar.

— Você deve estar aqui para a festa no décimo oitavo andar.

— Sim, o meu nome é Cody Dean.

[18]Converse – marca de tênis.

A mulher olhou para baixo para a secretária, passando o dedo pela lista. — Ah sim, aí está você. Quantos vão se juntar a você?

Cody olhou em volta, fazendo uma contagem rápida. — Uh, mais cinco.

Ela fez uma anotação e sustentou algum tipo de cartão. — Aqui está seu cartão de entrada. Você precisará entrar no elevador para chegar até ao oitavo andar, já que é uma festa privada.

— Obrigada. — Eu dei à mulher um sorriso suave enquanto Cody pegava o cartão e se dirigia para a esquerda, onde havia uma série de seis elevadores.

— Vocês estão prontos para isso? — Cody perguntou quando entramos no elevador e ele passava o cartão-chave contra o painel. Indicou apertando o botão automático para o oitavo andar e as portas se fecharam devagar. — Eu garanto, vocês nunca viram nada assim.

Eu não sabia se era a única que estava nervosa, mas todo o meu corpo estava tão tonto de excitação, tanto que os nervos do meu estômago estavam severamente dominados. Os rostos sorridentes de meus amigos encheram o espaço apertado, e quando o elevador disparou o alarme de chegada e as portas se abriram, percebi o quão certo Cody estava.

CAPÍTULO OITO

A música foi a primeira coisa que me chamou a atenção, o som estéreo batendo contra o meu peito.

Saímos do elevador para um corredor lotado. As pessoas riam e se misturavam em pequenos grupos, a maioria carregando copos de plástico vermelhos, que eu soube imediatamente que continham álcool.

— O paraíso na terra, eu atingi a riqueza. — Lee murmurou, segurando a mão no peito. Eu ri e me joguei em suas costas.

Meus sentidos foram superados quando olhei tudo para dentro. — Quantos quartos há neste andar?

— Eu nem tenho certeza — Cody sorriu.

As portas pareciam estar abertas ao longo de todo o corredor, as pessoas saindo e passando para a próxima. Ouvi o guincho de um microfone e a batida de um tambor.

— Tem a porra de uma banda! — Layla saltou em seus pés e bateu palmas. — Vou procurá-la.

— Tenha cuidado —Kyle gritou quando ela praticamente correu pelo corredor, com um animado Andre logo atrás dela. — Eu acho que vou precisar de uma bebida. — ele gemeu.

— Isto é suposto ser divertido, meu irmão. — Lee riu, dando um empurrão em Kyle. — Relaxe e divirta-se pela primeira vez.

Lee me fez subir em suas costas. — Em frente, Cody. Para a bebida.

Cody riu e nos arrastamos atrás dele enquanto passava pelo fluxo de adolescentes. Eu não deixei escapar o jeito que as meninas olhavam para os dois irmãos. Eles eram idênticos em todos os sentidos, além das roupas que usavam. Não só isso, mas eles eram quentes como o inferno.

Espiei pelas portas à medida que passávamos. A maioria estava cheia de pessoas, garotas dançando, caras bebendo, havia uma que parecia até um salão de jogos com algumas mesas de bilhar e pessoas sentadas jogando cartas.

Um deles chamou minha atenção mais do que os outros, entretanto, e eu me mexi com urgência, tentando descer das costas de Lee.

— Woah lá, senhora. — Ele parou e se agachou para que meus pés pudessem tocar o chão.

— Eu só vou entrar aqui por um segundo. — Apontei de volta para a porta. Lee olhou para a frente, Cody e Kyle continuaram andando conversando entre eles e sem perceber que paramos.

— Você quer que eu vá? — Ele perguntou.

Balançando a cabeça, segurei minhas mãos. — Não, está tudo bem. Eu só quero dar uma olhada. E seu irmão nunca me deixará fazer isso sem ele ao meu lado.

Lee revirou os olhos, entendendo o que eu estava dizendo. — Ok, eu voltarei em breve.

Ele me deu um abraço e correu para alcançar os meninos. Eu me esquivei para dentro do quarto antes que Kyle percebesse que eu estava desaparecida e voltasse para mim. O quarto em que eu entrei era mais

quieto do que o resto, quase como se as pessoas soubessem que não deveriam entrar. A música do corredor ainda filtrava suavemente, mas as pessoas estavam sentadas casualmente conversando e rindo, não se esfregando ou bebendo bebidas como eu tinha visto nos outros que passamos.

Dobrando meus braços sobre o peito, eu falei em voz alta: — Layla ainda está esperando por aquele violão.

Minha voz chamou a atenção de quase toda a sala. Mas foi quando Braydon se virou para mim com um sorriso gigante no rosto que eu não pude deixar de esboçar um sorriso.

— Bem, bem. Parece que alguém deixou o povinho entrar. — Não havia sarcasmo ou nojo em seu tom de voz quando ele se aproximou, então eu sabia que não devia tomar como ofensa a zombaria dele. Mesmo na nossa breve interação algumas noites antes, eu percebi que era assim que ele era. — Que surpresa ver você aqui.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo, mas deveria ter adivinhado que você estaria em uma festa como essa.

As pessoas nos observavam interagir com olhos cautelosos, não sabiam quem eu era e não tinham certeza do que deveriam fazer comigo. Quando Braydon jogou um braço sobre meu ombro e me guiou até ao bar, eles relaxaram e voltaram para as suas conversas, a maioria de

qualquer maneira. Algumas meninas estreitaram os olhos do outro lado da sala, eu podia sentir seus olhares de laser[19].

— Vamos pegar uma bebida para você. — Braydon sorriu quando entramos na cozinha do quarto do hotel. As pessoas se afastaram enquanto ele pegava um copo e colocava um pouco de vodka seguida de suco de laranja. Ele me entregou antes de subir no balcão.

Eu tomei um gole, sentindo uma queimadura gentil, mas familiar, deslizando pela minha garganta. Braydon me observou em diversão, e eu levantei minhas sobrancelhas. — O quê?

— Essa merda foi metade-metade[20] e você nem sequer vacilou.

Eu revirei meus olhos. — O álcool não é uma substância estranha para mim. Nós apenas nunca temos nada para misturar, então isto é muito bom. — Era verdade. Apesar de não basearmos nossas vidas em ficarmos bêbados todas as noites da semana, não era incomum que usássemos álcool como nossa droga de escolha na tentativa de escapar da vida, mesmo que apenas por algumas horas.

Ele riu alto, batendo a mão na superfície de mármore abaixo dele. — Uma menina que bebe sem ter dúvidas... me faz dizer, fica calmo meu coração[21], — ele cantou, sua mão posta seu peito dramaticamente.

— Alguém já te disse que você deveria ser ator? — Eu perguntei sarcasticamente.

---

[19]O raio **laser** é formado por partículas de luz (fótons) concentradas e emitidas em forma de um feixe contínuo. Para fazer isso, é preciso estimular os átomos de algum material a emitir fótons. Essa luz é canalizada com a ajuda de espelhos para formar um feixe.

[20] Metade vodka, metade suco de laranja.

[21] Expressão de excitação quando a pessoa vê o seu objeto de afeição romântica.

— Basicamente, uma em cada duas pessoas. Você entende isso quando seu pai é um famoso diretor de cinema. — Ele balançou as sobrancelhas.

Minha mente demorou um minuto para acompanhar o que ele acabava de dizer. Talvez tenha sido o álcool já me batendo. — Whoa, espere um segundo. Você não quer dizer...

— Que meu pai é dono de todo esse hotel? De que outra forma você acha que alguém poderia se dar bem reservando um andar completo e enchendo-o de adolescentes bêbados? — Ele olhou para mim como se fosse óbvio.

Eu sabia desde o segundo que vi Heath e Braydon, e até seus amigos, que eles tinham vindo de um mundo com algum tipo de dinheiro. Suas roupas, o jeito que eles se mantinham, sua confiança. Tudo fazia sentido. Mas nem eu imaginava quanto dinheiro estava envolvido nisso.

— Jesus Cristo, — eu murmurei antes de levantar meu copo para a boca e engolir a bebida toda.

Braydon pulou do balcão e pegou o copo da minha mão. — Segunda rodada! — Ele começou a preenchê-lo novamente, desta vez deixando a vodka fluir mais livremente. Eu tentei me lembrar de que não poderia ficar bêbada aqui. Não conhecia estas pessoas ou o que poderia acontecer e se os meninos acabassem tendo que levar a minha bunda para casa. Eu estaria metida em tanta merda.

Eu me preparei, pronta para dizer a Braydon que não queria outro copo até que meus olhos se conectaram com a imagem de uma pessoa

com olhos azuis cintilantes que vinham assombrando minha mente por dias.

Suas mãos estavam fixas fechando um botão de sua camisa. O resto estava aberto, exibindo um peito bronzeado que era forte e tonificado com musculos abdominais suavemente delineados. Eu estava completamente em transe. Eu não tinha certeza do que me atraiu para Heath. Ele era sexy, mas tão sério. Tudo sobre ele gritava intocável.

Talvez essa tenha sido a empatia?

Uma menina saiu do corredor ao lado dele, com os pés sobre saltos enquanto ela ajustava o seu vestido com um sorriso silencioso em seus lábios. Os olhos de Heath se voltaram para ela, mas ele balançou a cabeça enquanto continuava a abotoar a camisa.

Ela estendeu a mão e tocou o braço de Heath, mas ele nem sequer a reconheceu. O grupo de garotas no canto da sala deu uma risadinha enquanto elas assistiam. Percebendo que não ia conseguir qualquer atenção dele, ela grudou um sorriso falso, ergueu o queixo e caminhou até o bando risonho. Elas cercaram em volta dela, sussurrando baixinho.

Uma taça vermelha apareceu diante do meu rosto e eu a peguei das mãos de Braydon, tomando um grande gole. A queimadura era mais intensa agora, continuava até ao meu estômago e se acomodava, enchendo meu corpo de calor.

Senti uma mão pressionar contra as minhas costas, forçando o meu corpo a se mover. — Hey... — Braydon protestou. — Ela era minha amiga primeiro!

Deixei Heath me guiar para longe da cozinha e de volta pelo corredor que ele tinha acabado de sair, empurrando-me através da porta de um quarto e acendendo a luz antes de fechar a porta atrás de mim. As cobertas da cama foram jogadas, e eu não pude evitar, mas fechei meu rosto em desgosto. Assim que abri a boca para saber o que havia acontecido aqui, me vi pressionada contra a parede.

Eu ofeguei, líquido espirrando sobre a borda do meu copo e cobrindo minha mão.

Uma das mãos de Heath estava pressionada contra a parede ao lado da minha cabeça enquanto a outra pressionava suavemente contra o meu estômago, me segurando no lugar. — O que você está fazendo aqui? — Seu tom de voz provocou frustração dentro de mim, e eu inclinei a cabeça para que pudesse ver seu rosto.

— Eu fui convidada, — consegui dizer entre os dentes cerrados. — Agora, se não se importa, você está na minha frente.

— Você não deveria estar aqui.

Endireitando meu corpo, eu empurrei contra a sua mão, forçando-o a dar um passo para trás. Não pude deixar de balançar a cabeça. — Eu não sei porque pensei que você fosse diferente.

Virando-me, peguei a maçaneta da porta, mas fui novamente puxada. Desta vez, Heath arrancou meu copo da minha mão e jogou-o contra a parede. Líquido espirrou em todos os lugares, manchando o tapete de cor creme com gotículas de laranja.

— Que porra de problema é o seu? — Eu gritei, não me deixando intimidar. Eu não estava com medo de Heath. Ele pode parecer sombrio e melancólico, mas nunca tive a sensação de que ele tentaria me machucar. E essa era uma intuição que, depois de viver nas ruas por quase dois anos, eu tinha aprendido.

— Eu não sou boa o suficiente para estar aqui com um bando de adolescentes, que são ricos o suficiente para provavelmente comprarem sua própria ilha? O que é isso? Você não quer que essas pessoas fiquem sabendo que nos conhecemos antes? Porque Braydon não parecia dar a mínima...

O meu discurso maluco foi interrompido quando Heath colocou as mãos em cada lado do meu rosto e puxou meus lábios para se encontrarem com os dele. No segundo em que seus lábios tocaram os meus, meu corpo praticamente se derreteu. Minhas mãos alcançaram sua cintura, puxando-o contra mim. Sua boca se encaixou com a minha, controlando cada movimento, inclinando minha cabeça para onde ele queria.

Me perdi no momento, quase me fez esquecer da cama destruída e ele e a garota terem que ajustar suas roupas na saída. Eu congelei, puxando seus pulsos para que suas mãos saíssem do meu rosto. Recuei imediatamente, respirando pesadamente e meu coração batendo forte.

Eu toquei com os dedos nos meus lábios que já estavam um pouco inchados e cheios. Balançando a cabeça, eu sussurrei: — Não, isso não está bem.

— Porquê? — Sua voz suave percorreu meu corpo como uma onda suave.

— Eu não sei o que é normal para você, Heath. Mas para mim, eu não quero beijar um cara que acabou de estar neste mesmo quarto a transar com outra garota. — Apontei com a minha mão para a cama e levantei as sobrancelhas, desafiando-o a argumentar contra a evidência.

Ele esfregou o rosto. — Eu não transei com Jay. Ela me fez trazê-la de volta aqui para limpar alguma coisa do seu vestido. Depois ela molhou a minha camisa, então eu tive que trocar.

— Eu posso te garantir, não é o que todas as outras pessoas na sala pensam.

— E eu não dou a mínima para o que alguém naquela sala pensa. — Ele sentou-se na borda da cama e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos contra os joelhos.

Suspirando, recostei-me contra a porta. — Por que você disse que eu não deveria estar aqui?

Ele olhou para mim abaixo de uma sobrancelha pesada. — Essas crianças são idiotas ricos, Fable. Eu deveria saber, muitos deles são meus amigos.

— E eu não sou digna de estar na presença deles?

Ele riu e eu parei um momento para apreciar o som, mesmo que fosse completamente vazio. — Você sabe o que eles fariam se descobrissem quem você é e de onde você é?

Desta vez, foi a minha vez de rir. — Você sabe há quanto tempo eu tive que lidar com abuso e crítica de pessoas? Não é novidade para mim que as pessoas me chamem de nomes e me tratem como merda. Eu desisti de dar a mínima para isso há muito tempo.

Balançando a cabeça, ele olhou de volta para o chão. — Não estas crianças. Eles são implacáveis, seres calculistas. Pessoas que não são como eles, são quebradas e arrastadas pela sujeira.

Agora eu entendi. Não era que Heath não achasse que eu não fosse rica o suficiente ou bonita o suficiente. Ele estava tentando me proteger de novo.

— Deixe-me dizer uma coisa... — Eu comecei esperando que seus olhos buscassem em minha direção antes de continuar. — Eu estava na rua por apenas quarenta e oito horas antes de ser abordada por algum gangster que me queria acrescentar à sua lista de prostitutas para jogar na esquina. Vinte e quatro horas depois fui puxada para um beco onde eles me bateram e roubaram tudo o que eu consegui trazer da minha casa. Mais tarde naquela semana, um cara rico de terno tentou...

— Chega, — ele retrucou, com as mãos cerradas quando ele saiu da cama e ficou em pé.

— Seus amigos lá fora podem ser desprezíveis com suas palavras, mas eu já passei pela merda de paus e pedras. Então você realmente acha que eles vão ser os únicos a me machucar? — Eu bufei sem graça. — Eu não poderia me importar menos.

Nós nos encaramos do outro lado da sala, até que Heath finalmente quebrou a tensão com um sorriso que puxou o canto de sua linda boca. — Você é diferente.

— Isso é um elogio ou um insulto?

Ele riu baixinho, balançando a cabeça à medida que se adiantava e segurava minha mão. Ele me puxou para longe da porta enquanto pegava a maçaneta. — Vamos. Vou chamar Bray para lhe dar outra bebida.

CAPÍTULO NOVE

Braydon não tinha vergonha de jogar seu dinheiro ao redor, não literalmente, mas enquanto eu observava ele criar um alvo na parede branca do apartamento que era impecável usando apenas condimentos, eu sabia que ele não tinha escrúpulos sobre quem ele era e o quão alto estava a família dele na hierarquia da vida.

Eu estava sentada pendurada no topo do banco de mármore, Heath inclinado ao meu lado com o braço roçando minha perna. Nenhum de nós tinha esquecido como ele quase me atacou no quarto, mas eu poderia jurar que meus lábios ainda pareciam deliciosamente prontos para outros beijos.

Nós dois rimos enquanto seu irmão anunciava o jogo que estavam prestes a jogar. Ele estava muito animado e completamente investido, afirmando que em poucos anos seria um novo desporto olímpico.

— Cada pessoa recebe três balões de água cheios de líquido. — Ele segurava um pequeno balão na mão, eu sabia que não era água dentro, no entanto, era escuro e grosso. — Um ponto para o círculo externo, dois para o meio e três se você acertar o alvo.

— O que ganhamos? — Alguém gritou da multidão.

— Se uma garota ganhar, ela me pega, se um cara vencer, você escolhe uma das garotas. — Um grito alto seguiu-se na sala. O mesmo grupo de garotas que tinham cercado aquela que saíra do quarto

com Heath, a tal Jay, acho que ele a chamou assim, gritavam e agiam como se fosse uma honra serem oferecidas.

Tomando um gole da minha bebida, olhei para Heath. — Ele sempre gosta disto?

— Você não faz ideia. Mas geralmente é a parede da casa de outra pessoa.

— As pessoas nem se importam que ele entre em sua casa e pinte a parede com ketchup? — Eu perguntei, totalmente surpresa.

Heath sorriu. — Eles não se importariam se urinasse na parede deles. Se Bray estiver na sua festa, significa que todos seguirão. Aos olhos dessas crianças, isso faz com que você seja popular.

— E isso é o mais importante para eles?

— É tudo para eles.

Depois de sentar aqui e estudar a sala por cerca de vinte minutos, eu percebi uma coisa, as pessoas não se aproximavam de Heath como faziam com Bray. Garotas olhavam para ele com admiração e adoração em seus olhos, e os caras diziam hey, mas seguiam em frente rapidamente.

— Ser popular não é importante para você. — A maneira como eu o disse era mais uma afirmação do que uma pergunta, mas esperava que ele confirmasse meus pensamentos.

Ele bufou. — Eu tenho um pequeno grupo de amigos, pessoas em quem confiaria minha vida. A maioria deles eu conheço desde criança. Eu sei que todo mundo está ciente de quanto dinheiro minha família tem,

não compro a porcaria das pessoas, tentando entrar no meu círculo íntimo e fingir ser meu amigo.

— E Bray faz?

Heath sacudiu a cabeça. — Ele sabe. Bray deixa as pessoas entrarem, mas um movimento em falso e ele vai te cortar pelos joelhos. Ele pode ser despreocupado e divertido, mas pode ser tão implacável quanto o resto deles. Estas pessoas pensam que são seus amigos, mas não são, ele simplesmente gosta de ser o centro das atenções e a vida da festa.

Até conhecer a Layla no reformatório, eu não tinha amigos desde que cursava o ensino fundamental. Isso foi a época em que eu percebi que a maneira como meus pais me tratavam, não era normal. Eu via outras mães e pais com seus filhos, deixando-os na escola, abraçando-os e beijando-os e depois pegando-os novamente.

As crianças me contavam histórias sobre onde eles iam no fim de semana ou nos feriados, sobre festas de aniversário e recreações. Quando eles começaram a me perguntar sobre o que eu fazia com a minha família, comecei a evitá-los, não querendo responder ou fazê-los rir de mim.

— Fable. — Endireitei minhas costas, olhando para ver Kyle parado na porta com Lee e Cody. Kyle parecia zangado, mas Lee simplesmente não conseguia parar de sorrir. Eu sabia que seus olhos estavam focados na proximidade do meu corpo e do de Heath.

Uma alegria encheu a sala quando um garoto atingiu o centro do alvo da parede com uma explosão do que eu esperava que fosse maionese. Os três garotos atravessaram a multidão até que eles nos alcançaram. Senti o

braço de Heath tenso, mas ele não moveu seu corpo. Seu comportamento ainda parecia calmo e relaxado, mas eu sabia que ele estava agitado.

— Oi Heath, — disse Cody com um movimento de sua cabeça. — Não sabia que você conhecia Fay.

Heath baixou a cabeça em saudação, mas foi Bray que respondeu por ele quando saiu do nada. — Fable é a minha rata de rua favorita, — ele se gabou, deslizando ao meu lado e colocando o braço em volta dos meus ombros.

— Cale a boca, Bray, — Heath falou baixinho, inclinando-se para a frente e acertando seu irmão com um olhar que só reforçou suas palavras.

Braydon franziu a testa. — O quê? Ela pode tomar álcool melhor do que metade dos caras daqui. Ela tem um atrevimento e uma atitude que rivalizam com a minha própria. — Ele colocou a mão dele em seu coração como se isso fosse algo enorme.

Eu vi pessoas começando a perceber o que estava acontecendo, amaldiçoando silenciosamente enquanto tentava sair para fora da bancada. — Eu vou checar o resto da festa.

— Awe[22]... vamos lá, Fay, — Lee gemeu. — Eles estão jogando balões cheios de porra aqui. — Outro explodiu contra a parede enquanto falava, seguido por um rugido de excitação e aplausos.

[22]Awe - Traduzido do inglês-Awe é uma emoção comparável a maravilha, mas menos alegre. Na roda de emoções de Robert Plutchik, a admiração é modelada como uma combinação de surpresa e medo

— Irmão, você deveria ter estado aqui antes quando os meninos tiveram que preenchê-los. Era estranhamente erótico. — Braydon mexeu as sobrancelhas para Lee e seu rosto se iluminou.

— Realmente?

Braydon sorriu. — Não, cara, desculpe.

Lee franziu a testa, mas você poderia dizer que ele estava gostando da brincadeira de Braydon. — Nunca brinque sobre essa merda. Eu levo pau muito a sério. Trocadilho intencional.

Um estrondo de riso explodiu da boca de Bray. — Ok, eu mudei de ideia. Ele é o meu favorito. Desculpe Fay, você está fora.

— Oh, que decepcionante, — eu murmurei sarcasticamente.

Ele me deu uma tapinha na cabeça. — Não se preocupe, você ainda é a favorita de Heath. Eu sei quando meu irmão mais velho...

— Bray, eu juro por Deus... cale a boca. — Heath empurrou seu banquinho, ombros para trás e punho cerrado. Eu assisti Kyle tenso, obviamente entendendo a insinuação.

— Ok, acho que é hora de irmos encontrar Lay e Andre. — Eu dei um passo à frente, empurrando o peito de Kyle e forçando-o para trás. Ele não lutou comigo, mas fez se saber que estava totalmente pronto para derrubar pela maneira como seus músculos se projetavam contra sua camisa, e como ele se recusou a tirar os olhos de Heath.

Cody seguiu, olhando curiosamente entre os dois meninos.

Consegui levá-lo para o corredor, a risada de Lee nos seguindo pela porta e ele logo estava ao meu lado.

— Você quer explicar o que aconteceu lá? Você desaparece, e então eu acho você saindo com aqueles garotos ricos, rindo e brincando como se fossem velhos amigos. — Kyle agarrou meu pulso enquanto eu tentava puxar minha mão de seu peito. — Você acha que eles se importam com você? Você mesma o ouviu, chamando você e Lee, ratos de rua e rindo disso.

— Ele não disse isso para ser mau, Kyle, — eu disse a ele severamente, arrancando minha mão da dele. As pessoas andavam ao nosso redor, alheias à tensão no ar, apenas curtindo a festa. — De qualquer forma, quem se importa? Isso é o que somos, não é?

— Eu não preciso daqueles babacas me lembrando de onde moro, Fable. Eles vão para casa, para as suas mansões bilionárias e amanhã vão rir disto. Como conseguiram que uma das crianças da rua se voltasse contra a sua própria turma. — Eu podia sentir sua raiva aumentando, e isso estava atraindo mais e mais atenção para nós.

Eu me aproximei dele, abaixando a minha voz para quase um sussurro — Eu não sei em que porra você está agora, mas precisa dar um passo atrás e se acalmar.

Seus olhos encontraram os meus, e eu poderia dizer que não era apenas a fúria se escondendo neles. Havia outra coisa. *Ciúmes?*

— Cody, você pode passar o cartão? Acho que é hora de irmos para casa — a minha voz era silenciosa e mortal.

— Você tem certeza? Nós poderíamos ir para uma sala diferente? — Cody perguntou nervosamente, ele estava obviamente fora de suas profundezas quando se tratava de confronto.

Balancei a cabeça. Agora que houve uma cena, não vai demorar muito para todo mundo ouvir o que está acontecendo. Isso só vai piorar as coisas.

Lee passou os braços em volta de mim e beijou minha bochecha. — Vocês vão, eu vou encontrar Layla e Andre.

Cody e Lee nos seguiram até aos elevadores, Kyle pisando para dentro como uma criança amuada e se pressionando contra a parede.

Quando saímos pela porta da frente, percebi que a raiva dele começou a evaporar, mas a minha não.

— Fay...

— Só não, Kyle, — eu bati, puxando minha jaqueta em torno de mim. — Você sabe, eu gosto de ver que você está aqui para mim, que se importa em querer me proteger e me manter segura. Mas você sabe o quê, eu não sou aquela menina perdida que era antes, procurando por alguém para amá-la e dizer que está tudo bem.

Ele chutou uma lata vazia enquanto caminhávamos rua abaixo, as luzes das lâmpadas de rua eram a única coisa que nos permitia ver na escuridão total. O ar estava frio comparado ao andar lotado da festa. Todos aqueles corpos juntos lá dentro aqueciam como uma sauna, e agora que estávamos de volta ao lado de fora, senti um arrepio percorrer-me.

Eu não tinha certeza se era da brisa fria que parecia ter chegado na última hora, ou se era uma lembrança sombria do fato de que isso era apenas a minha vida, minha realidade, uma vida fora no frio. Eu caminhava de volta para a tenda onde morava, enquanto aquelas crianças festejavam durante a noite e iam para casa, para as suas camas macias e cobertores quentes.

— Ele olha para você de maneira diferente, — Kyle murmurou enquanto caminhávamos lado a lado. — Ele quer algo de você.

O beijo brilhou em minha mente, o quão gentil Heath tinha sido e ainda como controlou meus movimentos e assumiu a liderança. Eu lambi meus lábios, a lembrança de como ele se sentia contra mim excitou meu corpo.

— Heath, Braydon e seus amigos salvaram nossas bundas na outra noite. Eles poderiam ter passado direto por nós e nem sequer dado uma segunda olhada, mas não o fizeram. Eles se levantaram e nos ajudaram. — Eu parei de repente, Kyle parando comigo. Seus olhos estavam cheios de frustração e eu estava começando a entender por quê.

Durante quase os últimos dois anos, eu havia confiado em Kyle para quase tudo. Eu tinha ido até ele quando estava me sentindo para baixo, olhei para ele para me manter segura. E quando eu precisava sentir o toque de conforto de alguém, ele estava mais do que disposto a oferecê-lo. Ele nos ensinou como viver e sobreviver, e na maior parte, todos nós o vimos como a pessoa que nos mantinha juntos e vivos.

Mas nunca tivemos alguém vindo de fora e o desafiando. E mesmo que isso nunca tenha sido a intenção de Heath ou Braydon, estava

acontecendo. Senti-me à vontade em torno deles, apesar de nossas diferenças, e a tentativa de Heath de me proteger de seu próprio povo me fez sentir como se estivesse segura quando estava com ele.

Talvez Kyle estivesse com medo de eu descobrir que havia outras pessoas lá fora, além do grupo de pessoas que eu agora chamava de minha família, que na verdade poderiam importar-se comigo. Talvez ele devesse estar com medo, porque o que eu estava começando a sentir por Heath não era nada que já tivesse experimentado antes.

Talvez eu devesse estar com medo também.

CAPÍTULO DEZ

Fui direto para a tenda de Eazy quando voltamos. Kyle sentou-se do lado de fora com Sketch e Coop, respondendo às perguntas sobre a festa com falso entusiasmo.

— Ei Fay, — Eazy resmungou quando me aproximei dele e coloquei minha cabeça em seu travesseiro. Nós gastamos um pouco do dinheiro que nós tínhamos nas representações para pegar uma merda de erva para Eazy depois que ele recusou qualquer tipo de medicação para a dor. Ele estava determinado a nunca mais voltar para lá, mas eu não sabia se ela estava trabalhando. Ele parecia estar em constante dor e não passava muito tempo fora de sua tenda.

— Como você está se sentindo? — perguntei suavemente, retirando o cabelo em sua testa. Estava escorregadia de suor.

— Melhor, — ele respondeu simplesmente. — Como foi a festa?

Suspirando, eu rolei de costas e olhei para o teto. O material leve bateu com a brisa suave.— Você sabia que o pai de Heath e Braydon era dono do Parkens Hotel?

Eu não podia ver, mas eu podia sentir seu sorriso. — Sim. Eu já estive em uma festa lá antes.

— Você sabia que eles estariam lá? — Eu meio que acusei, meio ri.

— Eu suspeitei que eles pudessem estar.

Rolei em direção a ele novamente. — Mas você apenas decidiu deixar isso de fora?

— Porque você merecia se divertir, — ele respondeu sem qualquer tipo de reserva ou culpa. — Eu era chegado a Bray na escola, as pessoas não chegavam perto de Heath sem ser um tipo maluco especial. Mas eu vi o jeito que ele te observou.

Engolindo em seco, perguntei baixinho: — Por que você não disse alguma coisa?

— Porque eu sabia que eles poderiam mostrar-lhe um lado diferente da vida, — respondeu ele. — Eu sei que há algo melhor lá fora, já tive melhor. Mas você nunca foi tratada corretamente. Você é forte, Fay. Este lugar é perigoso e assustador, mas não importa o que joguem em você, você lutará e sobreviverá.

— Você diz isso como se fosse mau.

Eazy suspirou,seguido por um gemido doloroso quando ele forçou para falar: — Porque às vezes precisamos saber que há algo melhor lá fora para nós lutarmos por isso. — Ele nunca reclamou ou gemeu sobre a situação em que estava agora. Eu acho que ele percebeu que tinha sido sortudo, e que tomou uma decisão horrível e arruinou tudo.

Eu fiz uma careta. — Eazy, essas crianças estão em uma liga diferente. Eles não são apenas crianças comuns com pais que ganham o salário mínimo.

— Mas eles fazem você querer algo mais, não é? — Ficamos em silêncio por um tempo.

Eazy estava certo. Eles tinham dinheiro, mas não era isso que me puxava para querer ter. Eu passei toda a minha vida sendo magoada e tratada como lixo. Sim, eu encontrei estas pessoas que se tornaram como minha família, elas me mostraram amor e amizade como nunca tive antes. Mas a realidade era que as ruas não eram muito diferentes do que eu vivia antes. Era uma zona estranha de conforto.

Eu acabei de trocar meu pai por um tipo diferente de demônio. Enquanto eu sabia o que esperar dele, a escuridão aqui fora se disfarçava em muitas formas diferentes e se escondia nas sombras.

— Você quer mais? — Eu perguntei suavemente.

— Muito mais.

— Noite Anton.[23] — Eu brinquei enquanto me arrastava para a saída.

Ele riu, mas não foi a mesma risada que eu me lembrava. Eu sabia que havia algo errado, só não sabia o que fazer sobre isso.

Era de manhã cedo quando me levantei para fora da minha tenda. Eu podia ouvir o suave arranhar das cordas da guitarra, o som era literalmente música para os meus ouvidos. Layla sentou no tronco do lado de fora da minha tenda e uma nova guitarra estava em seus braços enquanto tocava e sussurrava calmamente.

— Você tem um novo violão.

Ela se virou para me encarar, enquanto eu me sentava na minha porta esfregando meus olhos cansados.

[23] É o homem mais perfeito do mundo. Anton é carinhoso, poético, atlético, músico, engraçado e gostoso. Até as suas falhas são perfeitas.

— Você conhece a banda que esteve lá ontem à noite? Este é o violão do vocalista. — Ela olhou para ele com admiração, como se não pudesse acreditar por um segundo que estava em suas mãos. — Braydon fez com que todos assinassem para mim, e então ele disse que eu poderia tê-lo.

Olhando para ela com a boca aberta, eu não conseguia nem formar palavras.

— Eu sei né. — Sua cabeça balançou de acordo com o meu silêncio. — Isso é exatamente o que eu disse.

Eu saí da tenda nas minhas calças de treino e moletom, o ar estava mais frio hoje. Frio, mas sem brisa. — A que horas vocês voltaram?

— Logo depois da uma, eu acho. Eu tentei dormir, mas meu corpo estava ansioso para tocar. — Ela continuou a dedilhar, não sei se ela estava apenas sentindo o instrumento ou se estava tocando uma música, mas de qualquer forma, isso sempre soava bonito. Acho que todos nós sentiríamos a falta de Layla sentada a tocar sem razão. Era estranhamente calmo e normal ouvir algum tipo de música enquanto estávamos em casa.

— Então Braydon superou-se, huh, — eu comentei, sentada no chão ao lado de suas pernas e inclinando a cabeça contra ela enquanto abafava um bocejo.

— Eu tenho que lhe dar os parabéns, ele realmente é a vida da festa. Todo mundo queria falar com ele e dizer oi. Garotas se esfregavam contra ele sem motivo, e os caras diziam qualquer coisa para iniciar uma conversa.

Eu balancei a cabeça, sabendo exatamente o que ela estava falando. — Heath estava lá? — Eu sabia que o tom casual na minha voz não era tão casual, mas tentei de qualquer maneira.

— Por um segundo. Havia uma garota seguindo-o como um cachorrinho perdido, ele continuava a tentar afastá-la, mas acho que acabou por ficar tão irritado que disse a Braydon que estava indo para a cama e partiu, deixando-a furiosa. — Layla deu uma risadinha pouco antes de continuar: — Há algo que você queira me dizer?

Eu sabia exatamente de que garota ela estava falando sem ter que pedir uma descrição dela. Jay me olhou durante todo o tempo em que me sentei com Heath, e ela não sentiu a necessidade de escondê-lo. Sabendo que ela tentou seduzi-lo novamente depois que eu saí, deixou um gosto amargo na minha boca e irritação a cravar por dentro. *Era ciúmes?*

Olhei em volta para as tendas e o ronco suave encheu o ar. Olhando para Lay, eu baixei a minha voz para quase um sussurro, — Heath me beijou. — Minha mão foi direta para cobrir a minha boca como se eu não pudesse acreditar que tinha acabado de admitir para alguém o que tinha acontecido. Foi bom, no entanto.

— Eu pensei que algo tinha acontecido. — Ela engasgou, e eu bati em sua perna, calando-a. — Ele estava vagando em torno de Braydon, era como se estivesse procurando por algo. Ele estava procurando por *você.* — Sua voz estava quieta agora, mas ela não conseguia esconder a excitação. Isso me fez sentir tonta também, como uma garotinha que acabara de saber que sua paixão gostava dela. Mas eu acho que isso era quase verdade.

Além de Kyle, nenhum dos meninos jamais se aproximou de mim como mais do que apenas um amigo. Claro, os homens na rua olhavam, e eu tive o meu quinhão de propostas cada novo dia, mas isso era tão diferente.

Eu queria saber mais sobre Heath, queria saber o que o fazia vibrar e senti-lo me tocar de novo. Era uma queimadura doce que estava lentamente consumindo meu corpo com calor. Ele tinha sido um mistério para começar, mas aparecendo na minha vida novamente, tenho certeza que não pode ter sido uma coincidência.

Eu sabia que ele sentia algo também, não por causa do beijo, mas por causa do jeito que ele me observava como se estivesse estudando cada parte de mim e a memorizando.

Deitei minha cabeça de volta no joelho de Layla, relaxando-me no sonho que sabia que provavelmente nunca se repetiria. Até agora o universo não tinha sido bom para mim, por que começaria agora?

Layla, como se lendo meus pensamentos começou a tocar uma das minhas músicas favoritas, *Burning House.* Sua letra me embalou suavemente enquanto ela cantava a linda e suave melodia. Ela me conhecia tão bem que às vezes era quase assustador. Eu amava todos os meus amigos aqui, mas era Layla que sabia que podia confiar em tudo, e sabia que não importava o que fosse, ela apenas entendia.

Eu conheci Layla no reformatório, ela sutilmente jogou-se em minha vida e forçou sua amizade em mim, mas eu estava tão grata que ela o tinha feito.

— Oi. Posso sentar com você? — Eu pulei com a voz baixa, ninguém nunca havia se aproximado de mim antes. Olhei para cima e encontrei uma pequena garota com longos cabelos loiros, que estavam penteados para a frente de seu ombro em uma trança, e chegavam bem além de sua cintura. Seus olhos eram uma sombra impressionante do que eu só poderia descrever como azul ganga. — Umm... está tudo bem? — Ela perguntou novamente levantando a sobrancelha e me sacudindo do meu torpor.

Limpando minha garganta e retornando ao meu livro, respondi calmamente: — Sim, claro.

Ela sentou-se com um baque na cadeira à minha frente, o movimento tão deselegante e tão contrário ao olhar de alta classe que ela retratou. — Ótimo! — Ela disse alegremente, em seguida, pegou sua comida por alguns minutos antes de falar novamente. — Meu nome é Layla.

Levantei meus olhos mais uma vez do meu livro para ver seu sorriso para mim. Boca perfeita, lábios perfeitos, covinhas perfeitas.

— Keira. — Eu disse a ela suavemente.

Ela pegou sua sanduíche e deu uma grande mordida. — Esse é um nome muito bonito, não muito comum. — disse ela em torno de uma boca cheia de comida.

Um sorriso se curvou no canto da minha boca. Eu gostei do meu nome, foi uma das únicas coisas que meus pais fizeram certo. Keira significava vagamente cabelos negros, sua origem era irlandesa. Minha mãe me disse que quando eu nasci, tinha incríveis mechas negras, uma característica que nunca mudou. Meu cabelo ainda estava preto como

tinta e caía logo abaixo dos ombros. Era tão escuro que contrastava lindamente com a minha pele muito pálida.

— Obrigada. — respondi com um sorriso. Nós nos sentamos em um silêncio muito confortável, e observei o modo como ela assistia as pessoas, olhando para todos os diferentes grupos com um olhar curioso. Eu sabia que ela estava tomando nota de quem se sentava onde, quem falava com quem, e antes que eu percebesse, ela estava me observando com os mesmos olhos críticos.

— Você está aqui há muito tempo? — Ela perguntou com uma leve inclinação da sua cabeça.

Coloquei meu marcador dentro da página que estava lendo e fechei o meu livro, sentindo que ela não queria mais respostas de uma palavra. — Algumas semanas — eu disse encolhendo os ombros.

Ela balançou a cabeça, assentindo suavemente. — Acabei de chegar ontem, mas não é a minha primeira vez.

Minhas sobrancelhas levantaram levemente, encorajando-a a continuar.

— Eu fiquei uns três meses no ano passado por violar e roubar. — Senti meus olhos se arregalarem ainda mais. Essa garota parecia a epítome de alta classe, era uma surpresa vê-la aqui, mas saber que era uma ladra era algo louco. O choque estava obviamente evidente no meu rosto, e ela soltou uma risada suave. — Não é o que você estava esperando, hein?

— De jeito nenhum. — eu respondi honestamente. — Então, o que você fez desta vez?

— Nove meses por roubo de carro. — Ela encolheu os ombros, mas com o sorriso no rosto, eu poderia dizer que ela não estava nem um pouco embaraçada sobre seus crimes na sociedade. — E quanto a você?

Ninguém ainda me tinha perguntado o que eu fiz. Eu não tinha vergonha do que fiz. Afinal de contas, eu fiz isso para me proteger e à minha mãe, embora percebesse agora que ela não merecia meu sacrifício.

— Meu pai era um idiota abusivo. Eu o esfaqueei. — eu expliquei brevemente. Esperei para ver a crítica em seus olhos, mas nunca veio. Em vez disso, um pequeno sorriso puxou o canto de sua boca, e não era o olhar acusador ou crítico que eu esperava. Algo mais brilhou nos olhos dela, algo que parecia mais com orgulho.

— Meu pai era alcoólatra. Corri quando tinha treze anos, doente e cansada de ser sua bolsa de pancadas, — explicou ela. — Você não se sente mal com isso, não é?

Foi então que percebi, não, não tinha culpa pelo que fiz, sem remorso. Eu não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim. As pessoas não deveriam sentir alguma forma de arrependimento quando causavam dano a outro ser humano? Eu não sentia. Tanto quanto eu estava preocupada, ele merecia o que tinha recebido, e mais. Ele não sentiu culpa depois de bater em minha mãe quase até à morte, ele nunca se arrependeu das coisas que tinha feito para nós.

— Nem um pouco, — eu disse a ela, um sorriso se formando na minha boca pela primeira vez desde há muito tempo. Nós sorrimos uma para a outra, e eu senti uma ligação forte já se formando. Pela primeira vez, eu queria conversar com alguém, ter um amigo e sabia que iríamos nos dar muito bem.

Gritos me sacudiram dos meus devaneios.

Todo mundo estava saindo das suas tendas enquanto Daisy se rastejava saindo da tenda de Eazy gritando: — Ele não está respirando!

Meu coração parou, e eu me arrastei pelo chão, o chão áspero rasgando meus joelhos, praticamente empurrando-a para fora do caminho enquanto eu entrava no pequeno espaço. Colocando minha mão em seu peito eu orei, rezei para um Deus que eu não tinha fé que Daisy estava errada.

— Eu vim para dar-lhe um pouco de água, — ela chorou quando Lee a envolveu em seus braços.

Kyle mergulhou atrás de mim, olhando para mim com os olhos arregalados e pressionando os dedos contra o pescoço de Eazy.

Mas não havia nada.

Meu coração se despedaçou ali mesmo quando me inclinei sobre o corpo dele e chorei.

Ele se foi.

CAPÍTULO ONZE

Eu me senti enganada.

Ter alguém com quem você se importava tirado de você tão de repente, não era justo. Nos poucos meses que eu tive com ele, se tornou um amigo, um confidente, um irmão e com o seu sorriso maroto de menino, ele se enterrou em meu coração. Ele era apenas uma criança. Ele deveria estar fora fazendo o que amava, causando prejuizos com seus amigos e discutindo com seus pais sobre se ele havia feito sua lição de casa.

Mas em vez disso, ele morreu sozinho em uma merda de tenda no final de um beco sem saída. Ele não merecia isso.

Nenhum de nós merecia isso.

Layla segurou minha mão na dela enquanto caminhávamos em direção à igreja.

Três dias e consegui manter uma fachada de forte. Toda vez que eu pensava em seu sorriso, ou ouvia sua voz em minha cabeça, a tentação de cair me enchia. Eu lutei com tudo o que tinha, tentando confortar meus amigos com palavras suaves enquanto eles liberavam sua própria dor.

Kyle passou o braço em volta de mim e beijou a minha bochecha. O afeto era reconfortante. Kyle tinha enfrentado a morte de Eazy com tanta força que eu estava apenas esperando o momento da queda começar. Eu já tinha ouvido ele e Lee discutindo durante a noite e acordar esta manhã

para encontrar uma garrafa vazia de rum ao lado do tambor de fogo só tinha confirmado minhas suspeitas.

O resto do nosso grupo ficou em casa. Queríamos nos despedir, mas não queríamos chamar a atenção. Alguns de nós que ainda eram considerados fugitivos tiveram que sair quando a polícia e a ambulância apareceram para investigar e coletar o corpo de Eazy. Daisy, Andre e Sketch tiveram que me arrastar para longe, chutando e gritando.

A polícia tomou notas sobre o ataque alguns dias antes, horários, datas e lugares que seriam facilmente compatíveis com as imagens de vídeo que eles tinham na estação de trem.

Lee disse que eles pareciam bastante satisfeitos com a explicação.

Agora aqui estávamos nós. Eu nunca imaginei ter que pisar em uma igreja. Lembrei-me de aprender sobre Deus na escola e sobre todo o bem que ele fazia para as pessoas. Eu o amaldiçoei desde então, nunca entendendo como criança, o que eu tinha feito para deixá-lo tão bravo e porque ele me forçou a viver a vida que vivia.

Nós nos sentamos no canto da parte de trás, a igreja expansiva estava preenchida até ao limite com pessoas jovens e velhas.

Enquanto as pessoas subiam ao pódio e diziam a sua parte, isso me deu um olhar mais atento sobre a vida de Eazy. Ele sempre foi doce, um amigo mencionou como tinha uma maneira especial com as meninas, paquerando-as a cada chance que ele conseguia. Outro falou sobre o quão jogador de futebol fantástico ele era, o jeito que animava a sua equipe e apoiava cada membro.

Lágrimas caíam livremente agora dos meus olhos enquanto eu enfiava o meu rosto no ombro de Kyle, Layla fazendo o mesmo com Lee enquanto os dois soluçavam baixinho.

Quando os seus pais se aproximaram do pódio, senti uma onda repentina de raiva fluir pelo meu corpo. O corpo de Kyle ficou tenso debaixo de mim, e por um momento, eu estava quase com medo do que ele faria.

A mulher fungou suavemente e enxugou os olhos mal inchados. — Meu amor, eu gostaria de ter feito mais por você. Eu gostaria que você tivesse vindo a mim com seus problemas para que pudéssemos trabalhar neles. Esta é uma lição para todos, falem com seus filhos, perguntem se eles estão bem.

Kyle me segurou no lugar enquanto eu empurrava contra ele, querendo ficar em pé e gritar com as duas pessoas que deveriam ter ficado ao lado de seu filho em seu tempo de necessidade. Em vez disso, eles o forçaram a sair para a rua.

E agora ele se foi.

Layla jogou os braços em volta de mim e sussurrou palavras silenciosas em meu ouvido, e eu chorei alto por meu amigo que tinha ido embora. Nosso amigo. Nosso irmãozinho.

O serviço religioso acabou rapidamente, homens e garotos compartilhavam a responsabilidade de levar o caixão da igreja. Todo o mundo seguiu em procissão atrás dele, cabeças penduradas e fungando.

A igreja ficava bem ao lado do cemitério onde Eazy estava sendo enterrado. Depois que seu caixão foi colocado no carro funerário, a maioria das pessoas seguiu atrás dele por uma longa estrada asfaltada que serpenteava pelas sepulturas.

Kyle e Lee beijaram Layla e eu na bochecha. — Vocês têm a certeza que querem ficar, meninas? — Kyle perguntou, segurando meu rosto em suas mãos.

Eu assenti. Kyle e Lee já haviam se organizado com o seu tio para fazerem um teste dentro da sua boate na cidade. Nós tínhamos que pegar o metrô e dois ônibus só para chegar a essa parte da cidade, então eles precisavam ir embora agora se quisessem voltar a tempo.

— Nós vamos ficar bem. — eu sussurrei suavemente.

Layla puxou o estojo da guitarra por cima do ombro para que a tira atravessasse seu corpo. — Vocês precisam ir antes que percam a sua chance neste trabalho.

Kyle e Lee se entreolharam conversando em silêncio antes de finalmente concordarem e desaparecerem na estrada.

Layla e eu nos juntamos à multidão lenta, nos afastando um pouco enquanto seguíamos. Encontramos uma árvore e nos sentamos contra ela, enquanto observávamos o padre dizer mais algumas palavras e o caixão ser baixado no chão. As pessoas jogavam flores, sussurravam as suas despedidas e deixavam suas lágrimas caírem no chão ao lado dele.

Quando se dispersaram, formaram pequenos grupos, conversando uns com os outros enquanto a terra era lançada no buraco. A tristeza

enchia o espaço e, embora perder um ente querido fosse horrível e devastador, não parecia certo lembrar-se de Eazy dessa maneira.

Como se Layla tivesse lido minha mente, ela colocou a guitarra no colo e começou a tocar.

'7 Years' de Lukas Graham encheu o ar velho. Era uma música triste, mas sobre a vida e lições de aprendizagem. Eazy adorava-a. Ele era cheio de surpresas, um garoto que era jovem e vibrante, mas sábio ao longo dos seus anos.

Eu cantava junto com Layla, minha voz não era suave e bonita como a dela, mas eu não me importava. Este era o meu presente de despedida para ele.

As pessoas se viraram para nos observar, mas não falaram, apenas ficaram maravilhadas. Alguns batiam os pés, outros sorriam e abraçavam seus amigos enquanto balançavam ao ritmo lento.

Eles entendiam o que sabíamos, que isso era ele, essa música era dele. Ele só queria se aprimorar e assumir riscos. Ele se perdeu em algum lugar ao longo do caminho, cedendo à escuridão e permitindo que isso o consumisse. Mas ele não foi o único que permitiu que seu caminho conduzisse na direção errada.

Depois de perceber que ele tinha chegado ao fundo do poço, Eazy lutou com mais força e paixão do que antes e estava determinado a lutar para estar de volta ao mundo. Ele me encheu de esperança e excitação sobre a vida no lado de fora de nossas tendas na rua clandestina da sociedade.

E agora, eu estava mais determinada do que nunca a viver meus sonhos. Por mim e por ele. Para provar que sua amizade e palavras significavam mais para mim do que ele jamais saberá.

Quando a música chegou ao fim, as pessoas acenaram para nós, reconhecendo nossa homenagem ao menino que eu nunca soube que tocara tantos.

— Eu quero que você vá embora. — uma voz aguda ordenou. A mãe de Eazy pisou na grama, seus saltos altos enterrando-se na terra e espalhando-a ao redor dela. Seu pai se apressou atrás dela, sua cabeça se movendo ao redor quando ele percebeu a cena que ela estava fazendo.

Eu segurei minha língua durante o culto, mas se essa mulher fosse me atacar, eu diria a ela algumas duras verdades que não iria gostar. Eu me levantei quando Layla calmamente guardou seu violão, sabendo exatamente o que estava prestes a acontecer se eu fosse provocada longe o suficiente.

— Este é o funeral do meu filho, eu não vou tê-lo contaminado com o seu desrespeito. — Seu falso cabelo loiro comprido ondulou ao redor dela com o vento quando ele começou a caminhar. O marido dela puxou o seu braço, mas ela o retirou. Era evidente quem usava as calças aqui.

Eu limpei minha garganta. — Estou surpresa que você gastou muito dinheiro em dizer adeus a ele. Talvez se você tivesse gasto tudo isso para conseguir a ajuda que ele precisava, ainda estivesse vivo. — Eu não segurei nenhum golpe. Eu estava enojada e enfurecida que esta senhora me acusava de manchar sua memória.

Ela abaixou a voz agora, mas as pessoas já haviam percebido o que estava acontecendo e eu me recusei a deixá-la sair jogando como a vítima. — Eu não sei quem você pensa que é, mas...

— Nós éramos seus amigos, — eu gritei. — Nós éramos as pessoas que o pegaram na rua quando você não cumpriu seu dever como mãe e o manteve em segurança.

Eu ouvi suspiros da multidão. Obviamente, havia mais segredos do que eu pensava.

— Nós éramos as pessoas que cuidavam dele quando estava tão doente que mal conseguia se mexer. — Layla se juntou, jogando seu violão por cima do ombro e ficando firme ao meu lado.

— Nós seguramos a mão dele durante a abstinência, gastamos o dinheiro que tínhamos feito para lhe conseguir comida e água, mesmo que isso significasse que estivéssemos mais um dia sem comer. — Eu senti as lágrimas chegando agora, e não tinha vergonha delas. Caíam livremente e nem tentei enxugá-las. — Tudo o que ele precisava era de apoio, alguém que se importasse e lhe mostrasse, o quanto era melhor do que aquelas pequenas pílulas.

Seu rosto estremeceu como se tivesse mordido um limão. Havia sussurros, fluía livremente entre os grupos que se amontoavam, olhando a cena diante deles.

— Ele estava nas ruas por tua causa. — Eu chorei, a represa explodindo como nunca antes e uma mistura de fúria e devastação destruindo meu corpo. — Ele não precisava estar lá. Todas essas pessoas,

elas acreditavam nele, elas o teriam apoiado, não importa o quê, se você tivesse dado uma só chance a ele. Mas não, você o jogou fora como um pedaço de lixo, porque você estava com muito medo de ver os seus erros manchando sua maldita reputação!

Seu corpo se encolheu e por um segundo, pensei que ela poderia atacar-me. Mas quando seus olhos se voltaram de um lado para o outro, eu soube que ela estava, de novo, mais preocupada sobre como eu estava fazendo-a parecer, em vez de ouvir a verdade sobre o que ela tinha feito.

— Marvin, chame a polícia. — ela retrucou.

O riso borbulhava, flutuando da minha boca, passando pelos soluços erráticos. — Ele está morto. Por causa de *você.* E agora todo mundo sabe… — Meus joelhos começaram a tremer, o tamanho das minhas emoções finalmente cobrando seu preço.

A mãe de Eazy deu um passo à frente. Gritando que eu era a escória da sociedade.

Suas palavras não me magoaram, eu as aceitei.

Eu forcei meu queixo um pouco mais alto. — Pelo menos... eu sou honesta... sobre o que eu sou. — Minhas pernas começaram a ceder, mas eu me senti sendo levantada por dois fortes braços. Envolvi minhas pernas ao redor da pessoa, colocando meu rosto em seu pescoço, quebrando. Ele sussurrou que tudo ficaria bem, que eu ficaria bem. Vozes e passos silenciosos nos seguiram, e eu olhei por cima do ombro de Heath para ver Braydon com o braço ao redor de uma Layla chorosa.

Ela aconchegou-se nele, envolvendo os braços desajeitadamente em torno de sua cintura enquanto seguiam atrás de nós. Uma das mãos de Heath estava sob o meu traseiro, me segurando enquanto a outra esfregava minhas costas suavemente. — Ele se foi. — Eu sussurrei dolorosamente.

— Eu sei. — Isso foi tudo o que ele disse, mas era tudo o que eu precisava.

Braydon chamou minha atenção e me deu um sorriso triste quando Heath me levou pelo estacionamento. Ele parou por um segundo, e eu ouvi um bip seguido pelas portas do carro abrindo.

Ouvi um barulho de saltos no concreto quando Heath me pressionou contra o carro, usando-o para ajudar a me segurar enquanto ele puxava a maçaneta da porta.

— Você está levando-as para a nossa casa? — A mulher perguntou suavemente.

— Sim, mãe. — Respondeu Heath quando ele abriu a porta e me depositou dentro com um leve roçar de seus lábios contra a minha bochecha.

— Ok, eu estarei em casa em breve. Cuide delas. — Heath não disse mais nada. Nossos olhos se encontraram quando se afastou, me observando com preocupação. Eu segurei forte, deixando-o ir embora, mesmo que meu corpo estivesse gritando para ficar comigo. Ele deu um passo para trás e Layla se apertou atrás de mim, segurando em meus braços.

Braydon e Heath sentaram nos dois bancos da frente, Heath saindo do estacionamento com um guincho dos pneus do carro enquanto Layla e eu caímos nos braços uma da outra.

CAPÍTULO DOZE

A cabeça de Layla permaneceu no meu ombro enquanto eu observava as casas e as ruas passarem. Nós não estávamos só nos subúrbios, este lugar estava num nível totalmente novo. Jardins perfeitamente bem cuidados com estátuas pitorescas eram a parte menos impressionante destas casas. Havia grandes portões de ferro, fontes de água que podiam rivalizar com as de Las Vegas, Mercedes, BMW's, Jaguars para citar apenas alguns tipos de carros, estacionados em calçadas luxuosas.

Entramos em uma rua chamada Kings Crescent. O nome parecia ainda mais apropriado quando Heath virou em uma entrada de garagem com portões gradeados pretos e uma pequena caixa de altifalantes do lado de fora. Ele estendeu a mão e apertou um botão que estava ligado à pala de sol do seu carro, e os portões começaram a abrir sem sequer um rangido.

— Aquilo parece uma daquelas coisas que você fala em um *drive-through*[24]. — Layla sussurrou enquanto olhava sobre mim através da janela.

— Talvez possamos usá-lo para pedir um hambúrguer. — eu respondi sarcasticamente, mas estava tão admirada quanto ela.

Lay bufou — Batatas fritas extras.

[24]Um drive-through, ou mais comumente drive-thru, é um tipo de serviço fornecido por uma empresa que permite aos clientes comprar produtos sem sair de seus carros. O formato foi pioneiro nos Estados Unidos na década de 1930 por Jordan Martin, mas desde então se espalhou para outros países.

— Talvez alguns nuggets de frango. — Eu ri baixinho.

Nossa risada diminuiu rapidamente quando chegamos à casa de Heath e Braydon. Isso quase me lembrou de uma cabana que você encontraria na floresta. Mas esta cabana tinha ingerido alguns esteroides[25] sérios.

Grandes pedras se encaixam como peças de quebra-cabeça formando grandes pilares, sustentando uma sacada. O resto da casa era construída a partir de madeira lindamente envernizada. Era de cor clara, quase laranja ao contrário de marrom. Dava-lhe uma sensação nova e moderna, que combinava com as grandes janelas que adornavam o segundo andar.

O tema de pedra continuava em volta da casa, alinhando os pequenos jardins e construindo os degraus que levavam a duas enormes portas de madeira. Parecia que, se as abrisse, você poderia passar um carro com facilidade por elas.

A porta do carro se abriu, me assustando. Heath estendeu a mão para mim. Eu a peguei enquanto saía. Layla seguiu atrás de mim, nós duas olhando para a casa monstruosa com nossas bocas abertas. Heath manteve minha mão firmemente apertada na sua enquanto nos levava para dentro.

O hall de entrada interior era igualmente impressionante, uma escadaria que dava para a direita para um patamar sob o espaço de

[25]Esteroides são um grande grupo de compostos solúveis em gordura, que têm uma estrutura básica de 17 átomos de carbono dispostos em quatro anéis ligados entre si. Os esteroides são produzidos sinteticamente com finalidade médico-terapêutica. Aqui, como uma piada, no sentido de que a casa tinha aumentado absurdamente em relação a uma cabana.

entretenimento à nossa frente. Não havia uma única coisa fora do lugar, até mesmo os livros sobre a mesa de centro estavam alinhados perfeitamente.

Senti uma dor aguda no meu braço e pulei para longe, esfregando a picada. — O que foi isso? — gritei para Layla, mas seus olhos continuaram fixos em nossos arredores.

— Só queria verificar se eu não estava sonhando. — Ela respondeu enquanto andava mais para dentro da casa, examinando tudo.

— Você deveria se beliscar, não a mim, pelo amor de Deus.

Braydon riu, seguindo Lay, depois levando-a através de duas portas para o lado da sala. — Vamos encontrar alguma comida. Não sei se temos hambúrgueres ou nuggets, mas deve haver alguma coisa. — Ele jogou uma piscadela para mim por cima do ombro antes de desaparecerem na esquina.

— Nós iremos em breve. — Heath gritou, sua voz ressoando no grande espaço. Ele me puxou pela mão até à escada. Olhando para os meus pés enquanto eu dava cada passo, meus sapatos gastos pareciam tão deslocados contra as tábuas perfeitamente brilhantes. Eu tive o desejo estranho de chutá-los, mas eu sabia que minhas meias não seriam muito melhores. Pelo menos meus sapatos combinavam.

Heath andou pelo longo corredor que me lembrava um pouco de algum hotel de alta classe.

— Preciso de um maldito mapa. — Eu murmurei admirando a arte nas paredes. Mas não eram pintores famosos ou Van Goughs, era arte de

crianças. Eu vi o nome de Heath, Braydon também, e depois de outra, Felicity, eu acho.

Ele abriu portas duplas e atravessou-as. Segui o exemplo, engolindo em seco enquanto observava o grande espaço que poderia ter sido maior do que a casa em que cresci quando criança.

Havia uma cama king size contra uma parede, com um quadro de quatro fotos, um pequeno sofá no canto, de frente para uma televisão de tela plana e uma secretária eletrônica enorme, que parecia que poderia ser algum tipo de antiguidade. O resto do quarto era simplesmente chão aberto. Finalmente puxando minha mão fora de seu alcance, passei por Heath, percebendo o jeito que seus olhos nunca me deixaram e fiquei na frente das enormes janelas. Elas eram do comprimento do quarto, apenas como as outras que eu vi lá fora, chegavam do chão ao teto. O quarto tinha vista para um belo quintal amplo com espaço suficiente para jogar um jogo de futebol ao lado de uma piscina cristalina, que em tamanho, rivalizava com aquelas que usavam nas Olimpíadas.

— Está aquecida. Não está muito quente lá fora no momento, mas ainda assim nadamos nela. — Explicou ele. Seu corpo se moveu atrás de mim e, mesmo sem o seu toque, eu ainda podia sentir o calor ressoando dele. Ele agarrou meu quadril, puxando-o e girando meu corpo para que eu estivesse de frente para ele. Tentei me virar, mas antes que pudesse, ele segurou meu queixo, puxando meu rosto para cima para encontrar seus olhos. Eu não pude escapar do seu olhar penetrante.

— Você está bem? — Ele perguntou finalmente.

Engolindo uma risada, balancei a cabeça. — Não, eu não estou bem.

— Não achei que estivesse.

— Então por que perguntou? — Eu falei, empurrando-o para longe e saindo ao redor dele. Minhas emoções estavam em todo o lugar. Parecia que estava ficando louca.

Ele me observou enquanto eu caminhava pela sala, meus sapatos rangendo contra o chão polido.

— Grite comigo. — Minha cabeça se levantou e eu parei.

Erguendo minha testa, eu olhei para ele como se fosse louco. — Você não acha que eu já fiz o suficiente disso?

— Obviamente não, se você ainda não está bem.

— Eu não estou bem porque acabei de perder um dos meus melhores amigos. Alguém que eu considerei um irmão, alguém que eu amava. — As lágrimas queimavam na parte de trás dos meus olhos novamente, depois que pensei que elas tinham finalmente secado.

— Todas aquelas pessoas o perderam também. Muitos deles sentiam exatamente o mesmo que você. Ele era um melhor amigo, um companheiro de equipe, um ex-namorado, um sobrinho, um filho. — Não havia acusação em seu tom, ele afirmou o que era apenas uma questão de fato. Mas eu já havia aprendido que Heath nunca havia falado palavras que não fossem significativas. Ele estava quieto, mas isso não significava que não tivesse nada a dizer.

Meu corpo se apertou como uma mola, pronta para se soltar. — Onde eles estavam então, Heath? Há quanto tempo Eazy tomava aquelas

pílulas? Por que eles não disseram alguma coisa? Por que ninguém fez nada?

Heath encolheu os ombros. — Às vezes nós só vemos o que queremos ver. — Meu corpo caiu, eu sei que suas palavras não eram para mim, mas elas me atingiram como uma bala, rasgando minha pele. Eu poderia ter ajudado Eazy. Eu poderia tê-lo feito ir ao hospital, mas ele estava tão determinado a passar sem a ajuda da medicação. Ele estava com tanto medo de ser preso de volta para onde estava antes. A quantidade de dor que ele deve ter sentido era completamente inconcebível e fez meu estômago revirar.

Heath estava certo. Às vezes só víamos o que queríamos. Eu me convenci de que ele ia melhorar, que iria sobreviver. Ele só precisava descansar. Tudo ia ficar bem. Mas não era.

Eu agarrei meu cabelo em minhas mãos, pendurando minha cabeça. — Deus, eu sou tão ruim quanto eles.

Eu fui engolida por dois braços grandes, a mão de Heath foi para a parte de trás do meu pescoço, empurrando minha cabeça contra seu peito. Minhas mãos agarraram sua camisa enquanto eu chorava.

— Você fez tudo o que podia por ele. — Heath falou baixinho, sua voz firme. — Você protegeu-o, apoiou-o quando ele não tinha ninguém. Ele amava você.

Meus pés se moveram junto com Heath quando ele arrastou meu corpo para a cama. Nós nos deitamos, minha cabeça indo para o peito dele e seus braços ao meu redor. Seus lábios roçaram o topo da minha

cabeça, o gesto espalhando conforto por todo o meu corpo. Meus dedos doíam com o quão forte eu estava segurando sua camiseta.

Ouvindo seu coração, a batida estável e constante, comecei a desacelerar minha respiração, de modo que estava em sintonia com o ritmo.

Heath tinha esse efeito estranho em mim. Talvez fosse porque eu sentia que ele tinha tudo tão controlado. Ele era calmo, inteligente, completamente controlado. Ele não se deixava sacudir, e não dava a mínima para o que as pessoas pensavam dele. No entanto, era exatamente isso que fazia com que as mulheres se sentissem atraídas por ele.

Ele era o cara que parecia inatingível. Ele era quente, inteligente e misterioso. Eu ansiava por saber mais sobre ele. Às vezes eu sentia como se tivesse visto mais do que ele mostrava para as pessoas, e me perguntava por que ele me escolheu para compartilhar partes de si mesmo que escondia dos outros.

Eu realmente me importava?

Ele me fazia sentir bem, e com um simples toque, podia acender meu corpo em chamas e acalmar uma tempestade furiosa. A mistura de sentimentos me fazia querer mais.

A mão de Heath subiu e desceu pelas minhas costas, sua respiração fazendo cócegas no meu cabelo. As lágrimas e a raiva cessaram, mas agora meu coração disparava por outro motivo.

Correndo minha mão até seu corpo, senti-o tenso sob o meu toque. Seu corpo era definido, as ondas suaves de seus músculos abdominais me excitaram. Eu queria perguntar o que ele fazia. Ele era um jogador de futebol, talvez beisebol? Ele era um atleta, isso eu sabia. Ele trabalhava duro, era óbvio.

— Fable. — Advertiu Heath suavemente quando minha mão desceu novamente.

— O quê? — Eu sussurrei, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele. Seus olhos brilhavam com fogo. Eu quase recuei, mas depois percebi que não era um fogo raivoso que eu podia ver queimando.

Eu não pude evitar, me alonguei para que os meus lábios pudessem alcançar seu pescoço. Posicionando-os contra sua pele levemente, eu me perguntei se ele iria recuar. Havia uma leve barba que se esfregava asperamente contra a pele macia da minha boca.

Quando ele não se moveu, eu os pressionei contra ele, beijando-o suavemente. Empurrei seu queixo com o meu nariz e ele obedeceu, inclinando a cabeça para o lado. Pressionei meu corpo contra ele e as suas mãos agarraram meus quadris, me puxando para que estivesse deitada em cima dele, provocando um suspiro da minha boca. Seus dedos cavaram em meus lados quase dolorosamente, mas ignorei, seguindo um caminho ao longo de sua mandíbula até que encontrei sua boca e lambi o canto de seus lábios.

— Fay, pare. — Ele murmurou. Foi quase fortalecedor, saber que eu o tinha tão tenso que ele estava começando a implorar-me.

— Porquê? — sussurrei contra sua boca.

Quando uma das suas mãos soltou meu quadril e agarrou um punho cheio do meu cabelo, eu inalei bruscamente. Ele aproveitou a oportunidade para assumir o controle, juntando nossos rostos e reivindicando minha boca. Sua mão subiu por baixo da minha camisa, deslizando sobre a minha pele e me fazendo estremecer. Meus sentidos estavam enlouquecendo, a excitação inundando, mas os nervos também abriram caminho quando as coisas começaram a ficar mais intensas, mais do que eu já tinha feito ou sentido antes.

Heath se afastou, nós dois arfando enquanto tentávamos atrair mais ar para os nossos pulmões. — Nós precisamos parar.

Eu lambi meus lábios doloridos. — Porquê? — perguntei novamente.

— Porque isso não vai tirar a dor. — Explicou ele através de respirações profundas.

Abri os meus olhos, finalmente olhando para ele. Havia algo novo em seus olhos. Eu sabia que ele me queria, era completamente óbvio, mas o que vi não era luxúria ou paixão em seus olhos. Era algo que se assemelhava a pena.

Eu me afastei, saindo de cima dele e saindo da cama. — Não me olhe assim. — retruquei.

Heath gemeu, não se movendo da cama enquanto esfregava o rosto. — Olhar para você como o quê?

— Como se eu fosse um caso de caridade.

Ele sentou-se de repente. — Pare de ser estúpida, Fable.

— Então o que é isso? — Eu estendi meus braços, procurando uma explicação. Sentindo-me como uma idiota.

Heath sentou-se, empurrou-se para fora da cama e virou-se para a beirada onde eu estava de pé. — Eu não sei o que é isso... — Ele balançou o dedo entre nós. — …mas eu não estou prestes a descobrir enquanto você está de luto pela perda de seu amigo. Não vou desrespeitar você assim.

Eu não pude deixar de olhar para ele. Heath realmente era outra coisa. Eu queria estar com raiva dele, mas não conseguia. Mais uma vez, ele estava tentando me proteger, desta vez, de mim mesma.

Sua mão segurou meu rosto. — Vamos, vamos pegar um pouco de comida.

Assentindo, deixei que ele pegasse minha mão e me levasse de volta ao andar de baixo. Começava a parecer normal tê-lo tocando-me de alguma forma. E isso só me deixou assustada porque Bayward Street e Kings Crescent eram dois mundos completamente diferentes, daqueles que não deveriam ser misturados. Isto não deveria ser normal.

CAPÍTULO TREZE

Encontramos Braydon e Layla sentados no balcão do café da manhã conversando e rindo. Os dois pareciam ter formado algum tipo de amizade estranha baseada em sarcasmo e golpes baixos.

Quando Layla me viu, ela sorriu. — O garoto rico aqui fez sanduíches. Quem poderia imaginar?

Rindo, eu me impulsionei para o banquinho ao lado dela. Braydon tentou parecer ofendido quando deslizou um prato para mim. — Sua amiga parece pensar que eu tenho escravos que fazem tudo por mim.

Tomando uma grande mordida da minha comida, eu murmurei: — Estou surpresa que você não tem.

— Mamãe não nos deixa, algo sobre direitos humanos e algo assim.

Layla riu e Heath olhou para seu irmão revirando os olhos.

Eu coloquei minha comida de volta no prato, estava morrendo de fome, mas não tinha comido muito nos últimos dias, então eu sabia que precisava comer devagar ou isso me deixaria doente. Que desportos você faz? — Perguntei curiosamente.

Braydon inclinou a cabeça para o lado. — O que faz você pensar que praticamos algum desporto?

Limpando minha garganta desconfortavelmente, tentei encontrar as palavras. — Eu acabei de notar... vocês dois são como... não sei...

— Sexy pra caralho com corpos incríveis? — Braydon ofereceu, balançando as sobrancelhas para mim. Olhei para Heath para algum tipo de apoio, mas até ele tinha um pequeno sorriso no canto da boca.

Layla riu, ela não ajudou também.

Eu gemi. — Sim, tudo bem... vocês dois estão realmente em forma.

— Peço desculpas pela minha amiga. — Lay ofereceu, acariciando o meu braço. — Ela não sai muito.

O riso de Braydon ecoou alto. — Sem brincadeira.

— Braydon joga futebol, eu nado.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. — Você sabe nadar? — Eu imaginei que isso explicava a enorme piscina nos fundos.

Heath assentiu, mas não explicou mais nada. Ele abriu a geladeira e pegou uma caixa de suco de laranja, encontrando quatro copos no armário e encheu-os.

— O que meu irmão quis dizer foi que eu sou o quarterback principal, e ele é o melhor nadador do estado. — Explicou Braydon. Ao contrário de Heath, Braydon não se importava de se gabar sobre quanto dinheiro tinha, quantas garotas queria em suas calças e quão bom ele era no desporto. Era o que parecia, e na verdade era bastante natural. Ele estava confiante e seguro de si, e às vezes você precisava ser, se algum dia fosse abrir seu caminho no mundo.

Heath estava mais quieto sobre o seu sucesso, mas não tinha consideração quando se tratava de dizer como era ou a realidade da vida. E as pessoas respeitavam os dois por isso.

— Olá? — Uma voz doce entoou pela casa.

— Aqui, mamãe. — Disse Braydon de volta.

Saltos bateram no chão de madeira e uma mulher deslumbrante encheu a porta da cozinha. — Ei, espero que você tenha me feito um desses? — Ela sorriu, apontando para o sanduíche de Braydon.

— Eu vou pegar, mãe. — Heath ofereceu. Ele nos deixou com um copo de suco antes de se ocupar, tirando comida dos armários e da geladeira.

— Mãe, esta é a Fable e Layla. — Braydon ofereceu, apontando para cada uma de nós.

Eu girei minha cadeira ao redor, estendendo minha mão para ela. — Prazer em conhecê-la.

Ela pegou a minha mão, e apertou enquanto me ofereceu um sorriso amigável. — É tão bom finalmente conhecer você também, Fable. — Ela também pegou a mão de Lay. — E você também, Layla. Meu nome é Helen. Os meninos falam muito bem de vocês.

Eu olhei para Heath curiosamente, ele me observou com o canto do olho como se estivesse medindo a minha reação. — Mesmo?

Ela contornou o balcão enquanto Heath estendia um prato de comida com sanduíche para ela, beijando sua bochecha enquanto tirava das mãos dele. Eu podia ver agora de onde Heath tinha a sua gentileza. Os pequenos toques e demonstrações de afeto. Ele obviamente aprendeu com sua mãe.

Eu me perguntei se isso significava que Braydon era como o seu pai, a ousadia e a necessidade de ser um pouco exagerado definitivamente não eram dela.

Heath recostou-se no tampo do banco, cruzando os braços sobre o peito. — Como foi tudo depois que saímos?

Eu dei uma mordida no meu sanduíche e engoli apertadamente.

Helen suspirou. — A maioria das pessoas saíram, os poucos que ficaram por ali ficaram para assistir Deena fazer uma birra, eu acho.

Heath zombou, mas Bray riu alto antes de perguntar: — Era das boas?

— Oh sim, ela estava em boa forma hoje.

— Sinto muito que causamos tantos problemas. — Eu disse a ela suavemente. Mas quando seus olhos encontraram os meus, não havia nada além de doçura neles.

— Querida, eu sempre ensinei meus filhos a falar quando há algo acontecendo que não está certo, — explicou ela, estendendo a mão e tocando a minha mão. — Seria hipócrita da minha parte criticar você por fazer exatamente isso. E sabe de uma coisa? Aquela mulher precisava saber exatamente o que seu filho havia passado por causa do seu egoísmo. Talvez ela aceite isso, talvez não. Mas isso agora é com ela.

Layla passou um braço em volta dos meus ombros e me puxou contra ela, nossas cabeças descansando juntas. — Eu sinto muito a falta dele. — sussurrei tristemente.

— Eu sei... — Layla respondeu... — eu sei.

Eazy não esteve conosco por muito tempo, mas não importava. Eu o amava como amava os outros.

— Vocês meninas tem que ir... para casa em breve? — Braydon perguntou, caminhando para depositar seu prato vazio na pia.

Olhei para o relógio no forno. Desde que estivéssemos em casa antes do anoitecer, eles não começariam a se preocupar. Nós tínhamos algumas horas.

— Ainda não. — Tentei forçar minha voz a soar forte e não triste, enquanto pensava no conceito de voltar à Bayward Street.

— Vamos nadar. Heath pode mostrar as suas habilidades. — Braydon riu. Heath aproximou-se e deu um tapa no irmão no peito.

Eu olhei para Layla, o seu rosto estava radiante. — Hum...

— Eu vou pegar algumas roupas de banho para vocês meninas lá de cima, acho que posso adivinhar os seus tamanhos. — Helen sorriu antes de sair correndo da sala.

Layla bateu palmas animadamente. — Eu não tenho nadado em anos. — Eu torci o meu nariz.

— O que há de errado, Fay? — Braydon perguntou. — Aposto que você parece sexy pra caralho em um maiô.

— Braydon. — Advertiu Heath.

Bray revirou os olhos. — Como se você não estivesse pensando nisso.

— Eu não sei nadar. — As palavras saíram, e de repente a atenção de todos estava em mim. — Meus pais não permitiam exatamente que eu

tivesse atividades extracurriculares quando estava crescendo. E nós nunca fomos à praia ou lugares assim como outras famílias.

Braydon olhou para o irmão, seus olhos se encontraram brevemente antes que Bray sacudisse a cabeça. — Que droga. — Ele murmurou enquanto pisava fora da porta. Eu ouvi seus passos pesados na escada e me encolhi.

Ainda me sentia estranha, falando sobre a minha vida antes. Às vezes, eu me perguntava se isso havia acontecido. Foi há tanto tempo que às vezes parecia um sonho ou um pesadelo, eu acho. Mas lembrava-me de todos os detalhes dos cheiros e sons.

Heath deu a volta ao meu lado e tirou um fio de cabelo do meu rosto. — Você vai ficar bem, a piscina tem uma parte rasa, então nem precisa nadar.

Eu balancei a cabeça, me forçando a sorrir para ele. Ele baixou a cabeça e me beijou gentilmente.

— Aqui meninas, estes devem caber muito bem.

Pulei para trás, Helen tinha tirado os seus saltos então eu não a tinha ouvido chegar. Ela sorriu para mim como se não houvesse nada de errado, mas não pude deixar de imaginar o que deveria estar passando pela sua cabeça, sabendo que o filho dela estava beijando uma garota sem teto da rua.

Peguei Heath a sorrir enquanto se virava e saía. — Eu vou encontrá-la lá fora.

— Vamos. — Helen pediu, balançando a cabeça para nós a seguirmos. — Vocês podem se vestir na casa da piscina. — Layla e eu pulamos de nossos bancos e seguimos atrás dela. Olhamos uma para a outra e Layla falou as palavras *"casa da piscina"* com os olhos arregalados.

Eu apenas balancei minha cabeça. Nós estávamos fora de nossas profundezas aqui, e eu não estava falando sobre a piscina.

Helen estava certa, os trajes de banho que ela escolheu se encaixavam perfeitamente. Layla usava um top esmeralda com a parte de baixo combinando, enfeitado com dourado. Isso acentuou seu generoso busto e mostrou sua barriga lisa.

O meu era quase o mesmo, mas um vermelho de veludo profundo com detalhes em preto. Era preso ao pescoço, então empurrava os meus seios para cima e juntos, mostrando algum decote.

— Vamos lá, Fay! — Layla me puxou da casa da piscina, e eu não pude deixar de rir. Ela era como uma criancinha, animada com um novo brinquedo.

No segundo em que entramos na área da piscina, porém, nós duas congelamos. — Puta merda. — Layla sussurrou.

Braydon e Heath estavam ambos no final da piscina, Braydon rindo e Heath sorrindo. — Irmão, você sabe que não vou competir com você. Que tal pegar uma bola de futebol e ver quem a pode atirar mais longe?

Heath revirou os olhos e Bray riu. — Exatamente!

Eu não pude deixar de olhar enquanto eles jogavam golpes um no outro. Ambos os corpos deles eram... surpreendentes. Heath era mais alto e mais largo nos ombros do que Braydon, mas ele era um nadador, então eu sabia que sua parte superior do corpo devia ser ridiculamente forte, e isso mostrava.

Ambos os meninos tiveram o indício de abs que se tornou mais proeminente enquanto eles flexionavam, com o entalhe de seus quadris exibindo um extravagante, tonificado e atraente V que desaparecia sob seus shorts de natação.

— Eu tenho certeza que os adolescentes deveriam estar cobertos de acne e cheios de constrangimento. — Lay sussurrou.

— Eles obviamente perderam esse comunicado. — respondi secamente.

Suas cabeças viraram quando nos ouviram do outro lado da piscina. Braydon sorriu amplamente e colocou os dedos na boca, soltando um assobio alto de lobo. — Hey baby, você vem aqui muitas vezes? — Ele disse, seguido de risadas profundas.

Layla levantou o dedo do meio para ele. — Não seja um cretino, garoto rico.

Braydon fingiu agarrar seu coração como se ela tivesse acabado de quebrá-lo, e caiu de lado na piscina, a água explodindo em torno dele. Layla se jogou atrás dele, pressionando a sua cabeça enquanto ele tentava vir à superfície e rindo de forma maníaca.

Heath caminhou ao redor da piscina, um sorriso raro no rosto. — Algumas reuniões e os dois pensam que são irmãos. — Eu comentei, tentando evitar olhar para ele, porque toda vez que eu o fazia, apenas olhava com admiração.

Heath riu. — Eu não acho que Bray a veja dessa maneira.

Eu queria perguntar o que ele queria dizer, mas antes que pudesse, ele pegou minha mão e me levou para os degraus que desapareciam na piscina. Entrei ao lado dele, a água estava legal, mas não fria, mais como o calor de um banho depois de sair. Agarrei a mão de Heath com mais força enquanto ele me fazia caminhar mais e mais, a água subindo até à minha cintura e meus pés começando a flutuar do chão.

A água espirrou ao nosso redor, e o ar se encheu de riso quando Bray e Layla continuaram sua batalha épica pelo domínio.

Dei um passo para trás, mas ele passou os braços em volta da minha cintura e me segurou.

— Estás bem. Eu estou bem aqui. — Ele sorriu para mim, era reconfortante e eu não pude deixar de sorrir de volta.

— Você é sempre tão sério, mas aquele sorriso não deixou sua boca desde que você entrou aqui.

Eu gritei quando ele me levantou e pressionou minhas pernas para que elas enrolassem em volta de sua cintura. Meus braços foram direto para o seu pescoço, e me agarrei a ele como um macaco. Ele entrou mais na água.

— Heath, pare. — Eu avisei quando os seus pés deixaram o chão e ele nos manteve flutuando puramente por sua própria força. A água me fez sentir leve, e logo ele nem precisou me segurar, usando os braços para pisar a água.

— Heath... — O aviso foi mais duro agora enquanto eu olhava para ele em choque, percebendo o quão longe estávamos do lado da piscina.

— Você está com medo? — Ele perguntou, apenas um pouco sem fôlego, enquanto trabalhava para nos manter à tona.

Eu estava com medo?

— Não realmente.

— Por que não?

Eu sabia a resposta que ele estava procurando, eu podia ver nos olhos dele e no rosto dele. Ele queria que eu dissesse isso. Ele sabia que já era verdade.

— Porque eu confio em você.

CAPÍTULO QUATORZE

Sentei na beira da piscina, meus pés balançando na água. Estava começando a ficar tarde agora, e eu sabia que teríamos que ir para casa.

A Bayward Street se tornou a minha casa. A tenda em que dormia e as pessoas que me rodeavam eram um conforto que eu gostava. Mas pela primeira vez em muito tempo, temi voltar lá.

Heath saiu da água ao meu lado e enfiou os cotovelos no concreto. — Este é o meu lugar, na água. — inclinei a cabeça, olhando para ele questionando. Ele riu. — Você mencionou que eu não conseguia parar de sorrir desde que chegamos à piscina. É porque aqui na água é onde eu amo ficar.

Assentindo em compreensão, estendi a mão e arrumei um pouco de cabelo molhado para longe de sua testa. — Você é incrível nisso, eu vejo porque você ama isso.

— Fay? — Olhando por cima do meu ombro, eu vi Layla com uma toalha enrolada em volta dela. Bray estava atrás dela franzindo o cenho. — Nós provavelmente deveríamos ir.

Balancei a cabeça, empurrando o medo concreto. Heath saiu da piscina apenas usando os braços e, por um momento, apenas observei e apreciei o modo como os seus músculos se arqueavam com o esforço.

— Mudem-se e eu dou-vos uma carona, meninas.

— Nós podemos…

Heath me observou com um olhar agudo, e eu fechei a boca, murmurando um silencioso. — Ok, — enquanto eu seguia Layla de volta para a casa da piscina para me vestir. A sala ficou em silêncio enquanto nos secamos e vestimos as nossas roupas.

— Você não quer voltar, não é? — Layla perguntou baixinho enquanto me observava tirar a água do cabelo. Não era uma acusação, era quase como se ela estivesse esperando que eu dissesse a ela que poderíamos ficar. Talvez para sempre.

Layla estava nas ruas há mais tempo do que eu. Ela viveu esta vida por tanto tempo que eu me perguntei se ela iria deixá-la. Mas agora eu podia ver que ela se sentia exatamente como eu.

— Eazy me disse que sabia que Braydon e Heath estariam na festa. — Eu disse a ela. — Ele disse que esperava que isso me fizesse ver que havia algo melhor lá fora. Ele queria que eu lutasse por algo mais do que apenas estar confortável com o que tínhamos.

Ela olhou para os pés, amarrando os cardaços dos sapatos devagar. — Não é como se nem todos nós não quiséssemos ter uma casa, e podermos trabalhar e ganhar dinheiro para nos sustentarmos, mas, a esta altura, é tudo o que sei, Fay.

— Mas não tem que ser. — A exaustão estava me atingindo agora. Eu tinha chorado pelo meu amigo e agora eu estava acabada, tinha superado. — Estamos lá todos os dias, arriscando as nossas vidas apenas para viver.

Ela balançou a cabeça. — Eu sei, mas você pode realmente se ver se afastando dos outros? Eles precisam de nós, da mesma forma que nós precisamos deles. Nós sobrevivemos porque nos unimos. Protegemos uns aos outros e nos elevamos quando sentimos que queremos desistir.

Ela estava certa. Eu não podia me afastar das pessoas que ficaram comigo por tanto tempo e apenas esquecê-las. Eles estavam lá por mim, e eu não desistiria e os deixaria no frio só para poder pensar em mim mesma.

Eu andei e passei meus braços em volta do seu pescoço, dando-lhe um abraço apertado. — Vamos. Vamos para casa.

A viagem de volta para a cidade foi lenta e silenciosa. Deitei a cabeça no ombro de Layla no banco de trás e os meninos sentaram-se na frente. Havia tensão no carro, eu podia sentir isso. Não sabia exatamente o porquê, no entanto.

A algumas ruas de casa bati no ombro de Heath. — Apenas deixe-nos sair aqui, podemos andar. — Ele olhou para mim no espelho retrovisor. Eu implorei com os meus olhos para ele parar e nos deixar sair. Eu rezei para ele não insistir.

Aparecer na Bayward Street com eles era um estresse desnecessário que não tinha certeza se estava preparada para enfrentar briga. Kyle ainda estava chateado com as coisas com Eazy, e com ele já se sentindo irritado e farto, eu sabia que ver Braydon e Heath apenas alimentaria o fogo que estávamos lutando tanto para manter sob controle.

Ele estacionou o veículo em um ponto de ônibus, o que funcionou a meu favor, pois eu sabia que isso teria que ser rápido para que ele pudesse seguir em frente. Layla saltou com o violão na mão e Braydon abaixou a janela, conversando com ela em voz baixa.

— Obrigada. — Eu sussurrei, alcançando meus braços em torno do assento na minha frente em uma tentativa desajeitada de um abraço. Inclinando-me para a frente, beijei Heath na bochecha. — Você me salvou de novo hoje. Você pode ter que começar a usar uma capa e umas licras[26].

Eu esperava que ele fosse rir ou pelo menos me dar um sorriso, mas ele estava de volta ao Heath de cara reta que eu conhecia.

— Fica segura. —Foi tudo o que ele disse.

— Eu fico.

Observá-los sair feriu-me mais do que imaginei. Nós não falamos sobre nos vermos novamente, mesmo que nunca tivéssemos planejado isso antes. Eu só tinha que esperar que o universo tivesse um plano, eu acho.

Layla sorriu tristemente quando olhei para ela. — Vamos.

Quando entramos na Bayward Street, percebi que algo estava errado instantaneamente. Layla e eu começamos a andar um pouco mais depressa, gritaria enchendo a rua escura.

[26]Licras - Elastano, licra, laycra, lycra [láicra] ou Lycra é uma fibra sintética de grande elasticidade conhecido por sua excepcional elasticidade. Alusão à roupa do Super Homem.

— Deixe-me sozinho, Lee. — Kyle gritou quando passamos pela cerca.

— Foda-se cara, apenas relaxe.

— O que está acontecendo? Nós podemos ouvi-los gritando no fim da rua.— Eu perguntei quando pulamos entre duas tendas. O peito de Kyle subia e descia, e Lee estava na frente dele com as mãos levantadas em sinal de rendição. O resto do grupo estava espalhado, Andre e Coop olhando entre os gêmeos com os olhos arregalados, e Sketch sentado em silêncio na borda de tudo com o bloco e o lápis. Eu podia ouvir o choro enquanto Phee saia da tenda de Daisy com um olhar furioso no rosto.

— Você está feliz? Ela está chateada agora, graças a você. — Ela cruzou os braços sobre o peito de forma protetora. — Aquela pobre garota passou a vida toda sendo com gente lhe gritando, ela veio aqui em busca de refúgio. Mas agora, ela está de volta àquela casa que pensou que tinha escapado porque você queria fazer uma porra de birra. Parabéns Kyle, você é um babaca.

Fiquei atordoada e simplesmente olhei em silêncio. Ninguém disse uma palavra. Kyle nem se incomodou em se defender, e Lee apenas balançou a cabeça para o irmão, desapontado. Kyle rosnou e chutou o lixo antes de virar e descer estrada abaixo.

Layla colocou a guitarra no chão. — Eu vou. — Ela apertou o braço de Lee antes de saltar através das tendas e correr atrás dele. Lee caiu no chão e pendurou a cabeça entre os joelhos, puxando o cabelo.

Phee soltou um suspiro lento e deixou os braços caírem para o lado. Eu andei até ela e toquei o seu braço, ganhando sua atenção. — O que aconteceu?

O choro silencioso de Daisy partiu o meu coração, ela era a mais nova de todos nós, com apenas treze anos. Nós éramos todos protetores dela. Ela recebeu uma mão ruim, assim como eu, como todos nós.

Seus pais eram o tipo de cristãos que você não queria encontrar na igreja em um domingo. Suas crenças de certo e errado eram todas loucas, e parecia que Daisy nunca faria nada certo. Seus pais encontravam as razões mais estranhas para ela ser punida. Não escovar os dentes antes de ir para a cama, chutar os cobertores em seu sono porque ela estava com muito calor. Eles a fariam se arrepender dos seus pecados da semana anterior todos os domingos à frente de toda a sua procissão, e aparentemente ela não era a única. Todas as outras crianças tinham o mesmo castigo, seus pais acreditavam que isso as tornaria pessoas melhores. Isso me deixou doente.

Eu me abaixei na tenda atrás de Phee. — Daisy, querida. Você está bem?

Ela estava deitada de lado com as pernas dobradas e os braços ao redor dos joelhos. Ela relaxou um pouco quando me viu e me deu um pequeno aceno de cabeça. — Eu não queria surtar. — Ela se desculpou. — Tudo o que fiz foi mencionar Eazy, e ele começou a gritar comigo. — Ela começou a ficar tensa, e eu comecei a silenciá-la, esperando que isso a aliviasse.

Deslizei para cima, então eu estava sentada ao lado de sua cabeça. — Está tudo bem. Não foi culpa sua.

— Ele estava tão zangado. — Ela sussurrou tão baixinho que eu mal conseguia distinguir aspalavras.

— Kyle está apenas estressado, querida. Ele não quis dizer...

— Não Kyle, meu pai. — Ela corrigiu. — Ele estava sempre zangado. Costumava gritar tanto comigo que isso simplesmente se tornou normal. Era estranho ouvi-lo na igreja, conversando normalmente com as outras pessoas. Às vezes me perguntava se o amaria mais se ele falasse comigo desse jeito.

— Oh, Daisy. — Deitada ao lado dela, comecei a acariciar os seus cabelos com os meus dedos, seu corpo relaxando enquanto eu alisava e puxava suavemente quaisquer pequenos nós.

— Você não deveria amar os seus pais? — Ela perguntou, olhando para mim com olhos brilhantes. — Quero dizer, eles nos deram a vida, não deveríamos ser gratos por isso? — Sorrindo gentilmente, eu coloquei o cabelo atrás da orelha. — Meu pai me machucou também, Daisy. Só porque eles nos fizeram, não lhes dá o direito de nos ferir. O amor é conquistado através de lealdade e carinho. Você e o resto deles lá fora não são do meu sangue, mas eu te amo mais do que qualquer família real que eu tinha.

— Eles não dizem que o sangue é mais espesso do que a água?

Eu ri levemente. — Isso é verdade. Mas quando mil minúsculos riachos se juntam, eles formam um rio poderoso.

Daisy sorriu para mim. — Nós somos os pequenos riachos?

Eu sorri de volta. — Claro que não, querida, nós somos o rio.

CAPÍTULO QUINZE

— Estás pronta?

Andre e Coop ficaram do lado de fora da minha tenda esperando pacientemente. Fechei a mochila e joguei por cima do ombro, antes de pegar nos meus patins e seguir os meninos até à cerca. Sentada no passeio, eu os coloquei e os apertei. Andre me deu uma mão para me levantar e nós descemos a rua.

— Daisy não quer vir? — Eu perguntei aos meninos enquanto patinava lentamente ao lado deles.

— Ela precisa de comida, Fay. Você viu como ela ficou magra? — Coop suspirou.

Andre sacudiu a cabeça. — Às vezes me pergunto se ela estaria melhor se arriscando com a polícia e o sistema de adoção.

Eu balancei a cabeça, concordando um pouco com a observação dele. Daisy estava em uma idade em que precisava de muita nutrição e, como já era pequena, a falta de comida quase a transformava em pele e ossos. — Nós vamos encontrar algo e trazer de volta com a gente. É tudo o que podemos fazer no momento.

Fazia uma semana desde a última vez que vi Heath. Minha mente não parou de pensar nele, e toda vez que eu ouvia um barulho ou via um carro parecido com o dele, meu coração começava a disparar. Mas nunca era ele.

Nós estávamos indo para o shopping, Layla estava com Phee fazendo apresentações lá fora, então íamos encontrá-las lá. Quando chegássemos lá, seria logo depois da hora do almoço, o que significava que as pessoas saíam da praça de alimentação e voltavam para o trabalho. As placas de meia comida nunca eram limpas imediatamente, então era a nossa melhor chance para uma refeição no momento.

Alimentar os nove de nós tinha o seu preço, em qualquer tipo de dinheiro que nos era dado. Mesmo com Eazy morto, isso não melhorava as coisas. Se alguma coisa, nós lutávamos mais do que antes, porque ele não estava lá para nos empurrar junto com a sua atitude de *vai correr tudo bem*.

Eu tinha garrafas de plástico vazias na minha bolsa que eu encheria com água dos banheiros, o que nos manteria por um tempo, e pelo menos sabíamos que era boa água e não nos deixaria doentes.

A caminhada até ao shopping nos levou apenas mais de uma hora. Ouvi a voz de Layla e a batida de seu violão antes de avistá-la. Phee sentava-se a seus pés, segurando uma placa de papelão pedindo dinheiro ou comida. Nós não nos importávamos com o que eramos. Às vezes, as pessoas preferiam comprar comida para nós, em vez de nos dar dinheiro, simplesmente porque temiam que o dinheiro fosse simplesmente para consumir drogas ou álcool.

Layla terminou a sua música quando nos aproximamos e começou a guardar sua guitarra. Vi alguns dólares dentro do seu estojo e ela sorriu para mim com tristeza, pois ambos sabíamos que não era muito. Phee era

o mesmo, jogando suas poucas moedas e algumas notas de dólar dentro do estojo antes de Lay fechar.

— Vamos ao bufê. — Andre disse com entusiasmo enquanto caminhávamos para dentro.

Revirei os olhos, mas ele não estava errado. Isso era basicamente o que era. Reuníamos as sobras dos pratos das pessoas, formando uma mistura de todos os diferentes tipos de restaurantes que estavam na praça de alimentação, depois sentávamos e pegávamos o que queríamos, arrumando o resto para levar de volta para os outros.

Era uma longa caminhada para obter um pouco de comida em nossos estômagos, mas quando suas opções são escassas você faz o que tem que fazer. Tentamos ser discretos enquanto caminhávamos e enchíamos nossas bandejas com a sobra de comida, para que a segurança não notasse e tentasse nos expulsar.

Nós achamos uma barraca que era mais escondida que a área de comida aberta e juntamos as nossas refeições. Meu estômago se deleitou em finalmente ter algo dentro dele. Eu não me importava se a comida estava fria ou se as pessoas passavam olhando. Eu precisava tanto disso, todos nós precisávamos. Comemos em silêncio antes de Layla encontrar alguns recipientes descartados e os enchesse com as sobras para levar para casa.

Lee e Kyle estavam trabalhando horas fixas para o tio, estocando comida e álcool no fundo do seu clube por algumas horas no período da manhã, e ele estava pagando-os o transporte de ida e volta . Eles tinham

um pouco de dinheiro em suas mãos, mas não era muito, nem o suficiente para ajudar a todos nós, então ficamos por conta própria por enquanto.

Fiquei imaginando o que aconteceria quando completassem dezoito anos e o seu tio lhes oferecesse um emprego de verdade com salários constantes. Eles poderiam ter recursos para um lugar para viver, e todos nós seríamos deixados para trás? Algumas semanas atrás eu teria dito não com certeza, mas Kyle ainda estava agindo de forma estranha e não falava com ninguém sobre o que estava acontecendo, nem mesmo Lee.

Entrando no banheiro enquanto nos dirigíamos para a porta, Layla e Phee ajudaram-me a encher as garrafas plásticas com água e as enfiar dentro da bolsa. Estavam muito pesadas agora, mas eu era a única que não estava andando, então era mais fácil carregar a carga.

Ouvi mais gritos antes de chegarmos à esquina da Bayward Street. — Deus, não de novo.

— Isso não soa como Kyle. — Layla olhou para mim preocupada, e eu joguei minha bolsa para Andre, me empurrando para frente e patinando o mais rápido que pude. Os passos pesados dos outros suavizaram atrás de mim quando me inclinei na esquina. A visão à minha frente quase me fez tropeçar enquanto eu lutava para parar.

Eu parei em um poste de luz antes observar o grupo de homens em pé na calçada.

— Fable, corra! — gritou Lee do outro lado do carro da polícia, enquanto ele e Kyle não podiam fazer nada além de observá-los arrastando Daisy para longe e forçando-a a entrar no banco de trás do

carro. Sketch estava lutando com dois outros oficiais, amaldiçoando-os para irem para o inferno.

No momento em que a minha mente percebeu o que estava acontecendo e se virou para correr, alguém me agarrou pela cintura e me puxou de volta. Eu lutei contra ele, olhando para cima bem a tempo de ver Andre deixar cair a sacola cheia de água e desaparecer ao virar da esquina. Minhas mãos foram empurradas violentamente para as minhas costas e eu fui forçada contra um prédio, meu rosto pressionado contra o tijolo de concreto frio.

Layla e Phee ficaram olhando horrorizadas, com os olhos arregalados e começando a inundar-se de lágrimas, enquanto Coop se atirava contra um policial que tentara correr a pé atrás de André.

Era uma bagunça. Eu podia ouvir Daisy chorando quando o policial me empurrou em minhas rodinhas em direção a um dos carros.

Lee e Kyle estavam gritando para eles nos deixarem sozinhos, que não havíamos feito nada de errado. Mas a polícia sabia exatamente quem eles queriam. Eles escolheram todos nós que eramos fugitivos.

— Layla, — eu chamei, o seu rosto se levantou enquanto ela procurava por mim. — O bolso lateral da minha bolsa, pegue o cartão, rápido!

Ela mexeu na minha bolsa, abrindo o zíper e tirando um pequeno pedaço de papelão. Ela correu até mim e colocou no bolso de trás da minha calça jeans antes do policial pressionar minha cabeça e me guiar até o banco de trás do carro.

A porta se fechou e me virei para Daisy, que estava chorando baixinho ao meu lado. — Daisy, está tudo bem. Nós vamos ficar bem.

Ela não parou de chorar, mas eu não podia culpá-la. Como íamos sair dessa eu não tinha a certeza, mas ia tentar.

Eu não voltaria para eles, nunca. Eles poderiam me prender e jogar fora a chave, mas eu nunca voltaria lá sem uma luta.

Eu avistei os rostos tristes dos meus amigos quando nos afastamos.

Coop estava sendo contido, mas, até onde eu sabia, Andre conseguira fugir. Pelo menos um de nós ainda estava seguro.

O que as pessoas não entendiam era que nem todos os fugitivos saíam de casa porque estavam se rebelando contra os seus pais, ou porque queriam viver uma vida de independência, drogas e bebida sem ter que responder a alguém.

Todos nós tínhamos histórias diferentes, mas o fator comum com os meus amigos e eu era que fugíamos porque ninguém nos ajudava ou nos protegia, então, no final, tínhamos que nos proteger.

— Você já ligou para os meus pais? — Eu perguntei em voz alta.

A policial no banco do passageiro se virou para mim. — Nós vamos chamá-los quando voltarmos para a estação.

— Posso fazer uma ligação para o meu advogado primeiro?

— Você acha que precisa de um advogado? — Ela perguntou curiosa. — Não é provável que você seja cobrada, apenas voltar para casa em condições restritas.

Eu sabia que ela estava tentando me fazer sentir melhor sobre a situação, mas ela não entendia, não era deles que eu achava que precisava de proteção. — Considerando que o meu pai me disse que ele ia me matar da última vez que o vi, eu realmente preferiria ter um advogado.

Ela ergueu as sobrancelhas e por um segundo, vi um lampejo de simpatia. Aparentemente algumas pessoas dentro da lei entendiam. — Sim, querida, vou ver o que posso fazer.

— Eu assenti. — Obrigada.

Ela me deu um sorriso gentil e se virou de volta.

A Delegacia de Polícia de Los Angeles era enorme e estava lotada de pessoas. Alguns gritavam e berravam, alguns ficavam em silêncio esperando que os seus entes queridos fossem libertados. Era caótico.

A policial, que se identificou como Lena, pegou Daisy e eu e nos dirigiu através da multidão. Era um labirinto de corredores e elevadores, quando chegamos a um pequeno escritório no terceiro andar do prédio. O oficial do sexo masculino estava do lado de fora da porta quando ela nos sentou e abriu as nossas algemas.

— Eu vou te dar cinco minutos para fazer a sua ligação, mas eu vou sentar aqui e conversar com a sua amiga enquanto você liga. — Eu balancei a cabeça e olhei para Daisy, que estava obviamente tremendo.

— Ela é…

— Tudo bem, mamãe urso, eu só vou conversar com ela. — Lena sorriu e se agachou ao lado de Daisy, falando suavemente.

Eu corri para puxar o cartão do meu bolso, grata por ter me lembrado de Heath dando para mim, e desde então tive a certeza de levá-lo comigo em todos os lugares. Algumas vezes na última semana, eu tive que lutar contra o desejo de ir ao telefone público mais próximo e ligar para o número para ver se eu poderia falar com ele, mas não consegui.

Discando o número, soltei um suspiro aliviado quando começou a tocar.

Eu bati o meu pé com impaciência, cantando a palavra pega, pega, pega, várias e várias vezes na minha cabeça.

— Olá?

Meu corpo estremeceu. — Braydon?

— Fable? O que está acontecendo?

Eu ri, mesmo que a situação não fosse nada engraçada. — Eu estou no centro da polícia de Los Angeles na 6th Street.

Ele não perdeu uma batida. — Nós estaremos aí em breve. — Ele correu com urgência. Eu podia ouvi-lo chamando Heath ao fundo.

— Braydon... — eu chamei, esperando que ele ainda pudesse me ouvir... — ...você vai ter que pedir por Keira Campbell. — Eu quase esqueci que nunca disse a eles o meu nome verdadeiro.

— Entendi. Aguenta firme, Jailbait[27].

[27]Jailbait- Uma rapariga menor de idade mas que aparenta, veste e age como se fosse maior de idade.

A linha ficou muda e eu esperava que Braydon soubesse o que estava fazendo. Ele podia ser esquisito e um pouco louco, mas ele não era idiota, então isso me dava esperança.

— Realmente não soou como um advogado. — Lena riu.

— Não era. — Mostrando-lhe o cartão na minha mão, eu tive um pequeno prazer em ver seus olhos se arregalarem de surpresa quando ela leu o nome. — Eu só estou esperando que ele traga a sua mãe.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Lena nos manteve em seu escritório, mesmo quando outro policial protestou e exigiu que fossemos levados para uma cela de detenção.

Ela me perguntou sobre meus pais e onde eu morava antes de ir para as ruas. Eu respondi suas perguntas mesmo sabendo que ela já tinha lido meu arquivo. Ela apenas balançou a cabeça enquanto expliquei brevemente o que tinha passado, informando a ela mais de uma vez que não voltaria lá, não iria voltar para eles.

Era um desejo de morte, igual ao que estava preocupada.

— Por que você nunca contou a alguém? Uma professora ou alguém em quem você confia? — perguntou ela, recostando-se na cadeira do escritório. Daisy ainda estava sentada quieta no canto, as lágrimas ainda escorrendo em suas bochechas. Ela se recusou a responder qualquer pergunta, eu acho que quando se é criado para você manter sua boca fechada em momentos de estresse, você sempre volta para o que parece normal.

Mas eu não ia mais esconder minha dor. — O que aconteceu comigo foi exatamente a razão pela qual eu não falei. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, aquele juiz ainda me mandou de volta para eles sem sequer pensar duas vezes.

Lena assentiu. — Sim. Você está certa. Algo deveria ter sido feito. Sinto muito que você foi decepcionada assim.

Houve uma batida na porta e meu corpo ficou tenso. Algo no ar havia mudado e a necessidade de vomitar queimava no fundo da minha garganta.

A porta se abriu e uma voz falou baixinho: — O pai de Keira está aqui.

Peguei a lixeira ao lado da escrivaninha, e vomitei ao pensar em ver Greg Campbell. Lena esfregou minhas costas suavemente, me acalmando com sons suaves.

— Fique aqui com a jovem, enquanto eu lido com isso. Os serviços de proteção à criança devem estar aqui em breve para falar com ela. — explicou Lena, pegando meu braço e me ajudando a ficar de pé.

— Fable... — Daisy gritou, pulando de sua cadeira e me segurando. O medo brilhou através da humidade em seus olhos. — Por favor não vá. Eles vão me fazer voltar. Por favor...

Puxando-a, eu a embalei no meu peito e acariciei seu cabelo. — Você ficará bem. Eu prometo que você não vai voltar lá, — eu sussurrei, olhando por cima da cabeça para onde Lena assistia. Havia tristeza em seu olhar enquanto ela observava a jovem implorar através de suas lágrimas.

Outra mulher entrou pela porta, mas não usava uniforme da polícia. — Esta é Sarah, nossa conselheira de jovens. Você vai ficar com ela até eu voltar. Eu não vou demorar muito, eu prometo. — A senhora, Sarah, olhou para nós duas com um sorriso gentil, estendendo a mão para Daisy.

— Ninguém vai a lugar algum. Podemos apenas sentar aqui se você quiser até que sua amiga termine. — Sua voz me aqueceu e Daisy

começou a relaxar em meus braços, sua mão trêmula estendeu e agarrou a de Sarah. Daisy me deu uma última olhada antes de se afastar e eu tentei tranquilizá-la com um sorriso.

Lena me guiou pelo labirinto de corredores, eu fui atrás dela, minha mente flutuando lembrando da última vez que vi meus pais.

A porta finalmente se abriu e eu olhei para cima para ver minha mãe parada em silêncio no lugar. Nossos olhos se conectaram imediatamente, e eu vi as lágrimas que estavam reunidas no fundo, sendo seguradas lá apenas por seus cílios grossos.

— Keira. — ela sussurrou com uma voz sofrida. Eu não respondi a ela, não tinha nada a dizer. O que você diz para alguém que não tem coragem de se levantar e proteger você? Quem ficou ao lado e ajudou em seu fim? Nada. Você não diz nada.

— Sra. Campbell, sou Mallory Leighton, advogada de Keira. Elas apertaram as mãos delicadamente.

— Claro, é bom conhecê-la. — minha mãe disse em sua voz calma e sussurrante. Eu nunca soube de uma vez que ela falou mais alto que esse volume.

— Espero que esteja tudo bem, mas o tribunal me deu permissão para entrar e verificar se tudo está em ordem para o retorno de Keira. Eu também tenho alguns documentos que precisam da sua assinatura. — a Sra. Leighton explicou muito profissionalmente.

— Claro, entre. Meu marido acabou de ir na loja por um momento. — disse minha mãe, abrindo a porta amplamente para nos permitir

entrar. Eu estreitei meus olhos para ela, meu pai indo para a loja? Isso foi uma piada. Ela evitou encontrar meu olhar.

— Tudo bem, apenas a sua assinatura vai ficar bem.

Caminhei até à cozinha, onde a sra. Leighton passou a espalhar papelada na mesa da cozinha.

— Vou por isto no meu quarto. — eu disse a ela. Ela sorriu para mim antes de começar sua explicação para a minha mãe sobre o que precisava ser feito.

Eu rapidamente fiz meu caminho pelo longo corredor. Meu quarto se parecia exatamente do jeito que eu deixei. A única coisa que mudara era que minhas roupas sujas tinham sido recolhidas, lavadas e colocadas em uma pilha bem dobrada na cama. Eu fechei a porta de forma que ficasse entreaberta, e rapidamente puxei minha mochila do armário. Eu misturei um par de roupas, roupas íntimas, apenas o essencial, e também mudei para um confortável par de calças de moletom com uma camiseta e um agasalho. Se eu tivesse que correr, precisava de algo confortável para me mudar.

Abri a janela o mais silenciosamente possível e me inclinei, deixando cair a mochila na grama. Satisfeita, fechei tudo de novo e fiz meu caminho de volta para a cozinha, onde minha mãe e a sra. Leighton conversavam em voz baixa.

— Tudo bem, Keira? — A Sra. Leighton perguntou, olhando para mim com curiosidade. Eu balancei a cabeça e torci minhas mãos

nervosamente. — Tudo bem, tudo está em ordem aqui. Parece que é hora de ir embora.

Mostrei-lhe a porta, onde ela me envolveu em seus braços.

— Fique forte, Keira. Eu vou fazer todo o possível para tirar você daqui, — ela sussurrou em meu ouvido, bem ciente da minha mãe que estava de pé para nos observar. Observei-a andando pela calçada e subindo em seu carro antes de fechar a porta e me virar para minha mãe, que agora tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

Eu queria acreditar nela, confiar que faria o que pudesse para me ajudar a escapar desse buraco infernal que era minha casa. Mas eu acabei confiando nos outros para lutar por mim. Até agora, tudo o que fizeram foi me decepcionar e me devolver ao meu agressor. Eu não podia confiar neles para me ajudar agora.

Eu ia me ajudar.

— Keira... — ela começou, mas eu a cortei com um rápido chicote da minha mão. — Não. Você não pode mais dizer nada para mim. Você não é minha mãe. Você não é minha família. Você NÃO É NADA. Você entendeu? — Eu gritei, apontando meu dedo para ela acusadoramente.

— Você sabe como ele fica, Keira. — Ela chorou, soluçando agora. — Não havia nada que eu pudesse fazer.

— Você sabe o quê. Papai estava certo. — Seus olhos se arregalaram de choque, e ela tropeçou para trás ao meu comentário. — Ele estava certo. Você é patética.

Eu passei por ela e me dirigi para a sala de estar. Foi quando eu ouvi isso. O som de um carro subindo a calçada. Uma porta se fechou e passos pesados atingiram o concreto.

Empurrei meus ombros para trás, respirei fundo e endureci meus olhos. Eu podia ver o olhar de medo cruzar o rosto da minha mãe enquanto ela estava parada do lado de dentro da entrada.

Merda estava prestes a se tornar real.

Eu nunca me lembro de uma época na minha infância ou adolescência que fiquei animada ao ouvir o som do meu pai chegando em casa. Ele nunca foi carinhoso comigo, nunca me trouxe para casa pequenos presentes, ou mesmo me reconheceu quando entrou pela porta. Mas desta vez eu sabia que ele iria, e seria pelas razões erradas.

A porta se abriu com força, e uma voz estrondosa saudou-me de volta para as profundezas do inferno: — Bem-vinda em casa, sua puta! — Meus pés me levaram para trás enquanto eu lutava contra eles, querendo que eles me ajudassem a resistir. Eu estava mais forte agora, sabia que estava. Mas isso não mudava o fato de que Greg Campbell pesava provavelmente três vezes o meu peso, e sem dúvida planejava esse momento desde que eu enfiei aquela faca em seu estômago gordo e preguiçoso.

Ele me viu e no instante em que o fez, a cor drenou do meu rosto. Eu podia senti-lo pálido, e eu sabia que ele podia ver o medo passar pelos meus olhos. Isso o excitou, forçou um sorriso nojento em seu rosto quando ele deixou cair a sacola de compras que estava carregando e me cercou.

Mesmo sem falar, eu podia sentir a raiva que começou a encher a sala como uma névoa sinistra, seus olhos enviando-me uma promessa sombria que eu esperava como o inferno nunca seria cumprida. — Você está com medo, não está? Você está se perguntando se este é o último suspiro que você vai tomar. Você está apenas esperando por mim para atacar.

Eu engoli contra o nó na garganta.

Sua risada me fez pular, e ele de repente se afastou, andando de volta pelo corredor e recolhendo a sacola de compras em seus braços. — Está te torturando, não saber o que vou fazer. Mas você sabe que mais? Vou deixar que seja uma surpresa. — Ele estava tão calmo, era assustador, e cada parte do meu corpo gritava para eu correr. Mas eu não estava prestes a dar-lhe a satisfação.

— Eu vou para a cama. — forcei-me a dizer.

Ele assobiou casualmente enquanto levava seu saque para a cozinha. Ele amava isso. Ele ganhou e ele tinha um plano, e acho que foi o que mais me assustou. Antes, ele era apenas um babaca furioso que não conseguia controlar seu temperamento. Agora ele era um idiota zangado calculado que teve tempo para pensar, e revisou todos os cenários possíveis em sua minúscula mente sobre como iria se vingar.

— Ah sim, aproveite esses sonhos. Um dia eles serão seus últimos.

— Keira.

O som de sua voz era exatamente como eu me lembrava. Profundo, autoritário e seguro de si.

Eu queria dizer-lhe para ir à merda, gritar com ele e jogar coisas, mas em vez disso meu corpo congelou e eu era aquela garotinha de novo. Aquela que não temia que ninguém acreditasse nela se ela falasse, aquela que se sentia tão sozinha porque nem mesmo sua própria mãe se aproximaria e a protegeria.

— Vamos levá-la para casa, Keira. — Outros podem não ter percebido, vendo suas palavras como um pai preocupado que queria sua filha de volta. Mas eu o conhecia melhor. Sua raiva não se foi, quando muito, eu fugindo, tinha alimentado o fogo ainda mais.

— Sinto muito, Sr. Campbell. Você terá que aguardar. Keira ligou para sua advogada, e os serviços de proteção à criança estão a caminho. — Lena disse a ele, sua voz calma e uniforme quando colocou a mão nas minhas costas em uma demonstração de apoio.

Meu pai grunhiu como o cretino que ele era. — A Child Protection Services nos investigou antes dela fugir e não encontrou nada. É um desperdício de recursos. E como ela planeja pagar por um advogado?

— Ela não precisa, eu vou estar fazendo isso de graça. — Os saltos de Helen Carson cortaram o chão quando veio para ficar ao meu lado. Eu inalei lenta e profundamente pelo nariz, liberando o ar da minha boca em um longo e lento fluxo.

Greg Campbell olhou para as duas mulheres de cada lado de mim, seu lábio aparecendo em desgosto. Ele era um misógino[28], acreditando firmemente que as mulheres não deveriam ser ouvidas.

— Oficial Dunlore, você poderia, por favor, mostrar ao Sr. Campbell um lugar enquanto ele espera que o CPS chegue aqui. Eles vão querer falar com ele, — Lena ordenou alegremente, e um oficial da polícia veio e o mandou embora.

Ele estava fervendo, seu corpo rígido e se contorcendo de raiva. Mas ele não quebraria a fachada. Apenas não era ele.

Virando-se para olhar para Helen, não pude deixar de sorrir. — Obrigada por ter vindo. — Ela estendeu a mão e passou a mão sobre o meu cabelo, deslizando-a para baixo e segurando o meu rosto. — Você não vai voltar lá. Eu prometo.

Lágrimas queimavam nos meus olhos e eu lutei para mantê-las afastadas. — Eu espero que você esteja certa, porque desta vez, eu sei que não haverá escapatória.

Seu rosto se encheu de tristeza antes de dar uma olhada direta com um olhar de determinação. — Fable, eu preciso que você confie em mim, ok?

Mastigando meu lábio inferior, eu me perguntei se poderia ser assim tão mau confiar que alguém me protegia. Eu avistei Heath e Braydon por cima do ombro de Helen, e Heath deu um passo em minha direção

[28]Misoginia é o ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. A misoginia pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a exclusão social, a discriminação sexual, hostilidade, androcentrismo

quando nossos olhos se encontraram. Eu confiei em Heath, ele me fez sentir segura, protegida. Quando ele baixou a cabeça e acenou para sua mãe, eu sabia que podia ler exatamente o que estava passando pela minha mente.

Eu respirei fundo. — Ok, eu confio em você.

CAPÍTULO DEZESSETE

Lena nos levou a uma sala privada onde ela se sentou comigo e com Helen, enquanto discutíamos nossas opções. Elas me fizeram repassar os detalhes da minha infância, como haviam sido, por quanto tempo essas coisas estavam acontecendo e, por fim, por que decidi fugir. Não me foi difícil explicar, embora cada palavra ainda deixasse um gosto horrível na boca. Elas gravaram tudo o que foi dito, planejando entregar a gravação para o CPS quando terminamos.

Lena parou a gravação e eu respirei fundo, deslizando na cadeira e pendurando a cabeça. — O quê, agora? — Eu perguntei, exaustão tomando conta do meu corpo.

— Essas coisas podem levar tempo, Fable. — explicou Helen com um sorriso gentil. — Precisamos dar essa informação ao CPS para que eles possam investigar.

— Isso significa que eu posso ir para casa? — Considerando o olhar que elas deram uma à outra ao meu pedido, eu ia tomar isso como um não.

— Fable… — Helen se dirigiu a mim suavemente, — …eu vou fazer uma sugestão. Eu quero que você pense com muito cuidado sobre isso, porque uma vez que nós o colocamos para um juiz e recebermos uma ordem judicial, você terá que seguir com isso.

Engolindo com força, eu acenei para ela continuar.

— Enquanto o CPS está investigando, eles não vão deixar você voltar para as ruas e apenas esperar. O tribunal colocará você em uma casa temporária até que possa decidir se é seguro ou não retornar a seus pais. — Sua explicação foi lenta e deliberada como se ela quisesse que eu ouvisse cada palavra que ela dizia. — Eu quero oferecer-me para ser sua cuidadora temporária.

Meus olhos se arregalaram e eu lentamente me levantei, minhas costas retas como uma vara. — Q-que significa isso?

— Isso significa que se um juiz concordar, você iria e ficaria com os Carsons até que uma data de audiência seja marcada e uma decisão possa ser tomada, — explicou Lena com um sorriso encorajador. — Pode levar meses antes de ser apresentado a um juiz.

Oprimida e chocada, eu não consegui encontrar nenhuma palavra.

Helen se levantou e caminhou ao redor da mesa, ela virou minha cadeira e se agachou na minha frente com as mãos nas minhas pernas. — Fable, *vou* mantê-la segura e fazer o que estiver ao meu alcance para ter certeza de que você tem tudo o que precisa. Você pode voltar para a escola, você pode ser uma adolescente normal, que não tem que lutar por sua vida todos os dias. Você quer isso?

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas. Era isso que eu queria?

Finalmente ter alguém disposto a lutar por mim?

Finalmente ter as oportunidades de me melhorar e ter um futuro que não envolvesse um emprego das nove às cinco repondo prateleiras, porque nunca recebi um diploma de ensino médio?

Os rostos dos meus amigos passaram pela minha mente, e o meu coração parou por um momento, enquanto pensava sobre a ideia de deixá-los se defenderem enquanto eu vivia uma vida que a maioria de nós só tinha sonhado.

— Você tem que ajudá-los também. — Minha voz quebrou em um sussurro e Helen inclinou a cabeça com curiosidade.

— Quem, querida?

— Meus amigos... eles precisam de ajuda também. Eu não posso simplesmente ir embora e deixá-los sem saber que eles vão ficar bem. — Helen assentiu em compreensão enquanto eu estava em lágrimas.

— Nós vamos encontrar uma maneira de ajudá-los, eu prometo. — A honestidade encheu seus olhos, e eu sabia que ela realmente faria o que pudesse para ter certeza de que eles ficariam bem.

— Tudo bem.

Seu rosto se iluminou e ela se levantou, oferecendo-me a mão. Eu peguei, e ela me puxou da minha cadeira e cruzou os braços em volta do meu corpo. Meu corpo endureceu por um segundo, mas eu finalmente relaxei para ela, aquecendo-me em seu calor e compaixão.

Eu me senti segura com ela. Eu confiei nela.

— Vou colocar por escrito e com sorte conseguimos que um juiz possa assiná-lo dentro de algumas horas. — disse Lena alegremente enquanto nos observava. Ela reuniu todas as pastas e documentos que continham todas as minhas informações e tirou o gravador da mesa. —

Vamos, eu não posso deixar você sair ainda, mas há uma sala de estar da família tranquila no andar de cima, onde você pode esperar até lá.

Heath e Braydon já estavam nos esperando no andar de cima. Lena nos guiou antes de se desculpar e eles correram para a frente.

— O que está acontecendo? — Perguntou Heath a sua mãe.

O quarto era pequeno mas confortável. Havia dois sofás, uma máquina de água e uma pequena mesa cheia de revistas.

Passei por eles e desabei em um dos sofás, oprimida pelo que estava acontecendo.

— Mãe. — ele solicitou novamente.

— Estamos esperando para ver um juiz. — ela respondeu. — Mas estamos esperançosas de que o juiz concordará em nos deixar levar Fable para casa connosco.

Tanto Heath e Braydon se viraram, olhando para mim com os olhos arregalados.

Não demorou muito antes de um sorriso crescer no rosto de Braydon. — Como um cachorrinho novo!

— Cale a boca, Bray. — Heath repreendeu seu irmão.

Eu ri. Mas Braydon não estava longe da verdade. Eu era como um cachorrinho descartado, e eles vieram resgatar-me de ser abatida. O pensamento me fez estremecer.

— Desculpa, Fable. — Braydon ofereceu, vendo minha reação. — Então, o que isso significa?

— Não podemos saber até que o juiz veja o plano. — ela disse.

— Mas... — Heath questionou quando veio se sentar ao meu lado. Eu sentei na cadeira e virei a cabeça para o lado.

— Mas, esperamos ganhar a custódia até que Fable tenha dezoito anos. Quando ela tiver dezoito anos, terá o direito de escolher seu próprio caminho. — Abaixei minha cabeça e meus olhos se encontraram com os de Helen.

Eu não respondi, mas sabia que ela não estava esperando por uma resposta. Apenas sorriu e foi até ao bebedouro para encher um copo de água.

Tentei não deixar suas palavras entrarem na minha cabeça, mas nas horas seguintes, elas eram tudo em que conseguia pensar. Ela e Braydon desapareceram em algum momento para comprar comida e deixaram Heath e eu sozinhos.

Eu sabia que ele não iria se sentar em silêncio. — Como você está se sentindo?

Suspirei dramaticamente. — Como se eu estivesse enfrentando o pelotão de fuzilamento.

Ele estendeu a mão pelo sofá, sua mão envolvendo a parte de trás do meu pescoço. Eu me inclinei em seu toque, buscando o conforto que só ele parecia ser capaz de dar. Helen tinha-me abraçado, então Bray teve um momento em sua excitação por possivelmente me levar para casa com eles, mas nada parecia tão bom quanto estar assim com Heath.

— Mamãe é a melhor advogada por aí. Se houver uma maneira de levar você para casa, ela vai encontrá-la.

Eu assenti. — Eu continuo pensando em meus amigos. Eu preciso ajudá-los. Não quero deixá-los no frio.

— Mamãe disse que ajudaria?

— Sim.

— Então você precisa confiar que ela vai manter a sua palavra. Confiança.

Essa palavra novamente.

Tão simples, mas tão significativa.

Uma simples palavra poderia salvá-la, mas, ao mesmo tempo, teria o poder de deixá-la de joelhos se viesse da pessoa errada. Mas Heath não era a pessoa errada. Ele não falou muito, mas suas palavras foram propositais e tinham força por trás delas.

A porta da pequena sala se abriu. Bray carregava uma sacola plástica, mas Helen estava na porta. — Vamos lá,querida. Temos que descer para ver o juiz.

Helen levou todos nós através de um labirinto de corredores. Lena estava do lado de fora esperando por nós. Quando ela abriu a porta e gesticulou para nós passarmos, fiquei surpresa. Eu estava esperando um tribunal, mas lá dentro era um grande escritório. Uma senhora sentou-se atrás da mesa e um homem sentou-se em uma das cadeiras em frente. Havia mais duas cadeiras e, com um sorriso, a mulher gesticulou para elas.

— Por favor, sente-se.

Eu fiz o que pediu, e Helen sentou-se ao meu lado. Os garotos estavam encostados na parede junto com Lena.

— Keira, meu nome é juiza Baker. Prazer em conhecê-la.

Eu segurei minha língua e não a corrigi com relação ao meu nome. Eu vivi tanto tempo agora como Fable que tinha esquecido como meu nome real soava. — Prazer em conhecê-la.

— Matthew Pearson… — ela apontou para o homem que me deu um sorriso — …ele é da Child Protective Services. É normal que eles estejam presentes durante as reuniões sobre um menor.

Eu assenti.

— Eu estive com o seu caso... — ela começou a fala, e meu estômago começou a se agitar. — Acredito que sua situação particular precisa ser aprofundada. E acredito que já há uma proposta para uma casa para você enquanto investigamos.

Helen assumiu então. — Sim senhora, depois de discutir com o meu marido, sentimos como se pudéssemos dar a Keira o que ela precisa. Ela ainda é jovem, ainda está se desenvolvendo e descobrindo quem ela é. — Helen olhou para mim e eu vi um pequeno brilho nos olhos dela. — Ela precisa de cuidados... amor... e pessoas que possam apoiá-la sem que ela tenha que se preocupar em roubar para passar o dia ou a semana. Queremos ajudá-la a se encontrar. Dar-lhe oportunidades de crescer.

A juiza ouviu atentamente. — Isso é muito gentil de sua parte, Sra. Carson.

Helen continou falando. — O que eu estou oferecendo é mais do que uma casa em meio período ou um pai a tempo parcial, eu estou oferecendo-lhe uma vida sendo amada e querida.

Eu senti as lágrimas fazendo cócegas no fundo da minha garganta. Suas palavras queimaram através de mim como nunca algo havia feito. Meu pai abusou de mim moralmente e me chamou de todos os nomes possíveis. Minha mãe não só ficou parada e o observou, como ficou do lado dele quando a situação finalmente veio à tona. Durante todo esse tempo, nunca ouvi meus pais dizerem que me amavam. Nunca em meus dezessete anos alguém me disse que me amaria e me estimaria por toda a vida.

— Keira? — Eu ouvi a voz da juiza à distância e sacudi a nuvem de emoções que estava fervilhando ao meu redor.

— Sim? — Eu podia ouvir minha voz tremer. — Como você se sente sobre isso?

Eu engoli contra o nó na garganta e pensei por um minuto. — Como me sinto sobre isso?

Fazer isso significaria morar em um bairro de classe A sério e, provavelmente, frequentar uma escola formal e adequada. Ser uma pessoa que nunca pensei que seria e ter oportunidades que nunca pensei que teria. Eu poderia correr, voltar para minha família de rua e viver dia a dia, esperando por algo melhor, arriscando minha vida só para viver. Mas

no final do dia, o que eu teria? Nenhum trabalho e nenhuma visão realista para o meu futuro. Essas coisas nunca tinham tocado em minha mente antes, porque era o que eu sabia, o que vivia e o que aceitava como minha vida. Mas agora, sendo oferecido algo mais, eu não tinha certeza se eu poderia voltar sem pelo menos um gostinho de como era.

Alguém queria lutar por mim, e eles concordaram que essa luta significaria lutar por meus amigos também.

Não era apenas a minha vida que podia mudar. Era a deles.

Então eu precisava pelo menos tentar.

Eu assenti. — Eu quero um futuro. Eu quero algo melhor. — Eu olhei para a juiza. — E eu não quero voltar para o meu pai.

A juiza Baker me deu um sorriso triste, mas compreensivo, antes de rabiscar algumas anotações em um pedaço de papel. — Isso será aprovado. Mas eu vou precisar que você me mostre que quer aproveitar ao máximo o que esta família amorosa está pronta para lhe oferecer.

Minha cabeça balançou em concordância.

Ela escreveu enquanto listava o que esperava de mim. — Você vai precisar ficar longe de problemas. — Ela olhou para cima e seus olhos encontraram os meus. — Se o que aconteceu no passado foi uma maneira de se proteger como afirma, você ainda tem violência em seu registro.

— Sim, senhora. — eu respondi, minha voz rouca de emoção.

— Eu também entendo que você tem amigos por aí. — Mas não poderá voltar para vê-los ou visitá-los. — Isso apertou minha garganta e

eu queria objetar. Helen pegou minha mão e apertou com força. Eu olhei para ela e ela murmurou as palavras: — Tudo vai ficar bem.

— Se houver uma informação que você voltou a vê-los, eu a removerei da casa e será colocada em outro lugar. Este é um presente muito raro que você recebeu, Keira. Voltar para as ruas só vai provar para mim que você não está disposta a se ajudar e lutar por um futuro melhor.

Forcei as palavras para fora da minha boca, embora tudo em mim gritasse não. — Compreendo.

Concordando com isto significava que eu não poderia nem voltar e deixá-los saber que estava bem. Eu não poderia dizer a eles que voltaria para ajudá-los também.

Eu só tinha que esperar que Helen fosse fiel à sua palavra. Porque eu não podia deixar que eles sofressem. Eu não deixaria a minha família desmoronar, mesmo que isso significasse doar tudo que me estava sendo oferecido.

CAPÍTULO DEZOITO

Havia papelada e ainda mais papelada para preencher. Sentei-me enquanto Helen passou por isso com Lena. Felizmente, Helen já era bastante versada em qualquer coisa legal, então Lena passou para ela, apenas cobrindo as coisas básicas.

O passeio de carro para Kings Crescent parecia que passava em um flash. De repente, eu estava sendo conduzida para dentro de uma linda casa e subindo a escada. Helen, animadamente, explicando que já sabia em que quarto me colocariam.

Eu não tinha nada comigo.

Heath e Braydon tinham corrido para a loja mais próxima enquanto estávamos passando pelas questões legais apenas para conseguir sapatos, porque a única coisa que eu tinha eram os meus patins. Eles eram estranhos, muito diferentes dos meus calçados gastos com que vivi praticamente nos últimos dois anos.

Helen abriu uma grande porta e segurou-a enquanto eu entrava.

— Este é geralmente um quarto de hóspedes, então você também tem seu próprio banheiro para um pouco de privacidade. — explicou ela.

Fui até às grandes janelas que me lembravam das que estavam no quarto de Heath do chão ao teto, mas a vista era diferente. O meu dava para o jardim, e você podia ver apenas a borda da piscina abaixo.

Os gramados eram perfeitamente cuidados, e os jardins não tinham uma erva daninha à vista. Com o início da primavera, as flores estavam

começando a florescer, e eu me vi encantada com a variedade de plantas e cores, e a maneira como o jardim se curvava e fluía perfeitamente.

— Fable?

Eu pulei e me virei. — Desculpe, o quê?

Ela sorriu suavemente. — Eu preciso ir e fazer alguns telefonemas. Eu realmente gostaria que você se matriculasse na escola logo. Criar uma rotina para você.

Manter a minha mente longe das coisas.

— Oh sim.

— Talvez tomar um duche quente ou um banho? Pode relaxar um pouco. — A ideia parecia incrível, na verdade.

— Sim, eu poderia fazer isso.

— Oh meu Deus, roupas. Precisamos pegar algumas roupas para você.

Eu levantei minhas mãos. — Eu vou ficar bem por agora.

Ela franziu o nariz, mas assentiu. — OK. Desça quando estiver pronta e podemos encontrar algo para jantar.

Ela saiu, fechando a porta atrás dela, e eu aproveitei a oportunidade do silêncio para absorver o espaço ao meu redor.

A cama era incrível. Era enorme e parecia uma nuvem de linho branco. Eu ansiava por sentir como era. Quanto tempo passou desde que dormi em uma cama de verdade?

Meus olhos foram para a porta, envergonhada com o que eu estava prestes a fazer.

Eu chutei meus sapatos, corri e pulei, aterrissando exatamente no centro. Meu corpo afundou no edredom, era quase como se fosse uma nuvem e estava me engolindo. E meu Deus eu senti como era incrível, suave e delicioso.

Eu sabia que teria que lutar contra a maneira como me enterrei nela, mas não me importei. Talvez eu simplesmente não me mexesse.

Meu corpo e minha mente estavam exaustos. Foi um dos dias mais longos da minha vida. Houve tantos altos e baixos, e por enquanto, eu só queria algo para me aconchegar. Sim, como uma criança, eu só queria algo macio para me aconchegar e sentir que não havia mais nada no mundo.

Meu quarto era um santuário e uma prisão. Eu o usei para me esconder dos gritos e insultos, mas ele se transformou em outra coisa quando fui forçada a entrar lá com a porta trancada e sem saída.

Minha pequena tenda na Bayward Street parecia a mesma coisa. Era o lugar onde eu fui me esconder, o lugar onde me sentia segura. Mas também era um lembrete de que era tudo o que eu tinha. Presa em uma pequena tenda, minha única proteção contra os elementos e sombras ao meu redor.

Esta sala não era uma prisão, no entanto. E não era pequena e fechada. Era aberta e livre, era a minha fuga.

Olhei para o banheiro. A porta estava aberta e eu podia ver o branco cintilante das paredes e a vaidade. Tão limpo e perfeito, tudo ao meu

redor em total contraste com meus jeans sujos e meu suado suéter desbotado.

Não tinha certeza do que estava sentindo naquele momento. Tantas emoções estavam passando pela minha cabeça. Eu estava animada com a perspectiva deste lugar e tudo o que tinha para oferecer. Mas não poder compartilhar a glória com meus amigos me arrastou de volta à terra.

Eu finalmente entrei para tomar um banho quente, e foi o paraíso. Eu não me apressei aproveitando cada segundo e cada gotinha que me pulverizava. Mas quando terminei, peguei minhas roupas velhas e as vesti novamente. Elas estavam sujas, mas eram confortáveis. E eu não estava pronta para desistir das lembranças de casa ainda.

Estava escuro lá fora quando finalmente desci as escadas, meu estômago gemendo e doendo. Eu tinha comido algo naquele dia, e normalmente me segurava por pelo menos mais um dia antes de começar a me sentir mal. Mas o cheiro de comida estava flutuando, atraindo meus sentidos.

Parei na porta da cozinha, ouvindo vozes lá dentro.

— Você acha que devemos ir checar ela? — Helen perguntou.

— Mãe, ela vai descer quando estiver pronta. — Heath assegurou. Eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Ela precisa de roupas. E nós vamos ter que ir às compras escolares.

— Mãe. — Heath suspirou.

— Ela é do tamanho de Flick, talvez pudéssemos emprestar algumas de suas coisas por agora.

— Ok...pare! — Ele retrucou, mas eu podia sentir que estava mais divertido com o falar frenético de sua mãe do que irritado. — Por acaso , você realmente acha que Fable seria conquistada com algo do guarda-roupa de Flick? — *Eu torci meu nariz, quem era Flick?*

— Você não a vê de renda rosa e folhos? — Helen riu. Eu quase engasguei com o pensamento. Nunca fui uma garota feminina enquanto crescia. Meu pai nunca me dava dinheiro para roupas bonitas, então minha mãe pegava coisas baratas das lojas econômicas. Eram sempre camisetas ou jeans que eram muito grandes, então era nisso que eu vivia.

— Se você vai levá-la para comprar roupas, pense em uma loja de departamentos. Não a leve a algum lugar onde um jeans custa mais que uma casa.

Graças a Deus por Heath. Era estranho, mas também era um alívio saber que ele me entendia. Ele sabia quem eu era e como me sentia, sem que precisássemos discutir isso. Era apenas quem ele era. Ele manteve-se razoavelmente tranquilo, mas você poderia dizer que estava sempre absorvendo o que estava ao seu redor e estudando as pessoas.

Ele era esperto.

Ouvi passos na escada atrás de mim e entrei na cozinha, não querendo que parecesse que estava bisbilhotando.

Helen deu um tapinha no rosto de Heath. — Quando você se tornou tão inteligente?

Ele sorriu para ela, uma visão que era rara, então eu levei um momento para apreciar a beleza em seu sorriso e a maneira como seus olhos se iluminaram. — O que você quer dizer quando? Eu sempre fui brilhante. — Ela deu um tapinha na bochecha dele um pouco mais forte e ele se afastou rindo. — Está bem, está bem.

Eles olharam e me viram em pé desajeitadamente na porta.

— Ótimo! Você está aqui. Não vamos mandar uma equipe de busca. — Helen riu, voltando ao balcão onde havia quatro caixas de pizza esperando.

Eu senti alguém chegar atrás de mim e dei um passo para o lado para deixar passar. Era uma jovem garota, talvez pré-adolescente. Seu cabelo era longo e marrom como o de Heath.

— Fable, esta é a nossa mais nova. Felicity, esta é Fable.

Felicity se virou e me deu um sorriso tímido, ela tinha um livro em suas mãos, apenas olhando por um segundo para me cumprimentar. — Oi, bom conhecê-la.

— Você também.

Heath se aproximou e colocou a mão nas minhas costas. O aperto que eu não percebi estava lá solto quando ele me dirigiu para a comida.

— Nós meio que temos um pouco de tudo. Não sabíamos o que você gosta. — explicou ele. Abrindo todas as caixas, o cheiro me atingiu e meu estômago roncou alto.

— Eu comeria qualquer coisa. — eu disse a eles com um sorriso. Helen devolveu meu sorriso, mas pareceu um pouco tensa quando ouviu as palavras.

Eu queria dizer alguma coisa, talvez tranquilizá-la de que estava tudo bem, mas Braydon atravessou as portas como se o diabo estivesse em seus calcanhares. — Pizza. — ele cantou.

Eu ri quando ele empurrou e carregou um prato com um pouco de tudo. A tensão pareceu evaporar quando Heath e Felicity reviraram os olhos, e Helen fez uma careta para seu filho mais novo.

***

Os dias seguintes passaram rapidamente.

Havia compras de roupas e compras de material escolar.

Heath passou um dia de escola em casa, antes que sua mãe exigisse que eu ficaria bem sem ele. Eu concordei, mesmo que fosse bom tê-lo por perto.

Sentia falta dos meus amigos, mas com Heath por perto, senti que talvez ele estivesse preenchendo o vazio. Nós realmente não falamos sobre a última vez que estive lá com ele. Foi quando nossa conexão se tornou mais intensa. Ele estava me permitindo espaço, e eu não tinha certeza se queria. A atração por ele era tão forte. Não houve beijos, mas mesmo os toques suaves aqui e ali, ou os momentos em que ele segurava

minha mão quando me levava para algum lugar, me faziam sentir o mesmo calor explosivo de antes.

Com tanta coisa acontecendo, acho que deixei passar. Foi conforto suficiente apenas tê-lo por perto. E toda a família me acolhera de braços abertos, pronta para fazer qualquer coisa que pudesse para que me sentisse como pertencendo ao lugar.

Helen me matriculou na escola na sexta-feira. Eu começaria na próxima semana, e estava animada e nervosa com a ideia disso. A escola sempre foi um amor para mim. Mantinha meu cérebro ocupado e simplesmente adorava aprender. Foi a minha casa longe, mas lembro-me de ir à escola todos os dias a pensar, talvez este seja o dia em que alguém diga alguma coisa.

Sim, este é o dia em que eles me puxarão para o escritório e me dirão que está tudo bem. Você não precisa ir para casa.

Eu desejei todas as manhãs que alguém finalmente olhasse para mim e perguntasse: — Ei, você está bem?

Ninguém nunca perguntou, no entanto.

A escola que freqüentei era grande. Os professores realmente não nos viam como pessoas, não tiravam um tempo para conversar com você ou até perguntar como estava sendo o seu dia. Então eu sentei e nunca disse nada. A única vez que alguém notou, meu pai conseguiu convencê-los do contrário, e eu paguei as consequências por isso.

Eu me perguntei se alguém tivesse acabado por falar comigo, se teria contado tudo. Talvez eu tivesse implorado para eles não me deixarem voltar para lá.

Mas o medo me congelou.

Medo dele, e o que ele faria quando seu charme ganhasse outra pobre alma sem noção.

Desta vez, as coisas seriam diferentes.

Helen explicou que Diamond Cross era uma escola muito particular. Eles mantinham assim devido ao tipo de famílias que participavam, incluindo filhos de celebridades e pessoas de negócios ricas. Um lugar onde as crianças poderiam obter uma educação sem um holofote em todas as partes de suas vidas. Parecia que era exatamente o que eu precisava. Tudo o que eles queriam era trabalhar duro e obter a educação de que precisavam.

Eu sabia que provavelmente iria me destacar. Depois da festa no hotel e do jeito que as pessoas me olhavam, só por ser alguém novo, eu esperava que não houvesse dúvida de que haveria sussurros nos corredores ou sobrancelhas erguidas.

Eu estava pronta para isso. Mas eu realmente não me importava. Eu estava lá por mim. Não por eles. Suas opiniões eram irrelevantes. Eu precisava me concentrar na minha educação e descobrir uma maneira de ajudar meus amigos. No entanto, eu estava prestes a aprender que talvez isso não fosse tão fácil quanto eu pensava.

CAPÍTULO DEZENOVE

Passei o tempo nas ruas sendo ridicularizada e julgada, fazendo com que as pessoas me olhassem de cima a baixo com nojo e puxando seus pertences para mais perto de seus corpos com medo que pulasse neles ou fizesse algo estúpido. Estava acostumada a ser olhada como se fosse escória, e à medida que nos dirigíamos para essa escola particular chique que Heath, Braydon e Felicity frequentavam, eu não esperava nada menos.

Era de três andares, a entrada principal era adornada por três grandes arcos de tijolo, o terceiro tinha os mesmos arcos, mas eles estavam cheios de belos vitrais que representavam uma intrincada cruz no meio. Ambos os lados estavam cheios de grandes pássaros decolando em vôo. Eles eram incrivelmente detalhados e faiscavam ao sol da manhã.

Havia estudantes espalhados pelo estacionamento, sorrindo e rindo uns para os outros, seus pequenos grupos bem evidentes. Eu sabia naquele segundo que nunca iria me encaixar aqui. As suas jaquetas esportivas cuidadosamente adaptadas e vestidos de grife gritavam dinheiro, o logotipo da escola era colorido com ouro e prata. Aproveitei um momento para agradecer a um poder superior que não havia uniforme escolar. Vestuário era uma forma de expressão. Mostrava às pessoas quem você era, a música que você gostaria, os hobbies que você poderia ter e, em tempos como esses, o dinheiro que possuía. Eu sabia que no momento em que saísse do carro, vestida de preto sobre preto,que as

pessoas iam olhar para mim e imediatamente iniciariam uma série de fofocas e rumores suspeitos.

Heath estacionou em um espaço de estacionamento e desligou o motor. O carro ficou em silêncio. Era como se os três irmãos estivessem apenas esperando que eu saísse correndo. Como se os julgamentos de alguns adolescentes fossem a coisa que finalmente me magoaria.

Heath me olhou com cautela.

— Nós vamos nos atrasar se todos vocês estiverem apenas sentados e a olhar para mim assim. — eu disse a eles, revirando os olhos.

— Tchau. — Felicity sussurrou em sua voz doce antes de abrir a porta e caminhar em direção à frente da escola. Um pequeno grupo de garotas instantaneamente a engoliu, e eu observei enquanto elas a bombardeavam com perguntas, olhando de volta para o nosso carro.

Ahhh, então a notícia já havia se espalhado que uma estranha estava se movendo para entrar na escola. Eu revirei os olhos. — As pessoas já sabem que eu estou chegando, hein?

Braydon riu no banco de trás enquanto Heath continuava a me estudar em silêncio. — Em uma comunidade como essa, a fofoca faz o mundo girar.

Eu sorri de volta para Braydon. — Bem. Melhor chegarmos lá e adicionar um pouco de combustível ao fogo. — Empurrando a porta, saí. Eu ajustei as minhas meias pretas e puxei a minha mini-saia escura, que estava confortavelmente baixa em meus quadris. Minha camisa xadrez de manga comprida pendia frouxamente sobre um top branco

justo e simples, completando meu estilo grunge. Eu puxei minha mochila do chão e joguei por cima do meu ombro, antes de ir para a parte de trás do carro para esperar pelos garotos. As crianças olhavam e sussurravam umas para as outras, algumas com os olhos arregalados, outras principalmente meninas, com um olhar intenso. Um braço foi jogado por cima do meu ombro, e Braydon logo estava me conduzindo para os degraus da frente do prédio, com Heath por perto, do meu outro lado.

— Nós temos a primeira aula juntos. Você é boa em inglês porque eu preciso de alguém para copiar. — Braydon brincou enquanto me guiava através das portas e por um longo corredor. Heath e eu éramos da mesma idade, mas eu tinha sido colocada no ano abaixo dele com Braydon devido à quantidade de escolaridade que perdi. Eu não me importei. Não demoraria muito para recuperar o atraso, pois sempre fui brilhante.

Paramos brevemente em alguns armários, Braydon e Heath estavam um ao lado do outro, e fiquei um pouco surpresa ao descobrir que o meu também estava junto com o deles. Observei os meninos com o canto dos olhos enquanto arrumava meu armário. As pessoas iam e vinham, dividindo os punhos e abraços com Braydon, que riam e os cumprimentavam com entusiasmo. Alguns disseram — Oi. — Para Heath, que simplesmente os reconheceu com um pequeno movimento de cabeça. Isso por si só era esclarecedor. Foi como no momento em que entramos no terreno da escola, ele se transformou de volta no cara sério e taciturno que conheci naquela primeira noite.

Foi-se o Heath que eu tinha chegado a conhecer lentamente nos últimos dias, cuja risada fez as borboletas no meu estômago darem saltos, ele agora foi substituído por uma máscara.

As pessoas olhavam para mim enquanto caminhava pelos corredores lotados. Como se eu fosse um alienígena, tão completamente estranha para eles. Mas mantive minha cabeça erguida, puxando a pele grossa que tinha usado tão bem nos últimos dois anos. Eu sabia que Heath estava nervoso sobre a minha vinda para a escola. Afinal, não era como a festa no hotel de seu pai, onde ninguém sabia meu nome e muito menos de onde eu era. Agora todos eles sabiam e eu estava apenas esperando o momento em que o bando de leões iniciasse o ataque ao fraco membro do rebanho.

Mas eles estavam errados. Eu não era fraca. E se eles viessem para mim, eu lutaria de volta.

As aulas transcorriam sem problemas, os professores me examinando com os mesmos olhos de análise que os alunos.

— Keira, posso falar com você, por favor? — Meu professor de matemática, o Sr. Warren, pediu na frente da turma, enquanto segurava o teste que eu acabara de concluir.

Olhando nervosamente para a minha esquerda, onde Braydon estava sentado, eu o vi estreitando os olhos para o homem.

Eu saí do meu lugar e fui até à frente da classe. — Sim, senhor?

Ele apontou para as equações na parte inferior da página. Eu sabia que eram equações algébricas de alto nível . Havia duas marcadas com

um certo e duas com uma cruz. Eu não as fazia há muito tempo, então não fiquei surpresa por ter errado duas.

Eu amava matemática. Era direta, e não aberta a interpretações como o inglês ou as ciências sociais. Um mais um seria sempre igual a dois. Era o mesmo em todos os lugares, e sempre seria o mesmo.

— Este tipo de questão está mais adiante em nosso currículo. Já que você não frequenta a escola há vários anos, estou imaginando como você sabia como respondê-las? — Seus olhos me observaram, acusadoramente. Eu sabia o que ele estava tentando dizer, que eu não podia saber e que devia ter feito batota de alguma forma.

Engoli minha resposta afiada e segurei minha língua. — Eu fiz matemática avançada através de um programa de aprendizagem fora da escola. — Minha explicação foi curta e cortada.

— Você se importaria de me dar o nome deste *programa de aprendizado* para que possamos verificar isso e obter suas notas para os nossos registros? — Ele falou devagar como se eu fosse idiota, e um sorriso apareceu no canto da boca como se ele soubesse que me pegou em uma mentira. Os olhos dos estudantes atrás de mim queimavam nas minhas costas enquanto esperavam por uma resposta, esperançosamente, algo que eles poderiam usar como fofoca.

Se é isso que eles queriam, eu daria a eles.

Eu sorri docemente para o Sr. Warren. — Com certeza, senhor. Você precisará ligar para o Southwest Juvenile Detention Center[29]. Eles vão ter tudo lá, tenho certeza.

— Eu acho que não deveria estar surpreso. — ele zombou com desgosto.

Dando de ombros, virei e comecei a caminhar de volta para o meu lugar. — Eu acho que você não deveria, delinquentes como eu e a prisão andam de mãos dadas, não é? — Eu sentei na minha cadeira, ignorando os sussurros e comoção ao meu redor. Braydon riu baixinho, recostando-se na cadeira.

— O quê?

Ele balançou sua cabeça. — Eu sei que Heath está enlouquecendo por você estar aqui, mas acho que vai se sair bem.

Eu não pude deixar de sorrir quando peguei minha caneta e voltei para o meu trabalho.

Quando chegou a hora de almoçar, eu estava farta desse lugar. Os professores ou falavam comigo como se eu fosse burra ou lenta, ou eles me ignoravam completamente, optando por ajudar os alunos cujos pais pagavam seus altos salários. Não é de se estranhar que os pequenos daqui se sentissem no direito de se acharem melhor do que todo mundo. Porque os adultos estúpidos por aqui nunca iriam enfrentá-los, vendo muitos cifrões diante de seus olhos para se importar com o fato de estarem criando uma escola egocêntrica, cheia de idiotas e egoístas.

[29] Southwest Juvenile Detention Center -Centro de Detenção Juvenil do Sudoeste

Vagando pelo corredor movimentado, as pessoas saíam do meu caminho, movendo-se em volta de mim com olhares de lado. Sorri para mim mesma, comparando-me a separadora do Mar Vermelho de adolescentes de alta classe . Eles olhavam para mim como se tivesse algum tipo de doença enquanto afastavam seus amigos para evitar tocar-me. Não durou muito, porém, quando alguém me atingiu bruscamente no ombro, fazendo com que meu corpo se virasse. A garota parou e me olhou de cima a baixo, seus amigos de ambos os lados dela fazendo exatamente o mesmo.

Eu a reconheci imediatamente, Jay.

— Você se importa? — Ela cuspiu, jogando o cabelo loiro descolorado por trás do ombro e cruzando os braços sobre o peito. Eu olhei para ela por um momento, lembrando-me que estava aqui pelas oportunidades de educação, não para brincar com seu comportamento idiota no ensino médio. Sua blusa estava muito apertada em seus seios e não chegava até às calças, mostrando um pedaço de sua barriga lisa que estava escurecida com um óbvio bronzeado falso. Ela combinou com uma saia plissada que deixava muito pouco para a imaginação.

Eu pensei que este lugar deveria ser elegante.

— Oh, se não é a garota de rua. — ela zombou. — Não fique confortável querida. Você vai perceber em breve que não se encaixa aqui, e vai voltar para a sarjeta de onde saiu.

Eu sorri. Suas palavras duras fizeram muito pouco para me chocar. Se ela achava que sua atitude alta e poderosa iria me quebrar, ela teria uma supresa. Eu não recuava, nunca.

— Uau, palavras tão ruins vindas da boca de uma pequena princesa. — Eu me inclinei para frente. — Você sabia que seu lado vadia está aparecendo? Talvez queira esconder isso de volta, *querida*.

Seu rosto visivelmente se apertou e se tornou um tom mais vermelho. Eu imaginei que finalmente conheci a melhor vadia, e parecia que ela não gostava muito de alguém que não se submetia às suas besteiras. As pessoas estavam começando a parar e observar nossa interação, algumas por diversão, outras em choque.

— Só porque você veio aqui com os Carsons, agora acha que é tudo isso? Você é nada. Ninguém. Um caso de caridade. — Ela riu.

Sorrindo, eu segurei meus braços bem abertos. — Por que você está ficando tão chateada então? É este caso de caridade sacudindo seus nervos? Eu te assusto?

— Eu? Medo de você? *Por favor.*

— Sim, foi o que a última garota disse… acho que ela desapareceu pouco depois disso. — eu disse com um encolher de ombros. Vi seus olhos se arregalarem um pouco e suspiros vieram das pessoas ao nosso redor. Manter uma cara séria era uma luta enquanto eu ria internamente.

Essa garota queria drama, eu poderia fazer drama.

Jay se recuperou rapidamente, apontando o dedo perfeitamente bem cuidado para mim. — Você não tem ideia de com quem você está cruzando, garota de rua.

Eu cruzei meus braços no meu peito. E disse: — Esclareça-me, princesa.

— Há uma maneira de as coisas funcionarem por aqui. — ela começou, finalmente começando a encontrar sua compostura. Conversar com ela a tinha abalado, algo que não estava acostumada. Mas agora ela estava encontrando seu equilíbrio novamente, circulando lentamente ao meu redor, como se fosse um predador estudando sua presa. — Eu sugiro que você aprenda rápido, ou você vai achar que as coisas ficarão muito, muito desconfortáveis. — Ela virou-se com raiva e saiu pelo corredor, empurrando-se através da multidão, com seu grupo de adoradores sussurrantes correndo atrás dela.

Uma voz que reconheci chamou pela multidão. — Tudo bem, o show acabou! Desapareçam. — Um rapaz abriu caminho entre os corpos que se afastavam rapidamente e ficou na minha frente com um sorriso gentil.

Lucas, amigo de Heath da estação de trem. — Bem, você realmente não é cheia de surpresas? — Ele sorriu para mim.

Revirando meus olhos. — Sim, eu sou uma festa normal. Terei sorte se conseguir passar um dia inteiro sem socar alguém na cara e ser expulsa... — Eu joguei minhas mãos no ar, — ...ou melhor ainda, processada!

Ele riu. — Venha, vamos almoçar. — Então, ele saiu, deixando-me ali um pouco confusa. As pessoas por aqui eram diferentes. Bem, pelo menos os que eu conheci. Era como se eles acreditassem que sua palavra era lei. Eles lhe diziam para fazer alguma coisa e só esperavam que você as seguisse. Como esses adolescentes achavam que tinham tanto poder era completamente surpreendente.

Eu corri para chegar ao lado dele, mantendo seu passo. — Onde estão Heath e Bray? — perguntei.

— Esperando na cafeteria. — Lucas me respondeu.

— Vocês são muito próximos? — Eu perguntei curiosamente.

Lucas sorriu, mas continuou olhando para a frente. — Heath é meu melhor amigo.

— Heath não me parece como o tipo de cara que tem muitos amigos, — eu zombei enquanto caminhávamos por entre pessoas e pelo labirinto de corredores.

Lucas riu. — Heath é suspeito por natureza. Ele vê o mundo pelo que é. Ele tem poder dentro dessas paredes. Os homens querem ser ele, as garotas querem estar com ele e a maioria pelas razões erradas.

— Então, como você se esgueirou através de suas defesas? — perguntei.

E Lucas me respondeu: — Somos amigos desde a escola primária. Eu estava lá por ele antes de ser rei. Cumpri o meu dever.

Eu assenti. Entendi muito bem o conceito da mente desconfiada.

Entramos em uma cafeteria barulhenta e movimentada. Ignorei os olhares e sussurros quando Lucas me entregou uma bandeja e começou a empilhar comida em cima dela.

— Você sabe, eu sou bem capaz de fazer isso sozinha. — eu disse a ele com uma carranca. Ele apenas sorriu, nem mesmo olhando para mim enquanto se afastava. Suspirei quando assumi mais uma vez que era

esperado que eu seguisse. Lucas nos levou a uma grande mesa no canto da sala. A primeira coisa que notei foi a relação de quantidade de rapazes para garotas que se sentou nela. Havia talvez dez ou doze meninos e apenas três meninas. Eu avistei Heath, que se sentou na cabeça, exatamente como o rei. Mesmo por trás, eu sabia por que ele era respeitado e adorava o jeito que era. A maneira como ele se mantinha não era com uma atitude arrogante ou depreciativa. Ele não desprezava os outros nem os fazia sentirem-se inferiores. Ele simplesmente exigia respeito e o oferecia em troca. E por essa razão, as pessoas o amavam.

Braydon estava situado à sua esquerda, e quando ele olhou para cima, o sorriso que brilhava dele poderia ter iluminado a sala inteira em um apagão. Mas não foi apenas um sorriso feliz, foi travesso e arrogante. Ele falou baixinho para o cara ao lado dele, que automaticamente arrastou o banco para baixo, Braydon seguindo e abrindo um espaço para mim entre meus dois novos irmãos. Eu suspirei antes de me aproximar e me deixar sentar com toda a graça de um lutador de sumô no banco, minha bandeja fazendo um barulho alto na mesa e fazendo com que o resto da mesa se aquietasse e olhasse para mim.

— Culpa minha. — eu murmurei. Braydon riu alto ao meu lado e vários dos rostos relaxaram e voltaram para suas conversas.

— Você está bem? — Heath me perguntou baixinho, chamando minha atenção para ele, preocupação refletida em seus olhos expressivos.

— Claro? Por que eu não estaria? — perguntei casualmente, apunhalando com meu garfo um dos meus pedaços de frango.

— Ouvi dizer que você foi socorrida no corredor. — disse ele, não removendo seu olhar intenso.

Eu ri, quase engasgando com a mordida de comida que acabara de pegar com o garfo. — Uau, as notícias viajam rápido por aqui.

— Jay estava definitivamente em boa forma hoje. — disse Lucas quando ele se instalou no banco em frente a mim.

— Essa era ela em forma? — Eu zombei. — Isso geralmente funciona para ela? Chamando nomes às pessoas e empurrando-as no corredor?

— Normalmente... — Lucas respondeu com um pequeno sorriso.

— Ela precisa aprender algo sobre como o mundo real funciona, então. Se a cadela apontar suas unhas cor-de-rosa brilhantes para mim de novo, eu vou quebrar as malditas coisas.

A risada de Braydon ecoou por toda a sala, e eu peguei o mais leve dos sorrisos no canto da boca de Heath.

— Então, é verdade? — A voz de um cara veio do fundo da mesa, eu reconheci o rosto dele também.

— Sam. — Heath repreendeu, fazendo-o sentar em sua cadeira novamente.

Eu tomei meu suco. — É verdade o quê? — Eu perguntei curiosamente olhando para os rapazes.

Heath fez uma careta para o resto da mesa e suas bocas ficaram fechadas. — Sério, é verdade?

— Eles querem saber se você realmente *'fez alguém desaparecer'.* — Braydon esclareceu usando os dedos para citar. Heath suspirou e beliscou a ponta do nariz. Eu comecei a rir e me senti bem. Foi bom rir.

— Eu sabia que não era verdade. — Sam falou novamente, então ele pensou por um momento. — Não é isso?

Não respondi, apenas continuei a comer meu almoço com um sorriso presunçoso brincando nos meus lábios. Eu não tinha estado aqui nem por meio-dia, e já estava irritando a rainha do drama da escola, almoçando com os miúdos populares, e me tornado a garota louca que dominava as pessoas quando elas atravessavam seu caminho.

Talvez isso não fosse tão ruim.

CAPÍTULO VINTE

— Oi, Felicity. — A jovem pulou ao som da minha voz, e seu telefone voou para fora de sua mão e para o chão. Eu me encolhi, rapidamente me curvando para pegá-lo. — Me desculpe, eu não queria assustar você. — Eu segurei o telefone checando a tela em busca de rachaduras. Um suspiro aliviado deixou minha boca, mas meus olhos notaram a mensagem de texto que estava na tela.

Desconhecido: *saudades de você, baby.*

Levantando minha sobrancelha, sorri suavemente. — Seus irmãos sabem que você tem um namorado?

Ela rapidamente pegou o telefone da minha mão, segurando-o contra o peito enquanto balançava a cabeça para trás e para frente.

— Está tudo bem... — estendendo a mão e acariciando seu braço suavemente, eu sussurrei. — ...eu não vou contar-lhes.

Seus olhos levantaram enquanto ela continuava a abaixar a cabeça. — Você não vai? — Sua voz era calma e tímida, e eu me perguntei como ela acabou tão tímida quando Heath e Bray ficaram tão confiantes e fortes.

— Claro que não. Será nosso segredo.

Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Eles ficariam loucos se soubessem.

Minha cabeça balançou em concordância. — Eu tenho certeza que é uma suposição segura. — Ela riu baixinho. — Ele é legal?

Seus olhos se iluminaram com a minha pergunta. — Sim, ele é tão doce. — Isso é ótimo, Felicity.

Ela limpou a garganta. — Hum... você pode me chamar de Flick.

Meu coração inchou. Eu sabia que apenas sua família e amigos próximos a chamavam assim, e eu não sabia por quê, mas me senti muito bem em ser incluída.

— Flick será.

Sorrimos uma para a outra, uma ligação começando a se formar entre nós.

Uma mão pressionou contra as minhas costas, deslizando lentamente para descansar no meu quadril. Meu corpo vibrou no toque de Heath. Mesmo que tenha se tornado natural para nós agora, eu ainda me excitava toda vez que nossos corpos faziam contato. — Garotas prontas para irem embora? Tenho que voltar para treinar em meia hora, então vou levá-las pra casa.

O carro buzinou e Flick assentiu e sorriu para seu irmão mais velho antes de subir no banco de trás.

— Ela gosta de você. — disse ele, dirigindo-me para a parte da frente do carro para o lado do passageiro. Eu não pude deixar de sorrir para ele, quando virou meu corpo e pressionou minhas costas contra a porta do carro.

— Ela pode ser a única porque tenho a impressão de que as outras pequenas daqui não serão tão facilmente persuadidas.

— Desde quando elas são importantes? — Ele perguntou, levantando a sobrancelha.

— Uma vez que eu não tenho ideia de quanto tempo estarei por aqui, então seria bom poder andar pelo corredor sem as pessoas olhando para mim como se tivesse algo no meu rosto. — Era verdade. Eu não queria fazer amizade com eles, só queria que esquecessem que eu existia. Eu não estava com medo de lutar e defender-me, nunca voltaria a ser aquela garotinha que deixava alguém pisar sobre si. Mas se isso acontecesse todos os dias, eu ficaria exausta. Eu já estava.

— Nós vamos trabalhar nisso. — Ele me puxou para longe do carro e abriu a porta, gesticulando para eu subir.

Olhei para ele com desconfiança. — Heath… Não jogue seu peso ao meu redor. Eu não preciso de você para me proteger.

Ele apenas sorriu, me dando um empurrão suave em direção ao carro. — Entre.

Subindo no banco da frente, continuei a observá-lo quando ele fechou a porta e caminhou para o lado do motorista. Ligou o carro e saiu do estacionamento.

— Heath, deixe isso pra lá. — eu avisei baixinho. Ele me ignorou e continuou dirigindo.

A última coisa que precisava era que Heath fosse meu guarda-costas. Ele chegou onde estava, exigindo respeito de seus colegas. E

enquanto eu não dava exatamente a mínima para o que as pessoas aqui pensavam de mim, eu precisava pelo menos ganhar o respeito delas para tornar a vida aqui habitável. E eu não ia conseguir isso com Heath ou Braydon entrando em cena toda vez que eles achavam que precisava ser salva.

Heath nos deixou na porta da frente com um aceno.

— Ele não vai deixá-la sozinha, você sabe. — afirmou Flick quando subimos os degraus da frente e através das portas abertas. Nós paramos ao fundo da escada. — Não é como os rapazes trabalham. Eles cuidam do que consideram deles, e no que diz respeito ao meu irmão mais velho, você é dele.

Meus olhos se arregalaram. — Heath e eu, nós não somos nada um do outro.

Ela começou a rir. — Eu quis dizer que você é parte da família dele e de seus amigos, e ele protege as pessoas que ama.

— Eu não quero proteção, eu passei muito bem cuidando de mim mesma até agora.

Ela balançou a cabeça. — Você vai ver. — Com isso, ela subiu a escada e desapareceu.

O resto da casa estava em silêncio enquanto eu caminhava até à cozinha e jogava minha mochila da escola no chão. O silêncio não era algo que eu gostasse. Sentia falta dos meus amigos rindo desordeiros e da agitação das pessoas nas ruas da cidade. Sentia falta do som da guitarra de Layla, do violino de Daisy e da boca esperta de Eazy.

Meu coração doeu quando se encheu de tristeza e culpa.

Eu não tinha conseguido falar com eles desde que a polícia me arrastou para longe. Eles não sabiam onde eu estava ou se eu estava bem, e aqui estava eu morando nesta casa enorme enquanto eles estavam lá ainda lutando para sobreviver todos os dias.

Mas se eu voltasse para lá para vê-los, a juiza me levaria e colocaria no sistema, e as oportunidades que os Carsons tinham eram boas demais para serem jogadas fora. Não só para mim, mas para meus amigos. Eu já tinha conversado com Helen sobre fazer algo para ajudar, e ela disse que já tinha algo em mente.

Olhei ao redor da casa vazia, tudo estava brilhante e limpo, parecia quase anormal. Estava tudo bem quando Heath e Bray estavam por perto, eles ajudavam a me distrair de como me sentia desconfortável aqui.

Avistei meus patins parados contra a porta do lado de fora, e senti uma onda de conforto me encher. Correndo para cima, vesti um jeans pretos e um moletom cinza com capuz e enfiei a cabeça no quarto de Flick. Ela estava sentada na cama, olhando para o telefone com um sorriso suave.

— Namoradinho de novo? — Ela pulou, mas desta vez conseguiu segurar o telefone com segurança na mão. Corando, ela assentiu com a cabeça.

— Existe um parque de skate em algum lugar por aqui? — Minhas esperanças eram altas, mas as chances que conhecia eram pequenas.

— Se você for para a cidade, há uma ponte à sua esquerda que atravessa os trilhos da ferrovia. Está só ali, mas...

Eu a cortei com um agradecimento e fechei a porta, correndo de volta pelas escadas. Meu corpo se encheu de alegria quando puxei minhas lâminas e cliquei sobre as fivelas. Apenas aquele som foi suficiente para fazer meu corpo ceder de alívio.

Era muito bom tê-los comigo.

Patinar na estrada suave não era o mesmo que rolar ao longo de uma rua da cidade, mas faria por agora até que eu pudesse chegar ao parque de skate que Flick estava falando. O vento soprou no meu rosto enquanto passava pela calçada e ri. Eu nem precisava evitar os pedestres, exceto a pessoa estranha que fazia *jogging*[30] ou passeava com o cachorro. Todos me olhavam de forma estranha, eu sabia que parecia fora de lugar, mas não me importava. Eu estava feliz demais para me importar.

Levei uns trinta minutos para chegar lá, mas finalmente cheguei à ponte exatamente quando um trem passava por baixo, o estrondo das carruagens se movendo sobre minhas rodas e vibrando através do meu corpo. Quando o barulho do trem desapareceu, o ar estava cheio de sons que reconheci, raspando e deslizando as tábuas contra o concreto. Risos de adolescentes e aplausos quando alguém conseguiu um truque.

Puxando meu capuz para cima e enfiando meu cabelo para dentro, eu patinei em direção ao barulho, meus sentidos vibrando. Eu só queria me misturar com a multidão, pegar a energia que precisava e sair por

[30]*Jogging*, é uma forma de atividade física em que o ritmo e velocidade da marcha são mais rápidos que na caminhada e mais lentos que ao correr

aí. Havia garotos usando jeans rasgados e sapatos usados, duas garotas sentadas ao lado assistindo, mas até elas pareciam diferentes das belezas do mundo de riqueza com quem passei o dia todo na escola.

Rolei em direção a eles lentamente. Alguns me notaram, estreitando os olhos como se estivessem tentando decifrar se eu era amigo ou inimigo. Fazendo meu caminho ao redor do lado de fora da taça, cada vez mais olhos caíram em mim, e os ruídos doces que eu amava pararam.

— Você se perdeu, cara? — Um garoto alto com cabelo loiro despenteado saiu, e eu parei bruscamente. Ele pareceu chocado quando deu uma boa olhada no meu rosto. — Não é um homem, então.

Puxando meu capuz, deixei meu cabelo cair livre. — Não me perdi, só quero andar de skate, então eu irei.

Seus olhos desceram para os meus patins e voltaram para cima. — Nós geralmente usamos pranchas. — Ele sorriu.

Empurrando com o meu pé direito, eu rolei em um círculo ao redor dele. Ele não se virou, mas me observou com os olhos. — Um parque de skate que discrimina o tipo de rodas que você tem. Isso é novo.

Ele riu, cruzando os braços sobre o peito. Ele era bem construído para um adolescente, atlético como Heath e Bray. Ainda sorrindo, ele acenou para o parque. — Vamos ver o que você sabe.

Sorrindo, meu corpo gravitava para a grande taça de skate que lembrava uma piscina vazia. Os olhos me penetraram, mas não senti nenhuma pressão, fiquei bem. Talvez não seja a melhor, mas eu poderia me segurar.

Indo até à beirada, meus músculos se contraíram enquanto eu mantinha meu equilíbrio, voando pela encosta íngreme. Dobrei meus joelhos quando levantei o lado oposto, e girei meu corpo para que estivesse voltando para baixo enquanto minhas lâminas mais uma vez conectavam com o concreto liso. As cores brilharam por mim como um borrão de arco-íris, o grafite manchava o chão debaixo de mim como uma própria obra-prima. Não era apenas a marcação das ruas, era bonita, criativa e intrincada.

Saltando da taça, eu bati na ladeira que levava ao resto do parque. Havia bancos, trilhos e bordas. Pulei e bati em um trilho, deslizando por alguns segundos antes de pular de novo.

A adrenalina e antecipação que percorre seu corpo, no momento em que você está esperando que suas rodas atinjam o chão novamente, são diferentes de qualquer outra coisa. É elevada. Uma sensação de euforia quando você se afasta.

Patinando de volta ao redor da taça, eu me movi lentamente, me permitindo sentir a alegria que se espalhou por todo o meu corpo e mente. Eu precisava disso. A escola tinha sido difícil hoje. Eu não gostava de admitir isso, mas era verdade. Levei muito tempo para construir a solidez que eu tinha com a aparência suja e comentários grosseiros que tinha recebido nas ruas.

No começo, doeu, eu não sabia por que as pessoas não podiam simplesmente ver que eu era uma criança precisando da ajuda de alguém. Em vez disso, eles olhavam para mim como se eu fosse escória,

uma praga que eles não poderiam erradicar. Eu tive que aprender a não aceitar seus julgamentos.

— Você é muito boa. — o rapaz disse se aproximando de novo. — Meu nome é Liam.

Eu dei a ele um sorriso doce antes de tirar minha blusa sobre a cabeça e amarrá-la em volta da minha cintura ficando de camiseta e jeans. — Obrigada, Liam. Mas eu não estou procurando aprovação. Eu só quero andar de patins.

Ele sorriu, mostrando-me um conjunto de dentes brancos, mas não tão perfeitamente definidos. — Eu acho que você vai se encaixar aqui muito bem.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Nunca te vi por aqui antes, — Liam ponderou enquanto caminhava ao meu lado para o banco do parque.

— Nova na área, — eu disse a ele simplesmente, enquanto me sentava e observava o grupo voltar ao seu negócio.

Ele se sentou ao meu lado. — Você estuda na escola daqui?

Um bufo completamente deselegante saiu de mim. — Sim, infelizmente.

— Ah, uma garota da privada Diamond Cross.

— Nossa, é tão óbvio?

Liam riu levemente. — Não, mas a única outra escola por aqui é a pública East Street. E eu não vi você lá. Parece-me que você se encaixaria melhor conosco do que com aquelas crianças ricas da cidade.

Havia uma questão não tão sutil ali. Reparando em suas roupas, eu não pude deixar de pensar que ele, estava certo. Ele estava vestido com uma bermuda jeans surrada e suja que chegava logo abaixo do joelho, e uma camiseta azul escura casual que não era de marca ou elegante, mas tinha um rasgo no fundo e estava desbotada. Ele ainda parecia bem, porém, eu tinha que admitir isso.

— É uma longa história, — respondi, esperando que isso satisfizesse sua curiosidade.

Ele levantou as mãos. — Hey, eu entendi. Todos têm uma história para contar. A minha também não é só os unicórnios cagando arco-íris, então não se preocupe.

Olhando para ele com o canto do olho, um sorriso começou a se formar em minha boca. — Unicórnios cagando arco-íris?

Ele retribuiu o sorriso. — Sim, não é isso que as pessoas chamam de felicidade? Unicórnios e arco-íris e…

— Cocô? — Eu ri.

Liam encolheu os ombros, estendendo a mão por trás do banco e pegando um skate. Ele colocou no chão e se levantou do banco. — Vamos lá, vamos ver o que mais você tem.

Levantando-me, eu mantive meus braços abertos enquanto patinava para trás, meus olhos o observando o tempo todo. — Você está duvidando das minhas habilidades incríveis?

Ele me seguiu, com um pé no skate e o outro empurrando. Seus sapatos pareciam ter visto muitos dias no parque de skate, e havia ralados e cicatrizes nos cotovelos e joelhos. Acho que ele não tinha medo de entrar aqui e correr riscos.

— Essas são grandes palavras para uma garotinha.

Eu parei de repente. — Desculpe, do que você acabou de me chamar?

Ele agiu inocentemente, assobiando casualmente enquanto passava por mim. — Garota? — Ele sorriu um pouco antes de descer pelas laterais

do Bowl[31] e desaparecer de vista, apenas para vê-lo aparecer do outro lado, virando seu skate no ar antes de fazer um pouso perfeito no chão plano.

Algumas pessoas ao redor bateram palmas, incluindo as duas garotas que eu notei, admirando-o em silêncio do outro lado do parque.

— Bem... — ele falou. — ...estamos ficando sem luz do dia aqui. — Sua provocação não me perturbou. Não foi dito com malícia, era o tipo de observação inteligente que você faria com seus amigos. E eu recebi com satisfação.

Passei uma hora ou mais, trocando ideia com os outros garotos e até mesmo aprendendo algumas novas habilidades. Eles me acolheram, embora eu pudesse dizer que, no início, eles estavam apreensivos.

Estava começando a escurecer e as pessoas começaram a se despedir. — Para onde você está indo? — Liam perguntou quando rolamos para longe do parque em direção à rua. As luzes da rua estavam acendendo e percebi que deveria ser mais tarde do que eu pensava.

— Kings Crescent, — eu disse a ele, tentando o meu melhor para não me encolher.

Ele soltou um assobio alto antes de dar uma risada. — Uau. De alta classe.

— É, nem me fale.

[31]Bowl - pista de skate em formato de tigela ou piscina

— É meu caminho, eu acompanho você por um tempo. — Ele enfiou o skate embaixo do braço e segurou-o com as duas mãos enquanto caminhava ao meu lado.

— Então, se você mora deste lado da cidade, como é que não vai à Diamond Cross?

— Bom, por um lado, Diamond Cross é uma escola particular, e dois, eu nem sempre morei deste lado da cidade, — ele explicou. — Vivemos muito mal, até cerca de um ano atrás. Meu pai era um babaca que gastava todo o nosso dinheiro em apostas e álcool. Nós nunca tivemos muito, mal conseguimos pagar o aluguel na maioria das semanas.

Eu balancei a cabeça, sua história era familiar.

— Eu fiquei doente e cansado da sua merda, em uma noite eu o confrontei e ele me bateu, quebrou meu nariz. — Ele abanou suas mãos sujas, mas tinha um sorriso no rosto. — Minha mãe tinha aturado um monte de merda dele, mas isso foi aparentemente a gota de água que fez transbordar o copo. Ela mandou prendê-lo e um mandado de restrição foi emitido contra ele.

— Uau. Isso deve ter exigido muita coragem. — Eu estava completamente maravilhada e admirada.

Ele deu de ombros. — Não é isso que qualquer pai deveria fazer para proteger seu filho.

— Não o meu.

Ele parou por um momento, correndo para me alcançar, enquanto eu continuava a descer a rua. — Como você veio parar aqui?

— Mais como uma sucessão de eventos que me trouxeram aqui. — Eu não tive vontade de contar minha história. Mesmo sabendo que de todas as pessoas que eu conheci neste lugar, ele provavelmente é quem mais entenderia. Eu ainda odiava ver aquele olhar que as pessoas me davam quando eu lhes contava o que tinha feito.

— De qualquer forma... — Liam continuou, obviamente ciente da minha aversão. — ...minha mãe trabalha em dois empregos, mas sem os hábitos do meu pai, somos capazes de pagar um lugar melhor. Foi totalmente válido um nariz quebrado. Além disso, acho que isso me faz parecer um pouco mais rude, e as meninas adoram essa merda.

Seu sorriso brincalhão foi iluminado quando passamos sob uma lâmpada de rua e o riso fluiu livremente de nós dois.

— Você sabe, é bom conhecer alguém com quem eu me sinta à vontade.

— Oh não, problemas em Diamond Cross? — Ele zombou.

— Esse lugar é outro mundo. É sobre quem é o mais popular ou quem usa as roupas mais caras. Até os professores tratam essas crianças como se fossem da realeza. — Revirei os olhos.

— Então, mude de escola. — Liam parou na esquina de uma rua. — Não seria melhor estar perto de pessoas que podem ter empatia com a sua situação? Nem todos nós podemos pagar pelo nosso modo de vida, algumas pessoas precisam lutar pelo futuro. Mas você sabe o quê? Isso só torna o sucesso mais gratificante.

Era verdade. Fiquei imaginando quantos jovens da Diamond Cross continuariam vivendo debaixo das asas de seus pais, fazendo parte dos negócios de seus pais e cavalgando nas costas de seu sucesso.

— Eu gostaria que fosse assim tão fácil.

Liam colocou seu skate no chão. — Onde há uma vontade, existe uma solução. — Ele piscou. — Esta é a minha rua. Talvez eu te veja em breve.

— Espero que sim.

Ele me deu um aceno por cima do ombro enquanto desaparecia na rua. Estava razoavelmente escuro agora, e eu sabia que precisava voltar para casa antes que eles enviassem uma equipe de busca para mim. Empurrei com força, os músculos das minhas pernas queimando enquanto me jogava para a frente, na calçada usando a pequena quantidade de luz.

Pressionei o código no portão e me forcei a subir o caminho da entrada, com o suor encharcando a parte de trás do meu pescoço quando cheguei ao topo com meus pulmões queimando, ofegando por ar.

A luz da varanda estava acesa, mas a casa estava completamente silenciosa quando entrei e me larguei no final da escada para poder remover meus patins.

— Ah, a irmã adotada retornou! — A voz de Bray explodiu do patamar acima de mim.

— Desculpe, eu não tinha ideia de que horas eram, — me desculpei.

Ele saltou escada abaixo, dando três passos de cada vez. Seu cabelo estava molhado e seu corpo ligeiramente corado me dizendo que ele provavelmente tinha tomado banho.

— Seus pais nunca lhe disseram para que você se certificasse de estar em casa antes do anoitecer? — Ele perguntou, jogando um braço por cima do meu ombro no que se tornou um gesto normal entre nós. Eu me encolhi com as palavras dele, e ele se enrolou para justificar seu erro. — Eu quis dizer antes de sair, como quando você era criança e ficava brincando com seus amigos e... — Sua voz sumiu em um silêncio constrangedor. — Ok, eu vou parar por aqui.

— Boa ideia.

— Com fome? — Ele ofereceu sua voz se animando um pouco enquanto tentava disfarçar sua tagarelice.

— Um pouco, — eu admiti meu estômago de repente se sentindo muito vazio. Eu acho que foi uma sensação fácil de ignorar, sendo que era tão normal antes. — Onde está Flick e Heath?

— Flick está no telefone com um amigo, e Heath está nadando na piscina, — ele comentou quando começou a pegar comida para fazer o jantar que estava no freezer.

Eu fiz uma careta. — Ele não teve treinamento de natação depois da escola?

— Sim, — Bray respondeu.

— E ele já está de volta à piscina?

— Heath nada quando está estressado.

Caminhando para a janela, pude ver um corpo se movendo através da água, sob as luzes brilhantes que iluminavam a área. — Por que ele está estressado?

— Porque você não estava aqui quando chegamos a casa.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Meu corpo inconscientemente se dirigiu para a porta que dava para a área da piscina, deixando para trás de mim os sons de panelas e frigideiras batendo na cozinha.

O ar da noite parecia mais frio de repente, talvez porque meu corpo não estivesse mais tão quente, agora que tinha me acalmado da minha corrida para a casa. Meus pés moveram-se levemente ao longo da superfície de paralelepípedos até que cheguei à beira da piscina, onde me sentei e dobrei as barras do meu jeans antes de colocar meus pés na água.

Heath não parou, eu nem tinha certeza se ele estava ciente de que eu estava lá.

Seu corpo se movia através da água como um torpedo, suave e rápido, quase sem perturbar a superfície. Seus braços levantando antes de mergulhar de volta sob as profundezas como uma faca cortando manteiga macia. A forma como ele se movia na água era fascinante, a maneira como a água corria sobre seu corpo bronzeado e esculpido enviava uma onda de calor dentro de mim.

Não era de se admirar por que tantas garotas olhavam para ele do jeito que faziam. Ele era lindo, ouso dizer sexy. Com seus ombros largos e cintura fina, ele era mais do que apenas um adolescente. Ele era um homem. Não havia como duvidar disso.

Sua cabeça surgiu da água quando ele tocou o final da piscina. Ele usou a mão para limpar o rosto e afastar o líquido dos cabelos, fazendo com que se espalhassem.

— Entre comigo. — Sua voz era profunda e ecoou no silêncio.

Eu ri. — Olhe minhas roupas? — Meus pés balançaram dentro da água, apreciando o movimento enquanto empurrava um contra o outro.

— Tire-as. — Não soava mais como um pedido e um rubor me preencheu, começando na ponta dos meus pés e subindo pelo meu corpo.

— Heath...

— Fable... — ele respondeu, flutuando através da água, avançando em mim. — Flick e Bray estão lá dentro.

De repente, ele estava na minha frente, usando seu corpo para separar minhas pernas. — Então é melhor você se apressar.

Engolindo com força, eu consegui me forçar a ficar de pé, verificando por cima do meu ombro enquanto enrolava a bainha da minha camisa em meus dedos.

Respirei fundo, puxando minha blusa sobre a cabeça e trabalhando no botão do meu jeans. Eu sabia que não estava muito atraente quando pulei em um pé, tentando puxar minha calça apertada sobre os meus pés.

Eu joguei minhas roupas na cadeira mais próxima e corri para a beira da piscina onde ele esperava. Seus olhos estavam semicerrados, e ele se afastou para trás da borda, me dando espaço para deslizar pelo lado dentro da água.

Eu me agarrei à borda quando me abaixei, percebendo que não seria capaz de tocar o fundo. Mas quando dois braços fortes se aproximaram rodeando a minha cintura, eu instantaneamente relaxei contra ele e deixei Heath me abraçar. O jeito como o corpo dele estava contra o meu me excitou. Não era nada que eu já tivesse sentido antes, mas algo que não queria abrir mão.

Sua respiração fez cócegas no meu pescoço. — Onde você esteve?

Eu tive que me concentrar muito para simplesmente abrir minha boca para formar uma palavra. — Patinação.

— Você gosta de fazer isso?

Eu me mexi em seus braços, desesperada para ver seu rosto enquanto falava com ele. Ele permitiu, enganchando minhas pernas sobre seus quadris e colocando as mãos sob a minha bunda.

— Eu gosto. Imagino que seja próximo de como você se sente em relação à natação. — Eu estava sem fôlego e lutando para manter a compostura com seu rosto e a boca tão perto de mim. Minhas pernas se esfregaram contra sua sunga, ela era sedosa e pequena, e eu tive que rir ao pensar nela. — Bela sunga.

— Diz a garota que entrou aqui de calcinha. — Ele enfiou um dedo na tira da minha calcinha, puxando-a para trás e deixando-a voltar com um ping. Eu ofeguei.

— Você me disse para fazer isso. — Minha defesa era fraca e eu sabia disso.

Um sorriso lindo surgiu em sua boca. — E você faria qualquer coisa que eu pedisse, hein?

Revirei os olhos, mas não consegui impedir meu corpo de corar. — Sim, continue sonhando, idiota arrogante.

Sua risada suave me aqueceu. Heath não se permitiu relaxar muitas vezes, mas eu estava vendo isso mais e mais. Quanto mais eu o via sorrir ou rir, mais o desejava e me via anotando as coisas que o faziam feliz para que pudesse usá-las mais tarde. Porque Heath sério era quente, misterioso e excitante. Mas quando ele sorria, era como se o mundo estivesse iluminado.

— Bray disse que você estava estressado porque eu não estava em casa.

Heath deu voltas ao redor da piscina enquanto eu me agarrava a ele, simplesmente nos guiando através da água e deixando fluir ao redor de nossos corpos. — Você não teve um dia muito bom na escola hoje.

— Qualquer dia que eu ainda esteja viva é um bom dia. — Seus olhos entristeceram, eu balancei a cabeça, impedindo-o de falar. — Heath, você precisa entender, sim, isso é tudo novo e desconhecido. As coisas aqui são diferentes de qualquer coisa que eu já conheci, mas não vou deixar isso tirar o melhor de mim. Ainda não.

O piso frio da borda da piscina me fez ofegar quando ele pressionou minhas costas contra ela. — Alguém já te disse que não há problema em admitir que você não esteja bem?

Eu sorri quando seu rosto se aproximou meus olhos observando seus lábios com antecipação. — Alguém já lhe disse que às vezes você tem que deixar as pessoas lidarem com seus próprios problemas? Você não pode controlar tudo e, se houver algum problema, eu vou lidar com isso.

— Você sempre responde a uma pergunta com outra pergunta? — Ele brincou.

— Você é sempre tão mandão e exigente?

Sua boca cobriu a minha, e seu corpo me segurou cativa contra a borda enquanto seus dedos deslizavam pelo meu corpo. Eu me contorci contra ele enquanto seu polegar delineava a parte de baixo do meu seio, por baixo do meu sutiã. Eu acho que ele sabia que estava me deixando louca, e ele gostou, me vendo ficar sem ar com apenas esse movimento ou toque mais simples. Era como um jogo e eu era uma jogadora disposta. Apreciando seu tormento tanto quanto ele. Talvez mais.

Tentei não pensar em quão habilidoso ele era na arte da sedução. Eu tinha certeza que ele tinha muita prática. Ao contrário de mim, uma novata cujo primeiro beijo com um menino só tinha sido recentemente.

Ele se afastou, deixando-me inspirando e soprando.

— Como você acabou na rua? — Ele perguntou depois de me permitir um momento para recuperar o fôlego.

Eu fiz uma careta. — Você não sabe?

Ele usou a mão para limpar uma gota de água da minha bochecha. — Mamãe não nos diria. Ela disse que era a sua história para contar quando você estivesse pronta.

— Você vai olhar para mim de forma diferente, — eu disse a ele, meu corpo flácido.

— Não é provável.

— Não é agradável, — falei, na tentativa de dissuadi-lo. Ele balançou a cabeça.

— Eu não me importo.

Soltando um longo suspiro, tentei reunir meus pensamentos quando percebi que ele não deixaria isso passar. Heath já sabia de onde eu viera e ele nunca me fez sentir que isso afetava a maneira como pensava sobre mim. Ele me tratou com respeito e fez o melhor para ter certeza de que eu não estava ferida.

— Meu pai era um bastardo, minha mãe um capacho. Ele era sádico. Ele começou a fazer jogos comigo. Trancando-me no meu quarto por dias. Amarrando-me em um poste no quintal quando acontecia as tempestades. Cozinhando refeições enormes e não me deixando comer. Às vezes eu ficava deitada no meu quarto e ouvia a minha mãe gritar enquanto ele batia nela, por nenhuma outra razão a não ser por ele ser um babaca. — A expressão de Heath nunca mudou, mas notei o modo como seus punhos cerraram e seus músculos pareciam se contorcer contra mim. — Ele nunca colocou um dedo em mim, no entanto. Mas todo dia ele se aproximava um pouco. Quando veio a mim pela primeira vez para tentar me agredir, eu o esfaqueei.

— Puta que pariu, — ele murmurou antes de sugar uma grande lufada de ar.

— Eles me colocaram no reformatório e, quando saí, o juiz decidiu me liberar de volta aos cuidados deles. Ele queria vingança. Saiu em todos os noticiários, e as pessoas começaram a olhar para ele, analisando a nossa vida em casa.

— Você fugiu.

— Ele teria me matado, — eu confirmei suavemente. — Estou com medo que ele ainda vá fazer isso. — A água ainda estava ao nosso redor. Eu tentei agir como se nada me incomodasse como se pudesse lidar com qualquer coisa que aparecesse na minha frente, mas isso não era inteiramente verdade.

Por muito tempo depois que saí de casa e fiz minha vida nas ruas, fiquei com medo de cada sombra, de cada pequeno movimento. Não foi por causa das pessoas lá, aqueles que matariam para roubar suas roupas, ou os homens que raptavam garotas bonitas da calçada, sabendo que ninguém sentiria falta delas. Eu estava com medo de que ele voltasse por mim. Esse foi o meu maior medo, o pensamento de que ele seria o único a finalmente acabar comigo.

— Ele não pode tocar em você aqui.

— Se eu estragar tudo, eles vão me mandar de volta.

— Você não vai estragar tudo.

Eu bufei. — Heath, eu não me encaixo aqui. Todo mundo sabe disso. Se eu ficar contra a parede, vou sair batendo. Eu não tenho medo de me defender quando alguém vem para mim. Mas se isso acontecer, não vai ser um bom presságio a meu favor.

Ele não parecia ter uma resposta. Ou isso, ou ele não sentiu que precisava justificar o que eu disse.

— Ei pessoal. O jantar está pronto. — Bray chamou da porta.

Heath nos afundou ainda mais na água, cobrindo meu corpo com o dele. Ele virou a cabeça para o lado. — Sim, nós estaremos lá em um minuto, — ele respondeu.

Corei a água fria fazendo com que eu estremecesse enquanto meu corpo se aquecia contra ele. — Vou tomar um banho quente antes de comer. Eu não posso exatamente sentar-me à mesa de jantar com a minha calcinha molhada.

Heath nos levou mais para a parte rasa da piscina, me descendo de seu corpo quando sentiu que eu seria capaz de ficar sozinha. Eu escorreguei nele, sentindo cada músculo, cada ondulação de seu físico tonificado. Isso me empolgou. Ele era tão forte e eu era tão pequena. Eu me senti segura em seus braços.

— Talvez você devesse me ensinar a nadar, então você não teria que gastar todo o seu tempo me carregando, — eu brinquei.

Ele finalmente soltou um pequeno sorriso. — Eu não me importo.

— Eu tenho certeza que não. — Eu ri enquanto subia as escadas e peguei a toalha que ele trouxe para si mesmo de uma das cadeiras. Eu sorri quando a envolvi ao meu redor e tirei minhas roupas do chão. Ele apenas balançou a cabeça e riu quando deslizei para dentro da casa, tentando não deixar um rastro de poças enquanto eu fazia meu caminho pelo chão e subia as escadas. Fui direto para o meu banheiro, tirando a

roupa íntima molhada e ligando o chuveiro o mais quente que pude, sem escaldar todo o meu corpo. Entrando, deixei a água quente lavar meu corpo, erradicando o frio que parecia se enterrar na minha pele. Reviver meu passado não era algo que eu gostasse, era parte da razão pela qual sempre tentava evitar falar sobre isso. A outra parte era por causa dos olhares que eu geralmente ganho. Raiva, pena, nojo.

Eu não precisava que as pessoas sentissem pena de mim, ou me tratassem de forma diferente só porque sabiam da vida que eu vivia. Eu não era uma daquelas garotas que queriam que as pessoas falassem coitadinha dela, ou, oh ela é assim por causa de como cresceu.

Ninguém fez minhas escolhas para mim, meu passado não definia quem eu era ou o modo como meus pais eram ruins em me criar. Eu era mais forte por isso, era mais forte por causa das escolhas que fiz para tornar minha vida melhor, não por causa das escolhas que eles fizeram para tornar minha vida um inferno.

No momento em que saí do chuveiro, meu estômago estava tão enjoado que nem sequer queria pensar em comida. Eu coloquei uma camiseta e shorts de dormir e entrei embaixo das cobertas da minha cama gigante.

Sentia falta de Layla, Kyle e Lee e meus outros amigos.

Passei tanto tempo com eles ao meu lado, me desenvolvendo e me ensinando a ser forte. Vir aqui e ter que lidar com todo um novo tipo de inferno já estava me desgastando. Era como começar do zero novamente, e tinha sido apenas um dia.

Amanhã será melhor.

Tinha que ser.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Pensar que hoje seria melhor, obviamente, era esperar demais. Eu nunca esperei que as coisas funcionassem a meu favor, então não sei por que fiquei surpresa quando pisei na escola na manhã seguinte e os olhos me seguiram em todos os lugares. Braydon andou ao meu lado, ele estava quieto e tenso, aparentemente reconhecendo a sensação estranha no ar, assim como eu estava.

Heath havia desaparecido no segundo em que estacionamos o carro, resmungando sobre a necessidade de ver seu treinador sobre uma grande competição de natação neste fim de semana.

Assim que chegamos às portas da frente, elas se abriram, quase me acertando. Eu pulei para trás e Bray agarrou meu braço, estabilizando-me, para que não tropeçasse de volta pelas escadas. Depois de recuperar o controle, olhei para cima para ver Jay sorrindo para mim da porta.

— Oh, me desculpe... — ela engasgou — ...eu não vi você aí.

— Volte para o seu buraco, Jay. — Braydon estalou.

Ela pareceu atordoada por um segundo, mas rapidamente se refez. — Foi um acidente, Bray.

— Nada é um acidente com você, — ele zombou, puxando-me quando passou por ela e pela porta.

— Tenha um bom dia. — ela sussurrou sombriamente. — Se você durar tanto tempo.

Eu queria me virar e interrogá-la, mas um punhado de amigos de Bray nos cercou, cumprimentando-o enquanto nos movíamos pelo corredor. Todos eles riram e brincaram, mas mantiveram distância, seus olhos ocasionalmente passando por mim como se estivessem sendo cautelosos.

Algo estava errado, eu sabia disso.

Um corpo apareceu na minha frente e eu fiz uma careta, irritada. Isso foi até que eu olhei para cima e vi um preocupado Lucas olhando para mim. — Vá para casa, Fay.

— Mano, que diabos? — Braydon rosnou. — É dia do idiota ou algo assim? Eu perdi o memorando?

Lucas o ignorou. — Eu já liguei para Heath, ele vai te encontrar no carro.

— Lucas, sério, o que está acontecendo?

Braydon se aproximou dele e virou o corredor que levava aos nossos armários. — Inferno do caralho. — eu o ouvi gemer.

— Lucas... — eu sussurrei, — …deixe-me passar, ou eu vou chutar suas bolas com tanta força que você vai engasgar com elas.

Ele forçou um sorriso. — Alguém já te disse que você tem uma veia para a violência? — Ele se encolheu assim que as palavras saíram de sua boca. — Quero dizer...

— Saia, — a voz de Heath ecoou pelo espaço e as pessoas de todos os lugares começaram a se dispersar.

Lucas relaxou um pouco e eu aproveitei o momento para passar por ele. Ele pegou minha mochila, tentando usá-la para me puxar para trás, mas eu apenas permiti que as alças deslizassem dos meus ombros enquanto me movia para a frente, virando no próximo corredor.

Foi uma bagunça. Papéis espalhados por todo o chão, cobrindo os armários que revestiam as paredes. Imediatamente eu soube o que eles estavam fazendo, um enorme pôster meu no alto sendo levada algemada era uma revelação inútil.

Braydon e Heath levantaram suas cabeças ao mesmo tempo. Heath olhou para mim por baixo dos seus olhos azuis geralmente marcantes não mais me lembrando um oceano gentil, em vez disso parecendo uma tempestade selvagem.

Todos os papéis eram os mesmos e eu nem precisava olhar para saber o que dizia. Era uma reportagem, que eu já havia visto antes e que quase havia memorizado palavra por palavra. — Adolescente problemática esfaqueia o pai em um ataque de raiva, — minha voz ecoou no salão agora vazio. — Posso resumir para você, se quiser. Basicamente diz, que eu tenho alguns parafusos soltos e meus pais são anjos por me tolerarem por tanto tempo, e não terem me condenado a uma ala psiquiátrica por meus problemas de raiva e violência.

Eu me lembrei desse artigo especificamente porque tinha sido o único que meu pai me mandou enquanto eu estava no reformatório. Tudo fazia parte dos jogos mentais do meu pai. Ele queria que eu pensasse que ninguém acreditava em mim e que eles eram todos contra mim. Eu lia

repetidamente, atormentando-me com as palavras que me descreviam como fora de controle e agressiva.

Os garotos não disseram nada. Braydon apenas olhou para o chão e balançou a cabeça, e Heath, ele apenas me observou, seus punhos fechados a cada lado do seu corpo.

Agachando-me, arranquei um dos papéis do chão antes de forçar minhas pernas trêmulas a levantarem novamente. Meus olhos examinaram o artigo e eu ri baixinho, fazendo com que tanto Heath quanto Braydon alargassem os olhos em surpresa.

— *Esta é minha parte favorita. Greg Campbell diz que ainda ama sua filha. Ele não a culpa pelo que aconteceu, mas se culpa por não colocar um freio nisso antes.* — Eu revirei os olhos. — Em outras palavras, ele está desapontado por não ter me esfaqueado primeiro e não ter que lidar com os problemas que eu agora causei a ele.

— Vamos para casa, — disse Heath, se aproximando de mim e pegando o papel da minha mão.

Pegando-o antes que ele pudesse levá-lo, perguntei: — Porquê?

— Porque isso é besteira, e você não precisa lidar com isso.

Eu balancei o papel na minha mão. — Eu tenho lidado com *isso* desde os meus quinze anos. Crítica, julgamento, pessoas dizendo que eu deveria pegar prisão perpetua por esfaquear um homem que fez tanto pela comunidade. — Só de dizer as palavras me fez sentir mal do estômago.

Se as pessoas ao menos soubessem.

Não.

Elas sabiam.

Elas apenas escolheram ignorar.

Elas ficaram do seu lado.

— Aconteceu. Eu fiz isso. Esconder não vai mudar o fato de que as pessoas vão descobrir.

O sino da escola tocou para avisar sobre o primeiro período. Estudantes correram pelos corredores, alguns evitando contato visual e outros olhando descaradamente quando passaram por mim.

— Nós podemos voltar amanhã quando tudo acabar. — Heath argumentou baixinho, estendendo sua mão e pegando a minha.

— Porquê?

Ele se aproximou novamente, abaixando para que nossas testas se tocassem suavemente. — Porque você não merece isso.

— Senhorita Campbell, — a voz autoritária falou atrás de mim. Eu me virei para encontrar uma mulher vestida em um terno cinza imaculado. Seus óculos estavam encaixados na ponta do seu nariz enquanto ela examinava a bagunça ao nosso redor antes de finalmente se voltar para mim. — Posso falar com você no meu escritório, por favor? — Seu tom não era malicioso, mas definitivamente não aceitava nenhuma resposta boba. No crachá em seu peito lia-se escrito vice-diretor e, em minha mente, eu gemi.

Não era com isso que eu queria lidar hoje.

— Claro, — eu respondi sombriamente. Lucas me estendeu minha mochila, que eu peguei com um sorriso agradecido.

— Rapazes, para a aula, por favor. Vocês já estão atrasados. — Braydon e Lucas me deram sorrisos de apoio quando passaram, mas Heath não se mexeu. — Sr. Carson, agradeço que esteja querendo cuidar dela, mas não há necessidade. Eu só quero conversar.

Eu arranquei minha mão do aperto de Heath e coloquei em seu peito. Ele olhou para a mulher como se estivesse transmitindo algum tipo de mensagem silenciosa para ela, antes que finalmente direcionasse sua atenção para mim. — Eu vou te ver na hora do almoço.

Eu balancei a cabeça, observando enquanto ele saía do corredor e desaparecia.

— Vamos para o meu escritório.

Dois homens vestidos com macacão passaram por nós com grandes sacos de lixo enquanto eu a seguia em direção ao bloco da administração da escola. Acho que pelo menos os panfletos desapareceriam em breve, mas sem dúvida o estrago já havia sido feito.

As pessoas sabiam agora.

E tanto quanto eu tentei fazer parecer que não me importava, eu consegui fazer.

A senhora que eu ainda tinha que descobrir o nome, segurou a porta para mim enquanto eu entrava em seu escritório. Havia uma mesa, duas cadeiras, algumas prateleiras de livros e prêmios na parede. Sentei-me

enquanto ela fechava a porta e contornava o outro lado da mesa para se sentar em uma grande cadeira de escritório.

— É um prazer conhecer você, Keira. Meu nome é Sra. Fallon. — Ela sorriu ao se apresentar e tentei retribuir.

— Eu prefiro o nome Fable.

Ela olhou para o arquivo em sua mesa que eu percebi que tinha a minha foto presa ao topo. Era uma que eles tinham tirado quando Helen veio me matricular na sexta-feira.

— Oh sim, diz isso aqui. Desculpa.

— Sem problema.

— Eu ia lhe perguntar como seu tempo aqui tem sido até agora, mas tenho um palpite e suponho que não tem sido bom. — Ela reclinou em sua cadeira me lembrando de um conselheiro, pedindo-me para compartilhar meus problemas com ela para que pudesse me analisar.

Dei de ombros. — Sim, você está certa. Quem diria que eu começaria a semana com um estrondo tão grande?

A Sra. Fallon assentiu. — Alguém se deu ao trabalho de dar-lhe as *boas vindas,* não foi?

A ênfase sombria nas palavras *boas vindas* não passou por mim. Ela não ficou impressionada com o que tinha acontecido esta manhã, e eu estava grata por finalmente conhecer uma professora que não tolerava o comportamento intocável com a qual essas crianças se mantinham.

Eu zombei. — Oh, tenho a sensação de que sei quem é esse alguém.

— Sério.

Jay tinha sido a única até agora que fez seu aborrecimento bem conhecido. Eu não duvido que, mesmo com minhas poucas e breves palavras com ela, era do tipo que acertava golpes baixos. Agressiva passiva, esse era o estilo dela, eu já podia dizer. Ela gostava de se enterrar sob sua pele e de comer você por dentro, mas eu não ia deixar.

Minha pele era mais grossa do que ela me dava crédito.

— Eu só quero continuar com o meu dia e esquecer isso.

Ela franziu os lábios e soprou uma lufada de ar pelo nariz. — Sim, eu entendo. Eu só queria que você soubesse, Diamond Cross é uma escola muito respeitada. Não só no estado, mas em todo o país. Ter esse tipo de...problema poderia nos trazer muita luz ruim.

Meus olhos se estreitaram. — Você acha que me ter aqui poderia manchar sua reputação? — Ela fechou a pasta em sua mesa e uniu os dedos enquanto os descansava em cima. Sua atitude mudou de repente. Eu percebi agora que a tinha interpretado mal. Ela não ficou desapontada com a maneira como um de seus alunos agiu publicando os panfletos. Ela estava chateada porque minha presença estava afetando-os e à escola.

— Olha Keira...

— Fable. — eu corrigi, minha voz aguda.

Ela franziu a testa com a minha resposta, apenas outra pessoa que não estava acostumada a alguém a desafiando.

— Certo. *Fable*. Eu sei que isso deve ser difícil para você. Você veio do nada. Sem casa. Sem grandes figuras paternas. — Suas palavras cravaram em mim, mas eu segurei minha língua. — É melhor você tentar se adaptar aqui. Tente manter a cabeça baixa e não interrompa o fluxo. Não queremos que sua presença cause mais problemas.

— Nós terminamos?

A Sra. Fallon assentiu e gesticulou para a porta. — Você está livre para ir para sua primeira aula. Tenha um bom dia, Fable.

Levantei-me e joguei minha mochila por cima do ombro, nem mesmo olhando para trás quando saí do escritório, e ninguém sequer tentou me impedir enquanto eu passava pela recepção e pelas portas principais.

Pra mim já chega.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A caminhada para casa foi longa e lenta, e eu resmunguei o tempo todo sobre como gostaria de ter ido com os meus patins.

Eu simplesmente não consegui, não hoje. Esse artigo era tão falso como veio. Passei meses no reformatório superando as palavras que usaram para me descrever.

Detestável.

Fora de controle. Enlouquecida.

Em algum momento, acho que até me convenci de que eram verdadeiras. Ele foi distorcido para fazer parecer que eu era a agressora e Greg Campbell era a vítima. Foi ridículo. Ele nunca foi a vítima porque era esperto o suficiente para nunca pegar alguém que pudesse revidar. Ele mantinha uma imagem. Ele era importante, um homem a quem as pessoas prestavam atenção. Ele detinha o poder e outros o apoiaram por causa disso, colocando-o em um pedestal.

Diamond Cross não era muito melhor, e estava começando a pensar que esse era o meu karma pelo que eu fiz. As ruas me davam liberdade para crescer, me forçavam a ser forte, não só para mim, mas para meus amigos. E agora, aqui estava eu novamente, de volta a ser menosprezada e atormentada porque não era boa o suficiente.

A única questão agora é se eu deixaria a história se repetir?

Um carro com o qual eu não estava familiarizada estava na calçada, mas eu o contornei. Abri a porta da frente da casa, jogando minha bolsa

na escada e não me importando quando ela caiu os poucos degraus de volta para o final. Vozes suaves fluíram da área da sala de estar, e eu caminhei em direção a elas.

Helen estava sentada na poltrona grande, segurando uma caneca de café na mão. Ela olhou surpresa. — Fable? O que você está fazendo em casa? Ela colocou a xícara na beirada da mesa de vidro e se levantou.

— Alguém decidiu redecorar o corredor da escola. — Peguei o papel que eu tinha enfiado no bolso e entreguei a ela. Seus olhos se arregalaram quando ela examinou o artigo danificado.

— Uau, não sinto falta do ensino médio.

Eu não a reconheci quando entrei, mas me lembrei da voz dela. Lena, a policial da cidade. Ela não estava de uniforme, mas vestida com uma calça e uma camisa de colarinho. Quando ela se levantou para me cumprimentar, notei o crachá que estava preso em seu cinto.

— Hey. — Eu tentei não achar isso estranho, mas não pude deixar de vasculhar pela minha mente, procurando por uma razão pela qual ela estaria aqui.

Helen colocou a mão no meu ombro e acenou para o sofá onde Lena estava sentada. — Sente-se, Fable.

Relutantemente, eu fiz. Lena me olhou com um sorriso gentil, enquanto Helen voltou para sua própria cadeira.

— Lena só queria verificar e falar sobre alguns acontecimentos que foram descobertos.

— Sem mim? — Minha sobrancelha franziu.

Lena tocou minha mão. — Uma vez que você é menor de idade, há regras que eu preciso seguir como discutir as coisas com seus tutores primeiro.

— Ok... então o que está acontecendo?

Lena olhou para Helen, que lhe deu um leve aceno para continuar: — Eu estudei mais a fundo seu caso. Parece que o juiz Morrison que controlou sua liberação está atualmente sob investigação. Ele está sendo acusado de receber subornos.

As palavras que eu queria dizer não vieram. Fiquei impressionada com uma série de emoções diferentes raiva, alegria, frustração.

Lena continuou no meu silêncio. — O advogado que representou seus pais é uma das pessoas sob suspeita. E parece que não é a primeira vez que ele faz isso.

— O advogado solicitou a data em que você seria julgada, dizendo que era o único dia em que seus pais estavam livres para comparecer. Foi também o único dia em que o juiz Morrison executou o processo porque sua esposa estava doente.

Eu balancei a cabeça. Por mais que eu quisesse dizer que não poderia ser verdade, sabia que era. — Ele mantinha todo o dinheiro que ganhava para si mesmo. Sempre que eu ficava doente, ele nem pagava para procurar um médico ou deixava minha mãe ir buscar remédio para mim. — Uma vez eu fui para a escola tão doente que a enfermeira da escola me mandou para o hospital. Eu paguei por isso durante semanas quando

cheguei a minha casa. Ele se recusou a deixar tomar o analgésico que me deram.

Meu corpo inteiro estremeceu quando me lembrei de que desejavam que eu morresse. Que eu dormisse e não acordasse.

— Oh, querida... — Os olhos de Helen brilharam com lágrimas. — ...vamos resolver isso. Eu prometo. Ele estará assumindo a responsabilidade pelo que fez. — Suas palavras eram claras e fortes. Ela acreditava nelas com todo seu coração, e isso me fez querer acreditar nelas também.

— Fable, você tem a melhor oportunidade aqui para seguir em frente, — disse Lena, virando o corpo para me encarar. — Eu sei que as pessoas vão pegar sua vida e examiná-la e quebrá-la em pedaços, buscando tudo o que puderem para derrubá-la. — Ela apontou para o papel estragado que Helen ainda segurava em suas mãos. — Mas lembre-se, você é uma sobrevivente. Você fez o que tinha que fazer para ter certeza de que continuaria a viver. Você está viva porque foi corajosa e se manteve firme.

Lágrimas encheram minha garganta, e eu mordi meu lábio com força, tentando mantê-las paradas no mesmo lugar.

— Você não está mais sozinha. — Helen sorriu quando uma única lágrima escorreu pelo seu rosto. — Nós vamos ficar com você. Não sinta que precisa fazer isso sozinha.

Concordar foi a única coisa que pude fazer. Eu soube assim que tentei falar que iria explodir.

— Ok, eu vou embora. Mas vou continuar checando e mantendo você atualizada, — disse Lena, e nós duas nos levantamos, a mão dela ainda cobrindo a minha. — Não tenha medo de ligar se precisar de alguma coisa.

Helen e eu acompanhamos Lena até ao carro dela e acenamos enquanto se afastava. O sol irradiava sobre nós. O tempo de primavera estava morno e eu dei as boas-vindas com alegria.

— Tudo bem, vamos tomar uma bebida e conversar sobre este pedaço de papel estúpido que você trouxe para casa. — Ela pegou minha mão e me levou para dentro, seu humor triste agora cheio de determinação.

Sentei-me no balcão da cozinha enquanto ela tirava uma caixa de suco da geladeira e começou a nos servir um copo.

— Quantos destes estavam lá? — Ela perguntou, deslizando o copo sobre a bancada.

— Um corredor inteiro... — Eu gemi. — ...e eu não tenho dúvidas de que alguém já postou em redes sociais para todas as crianças que perderam isso.

— Ah sim, a internet. Tanto o céu como o inferno.

Correndo meus dedos pelo cabelo, a frustração me encheu. — Dois dias, foi o suficiente para eles me fazerem correr. Eu sobrevivi dois anos vivendo em uma barraca em um beco. Claro que foi difícil, mas eu lutei. Hoje, eu simplesmente não queria brigar.

— Quando você estava morando na cidade, você tinha seus amigos. Eles ficaram com você, e eles te ampararam quando não podia aguentar. — Ela estava certa. Eu nunca fiz nada sozinha. Nós sempre ficamos juntos porque era o mais seguro, e isso fazia as pessoas pensarem duas vezes antes de nos atacar.

— Você precisa perceber que há pessoas aqui que estarão com você também.

— Heath e Bray?

Ela riu. — Sim, meus garotos vão lutar com unhas e dentes para proteger alguém com quem eles se importam. E eu sei de fato, Heath se preocupa muito com você, em particular.

Minhas mãos seguraram firmemente o copo de suco de laranja, esperando por algum milagre que isso esfriaria o rubor que estava subindo pelo meu corpo.

Eu corri para mudar de assunto. — E se eu mudasse de escola e fosse para a escola pública?

Ela pareceu surpresa com a minha admissão. — A Diamond Cross lhe dará a melhor vantagem para o seu futuro. Eu sei que é difícil agora, mas...

— A única razão pela qual eles estão fazendo isso comigo é porque eles foram pagos para isso. — As palavras não tinham a intenção de sair tão frias e acusadoras. Eu tentei suavizar meu tom. — Sra. Fallon me puxou para seu escritório depois que viu os panfletos. Ela deixou bem claro que não queria nada lá que prejudicasse a incrível reputação da escola.

— Sra. Fallon é uma cadela.

Eu olhei para Helen, pega completamente de surpresa.

Ela riu do olhar obviamente horrorizado no meu rosto. — Tina Fallon foi para a escola comigo e com o pai dos garotos. Arthur veio de uma família razoavelmente abastada, mas eu não. Meus pais trabalharam duro para pagar aquela escola para mim, para que pudessem me dar as melhores oportunidades para o meu futuro.

Quando olhei ao redor da sala, não pude deixar de ficar impressionada com o quão bem ela usou essas oportunidades. Seu marido Arthur era famoso e ridiculamente rico. Mas Helen construiu seu próprio império. Ela era uma advogada muito procurada, com uma lista de clientes e associados quase tão impressionante quanto a do marido.

— Tina odiava que eu estivesse lá. Ela acreditava que o Diamond Cross era para a elite, um lugar para futuros líderes fazer... não amigos, mas contatos. Eu não tinha contatos para lhe dar, a menos que ela quisesse seu carro consertado ou seu cabelo feito porque estes eram os trabalhos dos meus pais. Para ela, eu estava ocupando um espaço que poderia ser dado a alguém mais importante e que valesse o tempo dela.

Fazia sentido agora, o modo como Heath a olhara no corredor.

— Não parece que ela tenha mudado muito. — Eu ri. — Mas como é que ela está trabalhando na escola? Não parece que ela fez muitos contatos.

Um pequeno sorriso cresceu na boca de Helen. — O pai dela estava acabado por sonegação fiscal e, depois disso, ninguém queria estar

associado à sua família. Então ela conseguiu uma licenciatura de professora e voltou para a Diamond Cross e subiu na hierarquia.

— E agora ela está criando toda uma nova geração de pirralhos mimados, — eu murmurei, revirando os olhos.

Ela assentiu. — Quando alguém como nós entra, isso faz com que essas crianças sintam que não são mais tão importantes. E quando eles passaram a vida inteira ouvindo que são, qualquer um que desafia isso é uma ameaça que deve ser removida. — As palavras me atingiram com força. Eu era uma ameaça, e aquelas crianças que acreditavam que eram as melhores, fariam qualquer coisa para se livrar de mim. Eu posso ter me convencido ao longo dos últimos anos que nunca deixaria alguém me bater e me quebrar de novo, mas havia um limite de rounds que poderia aguentar no ringue antes de ficar muito exausta e desistir.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Helen tinha acabado de sair do telefone com a escola, deixando-os saber que eu não voltaria para lá e que estaria o resto do dia em casa quando a porta da frente se abriu.

— Fable, — a voz de Heath soou no espaço aberto do foyer.

Revirando os olhos, Helen começou a discar novamente enquanto os passos pesados de Heath se aproximavam da cozinha.

— Oi, senhora Carson aqui novamente. Como se vê, meu filho, Heath... — ela deu-lhe um olhar quando ele apareceu na sala. — ...também não está se sentindo bem. Por favor, desculpe-o também.

Ele ignorou descaradamente a carranca de sua mãe quando atravessou a sala até onde eu estava sentada.

— Eu pensei que você ia ficar na escola.

— Eu mudei de ideia depois de conhecer a vadia vice-diretora.

Ele esfregou a mão pelo cabelo. — Eu sabia que deveria ter ido com você.

Dei de ombros. — Não importa agora.

Heath estendeu a mão e segurou em volta do meu pescoço, apertando-o suavemente. Ele fazia isso com frequência quando eu estava tensa, e não tinha certeza de como ele sabia, mas parecia acalmar meu corpo substancialmente. Fez-me sentir que eu poderia relaxar, não apenas

por causa da maneira como a mão dele massageava enquanto a tensão nos meus músculos diminuía, mas porque me lembrava que ele estava lá.

— Eu vou embarcar em um avião hoje à noite, mas primeiro eu pensei em te levar e mostrar-lhe uma coisa. — Heath e eu olhamos para Helen. Ela sorriu. — Eu preciso fazer alguns telefonemas primeiro, mas me encontre na porta da frente em vinte minutos, e podemos fazer uma pequena viagem.

Ela pegou o celular do balcão enquanto saía, com os saltos sempre presentes batendo nas tábuas do assoalho enquanto se dirigia pelo corredor até ao escritório.

— Eu preciso me trocar primeiro, andei todo o caminho para casa com essas roupas. — Heath me seguiu enquanto eu subia as escadas para o meu quarto. Ele deslizou pela porta atrás de mim e fez o caminho para a minha cama, sentado na beirada. — Acho que vou me vestir no banheiro, então? — Eu murmurei enquanto pegava uma calça jeans limpa e uma camiseta do meu armário.

Heath ainda estava no mesmo lugar que o deixei quando voltei alguns minutos depois.

— O que está errado?

Ele não se conteve. — Eu disse a você que alguns desses garotos eram implacáveis. — Minhas costas bateram contra a parede enquanto ele continuava a dizer: — Eles não vão parar, não até que você vá embora.

— Você está certo. — Seus olhos se arregalaram com a minha admissão. — Uma parte de mim quer dizer droga, porque eu passei muito

tempo da minha vida para chegar a um ponto em que finalmente senti que estava no controle. Palavras não me machucam, eu não me importo se alguém me chama de lixo ou sujeira. Eu não me importo se eles olham para mim como se não fosse digna porque por dentro eu sei que sou.

As mãos de Heath agarraram o cobertor da minha cama, mas o rosto dele permaneceu como uma pedra, uma máscara que ele conseguiu de alguma forma manter sob controle total, apesar da raiva que estava sentindo.

— Mas o passado… ainda dói, Heath. Escapar do meu pai me permitiu a liberdade de finalmente crescer e construir uma pele mais grossa. Mas sempre que a questão volta para ele, volto a ser aquela garotinha assustada de quem ninguém se aproximava e ajudava.

Não fazia o menor sentido. Eu me tornei tão forte, mantive minha cabeça erguida enquanto as pessoas viravam seus narizes para mim na rua. Eu não estava orgulhosa da vida que vivia, mas sabia que estava fazendo o melhor que podia para fazê-lo dia após dia, e o que os outros diziam ou faziam não importava.

Mas era só surgir uma lembrança do meu pai, e eu queria correr e me esconder.

— Você não precisa mais ficar com medo, — ele me disse enquanto se levantava e se aproximava. — Ele não pode te machucar aqui.

— Não, mas ele ainda me machuca aqui. — Eu bati ao lado da minha cabeça. — Às vezes parece que eu ainda estou trancada naquele quarto e ninguém vem me resgatar. — Ele não falou nada quando colocou as mãos

contra a parede em ambos os lados do meu corpo. Eu não gostava de me sentir assim, tão indefesa e ferida. Não era a pessoa em que eu me tornei. Eu era mais forte que isso e sabia disso. Então, por que me sentia tão exausta?

— O passado é o passado, e não há nada que eu possa fazer para mudar a merda que você teve que passar. — O tom profundo de sua voz passou por mim, o calor de seu corpo tão perto do meu, me preenchendo com um novo conjunto de emoções. — Mas o que eu posso fazer é garantir que você nunca tenha que passar por isso novamente.

— Você não pode fazer esse tipo de promessa, Heath.

— Sim, eu com toda certeza do caralho posso. — Seus lábios roçaram minha testa, e eu instintivamente me inclinei para ele.

Minhas mãos estenderam e agarraram sua camiseta. — Não é tão fácil. Eu não posso simplesmente esquecer e seguir em frente.

— Você não precisa esquecer. Mas é hora de parar de deixar seu passado te empatar, e começar a usá-lo para empurrar você para a frente.

A mão de Heath passou pelo meu cabelo e meus lábios se abriram quando deslizou os dedos por ele, usando seu aperto para puxar meu rosto um pouco mais perto dele.

— Estou com medo, — eu sussurrei honestamente.

Eu estava com medo, com medo porque ele estava certo. Além de meus amigos, nunca tive nada de bom em minha vida. Tornou-se tão normal ser tratada como se eu não valesse nada. Acabei por aceitar que essa era a minha vida. Mesmo agora, depois de dois dias na escola, eu

estava pronta para mandar tudo à merda, considerando mudar para uma escola pública. Onde havia garotos como Liam, que apenas se moviam dia após dia, sobrevivendo. Crianças que sabiam o que era estar na parte inferior da escada olhando para cima.

Foi onde me senti confortável porque era isso que eu conhecia.

Por que deveria ser normal pensar que eu não mereço nada melhor do que já tive?

Eu mereço melhor.

Eu quero melhor.

E talvez fosse hora de sair da zona de conforto.

Meu corpo começou a se mover para trás, direcionado por Heath, passos lentos, como se estivéssemos dançando. Quando a parte de trás das minhas pernas bateu na cama, minhas mãos dispararam para agarrar sua cintura.

— Você acha que o futuro é mais assustador do que o seu passado?

Balançando a cabeça, comecei a tentar me levantar. — Não se você estiver lá.

Eu nem sequer tive a chance de respirar antes que a boca de Heath cobrisse a minha. Ele abaixou seu corpo, e meus braços serpentearam ao redor de seu pescoço, segurando firmemente quando ele me levantou e se inclinou sobre a cama, abaixando-me suavemente. Afundei-me no edredom, apreciando a maneira como ele se moldava ao redor do meu corpo como um protetor de berço.

Heath se afastou enquanto se ajoelhava na cama, aninhando-se entre as minhas pernas. — Eu não vou a lugar nenhum, Fay.

O lugar à nossa volta estalava com energia. Eu adorava como meu corpo se sentia em seus braços, era reconfortante, mas excitante, um sentimento que era tão novo para mim e um que eu queria explorar a fundo.

Eu puxei seu cabelo, e ele sorriu quando me permitiu mais uma vez puxar sua boca para encontrar a minha. Eu nunca soube que o toque de outra pessoa poderia ser tão bom.

Layla me abraçava com frequência, e sempre me deixava à vontade depois de ter crescido conhecendo apenas uma mão pesada e a ausência de qualquer tipo de afeição. Mas o toque de Heath era diferente. Não me confortava apenas, me consumia. Seu cheiro, a aspereza de suas mãos contra a minha pele, o jeito que ele me puxava e não tinha medo de assumir a liderança.

Sua mão se moveu para o meu quadril, seus dedos deslizando sob a bainha da minha camisa. A gentil carícia contra a minha pele nua provocou um suspiro suave dos meus lábios quando ele se afastou.

— Precisamos ir... — Sua respiração se espalhou contra a minha pele quente. Eu levantei minha cabeça, procurando por sua boca, mas ele virou a cabeça com uma risada suave. — Minha mãe disse vinte minutos. E isso não é tempo suficiente para eu fazer o que quero fazer com você.

Seus olhos encontraram os meus, mas a brincadeira logo desapareceu substituída por algo mais intenso. Um nó se formou na

minha garganta e minha boca ficou seca. As batidas no meu peito eram quase ensurdecedoras.

— Heath, eu...

— Venham vocês dois. Vamos. Não posso esperar para vocês verem isso! — A voz de Helen me assustou.

Heath apenas riu, dando um beijo suave nos meus lábios antes de recuar. — Venha. — Ele estendeu o braço e agarrou minha mão, me levantando. Eu furiosamente ajustei minha roupa e passei os dedos pelo cabelo, enquanto Heath apenas riu e me seguia descendo as escadas.

Helen sorriu para nós do final das escadas, e eu esperava como o inferno que o calor que ainda preenchia meu corpo não fosse completamente óbvio.

— Você parece mais feliz, — ela comentou quando chegamos à porta da frente. Outro rubor inundou minhas bochechas. — Apenas espere. Eu acho que você vai amar isso.

— Onde estamos indo, mamãe? — Heath perguntou quando saímos para a luz do sol.

— Você vai ver. — ela respondeu enigmaticamente quando Heath segurou a porta da frente do carro de Helen para eu subir, antes de fechá-la e entrar atrás de mim.

Meu corpo finalmente começou a relaxar quando Helen ligou o rádio e cantou junto com a música do *One Direction* que estava tocando. Heath implorou no banco de trás que ela parasse, mas ela apenas aumentou o som e abafou seus pedidos de desespero.

Eu ri.

Foi tão bom apenas rir.

Amanhã será melhor.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Helen conseguiu cantar uma versão desafinada de *'Time of my Life'* e um punhado de outros clássicos antes de finalmente tirar Heath de seu desepero.

Era quase uma hora antes de Helen finalmente estacionar o carro em uma rua tranquila. Eu olhei em volta. As casas que ladeavam as ruas eram incompatíveis, algumas eram novas casas de alvenaria com grandes garagens anexas. Outras, tinham uma aparência mais antiga, em forma de quadrado com belas varandas e persianas emoldurando as janelas.

Helen retirou o cinto de segurança e saiu, Heath e eu seguimos o mesmo caminho.

— O que você acha? — Ela perguntou quando veio ao redor do carro para onde estávamos.

— De quê? — Perguntou Heath.

Ela estendeu a mão e apontou para uma casa grande do outro lado da estrada. Havia uma interseção em T e a velha casa em estilo vitoriano estava orgulhosamente na esquina. Era grande, não enorme. A casa era azul com detalhes em branco e padrões decorativos em torno da moldura da varanda e outras linhas da casa. Tinha dois andares e o que também parecia ser um sótão, com uma pequena janela que dava para a rua.

— Uau. — sussurrei, dando a volta no carro para que pudesse dar uma olhada melhor. Helen se moveu ao meu lado, sua mão vindo descansar em minhas costas.

— Você gosta dela? — Ela perguntou enquanto nós dois admiramos a bela estrutura. Tinha sido bem cuidada. Os jardins ao redor estavam limpos e arrumados, e a pintura parecia quase como se tivesse sido acabada de pintar.

Olhando para ela, eu fiz uma careta. — Eu realmente não entendo. É incrível, mas por que estamos aqui?

Ela se virou para mim. — As pessoas que a possuíram usaram-na como uma pousada. Tem oito quartos e três banheiros, e também está à venda.

Eu ainda não estava a somar dois e dois juntos. *Ela queria se mudar?*

— Você sabe o que é uma casa de grupo? — Ela perguntou, e de repente tudo fez sentido. Ela deve ter visto a expressão horrorizada no meu rosto e rapidamente levantou as mãos. — Eu sei, eu sei, você provavelmente acha que sou louca.

Eu fiz. Phee tinha me contado histórias de horror sobre a casa de grupo em que ela morava. Ela disse que as pessoas que a dirigiam não queriam estar lá. Elas os puniriam sem motivo e os envergonhariam na frente de todas as outras crianças, a fim de mostrar o seu ponto de vista. Ser estuprada por uma das pessoas que trabalhavam lá foi a última gota, e ela correu.

Eu balancei a cabeça, mas Helen segurou a minha mão, me forçando a olhar em seus olhos. — Nós podemos fazer isto diferente, Fable. Não precisa ser como os outros.

Eu olhei para a casa novamente. Realmente era como uma obra de arte, intrincada e detalhada.

— Eu quero registrá-lo como uma instituição de caridade, um lugar que recebe jovens desabrigados e os ensina as habilidades que eles precisam para conseguir emprego, e viver por conta própria e se sustentar. — Meus olhos se iluminaram com as suas palavras. Ela sabia do que estava falando. Crianças sem teto são jogadas nas ruas, a maioria delas não tem ideia de como sobreviver sozinha, e mesmo quando ficam mais velhas, elas podem reunir as habilidades da rua e aprender a sobreviver, mas essas não são habilidades que um empregador está procurando. Elas precisavam de educação e alguém para se preocupar com elas e ajudá-las a seguir em frente.

O braço de Heath deslizou em volta da minha cintura quando ele pisou ao meu lado. — Escola?

Helen assentiu. — Existia uma nas proximidades, e eu já olhei para ela. Eles têm um ótimo programa e professores incríveis. E não é uma escola grande, então haveria uma ajuda para cada um deles.

— Como você vai financiar isso? — Perguntou Heath.

— Será sem fins lucrativos. Tudo dependerá de doações e apoio de fontes externas e da comunidade. — Explicou ela. — Estou saindo esta tarde para me encontrar com algumas pessoas que estão interessadas em ajudar. E Arthur também está colocando suas antenas para fora, esperando que possamos conseguir alguns clientes que estejam interessados e começar a fazer disso uma realidade.

Enlaçando meus dedos na mão de Heath, lutei para manter as lágrimas dentro dos olhos.

— Há muitos detalhes para resolver. Nós temos que solicitar permissão. Temos que ter um plano claro que cubra todas as possibilidades. Mas eu já comecei o processo, e se conseguir apoio suficiente atrás de nós, não há como os tribunais nos negarem.

Isto era muito mais do que eu imaginava, isto não ajudaria apenas os meus amigos, mas muitas outras crianças perdidas que não tinham mais ninguém a quem recorrer.

— Eu amo isto. — Eu sussurrei. Lágrimas borraram minha visão, e eu pisquei furiosamente para as afugentar. Eu queria memorizar esta casa, o lugar que poderia ser a diferença entre uma criança morrendo e um futuro brilhante.

— Vai ser muito trabalho.

— Estou pronta. — Eu disse, minha voz forte e segura. — Podemos olhar por dentro?

— Ainda não, mas espero que em breve. — Ela me deu uma tapinha no ombro. — Não se preocupe, estamos trabalhando nisso.

— Isto é ótimo, mãe. — Heath apertou minha cintura, e eu ri.

— Eu não posso esperar para lhes contar. — Eu disse, continuando a olhar para a casa em admiração.

— Você vai ter que esperar um pouco. Lembre-se do que o juiz disse sobre você voltar lá. — ela avisou com cuidado. Eu sabia que ela estava

tentando não me perturbar, mas instantaneamente afogou a minha euforia.

Eu suspirei, frustrada. — Eu só quero que eles saibam que há esperança. Quando saí, vi a minha família sendo despedaçada. Eu não sei o que aconteceu com alguns deles, se foram mandados para casa ou o quê? Eu odeio não saber se eles estão bem.

O braço de Heath subiu para o meu ombro e levou minha cabeça ao seu peito. Eu inalei profundamente e passei os meus braços ao redor da sua cintura. — Nós vamos descobrir isso.

— A sua vida é importante também, Fable. Eu sei que você quer fazer o certo com os seus amigos, mas precisa pensar em si mesma às vezes também.

Helen estava certa. Se eu voltasse agora e fosse pega, perderia tudo isso. E eu queria fazer parte disso, tanto. Eu sabia como era a vida lá fora, eles só podiam especular.

— Ok, eu preciso chegar em casa e me preparar para pegar um avião para o Texas. — Helen bateu palmas e nos levou de volta para o carro.

— Texas? — Heath riu enquanto entrávamos lá dentro.

— Você sabe o que eles dizem, tudo é maior no Texas... — Ela falou. — ...incluindo as contas bancárias. — Ela se afastou do local, mas os meus olhos ficaram colados na casa até que desapareceu de vista.

O rádio tocava baixinho na volta para casa. Um sinal passou, e a seguir uma placa apontando para a cidade e o meu estômago se

contorceu. Eu sentia muita falta dos meus amigos. Eu só precisava saber que eles estavam bem.

— Eu esqueci de perguntar. — Helen falou pela primeira vez desde que saímos. — Se isso vai ser uma instituição de caridade, vai precisar de um nome. Eu estava pensando como Fable's Angels ou algo assim.

Heath grunhiu. — Isso é horrível.

— Bem, o que você acha então, Sr. Sabe Tudo?

A brincadeira entre mãe e filho tornou-se ruído de fundo quando ouvi uma melodia familiar percorrer o rádio.

'7 anos' por Lukas Graham.

Imediatamente pensei no amigo que eu tinha perdido muito cedo. Um lugar como este poderia tê-lo ajudado e ainda poderia estar aqui conosco hoje. Ele queria algo melhor, para si, para mim e para todos os nossos amigos. E por ele, eu faria o que fosse necessário para tornar isso possível.

Pelo menos ele poderia ter algum tipo de paz sabendo que estaríamos bem, e a possibilidade de algo melhor era muito mais acessível.

Eu esperava que isso o ajudasse a ficar tranquilo.

— Descanse Eazy[32]. — Eu disse sem pensar duas vezes. — Eazy com um Z. Ele teria amado isso também.

[32] No original está Rest Eazy, que traduzido ficaria 'Descanse em Paz' se pensarmos em 'Easy' com S. No entanto, aqui eles jogam com o nome de Eazy, com Z.

Uma mão veio do assento atrás de mim e eu me encostei na palma da mão de Heath.

— Sim. — Ele concordou. — Ele teria.

— Descanse Eazy.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Helen nos beijou na bochecha e correu para o andar de cima assim que chegamos a casa. Segui Heath até à sala de estar e caímos sentados no sofá.

— Eu realmente deveria ir e fazer o meu dever de casa. — Eu gemi, afundando nas almofadas macias. Esta casa, sem falha, tinha a mobília mais confortável que já senti. O sofá, as camas, até mesmo os bancos do bar que cercavam o balcão da cozinha foram moldados para caber perfeitamente a bunda.

Heath se arrastou, virando-se para mim. — Então você vai voltar amanhã?

Um longo suspiro de ar saiu da minha boca enquanto exalava. — Acho que preciso aproveitar ao máximo as oportunidades que a escola pode oferecer.

Heath pareceu aliviado com a minha resposta, ele expôs a verdade. — Este provavelmente não é o fim, você sabe.

Eu sabia. Não havia dúvida em minha mente de que este era apenas o começo dos jogos que estavam prestes a ser jogados. Mas o que essas crianças não sabiam era que, independentemente do que fizessem ou dissessem, eu passei por coisas piores e sobrevivi. Talvez eu não tivesse os meus amigos ao meu lado, me ajudando a me levantar quando era jogada no chão, mas eu tinha Heath, Braydon e a família deles, e eu tinha um sonho totalmente novo para trabalhar. E isso era muito mais importante.

— Eu não posso acreditar que você me deixou na escola e fugiu. — Braydon chamou, caminhando para a sala de estar com as mãos no ar. — Vocês dois. Eu pensei que nós éramos família. Mas não, vamos deixar Braydon lá e não o incluir em nosso protesto rebelde.

— Quanto tempo você demorou para chegar a esse pequeno discurso? — Heath riu secamente.

— Eu trabalhei nisso todo o caminho para casa. Que eu tive que andar, a propósito, porque você... — ele apontou o dedo para Heath, — ...pegou o maldito carro.

— Braydon Alexander Carson. — Helen gritou, entrando na sala de estar atrás dele. Ela vestia uma saia lápis rosa macia de cintura alta e uma camisa de negócios branca. — O que você está fazendo em casa?

O nariz de Braydon enrugou-se antes que ele desse um largo sorriso e se voltasse para a mãe. — Heyyy mãe. Pensei que você tivesse um voo na hora do almoço.

Ela franziu a testa para o filho mais novo. — Eu mudei para poder mostrar a Fable um novo projeto.

— Oh, incrível, me conte tudo sobre isso.

— Eu vou estar longe até segunda-feira. Se eu receber uma mensagem sobre vocês, garotos, pulando a escola ou praticando... — ela moveu os olhos entre Braydon e Heath, o olhar de uma mãe com quem não se deve mexer. — ...vocês dois ficarão de castigo. Entendido?

Braydon saudou a mãe com um sorriso radiante, mas ela não ficou impressionada. — Nós vamos ficar bem, mãe, eu juro. — Heath tentou tranquilizá-la.

— E quanto a Fable, ela não leva bronca da mãe? — Braydon choramingou.

Helen revirou os olhos. — Fable é uma garota inteligente. Você, por outro lado, tem genes do seu pai.

— Eu vou dizer a ele que você disse isso.

Helen sorriu. — Eu te desafio. — Braydon calou-se, obviamente sabendo que a sua ameaça não tinha fundo, e ele tinha sido superado. — Vou para o aeroporto, me ligue se houver algum problema e voltarei para casa. Seu pai estará de volta na sexta à noite para o seu encontro de natação no sábado de manhã, Heath. Mas ele sai de novo naquela tarde.

— Nós vamos ficar bem, mãe. — Heath repetiu novamente, levantando-se e caminhando para lhe dar um abraço. Ela beijou sua bochecha, mas quando Braydon ergueu a sua e esperou pela mesma demonstração de afeto, ela bateu-lhe levemente e sorriu.

Bray riu, e eu dei um pequeno aceno quando ela disse adeus.

No segundo em que ouvimos o carro dela começar a desaparecer no caminho, os olhos de Braydon se iluminaram. Ele esfregou as mãos como um gênio maligno conduzindo um plano diabólico.

— Shots[33] alguém quer?

[33] Shots - Tiros

Heath riu, mas eu não sabia se ele estava brincando ou não, então apenas balancei a cabeça e sorri.

Braydon apenas pareceu um pouco desapontado.

Heath estendeu a mão para mim e eu deixei ele me puxar do sofá. — Vamos lá, eu vou te ajudar com essa lição de casa.

Pegamos nossas mochilas de onde nós dois as jogamos nos degraus das escadas e as levamos para cima, gastando cerca de uma hora revisando o meu dever de geografia e um pouco da minha matemática. Enquanto a Diamond Cross decidira me manter num grau anterior para que eu pudesse alcançá-los, percebi que mesmo tendo passado apenas um dia inteiro de aulas não estava muito atrás.

A escola tinha sido a única coisa que eu gostava enquanto crescia. Eu passava horas fazendo os problemas de matemática ou escrevendo redações em inglês, sentindo-me desapontada quando ficava sem trabalho. Isso mantinha a minha mente ocupada e me deixava entrar em outro mundo por um curto período de tempo.

— Você está pronta para amanhã? — Heath perguntou, suas costas contra a cabeceira da minha cama e suas pernas esticadas sobre a minha cama. Livros preenchiam o espaço entre nós, enquanto eu me deitava de costas ao pé da cama.

— Tão pronta como eu sempre estarei.

***

O próximo par de dias foram tensos.

Algumas crianças olhavam para mim como se eu fosse puxar uma faca e pular no corredor, algumas simplesmente viravam na outra direção e corriam para longe. Não havia mais pedaços de papel espalhados com o meu rosto neles, mas, em vez disso, os insultos haviam se tornado mais sutis. Na manhã de quarta-feira, encontrei uma pequena faca na porta do meu armário, com ketchup escorrendo pela frente até ao chão, presumi que a intenção era parecer sangue. Eu ri muito facilmente.

Quinta-feira trouxeram cartões de visita com os nomes de terapeutas e psicólogos além de alguns cartazes que nomearam outras escolas na cidade que eram para crianças com necessidades especiais ou deficiências.

Heath e Braydon estavam visivelmente chateados. Ninguém havia assumido os atos de tormento ainda, e apesar do poder dos irmãos Carson na escola, eles ainda não conseguiam descobrir quem estava fazendo isso ou fazê-los parar.

Mas eu sabia. Eu só não tinha decidido como lidar com isso ainda.

Quando chegou sexta-feira, notei que muitos dos alunos que passei no salão pareciam indiferentes. Eles não olhavam ou sussurravam, continuavam com o dia como se eu não estivesse lá.

Eu tinha deixado de ser a conversa da escola, completamente invisível em pouco mais de quarenta e oito horas. Eu acho que era assim que o ensino médio funcionava, no entanto. Lembrando quando eu estava no colegial, sempre havia um novo rumor circulando sobre alguém. As pessoas argumentavam, algumas até se envolviam em brigas, mas alguns

dias depois eram amigas de novo, e o trem de fofocas estava cheio de um novo conjunto de histórias.

A surpresa no armário de sexta-feira foi diferente, porém, finalmente confirmou as minhas suspeitas.

Havia uma nota, nada extravagante ou bem pensada. Um simples pedaço de papel que havia sido colocado dentro. Heath e Braydon foram distraídos por seus amigos, então corri para abri-lo antes que eles pudessem ver.

Você não pertence aqui.

Saia antes que as coisas piorem muito.

Fique longe de Diamond Cross e fique longe de Heath.

— Fable. — Chamou Heath.

Eu amassei a nota em uma bola e enfiei-a na manga da minha blusa antes de desenhar um sorriso no rosto e fechar a porta do meu armário.

— Nada? — Perguntou Heath, erguendo a sobrancelha. Braydon e Sam esperavam ansiosamente para ver que forma excitante de abuso agressivo passivo eu poderia encontrar esta manhã.

— Eu acho que sou uma velha notícia. — Eu disse a eles com um encolher de ombros enquanto colocava os meus livros debaixo do meu braço.

O pequeno grupo de amigos de Braydon e Heath tinham sido as únicas crianças em toda a escola a não olhar para mim como se eu fosse uma aberração. Eu não tinha certeza se era porque Heath tinha falado com eles, ou se era apenas porque os garotos estavam bem comigo, e eles apenas concordavam com isso.

Lembrei-me de Heath dizendo-me que eles o respeitavam, o suficiente para saber que ele sabia o que estava fazendo. Isso só me mostrou como isso era verdade.

— Então podemos ir à festa amanhã à noite? — Os olhos de Braydon se iluminaram.

— Há uma festa? — Eu perguntei enquanto nos movíamos pelo corredor.

— Estou fazendo dezoito anos. — Sam sorriu, ficando em uma postura rígida. — Vai ser épico.

— Como um épico andar de hotel inteiro?

Braydon bufou como se a ideia fosse simplesmente absurda, mas Sam apenas sorriu. — Você pode esperar por isso, cara.

Heath andou para a frente e apressei o passo para alcançá-lo. — Você irá a festa? — Meu braço roçou contra o dele e eu tive que dizer a mim mesma para não estender a mão e segurar a sua mão. Heath podia estar aberto com o seu afeto quando estamos em casa, mas notei que na escola ele se retraia.

— Talvez. Você quer ir?

Meus lábios se franziram. — Poderia ser divertido? — Eu senti que poderia realmente gostar de ir com eles. O clima na festa do hotel era louco e excitante. Tudo era novo, e mesmo que eu tenha ficado sentada com Heath e assistido, foi bom relaxar e me divertir sendo uma adolescente pela primeira vez.

Ele parou do lado de fora da sala de aula, e nós fomos para o lado para deixar os outros alunos entrarem. — Nós iremos, se você quiser. — Ele disse enquanto se inclinava contra a parede.

— Sim! — Braydon ergueu o punho no ar e continuou descendo o corredor.

Heath sacudiu a cabeça. — Nós vamos, você fica com Bray ou comigo o tempo todo.

Eu troquei os meus livros pesados para o braço oposto para aliviar um pouco do peso. — Heath, está terminado. As pessoas estão se movendo agora. Eu vou ficar bem.

Mentira. Não está acabado.

Eu não contaria a ele sobre a carta, ainda não. Ele não precisava saber, e eu precisava parar de deixá-lo ficar na minha frente, me protegendo da multidão enfurecida. As pessoas o respeitavam, talvez até o temessem, eu acho. Mas se eu ia ficar aqui e sobreviver, precisava ganhar o meu próprio respeito.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— Ei, Fay. — Flick sentou-se ao meu lado enquanto eu examinava as páginas do meu livro de história, durante o período de estudo na biblioteca.

Eu forcei um sorriso.— Ei.

Seus olhos examinaram o quarto com cautela antes de se inclinar para mais perto. — Eu preciso falar com você sobre algo. — Suas bochechas estavam um pouco coradas, e ela se recusava a encontrar os meus olhos.

Eu fechei o meu livro e dei a ela toda a minha atenção. — Claro, o que está acontecendo?

— Eli me pediu para sair com ele neste fim de semana. — Eu aprendi com algumas breves conversas que Eli era o cara com quem ela estava conversando. Ela disse que ele não era realmente o namorado dela, mas eles estavam ficando muito próximos.

— Você e eu sabemos que nem Heath nem Bray concordarão com isso.

Ela torceu o nariz. — Eles são tão irritantes às vezes. Mas é por isso que eu preciso da tua ajuda.

Aqui vem encrenca. — Ok, estou ouvindo.

— Eli disse que ele pode conseguir um amigo para ir com ele, e se dissermos aos garotos que estamos apenas saindo para algum tempo de

meninas, eles não vão questionar isso. — Ela segurou as mãos firmemente sobre a mesa, e os olhos dela estavam arregalados e suplicantes. — Por favor, Fay, por favor.

Abaixando minha voz, mergulhei minha cabeça para mais perto dela. — Você quer que eu minta para os seus irmãos para que possa sair em um encontro.

— Eli e o seu amigo são da sua idade, então não é como se fosse algo ruim para você.

— Você está namorando um sênior. — Eu ofeguei.

Flick agarrou a minha mão e me calou, verificando ao redor para ver que ninguém tinha ouvido. — Ele me entende, Fay. Por favor. Se você não gostar, podemos ir embora. Eu só quero vê-lo.

Minha palma pressionou contra a minha testa e eu gemi baixinho. — Se eles descobrirem eu vou ser crucificada.

— Eles não vão, eu prometo. — Ela me assegurou animadamente.

— Ok, quando?

Ela mal conseguia sufocar o som de alegria que vinha de sua boca, e isso me fez sorrir ao vê-la tão feliz. — Domingo de tarde.

— O que há no domingo à tarde?

Nós duas pulamos, e o rosto sorridente de Braydon apareceu do outro lado da pequena mesa. Flick gaguejou e apertei sua mão. — Flick e eu vamos fazer algumas coisas de garotas. Você não está convidado.

— Eh... — ele encolheu os ombros, puxando uma cadeira e sentando-se. — ...mais do que provavelmente eu vou estar dormindo uma ressaca épica de qualquer maneira.

— Obrigada, Fay. — Flick sussurrou, beijando a minha bochecha, movendo-se ao redor da mesa e fazendo o mesmo com o seu irmão antes de saltar para o corredor de livros, com uma nova alegria em seu passo.

— Ela adora ter você por perto. — disse Bray, pensativo. — Eu acho que ela estava meio que dominada, dois irmãos mais velhos superprotetores. Mas agora ela tem você para cuidar dela também, e isso não parece tão intrusivo.

Eu engoli a culpa que me encheu. Não era exatamente o mesmo, com certeza eu cuidaria dela, mas também a ajudava a se esgueirar, e isso não parecia tão bom. — Ela é uma criança legal. Eu gosto de sair com ela.

— Você precisa de uma carona para casa depois da escola? Heath tem treino e eu preciso de ir a essa reunião com o treinador de futebol.

— O futebol não terminou em dezembro? — Meu conhecimento de futebol era muito limitado, eu não sabia muito sobre o desporto, mas Braydon estava obcecado com isso, então queria aprender.

Braydon sorriu, seu sorriso nunca deixando de iluminar um quarto. — Dedicação significa nunca dar um tempo. Eu já estou começando a planejar meu cronograma de treinamento. Este corpo não vem naturalmente, e eu preciso continuar treinando se eu vou pegar as mulheres durante o verão. — Ele me deu uma piscadela, e eu não pude deixar de rir.

— Eu vou ficar bem. Embalei os meus patins hoje. Andar para casa no outro dia não foi tão ruim. — Eu admiti. Bem, a parte de andar era, mas com as minhas rodinhas vai ser legal.

Ele me deu uma continência rápida e desapareceu tão rapidamente quanto apareceu.

***

A viagem para casa foi lenta. Eu gostava de apenas caminhar junto, tomando o ar. O som dos meus patins contra o caminho de concreto era um que eu amava. Isso era familiar.

Pneus de carro pararam ao meu lado, e eu perdi o equilíbrio, caindo na grama macia ao lado do caminho. Uma sensação de dor subiu pela minha espinha quando a minha bunda se chocou primeiro com o chão, e eu soltei um gemido suave.

— Ei, garota de rua. — A provocação estridente veio da rua, seguida por várias portas de carros batendo.

Eu cerrei os dentes e me forcei a ficar de pé, mesmo contra o protesto das minhas pernas. Minhas costas ainda doíam do impacto com o chão, mas eu não estava prestes a enfrentar a rainha cadela olhando para ela do chão.

Elas entraram no caminho, todas as três com sorrisos presunçosos em seus rostos. Uma das garotas atrás dela tinha o cabelo loiro em um corte bonitinho, a outra com cabelo castanho claro puxado para trás em

um boné apertado. Liza e Kelly, eu descobri quais os seus nomes, companheiras de Jay que nunca estavam muito atrás dela.

Jay me olhou de cima a baixo, criticando meu jeans rasgados e camiseta branca com um sorriso de escárnio. — Por que você ainda está aqui?

— Eu moro aqui. — O sarcasmo veio naturalmente enquanto eu gesticulava para a garagem dos Carsons, que podia ver claramente na estrada acima.

Ela não ficou impressionada com o meu tom. — Você não pertence aqui.

— Oh, então a pequena nota de amor no meu armário era de você. — Eu suspeitava disso. Jay era a única corajosa o suficiente para fazer a sua repulsa pela minha presença bem conhecida. Outros estavam apenas felizes em se sentar e aproveitar o show, e o papel de vilão parecia apenas encaixar nela tão bem.

Jay era a típica esnobe, do tipo que você achava que só via em filmes como *Meninas Malvadas*, mas que na verdade não existia na vida real. Eu suponho que não poderia realmente culpá-la, no entanto. Esta cidade e escola pareciam criar filhos intitulados de filmes.

Ela cruzou os braços sobre o peito, os braceletes brilhantes brilhando ao sol suave da tarde. — Volte para a sua sarjeta.

O riso da minha boca veio inesperadamente. — Mesmo? Isso é tudo o que você tem? Eu deveria correr agora?

Ela sacudiu a cabeça e Kelly abriu a porta de trás do pequeno VW de Jay e tirou um taco de beisebol. Eu tentei não agir surpresa, mas isso foi um novo desenvolvimento e por um segundo eu estava com medo. Jay estendeu a mão e Kelly colocou-o na palma da mão.

— Você sabia que eu jogo beisebol? — Sua voz era casual, mas a ameaça era óbvia.

Eu zombei. — Não. Agora me pergunte se eu me importo.

— Eu sou a nossa líder e a capitã da equipe.

— Parabéns. Você gostaria de uma estrela de ouro? — Minha voz conseguiu segurar firme, mas era uma luta desesperada.

O sorriso que apareceu em sua boca era assustador. Era como olhar nos olhos do próprio diabo. Foi sádico e astuto, e finalmente percebi que talvez Heath estivesse certo. No começo, eu tinha pensado em Jay como uma menina burra e rica, mas eu a tinha subestimado. Ela era inteligente e sabia que tinha o dinheiro e o poder para derrubar quem quisesse.

— Fique longe de Heath. — Ela deu um passo em minha direção, e seu rosto se iluminou de prazer quando eu me afastei para longe dela. — Você não é a única que pode fazer alguém desaparecer.

Eu tinha enfrentado viciados e membros de gangues, mas o olhar que ela tinha em seus olhos parecia muito mais perigoso do que qualquer um deles. Havia uma diferença enorme entre os dois, ela tinha absoluta confiança de que tudo o que fizesse comigo, iria se safar por causa de quem ela era.

Ela pode ou não estar errada, mas o fato de acreditar nisso é seriamente perigoso. Ela olhou para mim como se esperasse por algum tipo de resposta, uma desculpa para vir até mim. Era como estar de volta ao quarto com o meu pai. O impasse, a tensão, eu fui transportada de volta para aquela garota assustada, mas desta vez, eu não tinha arma, não tinha nenhum plano de apoio nem maneira de me proteger.

Ela segurou todo o poder.

Um barulho veio de trás de mim, e Jay rapidamente largou o bastão, descansando sobre ele como uma bengala. Seu rosto mudou em um segundo, voltando-se para um sorriso, e fazendo parecer que estávamos tendo uma conversa casual.

— Fable? — Meu corpo afundou em alívio quando ouvi a voz de Liam me chamando. Olhei por cima do ombro para vê-lo parado na esquina da rua com o skate na mão. — Você está pronta para ir? Os garotos estão esperando no parque por nós.

Ele estava me dando uma saída. E enquanto eu debatia se agora era a hora de mostrar fraqueza para essas garotas, sabia que precisava pegá-la e sair daqui o mais rápido possível. Eu estava abalada e agora não era a hora de tentar ser corajosa.

— Sim. — Eu dei a eles um último olhar. Jay bateu suas unhas brilhantes contra o bastão de madeira, o som me incomodando. Eu me virei e patinei em direção a Liam, tentando manter minha velocidade lenta e não como se estivesse fugindo. Risos fluíram pelo ar atrás de mim quando elas subiram em seu carro, dando uma meia volta na rua e passando rapidamente por nós com um aceno casual pela janela.

O meu coração estava acelerado.

Como eu a entendi tão errado?

Ela fez um bom ato, parecendo uma cadela inofensiva que gostava de jogar seu peso ao redor. Mas ela era muito mais. Ela era astuta e cruel, e esses traços misturados com o fato de que achava que era completamente intocável, poderia ser mortal.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

— Você com certeza sabe escolher um inimigo. — disse Liam quando finalmente cheguei a ele. — Jay Crowler? Realmente? — Ele balançou a cabeça.

— Você conhece-a?

Nós rolamos os patins e skate pela calçada, minha casa desaparecendo atrás de mim enquanto nos dirigíamos para o parque de skate. Eu poderia ter acabado de entrar, mas agora, precisava de algo para tirar a minha mente do que acabou de acontecer.

— Todo o mundo a conhece. Não apenas seu pai é o chefe de polícia, mas sua mãe também é uma das modelos mais conhecidas do setor.

Isso fazia sentido agora. Ela achava que era invencível.

— Ela e Heath Carson namoraram no ano passado. Eles se separaram alguns meses antes do Natal.

Meu skate pegou a trilha e eu quase caí de cara no chão. — Heath e Jay? — Eu engasguei quando finalmente me estabilizei no chão.

Liam riu. — Sim, eles eram o casal de Diamond Cross.

— Mas ela é como...

— A puta mais desprezível que você já conheceu? — Ele ofereceu, sua voz escurecendo.

Eu bufei. — Eufemismo[34]. Por que eles se separaram?

— Eu acho que o rei descobriu que a sua rainha não era a pessoa que ele achava que ela era. Jay é uma atriz e uma boa. Teve uma noite que ela deu uma surra numa garota em uma festa porque estava flertando com Heath. Ele viu a verdadeira puta, e desde então eu acho que ela simplesmente decidiu não esconder mais isso.

— Deixa-me adivinhar, o pai dela tirou qualquer tipo de acusação.

Ele riu. — A garota que ela bateu estava com muito medo de prestar queixa. Foi mantido em silêncio. Eu só sei porque estava lá.

Nós rolamos os patins e skate pela ponte que levava ao parque, ela estava cheia de adolescentes, meninos e meninas. A maioria sorriu para mim quando passei com Liam, e dei as boas-vindas à troca que era tão diferente do que eu havia experimentado nos últimos dias.

Liam parou na minha frente e me olhou diretamente nos olhos. — Meu conselho seria ficar longe de Heath Carson. Há algo bastante errado na cabeça daquela garota, e você não quer ser aquela que vai receber esse nível de loucura.

Eu engoli com força. — Um pouco difícil quando eu moro com ele.

Os olhos de Liam se arregalaram mais e mais. — Você está brincando.

— Infelizmente, não.

[34]Eufemismo é uma figura de linguagem que emprega termos mais agradáveis para suavizar uma expressão. Expressões populares têm um caráter cômico, o que pode atender em parte a do eufemismo. Situações de grande impacto, como a morte, beira o grotesco e a função dessa figura de linguagem se perde.

Ele me agarrou pelo braço e me puxou em direção a um banco vazio. Empurrando os meus ombros e me forçando a sentar. — Isso... eu tenho que ouvir.

A explicação foi curta. Relembrar a minha história de vida não era algo que gostasse, e após a reação do corpo estudantil da Diamond Cross no início da semana, eu não tinha certeza de como seria recebida.

— Então os rumores eram um pouco verdadeiros, huh. — Ele pensou, mais para si mesmo do que para mim.

— Rumores?

Ele riu. — Sim. Dizia-se que algum filho ilegítimo aparecera na soleira da porta.

Eu balancei a cabeça. — Não. Apenas a delinquente juvenil regular.

— Liam! — Nós dois olhamos para cima quando um garoto que deve ter apenas cerca de dez anos veio correndo com um enorme sorriso no rosto. — Você pode me mostrar esse truque novamente, eu vou conseguir desta vez, sei disso.

Eu queria desesperadamente perguntar a ele sobre o relacionamento de Heath e Jay. Mas vendo os olhos brilhantes daquele menino olhando para Liam como se ele fosse um herói, dei-lhe um empurrão. — Continue. Vamos ver as suas habilidades.

Ele balançou a cabeça, rindo baixinho. — Eu não sei se você está pronta para ver as minhas habilidades loucas ainda.

— Liam é o melhor. — disse o garoto animadamente, saltando em seus pés.

— Oh, ele é agora? Não posso esperar para ver. — balancei as minhas sobrancelhas para Liam, e ele apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Vamos, Seb. Vamos para lá, então Fable não conseguirá ver quando eu fizer figura de idiota. — Ele me jogou uma piscadela por cima do ombro, e eu ri, levantando-me do banco e indo em direção à pista de skate, pronta para deixar algumas das minhas preocupações para trás e deixar a alegria e a adrenalina tomarem conta.

Suor tinha se construído em minha pele, e a minha respiração estava pesada depois de mais de uma hora a perseguir Liam e o seu pequeno amigo Seb em torno do parque de skate.

— Tudo bem... — Eu ri, inclinando-me e apoiando as mãos nos meus joelhos. — ...você ganhou, eu terminei!

— Sim. — Seb gritou, jogando o punho no ar com triunfo. Liam patinou e juntou suas mãos, Seb dando-lhe uma saudação com alegria.

— Está ficando tarde, você precisa ir para casa. — Liam disse a ele, despenteando-lhe o cabelo.

— Sim. Minha mãe vai surtar. Tchau!

Liam e eu saímos para o passeio e o observamos cuidadosamente enquanto ele se dirigia para uma casa na rua.

— Você é bom com ele. — Observei.

Liam encolheu os ombros, enfiando a prancha debaixo do braço enquanto descíamos a rua em direção a casa. — Ele não passa um bom tempo em casa. Eu acho que só gostaria de ter alguém quando era tão jovem e passando pela merda que ele está.

Eu não pude deixar de sorrir.

— O quê? — Ele perguntou, me presenteando com um sorriso próprio.

— Nada.

Um carro parou na berma ao meu lado, puxando os freios. O braço de Liam veio pelo meu corpo e me puxou para trás como se quisesse me proteger. Mas com apenas uma rápida olhada no carro, soube imediatamente quem era. Ambas as portas da frente se abriram, e Heath e Braydon saíram. Eu estava prestes a cumprimentá-los, mas os olhares severos em ambos os rostos congelaram as palavras na minha boca.

— Heath, Braydon. Muito tempo sem ve-los. — A voz de Liam segurava uma certa vantagem que eu ainda tinha que decifrar. Isso me surpreendeu e me deixou cautelosa. Eu saí do abraço dele e me aproximei dos irmãos, que ainda tinham que falar. O ar estava tenso, e eu pude sentir algo construindo que não estava gostando.

— Vamos, vamos. — Minhas mãos pressionaram contra o peito de Heath, mas ele não se mexeu. Com as minhas rodinhas, lutei para conseguir qualquer tipo de aderência no chão, lutando uma batalha perdida. Tentei uma tática diferente. — Heath, por favor, vamos apenas embora.

— Vamos dar uma festa hoje à noite, talvez vocês garotos devam vir. — Liam ofereceu sarcasticamente.

Braydon estendeu os braços para os lados. — Ou talvez pudéssemos ter a nossa própria festinha aqui mesmo.

Eu ouvi Liam rir, e o barulho de sua prancha contra a calçada enquanto ele a montava. — Eu espero vê-la ao redor, Fable. — Virando-me para olhar por cima do meu ombro, dei-lhe um aceno rápido.

— Não é provável, Liam Bremmer. — Braydon chamou depois que ele desapareceu na rua escura.

Suspirando, soltei Heath e patinei ao redor dele, abrindo a porta de trás do carro. — Vocês ainda estão mijando em tudo ou podemos ir agora? — Eu chamei antes de fechar a porta atrás de mim. Eu os assisti pela janela enquanto eles falavam calmamente juntos. Heath agarrou o braço de Braydon no exato momento em que ele estava prestes a seguir na direção em que Liam partiu.

Heath deu-lhe um empurrão no ombro, voltando-lhe o corpo para o carro. A mandíbula de Braydon estava bem fechada, mas ele pegou o aviso do irmão e apressou-se para o lado do passageiro e subiu. Heath seguiu, os ombros caídos no que pareceu alívio quando entrou e ligou o carro. A atmosfera estava tensa e me perguntei se deveria dizer alguma coisa. Pedir desculpas, talvez? Mas para quê?

O relógio no painel dizia 17h37. Estive fora por mais de duas horas.

— Desculpem, vocês tiveram que vir me pegar. Não me apercebi das horas. — Nenhum dos dois pareceu aceitar as minhas desculpas e fiquei confusa.

— Eu realmente os deixei com raiva?

O resto do passeio foi em silêncio. Os meninos nem sequer falaram quando chegamos à frente da casa. Heath me seguiu pelas escadas depois

que eu tirei os meus patins e os coloquei na porta da frente. Eu podia sentir a tensão irradiando dele, mas ainda estava confusa sobre por que ele estava tão chateado. Liam e as crianças do parque de skate pareciam adolescentes normais para mim.

Eles não conduziam carros velozes, e nem tinham piscinas olímpicas nos quintais. Eles tinham famílias de renda média que trabalhavam bastante por muito pouco, mas conseguiam sobreviver.

Quando ouvi Heath fechar a porta do meu quarto atrás de mim, me virei. — Que diabo é o seu problema? Você está me fazendo sentir como uma criminosa e você o meu guarda de prisão.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Liam Bremmer não é alguém com quem você deveria estar saindo.

— Porquê?

— Confie em mim. — Ele gritou.

Minha cabeça sacudia de um lado para o outro. — Não, Heath. Você precisa me dizer mais do que isso, se acha que eu vou mudar de ideia sobre ele.

Heath deu um passo à frente. — Eu pensei que você confiava em mim. — Eu quase podia ouvir uma pontada de dor em sua voz. Mas calculei que devia ter imaginado isso porque a sua postura nunca vacilou, sua carranca me atingiu mais forte do que nunca. — Ele não é quem você acha que ele é.

— Você quer dizer como a sua namoradinha, Jay? — As palavras vieram tão rápido, mas Heath não pareceu surpreso ou chocado. — Quando você ia me dizer?

— Quando eu sentisse que era importante.

Eu joguei minhas mãos no ar, a frustração me enchendo. — Sim Heath, porque a sua palavra é lei. Deus, talvez você seja mais parecido com eles do que eu pensava. — Lágrimas queimaram em meus olhos e a raiva aqueceu minha pele. — Eu continuo pensando que as coisas vão melhorar. Primeiro, foram os meus pais, depois as ruas e agora estou aqui. Não está melhorando, é como mudar de um tipo de inferno para outro.

Mesmo através do borrão das minhas lágrimas, vi o seu rosto suavizar. Ele estava perto de mim em um segundo, envolvendo seus braços à minha volta e me puxando contra ele, colocando minha cabeça sob o queixo dele. Eu lutei contra seus braços, tentando me afastar do seu peito, mas ele só me puxou mais apertado. Eu queria dizer-lhe para se danar, para fugir, mas eu me vi desistindo quando sufocou minhas tentativas de lutar contra ele.

— Vai ficar melhor. — Sua voz sussurrou suavemente.

Eu queria acreditar nele. Mas eu estava começando a pensar que talvez fosse melhor ter ficado com o diabo que conhecia.

CAPÍTULO TRINTA

— Por que você escolheu o nome Fable? — Heath perguntou enquanto estávamos deitados no chão ao pé da minha cama. Ele recostou -se contra a moldura de madeira, e olhei para ele de onde eu estava com a minha cabeça em suas coxas.

— Eu queria ser capaz de fingir que a vida que estava vivendo não era real. — Os dedos de Heath dançaram através do meu cabelo enquanto eu falava, o leve pentear acalmando meu corpo todo. — Eu queria que fosse apenas uma história, uma fábula, para que quando finalmente encontrasse o meu lugar e seguisse em frente, pudesse fechar o livro e voltar a ser Keira.

— Eu deveria estar chamando você de Keira, então?

Minha garganta entupiu. Por mais que eu quisesse dizer sim, sabia que ainda não tinha certeza se encontrara o que procurava a vida inteira. E até então, eu ainda seria Fable, apenas uma garota em uma história. — Você realmente acha que este é o lugar onde eu deveria terminar?

— Por que não? Você é inteligente como o inferno, e com uma escola como a Diamond Cross atrás de você, não há como não conseguir uma bolsa de estudos para uma boa faculdade. Bray e eu estamos contando com desportos para obter bolsas de estudos.

— Sim, sua mãe mencionou o quão incrível era.

Ele suspirou enquanto continuava a passar seus dedos pelas minhas ondas suaves. — Eu sei que os professores podem ser idiotas, e muitos alunos têm suas cabeças tão altas que precisam ser removidas cirurgicamente, mas a escola exige o melhor dos seus alunos. Os meus pais foram para a Diamond Cross, a minha mãe não cresceu rica, mas a minha avó e o meu avô trabalharam duro para ganhar dinheiro suficiente para ela ir para lá.

A mãe de Heath tinha vindo do nada e trabalhou o seu caminho até ao topo. Era admirável e o meu grande respeito por ela só parecia crescer.

— Por que alguns de vocês não começaram a atuar? — Era algo que eu pensava há algum tempo agora. Parecia a escolha óbvia com um pai diretor de cinema.

Ele riu, o som me fazendo sorrir. — Meu pai sentiu que todos nós precisávamos encontrar o nosso próprio caminho. Se quiséssemos entrar em atuação, ele disse que tínhamos que ir a audições e experimentar como todas as outras pessoas tinham que fazer. Mamãe e papai querem que tenhamos sucesso, mas eles também estavam muito certos sobre nos ensinar que o trabalho duro era o caminho para chegar onde queríamos. Não há passeios gratuitos nesta casa.

— Droga, eu estava pensando que esta era a minha chance de ser famosa.

Heath riu. — Desculpe desapontar.

Dei de ombros. — Eu acho que sempre poderia me casar pela fama. Seu pai convida atores frequentemente para visitá-los?

— Lembra da primeira noite que nos conhecemos?

Meu nariz enrugou. — Como eu poderia esquecer.

— Nós estávamos indo para o show do Twisted Transistor, papai estava nos bastidores para se encontrar com os caras sobre fazer um filme, um pouco como o que os *One Direction* fizeram. Como eles se tornaram famosos e tudo mais.

De jeito nenhum! — Eu engasguei. — Eles estão fazendo isso?

Ele deu de ombros, mas um sorriso brincou em sua boca. — Não sei. Eles ainda não decidiram.

— Você perdeu a reunião deles, não é?

— Sim, mas conhecê-la foi muito melhor.

Seus dedos ficaram enrolados no meu cabelo enquanto eu me levantava e ficava de joelhos. Ele usou o seu abraço em mim para me puxar para mais perto.

— Isso é estúpido. — Minha voz saiu em um sussurro quando meu rosto se moveu, sua outra mão segurando meu quadril.

— Porquê?

— Eu sou apenas uma garota.

Seus lábios roçaram os meus lábios e meus olhos se fecharam. — Você também é linda, forte e teimosa como o inferno.

— Estou feliz que você começou isso com *linda*. — Ele engoliu meu insulto antes que eu pudesse terminar, pressionando a boca contra a minha e enviando uma onda de excitação através do meu corpo. Heath

podia testar a minha paciência e me desafiar a todo o momento, mas, Deus, eu adorava isso. Ele podia parecer quieto, mas com Heath, a paixão enchia tudo o que ele fazia.

Ele mostrou isso na maneira como defendia as pessoas com quem se importava, e do jeito que ele não tinha medo de falar o que pensava. E foi ainda mais presente, com a maneira como ele me atormentava com seu toque e seu beijo. Sua mão enganchou debaixo da minha bunda e levantou meu corpo sobre suas pernas, trazendo seus joelhos para cima, então eu deslizei para a frente. Ele me manteve em cativeiro lá, seus lábios deixando minha boca para queimar uma trilha de fogo através do meu queixo e até ao meu pescoço. Um suspiro satisfeito caiu dos meus lábios quando eu inclinei a cabeça para o lado, apreciando o jeito que ele beijava e beliscava, na brincadeira, a minha pele sensível.

Eu senti ele sorrir. — Você sabe quantas pessoas teriam coragem de me chamar de idiota?

— Dois, Braydon e Lucas. Talvez Flick, se você realmente a deixasse com raiva.

Heath balançou a cabeça, rindo baixinho. Este era o Heath que os outros não conseguiam ver, o carinha que deixou tudo à sua volta desaparecer e apenas viveu no momento. Eu gostaria que ele fizesse isso mais. Ele sempre foi tão sério, tentando controlar todos os aspetos da sua vida. O único outro lugar que ele era assim era quando estava na água.

O fato de que sentia como se pudesse ser ele mesmo ao meu redor me fez sentir superior. Tão superior que não havia nada que pudesse me derrubar.

As ameaças de Jay ressoaram na minha cabeça novamente.

Você não é a única que pode fazer alguém desaparecer.

Neste momento, eu ainda não tinha certeza sobre o quanto ela iria cumprir essa promessa de violência, mas até que eu pudesse descobrir, não ia deixar passar a oportunidade de ver Heath assim. Ele estava feliz e despreocupado, e a tensão que havia entre nós dois estava desaparecendo.

Mesmo que as ameaças de Jay fossem reais, e ela veio até mim, ter Heath por apenas um momento na minha vida valeria a pena.

— Idiota. — eu sussurrei.

Seus lábios estavam em mim novamente, e eu não pude deixar de rir contra sua boca quando senti sua excitação fluir através de mim.

— Olá pombinhos! — A porta se abriu, e Braydon passou, indiferente e alegre, uma mudança completa no humor que ele estava quando me pegaram mais cedo. — Eu percebi que tinha dado a vocês tempo suficiente para beijar e fazer as pazes.

— Vá embora, Bray. — Murmurou Heath, sua cabeça caindo contra a parte de madeira da minha cama.

— De jeito nenhum. Papai está a caminho de casa, e vocês dois não estão nos abandonando apenas para que você possa ficar com ela. — Ele colocou as mãos nos quadris e apontou como uma criança.

Minhas bochechas queimaram de vergonha e a risada de Braydon encheu meu quarto. — Oh merda, eu fiz a pirralha da rua corar.

Heath me olhou com curiosidade, obviamente notando a cor rosa que se espalhou pelo meu rosto. Eu me mexi em uma inútil tentativa de escapar do abraço de Heath, mas ele apenas me segurou mais apertado.

— Oh merda, hum... ele disse que estaria aqui em uma hora. — De repente, Braydon pareceu estranhamente desajeitado enquanto corria para sair do meu quarto. Batendo a porta atrás dele.

— Fable.

— Heath.

Eu olhei ao redor da sala, tentando o meu melhor para evitar os seus olhos.

Eu sabia que Heath tinha feito sexo antes. Bray também. Não era incomum que os adolescentes saíssem e dormissem uns com os outros, não importando o quanto os adultos gostassem de pensar que esperavam até aos vinte e cinco anos. Mas para mim, eu me achava sortuda por conseguir manter essa parte de mim mesma, e não a ter roubada por algum cafetão na esquina de uma rua ou por algum cara que perambulava à noite procurando garotas para atacar.

A sorte estava do meu lado.

— Vamos lá, devemos ir fazer jantar para o seu pai.

Heath não se mexeu, aqueles belos olhos azuis que me atraíam sempre me olhavam com uma intensidade que eu não conseguia descobrir. Eu não tinha certeza se ele queria me devastar[35] ou correr e não olhar para trás.

[35]*Devastar* é sinônimo de: destruir, arrasar, assolar, destroçar, acabar, rasar, talar.

— Nós vamos voltar a isso mais tarde. — Disse ele, suas palavras curtas e diretas. Mesmo que eu ainda estivesse insegura sobre qual era o ponto. Seus lábios beijaram o canto da minha boca antes que ele me levantasse. — Coloque algo legal, eu te encontro lá embaixo.

Eu ri alto. — Isso é tão bom quanto se consegue, Heath. — Eu segurei meus braços e fiz um giro.

— Perfeito. — Foi tudo o que ele murmurou quando desapareceu pela porta deixando-me franzindo a testa para a madeira.

Eu estava nervosa em conhecer Arthur, eu tinha que admitir. Eu me perguntava como ele era, e o que achava de mim apenas invadindo sua casa assim. Helen tinha dito que sua família vinha do dinheiro e ela não, então me fez sentir um pouco melhor sabendo que se ele a amasse, talvez também me aceitasse.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O grito estridente de Felicity filtrou-se através da casa, eu podia ouvi-lo claramente da sala de jantar enquanto colocava as facas e os garfos para o jantar.

Eu tinha que ser honesta com Bray, ele era realmente um ótimo cozinheiro. Ele ainda estava na cozinha trabalhando no que era em suas palavras *"sua mundialmente famosa galinha carbonara".* Uma declaração que eu não duvidaria ser verdade se o aroma surpreendente fosse qualquer coisa para se provar.

Vozes profundas encheram a cozinha ao lado, seguido pelo que soou como tapas nas costas e apertos de mão.

Eu olhei para a mesa, me perguntando se deveria ter procurado por algo um pouco mais extravagante para apresentar, talvez encontrasse algumas flores para o centro. Meu estômago se contorceu em nós.

Heath espiou pela porta e estendeu a mão para mim. — Hum, eu vou estar aí em um segundo, eu estou apenas…

— Fay, agora.

O brilho que lhe dei só foi devolvido, mas o dele era muito mais poderoso que o meu. Eu não fiz muita luta, pegando sua mão com um suspiro dramático e seguindo-o para a cozinha.

— Papai... — Heath chamou a atenção do seu pai. Ele estava de pé ao lado de Bray no balcão, inalando o cheiro doce da comida que agora

estava espalhada em cinco pratos, o vapor subindo no ar. — Esta é a Fable.

A cor dos olhos dele foi a primeira coisa a me atingir, eles eram azuis, idênticos aos de Heath. E enquanto o seu rosto era muito mais suave, mais relaxado do que o olhar normalmente duro de Heath, não havia dúvida de que eles eram pai e filho.

— É tão bom finalmente conhecê-la, Fable. — Ele deu a volta ao balcão e assim que eu pensei que ele iria chegar e apertar a minha mão, seus braços envolveram em volta de mim e ele me puxou para o seu peito. Eu queria dizer que era estranho e que mal podia esperar para escapar. Mas não era, e o abraço paterno me teve sentindo fraca. Sua barba cheia que continha especificações de cinza por toda a parte, fez cócegas na minha bochecha e trouxe um sorriso ao meu rosto.

Quando ele finalmente recuou, me segurou no comprimento de um braço com as mãos nos meus ombros. — Bem, como você é linda. Já pensou em atuar?

— Papai... — Heath avisou.

— Bem, na verdade... — Eu comecei com um largo sorriso.

O riso de Arthur ecoou alto. — Sim, você vai se encaixar muito bem.

— Podemos comer? Eu não fui escravo de um fogão quente para isto esfriar enquanto nós todos elogiamos Fay. — Bray fez beicinho. — Sem ofensa, Fay.

Eu ri. — Não tem problema, cheira incrívelmente e estou com muita fome.

Cada um de nós pegou um prato e se dirigiu para a sala de jantar que continha a mais bela mesa oval de madeira que eu já tinha visto. Braydon sentou-se na cabeceira da mesa, empurrando os ombros para trás orgulhosamente enquanto lambia os lábios e olhava para a refeição à sua frente. Heath e eu nos sentamos em frente a Arthur e Flick, que deitou a cabeça no ombro do pai e sorriu brilhantemente. Você podia ver claramente o quanto essas crianças adoravam ter o pai em casa. Parte de mim se perguntou por que eu não sentia nenhum tipo de inveja deles por ter pai e mãe tão incríveis. Mas eu estava começando a sentir que talvez fosse porque não estava do lado de fora olhando para uma família perfeita mais, eu era uma parte da imagem.

— Como está a escola? — Arthur perguntou antes de encher a boca com uma colher cheia de macarrão.

— Uma parte da minha escrita foi aceita em uma revista. Não é nada grande, mas publica um punhado de peças do ensino médio todos os meses. — Flick sorriu para o pai animadamente.

Ele colocou a mão sobre a dela. — Se é grande para você, então é grande. Não rebaixe. Estou tão orgulhoso de você, baby.

— Obrigado, papai.

Ele voltou sua atenção para a mesa. — Rapazes?

— Nada heróico para relatar, Pops. — Braydon respondeu com uma boca cheia de comida.

— Heath?

— Apenas treinando. Tentando bater o meu melhor breaststroke[36] — Heath informou seu pai.

Braydon quase se engasgou com o jantar enquanto tentava sufocar o riso. Heath se aproximou e bateu nas costas dele, um pouco forte demais, talvez.

Arthur estreitou os olhos para o filho mais novo. — Cresça, Braydon.

Bray bateu continência enquanto continuava tossindo e escondendo um sorriso.

— Fable, como vai a escola?

A resposta surgiu antes mesmo que eu pensasse sobre isso. — Diferente.

Ele riu baixinho. — Helen disse que você causou um grande impacto. Espero que não deixe isso te derrubar. A escola secundária está a apenas alguns anos fora da sua vida, então você pode seguir em frente.

A mão de Heath chegou à minha perna e ele deu um aperto suave. Eu sei que era para ser reconfortante, assim como as palavras de Arthur, mas elas serviram mais como um lembrete. Quanto tempo até que eu pudesse realmente passar do que estava começando a parecer uma vida sem fim no final da escada?

Arthur nos contou sobre o seu último filme. Ele só tinha esta noite e amanhã de manhã para passar em casa antes que tivesse que pegar outro avião de volta para a Flórida, onde eles estavam filmando pelas próximas duas semanas antes de seguir para Nova York.

[36]Breaststroke - Significa nadar de peito.

Sua vida parecia um redemoinho, viajando constantemente enquanto eles estavam filmando e voltando para casa a cada duas semanas. Mas a paixão em sua voz quando ele falou sobre o seu trabalho era fascinante, e os três irmãos penduraram em cada palavra sua como se fossem crianças pequenas ouvindo uma história para dormir.

— Oh. — Eu de repente explodi, parando a última história de Arthur sobre uma estrela exigente. — Twisted Transistor acabou concordando em fazer o filme?

Nós podiamos não ter tido nenhuma música além dos instrumentos de Layla e Daisy, mas eu estava obcecada em encontrar velhas revistas de fofocas no lixo e eles, sem falhar, sempre tinham uma história sobre Ryder ou Ryker, os gêmeos que lideravam a banda.

Arthur riu. — Eu não posso dizer que está confirmado ainda, mas eu falei com Ryder apenas algumas noites atrás, e parece que ele estará a bordo.

Eu levei um momento para entender, assim como Flick. Os garotos reviraram os olhos, mas percebi que estavam animados também, incapazes de esconder os seus sorrisos.

Estava ficando muito tarde, e Arthur pedira que Heath fosse para a cama para que estivesse preparado para o seu encontro amanhã. Ele explicou que era quase o final da temporada, e enquanto nadava o ano todo, haveria representantes de faculdades em todo o país neste evento em particular. Por isso, era importante que ele fizesse um impacto, se ganhasse a sua atenção e os atraísse de volta no próximo ano, possivelmente ganharia uma bolsa de estudos.

Nós dissemos boa noite enquanto ele desaparecia para finalmente atender o seu telefone que tinha tocado sem parar durante o jantar, mas que se recusou a atender.

Quando Flick e Bray entraram em seus próprios quartos, Heath parou do lado de fora do meu.

— Dentro, Fay. — Ele andou para a frente, me forçando a recuar até que nós dois estávamos dentro e pôde fechar a porta atrás dele.

Eu engoli o nó na garganta. — Você precisa dormir um pouco. — Heath tinha que acordar às cinco, e estar na piscina às seis para que pudesse se preparar para a sua corrida às 9h00.

— Papai gosta de você. — Suas palavras mergulharam na minha mente e euforia espalhou-se por mim.

— Isso é ótimo. Eu acho que ambos os seus pais são incríveis.

Mais do que incrível.

— Eles são. — Ele concordou com um sorriso. — Eu acho que é por isso que você se encaixa aqui tão bem.

Eu fiz uma careta. — Heath...

— Não. — Ele me parou antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa. Sua mão se estendeu, envolvendo meu pescoço e me puxando para mais perto dele. — Você é incrível. Você é corajosa e atenciosa e é honesta. Eu sei que isso tem sido difícil, assustador até, mas não desista. — Suas palavras eram tão suaves e tão doces. Eu as senti no meu corpo e nos meus ossos.

Heath iluminou o meu mundo de uma maneira que só imaginava em sonhos. Suas afeições eram tão novas, mas eu as recebi de braços abertos.

Ele puxou a minha cabeça para ele, roçando os seus lábios macios contra o meu cabelo. — Eu vou vê-la na piscina pela manhã.

Palavras pareciam tão inúteis naquele momento, então apenas observei quando ele saiu e a porta se fechou.

Nós não tínhamos discutido o que estava acontecendo entre nós. Eu não sabia exatamente o que estava construindo, mas sabia de uma coisa, não queria que parasse. Heath era o cara que toda a garota queria, mas por todas as razões erradas. Ele era sexy, misterioso e tinha o mundo à sua disposição. Mas esse não foi o cara que eu vi. Não era sobre quanto dinheiro ele tinha, ou se estar com ele faria outros invejosos. Foi o jeito que ele me construiu, como me fez sentir que não havia nada que pudesse me impedir. Ele era doce, sensível e cheio de vida, e eu podia ver agora exatamente do que Eazy estava falando.

Às vezes você precisava saber que há algo melhor lá fora para você lutar por isso.

Eu queria lutar por isso.

Eu queria lutar por ele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Diamond Cross ganhou a competição de natação. Venceu consecutivamente em todos os níveis, com Heath não só batendo sua melhor marca pessoal, mas conquistando completamente o recorde anterior da escola com mais de um segundo de sobra.

Eu fiquei com Arthur, Bray e Flick e todos nós gritamos quando o locutor informou a multidão da volta épica de Heath. Mas eu ainda não pude deixar de rir quando o vi naquela sunga de natação que ele usava. Mas eu estava me afeiçoando a ela.

O calor da área da piscina coberta estava começando a pesar sobre mim, então depois da última disputa de Heath, me desculpei enquanto os outros ficaram para mais uma, para torcer por Lucas. Heath me contou que Lucas morava com o pai dele. Seus pais se separaram quando ele mal tinha completado um ano, e seu pai nunca se casou novamente. Sua mãe morava a cerca de uma hora de distância. Ela não lucrou nada depois da separação, se casou novamente e teve outro filho não muito tempo depois do divórcio. Aparentemente, sua irmãzinha estaria na festa com ele hoje à noite.

O ar frio do banheiro feminino foi uma refrescante mudança de temperatura. Caminhei até à grande pia do banheiro e apertei a torneira, enchendo minhas mãos com água e espirrando no meu rosto. Não notei quando a porta do banheiro se abriu, mas esse erro não ficou impune.

— Eu disse a você para ficar longe dele. — O suave barulho de asas de um morcego balançando no ar foi seguido por um baque surdo quando se chocou com a parte de trás das minhas coxas. Meu grito doloroso ecoou pelo lugar, e minhas pernas cederam, me deixando cair no chão de azulejos sujos. Fechando meus olhos bem apertados, eu não conseguia parar o fluxo de lágrimas quando choraminguei, a parte de trás das minhas pernas latejando em agonia.

— Você deveria ter escutado, — Jay sibilou, de pé sobre mim. O bastão de madeira que ela tinha na mão estava pendurado casualmente por cima do ombro. Eu não pude responder, a dor da pancada que ela tinha me dado entorpeceu meus sentidos. Tentei respirar através disso, mas era insuportável. — Heath não precisa de sua reputação e seu futuro arruinado por um lixo como você.

— Você é louca, — eu finalmente consegui forçar as palavras a saírem através dos meus dentes cerrados. Coloquei minhas mãos na pia e usei-a para me levantar. — Qual é a porra do seu problema?

— Você é o meu problema. Você é como um cachorrinho perdido que alguém chutou para a rua e Heath está obcecado em tentar resgatar você. — Seu nariz enrugou.

— Eu não preciso de resgate.

Ela revirou os olhos. — Você pode pensar que teve uma vida difícil antes, garota de rua. Mas você é fraca. Estou disposta a fazer o que for preciso fazer para garantir meu futuro. Você pode dizer o mesmo?

As palavras com que ela pretendia me afetar e me fazer sentir como merda tiveram o efeito oposto, elas me alimentaram.

— E você deve pensar que ninguém vai se levantar contra você. Todo mundo tem medo de enfrentar a rainha, certo? — Seus olhos se iluminaram. Ela obviamente gostava de ser reconhecida por sua capacidade de governar na escola. — Bem, vou lhe dizer agora, quanto mais alto, maior a queda.

Ela zombou quando olhou para o espelho acima da minha cabeça, afastando uma mecha de cabelo loiro do rosto e endireitando as costas.

— Eu verifiquei seus registros, você sabe. — Seu tom era casual, sociável. — Um passo em falso seu, e eles te mandam para um orfanato, ou pior, de volta ao seu querido e velho pai.

Meu lábio levantou em um sorriso de escárnio. — Qual é o seu jogo afinal aqui, Jay? Trazer Heath de volta? Viver felizes para sempre, porque tenho certeza que ele não quer uma vadia psicótica para namorada.

— Diz a garota que perdeu a cabeça e esfaqueou o pai, — ela bufou. — Você vai contar a Heath? Chamar a polícia? Porque o registro de alguém acreditando em suas besteiras já é nulo.

Eu dei um passo à frente, a fúria crescendo dentro de mim. Ela não recuou, mas seu rosto mudou. Já não era presunçoso. Estava com raiva.

— Vá em frente, garota de rua. Bata em mim. Isso é o que você quer fazer, não é?

Eu queria bater nela. Queria deixá-la no chão e fazer com que ela sentisse a mesma dor que eu estava sentindo. Ela me insultou. Ela queria

jogar um jogo. Torturar-me. Fazer-me desistir, assim ela finalmente ia conseguir o que queria, e eu teria que ir embora.

Eu já tinha feito isso antes e ela sabia disso. Eu surtei e esfaqueei meu pai. Pensei que isso melhoraria as coisas. Isso traria a atenção das pessoas para a minha vida e as coisas mudariam. Eu pensei que as coisas iam melhorar. Elas não melhoraram.

Com os contatos e a autoconfiança de Jay, seria a história se repetindo? Ela bateu com o bastão em sua mão. Esse barulho simples me fez lembrar da dor que ela já me causou. Minhas pernas latejavam.

— Vamos lá, Fable. Eu não achei que você fosse daquelas que recua. — Suas palavras queimaram em mim. De qualquer maneira, ela ia ganhar.

Eu bato nela, ela manda me prender e me levar embora.

Eu desisto e dou a ela a vitória, vai se sentir como a rainha que ela pensa que é, e mais uma vez, eu serei a escória.

— Saia, — eu rosnei com os dentes cerrados.

Ela me deu um sorriso assassino. — E eu que pensei que você fosse uma concorrente digna. — Então ela se foi, sem outra palavra.

Eu sabia o que ela queria. Ela queria isso acabasse tanto quanto eu. Mas não acabaria. Ainda não.

Minhas lágrimas começaram a fluir novamente quando agarrei minhas pernas. Depois de alguns minutos, finalmente encontrei forças para mancar até à porta do banheiro e trancá-la. Abri o zíper da calça e me virei para o espelho, puxando-a até aos joelhos e olhando por cima do ombro.

Havia dois vergões brilhantes na parte de trás das minhas coxas, elas estavam inchadas e irritadas, e hematomas roxos já estavam começando a se espalhar. Minhas pernas tremeram com o esforço que fiz para ficar de pé, mas não consegui parar de encarar o estrago.

Ela era psicopata. Jay era louca pelo poder e determinada a conseguir o que ela queria de qualquer maneira que fosse necessário. Eu me perguntei quantas vezes ela tinha se safado desse tipo de abuso sem sofrer nenhuma consequência por seus atos.

Como ela se tornou tão confiante e cruel?

Jay sabia que ela não seria contrariada.

Ela era como meu pai.

O pensamento me arrepiou até ao osso.

Lembrei-me da promessa que fiz a mim mesma de que nunca me tornaria a mulher que minha mãe era, e deixaria outra pessoa me bater e me destruir. Não importa o tipo de poder que eles tivessem. Eu não me permitiria ser aquela pessoa que se encolhia em um canto e agia como se merecesse o abuso.

Jay achou que eu era fraca.

Ela pensou que eu me afastaria como todas as suas outras vítimas e apenas aceitaria o abuso, que não iria revidar. Mas eu já fiz isso antes. E agora eu tinha muito mais pelo que lutar.

Ela jogou bem essa partida, ela sabia que para mim havia muita coisa em risco. Perder acabaria comigo. Eu finalmente poderia ajudar meus

amigos a encontrar um novo lar, uma nova vida. E eu ia ser capaz de viver e não simplesmente existir.

Eu tinha muito a perder para desistir agora.

Eu encontrei Arthur, Bray e Flick no estacionamento. Eles estavam todos sorrindo e conversando com entusiasmo sobre as conquistas de Heath.

— Você está pronta para ir, Fable? — Bray perguntou quando me aproximei deles.

— Sim, — eu respondi, tentando ignorar a dor em cada passo quando meu jeans esfregava contra as feridas nas minhas pernas. Eu queria contar-lhes, queria chorar e fazer com que eles me abraçassem e me dissessem que tudo ficaria bem, que ela teria consequências por seu abuso.

Mas eu sabia que não importava o quão rico Arthur era, ou quanto poder eles tinham, podia não ser o suficiente. Eu precisava mais do que apenas minha palavra contra a dela porque ela não estava errada quando disse que as pessoas já tinham duvidado da minha palavra.

Tudo o que ela tinha que fazer era dar a impressão de que a história estava se repetindo, e eu estaria acabada.

— Heath está voltando para casa? — Eu perguntei, mordendo meu lábio enquanto subia no banco de trás. — Alguns olheiros queriam falar com ele sobre suas perspectivas para o futuro, — Arthur sorriu com orgulho. — Infelizmente, isso significa que provavelmente não vou vê-lo antes de ter que ir para o aeroporto, mas valerá a pena.

— Ele é muito bom, não é? — Eu expressei pela primeira vez a minha curiosidade.

Flick sorriu ao meu lado quando Arthur ligou o carro e dirigiu para casa. — Seu treinador acha que ele pode fazer parte da equipe olímpica.

— Uau. — Com uma sensação de orgulho eu estava animada por ele. Eu queria vê-lo se sair bem, e investir em sua vida, suas conquistas e sucesso. Eu estava começando a ter sentimentos por ele que nunca tive antes, e eles me emocionavam e me assustavam.

Eu não estava disposta a desistir tão facilmente do que tínhamos criado. Mas Jay estava me forçando a tomar uma decisão, e logo eu teria que mostrar minhas cartas para ela. Então eu precisava ter certeza de que seria a vencedora.

Despedimo-nos de Arthur na porta da frente. Ele me envolveu em outro de seus grandes abraços, e eu me vi suspirando suavemente enquanto apreciava o carinho reconfortante.

No segundo em que seu carro saiu da garagem, Braydon pulou animadamente. — Hora da festa!

Eu me encolhi. — Bray, eu não estou me sentindo muito bem. Acho que vou ter que ficar fora desta.

Braydon franziu a testa. — De jeito nenhum. Você disse que estava tudo bem, que você viria.

— Eu sei, — eu disse suavemente. — Eu estou apenas... foi uma longa semana.

Eu olhei para ele através dos meus longos cílios. Seu rosto suavizou. Eu me senti culpada sabendo que estava usando essa merda como uma desculpa, mas a realidade era que precisava reunir meus pensamentos. Jay tinha me desestabilizado. Ela estava fazendo exatamente o que queria e enterrando-se sob a minha pele. Eu precisava de tempo para descobrir como lidar com ela antes que tirasse o melhor de mim e eu surtasse.

Eraum grande risco. Minha cabeça precisava estar clara.

Ele suspirou. — Heath vai pirar quando ele descobrir que você não vai estar lá.

— Não o deixe voltar para casa. Ele precisa se divertir para comemorar. Eu vou ficar bem. — Ele assentiu, respirando fundo antes de se virar e se afastar.

Fui para o meu quarto e me enrolei na cama. A dor nas minhas pernas latejava e eu podia sentir o princípio de uma dor de cabeça.

Não demorou muito para que Bray batesse suavemente na porta do meu quarto. Fiquei quieta, me perguntando se era Heath, mas a voz suave de Flick chamou: — Fable, tem alguém aqui para ver você.

Franzindo a testa, eu me levantei da cama e caminhei para o corredor. Flick sorriu brilhantemente para mim. — Eles estão lá embaixo.

Quando cheguei ao topo da escada, meu coração disparou. — Layla!

CAPITLO TRINTA E TRÊS

Eu pulei as escadas. Layla tirou seu violão do ombro quando eu pulei nela.

— Lay... — Eu engasguei atordoada por ela estar aqui. — Minha nossa, você não tem ideia de como estou feliz em vê-la.

— Igualmente irmã, — ela respondeu, se afastando, mas mantendo as mãos nos meus quadris. — Jesus, pensei que você tivesse voltado para casa do seu pai. Eu chorei por dois dias. E aqui está você. Cody veio e nos contou o que estava acontecendo. Eu não pude acreditar. — Eu notei Cody parado desajeitadamente na entrada, um sorriso discreto em seu rosto.

— Ouvi dizer que você estava aqui, — disse ele. — Ouvi dizer que houve alguns problemas na escola e imaginei que você precisaria dela tanto quanto ela precisava de você.

— Aee, Cody. — Eu sorri. Ele passou tempo suficiente ao nosso redor para saber o quão próximas éramos. Estar sem Layla era como perder um pulmão. Eu estava lutando, mas muito mal. Eu acho que a única razão pela qual fiz isso por muito tempo foi porque Heath tinha preenchido o espaço. Mas ao vê-la agora, eu não tinha certeza de como tinha conseguido passar a semana sem ela.

Ela olhou para a enorme casa, seus olhos arregalados como se fosse a primeira vez que estava vendo isso. — Este lugar nunca será menos impressionante, — disse ela, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Eu vou deixar vocês ter algum tempo. — Cody sorriu antes de pegar a maçaneta da porta.

Eu agarrei o braço dele. — Espere, Cody. Obrigada.

Layla correu e colocou os braços ao redor dele. Ele pareceu surpreso no início, mas sorriu e retribuiu o abraço. — Sem problemas.

Cody desapareceu porta afora e eu arrastei Layla até às escadas para o meu quarto. — Eu não posso acreditar que você está aqui. Você não tem ideia do quanto eu precisei de você na semana passada. — Meu corpo, agora parecendo um pouco mais leve caiu sobre a cama grande quando Layla andou pelo vasto espaço, observando cada detalhe.

Ela finalmente parou na janela que dava para um lindo jardim abaixo e parte da piscina. — Eu pensei que algo horrível tivesse acontecido. Fiquei esperando que você voltasse a aparecer em Bayward. — Sua voz era suave agora, a empolgação passando.

— Eu não tenho permissão para ir lá, Lay. — Remorso me encheu, eu aceitei essas condições, mas precisava que ela soubesse que teria ido, se pudesse.

— O que você quer dizer?

Eu suspirei, esfregando meus olhos. A semana mais longa da minha vida finalmente me abalou. — Uma das condições que a juíza me impôs é que eu não pudesse voltar para as ruas. Nem mesmo para te ver. Ela disse que isso mostraria que eu não estava preparada para melhorar minha vida.

Ela passou os dedos pelos cabelos. — É melhor? — Eu podia ouvir a tristeza em sua voz. Ela tentou esconder, mas eu a conhecia muito bem.

— Para ser completamente honesta, a escola tem sido um inferno. Mas Heath e sua família e seus amigos me ajudam a superar.

Ela assentiu. — Estou muito feliz por você estar bem e contente. — Eu podia ouvir as lágrimas em sua voz quando ela disse estas palavras.

— Lay, eu não estou fazendo isso apenas por mim. A mãe de Heath, ela vai me ajudar a tirar vocês das ruas. — Eu pulei para fora da cama, pegando suas mãos nas minhas e segurando-as com força.

Ela mordeu o lábio. Era estranho ver Layla tão frágil, e a culpa se instalou no fundo do meu estômago. — Como ela pode ajudar?

— Vai ser incrível, Layla. Existe uma casa, e todos vocês podem morar lá, ir à escola e conseguir emprego. Eles vão ajudar. — Eu não tinha notícias de Helen, mas Heath disse que ela ligou e disse que tudo estava indo bem. Eu não queria dar esperanças a Layla, mas eu pude ver no fundo dos olhos dela. Ela estava desgastada, e o brilho que eu geralmente via desaparecera. Eu precisava dar algo a ela, algo que pudesse mantê-la lutando.

— Eu não sei, Fay.

— Apenas confie em mim, por favor. Se isso não funcionar, eu voltarei. Foda-se a corte, o juiz e a lei. — Meu coração se contorceu com as palavras. Claro, a escola tinha sido difícil. Mas se eu conseguisse sobreviver e receber uma educação, minhas perspectivas de um emprego

e uma vida melhor seriam muito maiores. O pensamento de deixar Heath e sua família me rasgou por dentro, mas tentei não demonstrar.

Minha consciência não me permitia deixar meus amigos sofrerem enquanto eu morava aqui, mesmo depois da briga que tive que enfrentar já que estava aqui só para sobreviver. Isso era injusto e egoísta e fazia-me sentir mal apenas de pensar sobre o que eles estavam passando enquanto eu tinha essa casa grande, cama e comida.

— Não volte. — Lágrimas caíram sobre suas bochechas, e minha geralmente forte, amiga corajosa começou a se desfazer na minha frente.

Meus olhos se estreitaram. — Lay, o que está acontecendo?

Ela enxugou as bochechas, e eu senti meus próprios olhos começarem a se encher. Só de vê-la assim me machucava por dentro.

— Kyle está perdido. Ele está bebendo muito. Lee está pirando. Andre, Coop e Phee estão prontos para arrumar suas coisas e partir. Ninguém sabe onde estão Daisy ou Sketch. Estamos desmoronando. — Seu lábio inferior tremeu.

— Kyle está bebendo?

Kyle sempre foi tão forte. Ele era o único a quem todos procurávamos, aquele que se certificava de que mantivéssemos nosso ânimo. Ele nos uniu, e nos fez ser uma família.

— Lee acha que ele está roubando do clube do tio deles. Ele está com medo que Kyle seja pego, e se isso acontecer seu tio irá demiti-los. Essa foi a chance deles em um emprego de verdade, dinheiro que poderia lhes dar uma casa e uma vida e ele está estragando tudo. — soluçou ela. — Eu não

sei o que está acontecendo, Fable. As coisas nunca foram ótimas, mas nós tínhamos uns aos outros. Ele decaiu tão depressa que sinto que vamos atingir o fundo e explodir em pedacinhos.

Eu joguei meus braços ao redor dela, apertando-a com força. — Nós daremos um jeito, eu prometo, — sussurrei em seu ouvido.

— Eu não tenho mais ninguém, — ela sufocou. — Eu não posso te perder também.

Eu a puxei para a cama, e ela deitou com a cabeça no meu ombro, as lágrimas encharcando minha camiseta enquanto ela chorava. Conhecendo Layla, ela estava acordada por dias, estressada e preocupada com o que iria acontecer. Eu me senti horrível, como se minha família estivesse caindo aos pedaços e eu fosse parte dessa causa.

Ficamos em silêncio por alguns minutos enquanto ela chorava todas as lágrimas. Eu a deixei ter esse momento. Era tão raro vê-la assim, mas percebi que todos, em algum momento, precisavam de tempo para desabar e apenas chorar antes de se levantar, dizer foda-se para o mundo e seguir em frente.

— Você quer nadar? — Perguntei.

Os soluços de Layla se transformaram em risos e eu sorri. — Claro que sim,— ela sussurrou.

Nós pulamos da cama, eu peguei o maiô disponível da minha cômoda e joguei para ela.

Entrei no banheiro e comecei a tirar meu jeans. O cós roçou a parte de trás das minhas pernas. — Ai,— eu disse inconscientemente.

A porta do banheiro se abriu atrás de mim. — Você tem cerr... puta merda. — Eu rapidamente os puxei de volta e me virei para encará-la, mas minha cabeça estava baixa, não querendo olhar nos olhos dela. — Que diabos é isso em suas pernas?

— Contusões, — eu murmurei. De repente, nadar não parecia uma boa ideia. Eu corri para fechar o botão do meu jeans.

— E de onde vieram? — Layla perguntou, sua voz firme. — Heath?

— Não... — Eu engasguei, olhando para ela em estado de choque. — Heath nunca faria isso. — Então é melhor você começar a explicar, Fable.

Passei por ela, saí pela porta do banheiro e voltei para o meu quarto. — Eu te disse, a escola não tem sido tão boa.

— Me conta, — ela exigiu, me seguindo e não me deixando escapar.

— Eu estou lidando com isso, ok?

— Diga-me! — Sua voz estava furiosa, e de repente eu tinha minha amiga de volta. Aquela que não aceitava nenhuma merda e encarava todos os problemas de frente. — Deus me ajude, mas se você não me contar eu vou perguntar a Heath ou a Braydon.

Eu estreitei meus olhos para ela, que encarou meu olhar com tanta intensidade, cruzando os braços sobre o peito e me desafiando a enfrentá-la.

— Tem uma garota, hum... ela não foi muito acolhedora. — As palavras eram sarcásticas. Eu contei a ela sobre Jay. Os panfletos, as notas, o encontro no banheiro hoje cedo.

Ela franziu os lábios. — E os meninos não a pararam?

— Eles não sabem.

Ela jogou as mãos no ar. — Por que você não lhes contou, Fable? Isso é grave. Ela bateu em você com um bastão de merda!

Eu cerrei meus punhos. — É minha palavra contra a dela, Layla. E você esqueceu, eu já estive nessa situação antes e olhe como isso acabou. Ela é uma estudante modelo, eu sou a garota que fica com raiva e tenta matar um dos pais. Em quem você acha que eles vão acreditar?

— Não é o mesmo, — disse ela, baixando a voz, tornando-se gentil. — Isso é diferente. Heath acreditaria em você, ele ajudaria você a impedi-la. Ele tem poder, se lembra?

— Eu não posso arriscar. — Meus ombros caíram, minha luta se dissipando tão rápido quanto veio. — Estou me apaixonando por ele, Lay. Se algo acontecer e for levada embora, eu perco tudo. A chance de uma vida real, a chance de estar com ele e, pior de tudo, a chance de ajudar vocês a sair das ruas. Isso tudo significa muito para mim. Eu não posso desistir agora. Não posso voltar e provar que todos estavam certos, que sou apenas uma garota maluca que está fora de controle.

Ela deu um passo à frente. — Ela tem alguma coisa contra você? Qualquer coisa que ela possa usar?

Eu balancei a cabeça. — Não. Eu me contive. Ela está me provocando. Acho que ela percebeu que a abordagem sutil não ia funcionar e precisava piorar as coisas. Ela precisa de mim para revidar.

— Se ela não tem nada, então não há problema. Foda-se ela. Deixe-a jogar suas birras, mas não a deixe pensar que ela ganhou. É aí que eles pensam que podem fazer isso para os outros. Você é mais forte que isso.

Eu olhei nos olhos de Layla. Eles brilharam, a força por trás de suas palavras me enchendo. Ela estava certa. Eu evitei a festa hoje porque eu simplesmente não queria lidar com isso. Eu pensei que estava sendo inteligente. Tomando o tempo para me recuperar. Mas eu estava apenas mostrando que ela tinha o poder sobre mim que ela pensava que tinha.

Eu nunca lutei contra meu pai.

Minha submissão simplesmente o motivou, fez com que ele se sentisse invencível, o deixou mais forte, e a tortura só piorou quanto mais eu recuava. Eu disse que nunca faria isso de novo, e aqui estava eu voltando para àquela mesma rotina, aquele lugar confortável que nunca tinha feito nada para mim antes, mas me trouxe dor.

Eu precisava mostrar a Jay que ela não poderia me arruinar tão facilmente. Eu passei muito tempo colando as peças para deixá-la quebrá-las novamente. Eu não ia desistir de Heath. E eu não desistiria do meu futuro ou do futuro dos meus amigos. Eu não iria me contentar com nada menos do que eu merecia. E eu merecia ser feliz.

Layla me observou pensar. Ela ficou forte ao meu lado, deixando-me reunir meus pensamentos, porque ela sabia que eu voltaria a lutar.

— Dane-se o nadar. Você sente vontade de ir a uma festa?

Seus lábios se voltaram e seu sorriso se alargou. — Dane-se sim.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

— Flick, — eu chamei quando Layla e eu corremos pelo corredor até ao quarto dela. Nós duas rindo de emoção.

Deus, eu senti tanto a falta dela. Ela me conhecia. Ela sabia como meu cérebro funcionava. Nós entramos pela porta aberta.

Flick estava sentada em sua mesa em seu laptop, ela pulou quando entramos, fechando seu laptop. — Onde está o fogo? — Brincou ela, mas sua voz tremia nervosamente.

— Precisamos de vestidos, — Layla interrompeu antes que eu pudesse perguntar se ela estava bem. — Desculpa. Eu sou Layla. Prazer em conhecê-la.

Flick sorriu. — Eu sou Felicity. E por que vocês duas precisam de vestidos?

— Nós vamos para a festa, — eu disse a ela. Não sendo capaz de não sorrir.

Ela pareceu se animar brilhantemente. — Oh meu Deus, isso é incrível. Vamos lá, eu vou encontrar alguma coisa para vocês. — Ela correu para o armário e começou a vasculhar. — Você precisará de algo mais solto. Bray disse que era uma festa na piscina, mas eu não vejo você de biquíni.

Meu rosto estremeceu e Layla riu. — Solto é bom. Sexy também.

Flick se virou e me olhou com cuidado. — Que tal um vestido com um longo comprimento?

— Woah, woah...

— Perfeito! Sexy, de verão, feminino. — Layla me lançou um olhar penetrante. Ela sabia que eu não era o estilo feminina. — Heath vai cair em cima, com tudo isso. — Ela balançou as sobrancelhas e Flick riu baixinho.

Eu não pude evitar o rubor que se espalhou pelo meu corpo. Tanto quanto eu odiava a ideia de colocar um vestido, a ideia de Heath gostar enviou uma emoção rápida dentro de mim.

Gemendo, caí na derrota. — Bem.

— Eu acho que tenho o vestido perfeito. — Flick aplaudiu alegremente.

Flick se enfiou de volta em seu armário e as roupas começaram a voar atrás dela enquanto ela cavava mais fundo.

— Woah menina.

— Aqui está,— afirmou alegremente. Ela se virou, segurando um deslumbrante vestido branco que me tirou o fôlego. Era simples, casual, mas bonito mesmo assim. Era até o chão e esvoaçante. A parte de cima tinha um cordão nas pontas para prender no pescoço com um decote muito baixo na frente e era completamente frente única.

Então eu acho que não usaria sutiã.

Contas sutis brilhantes foram costuradas em torno das bordas e eram apenas o suficiente para mudar de um vestido branco liso para algo que poderia ser usado em uma festa.

— Eu... eu estou... — Eu gaguejei, tentando expressar o quão estranho eu me sentia em usar um vestido em qualquer lugar. Eu vivia sempre em jeans. Eu tinha a minissaia, mesmo assim sempre combinava com meias pretas ou meias rasgadas. Isso era o mais feminino que eu conseguia.

Flick se aproximou, segurando o vestido para mim. — Você vai ficar incrível nisso. Junto com seu cabelo preto. Uau.

— Eu não sei, Flick, — respondi nervosamente quando ela me entregou. Parecia macio e sedoso, e eu só podia imaginar qual seria a sensação contra a minha pele. — Eu não posso nem usar sutiã.

Ela riu. — Você não deve. Ele vai sustentar você, assim como um top de biquíni.

Eu mordi meu lábio nervosamente. — Você tem certeza disso?

Seu sorriso era suave e encorajador. — Confie em mim, Fable.

Essas palavras novamente. Elas pareciam ser um tema recorrente com as pessoas dessa família. Mas eu confio neles. Eles efetivamente salvaram minha vida. Até agora, eu não tinha razão para não fazer isso.

Ela voltou para o armário e enfiou a cabeça novamente. Quando ela saiu, ela tinha um lindo vestido estilo boneca. — Isto é para você, Layla.

Layla pareceu atordoada por um segundo. — Talvez isso não seja uma boa ideia.

Risos explodiram de mim. — Hipócrita!

Flick se adiantou, segurando o vestido contra o corpo de Layla. Ele chegava até ao joelho e era da mais bela cor verde-esmeralda.

— Braydon gosta de verde, — comentou Flick com um sorriso.

— O quê... — Layla protestou, mas Flick apenas balançou a cabeça.

— Eu estou quieta, mas isso não significa que não ouço as coisas que acontecem ao redor desta casa.

Eu ri e Layla me lançou um olhar duro que só me estimulou. Segurando o vestido contra mim, deslizou até ao chão. — Eu acho que pelo menos é longo o suficiente para esconder meus sapatos, então eles não parecerão estúpidos.

Flick arregalou os olhos em horror. — Oh não, não, não. De jeito nenhum. Você precisa de sandálias. Talvez algo no seu cabelo. Alguma maquiagem também... — sua voz sumiu quando ela desapareceu pela porta e pelo corredor.

Eu estava começando a me perguntar em que diabos me meteria.

Um pouco depois, de tudo isso Flick fez um telefonema. Aparentemente, os Carsons têm um motorista que podem chamar quando precisam. Flick disse que usa quando seus pais estão longe, e seus irmãos estão ocupados com esportes.

Ela deu ao motorista o endereço da festa e acenou para nós da porta da frente enquanto nos afastávamos.

Caminhei nervosamente e Layla se aproximou e agarrou minha mão. — Isso é estranho, — disse a ela.

— Você provavelmente deveria se acostumar com isso, porque essa vai ser a sua vida, Fable. Apenas lembre-se, você merece isso. Não há mais ninguém a quem eu deseje isso mais do que a você.

Apertei a mão dela. Ela também merecia isso. E eu ia lutar para conseguir o que ela merecia.

Foi Heath que me encheu de conforto quando eu estava me sentindo fora de lugar e desajeitada, que eu sabia que ambos eram completamente prováveis agora. Nós dirigimos até às colinas com vista para a cidade. Eu não estava nem surpresa quando as casas só ficaram mais e mais de cair o queixo e eram surpreendentes. Elas eram mansões que garotinhas sonhavam ter quando ficassem mais velhas. Sonhos que muito raramente se realizavam.

Elas nunca foram meu sonho, no entanto. Crescendo, eu desejei coisas que fossem mais realistas. Pais que me amavam, três refeições por dia, amigos que me fariam sorrir quando estivesse triste. Apenas recentemente alguns deles se tornaram realidade, e mesmo assim, eu ainda estava esperando que eles fossem arrancados de mim.

Estacionando na frente da grande mansão, eu engoli o nó na garganta, mas Layla me deu um empurrão suave e me forçou a sair do carro.

Caminhar com esse vestido longo era uma luta por conta própria. Eu não estava acostumada com isso. Em primeiro lugar, os vestidos nunca

foram minha coisa, e segundo eu nunca tive nada tão legal assim, então eu estava consciente de ter certeza de que não o sujaria ou rasgaria.

Layla passou pelas portas da frente que estavam abertas e onde tinha pessoas conversando do lado de fora. Eu peguei alguns olhares surpresos, mas corri para acompanhar Lay, que parecia em uma missão.

Havia caras de sunga e garotas de biquíni, embora parecessem completamente sem sentido, pois eles combinaram com saltos altos e jóias caras. Eu me perguntei quantos deles realmente pretendiam nadar ou estavam simplesmente usando a festa como uma desculpa para se vestir de forma extravagante.

Música bombou alto quando Layla me conduziu através da casa deslumbrante para o quintal. Percebi então por que Braydon estava tão empolgado para vir.

Havia dois toboáguas enormes que começavam no alto da colina atrás da casa. Quando chegavam à parte de baixo, de repente, curvavam para cima, jogando as pessoas para o ar antes de cair na grande piscina no fundo. Eu assisti quando dois garotos subiram ao topo, gritando todo o caminho para baixo. Quando eles atingiram a rampa de subida, ambos viraram para trás antes de mergulhar os pés na água.

— Dane-se, — eu murmurei para mim mesma.

Layla riu. — Quando Heath vir você nesse vestido, simplesmente conseguirá esse desejo.

Eu não pude impedir o rubor de subir pela minha pele. — Eu te odeio, — murmurei como uma criança pequena.

— Oh, você vai me amar em breve. — Ela agarrou minha mão e nos levou através da multidão de adolescentes, que gritavam de alegria quando outra pessoa se precipitou pelo toboágua a toda a velocidade. Eu ouvi um barulho e as pessoas ao redor levantaram seus braços e óculos com um grito de alegria.

Conseguimos atravessar a multidão e Layla me empurrou, chamando minha atenção para o dedo que apontava para longe da piscina.

Enquanto a maioria da multidão parecia contente em ficar ao redor da piscina, dançando e ouvindo a música que pulsava da casa em um grande bloco de concreto, havia uma bela área gramada ao lado que era mais silenciosa e continha apenas um punhado de pessoas. O grupo deitava-se ao sol em cobertores e conversavam enquanto bebiam.

Estava tudo calmo, mais exclusivo, como as pessoas da outra parte da festa pareciam não se aproximar deles a vibração estava mais tranquila, que era mais o meu estilo e eu sabia que era mais o de Heath também.

— Vamos lá, — disse Lay, agarrando minha mão.

Eles não nos notaram quando nos aproximamos, e esse não era o estilo de Layla.

— Ei, garoto rico, — ela chamou, atraindo seus rostos para nós. — O que uma garota tem que fazer para tomar uma bebida por aqui?

Braydon e Heath levantaram do chão. Os olhos de Heath percorreram toda a extensão do meu corpo e tive a súbita vontade de dar um passo para trás, com o calor em seus olhos que eu podia sentir de longe.

Braydon, por outro lado, se iluminou com um sorriso juvenil, seus olhos totalmente em Layla. — Mostre-me seus peitos, — ele respondeu quando os irmãos se dirigiram para nós.

Layla riu. — Sonhe alto.

Braydon riu com ela, mas Heath apenas caminhou em nossa direção em silêncio. O fato era que ele poderia estar gritando comigo por tudo que eu sabia, e não teria ideia porque tudo que podia ouvir era meu coração batendo forte enquanto meus olhos observavam o jeito que ele se movia.

Ele vestia uma camisa de manga curta, mas foi deixada aberta. Um par de calça cáqui baixa pelos quadris, acentuando sua cintura fina. Cada parte dele era tonificada, sexy e bronzeada. Seus ombros e bíceps se esticavam contra o tecido de sua camisa. Eu não ficaria surpresa se ele flexionasse e rasgasse imediatamente. Eu também não me importaria. Parecia ser um crime esconder um corpo tão lindo assim. Meus dedos se contraíram, desesperados para alcançá-lo e tocá-lo. Sabendo que no segundo que eu o fizesse, o mundo ao meu redor desapareceria.

O poder de seu corpo me atraía em todas as vezes. Ele gritava segurança e proteção, e eu queria desesperadamente que me envolvesse, porque essa era a minha serenidade.

Antes que eu percebesse, ele estava na minha frente, estendendo sua mão para agarrar minha cintura e me arrastando para ele. O aperto gentil, e a maneira como sua respiração se espalhou pelo meu pescoço quando ele abaixou a cabeça me disse tudo o que eu precisava saber. Ele

estava tão louco quanto eu. Nossos corpos estavam em sintonia, ele sentia esses sentimentos também, e uma onda de euforia se espalhou por mim.

— Você está linda, — ele sussurrou. Virei a cabeça ligeiramente para que meus lábios roçassem o lado do rosto dele.

Eu sorri. — É um pouco diferente, né? O vestido não tem muito a ver comigo, mas sua irmã insistiu.

— Não importa o que você veste. Não importa a sua aparência. É ver você feliz e sorridente que faz você parecer tão incrível.

Pressionei meus lábios ao lado de seu rosto, apreciando o jeito que sua pele não era macia, mas sim forte e áspera. Heath não era um adolescente. Ele era todo homem. Fisicamente e mentalmente. Era o que o fazia tão forte e tão sério. Era o que atraía as garotas e tenho certeza que até algumas mulheres. Mas seus olhos eram todos para mim.

Eu sabia agora mais do que nunca que Jay não ganharia essa luta. Eu não deixaria nada atrapalhar esse sentimento. Nunca.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

— Vamos, quero que você conheça alguém.

— Ok.

Procurei Layla, mas Bray já a tinha feito sua refém e a arrastava com promessas de sexo na praia. Eu tinha certeza que ele queria dizer a bebida, mas com Braydon você nunca poderia ter certeza.

— Cuide da minha amiga, Braydon, — eu disse atrás deles. A risada de Layla dançou no ar, mas Braydon nem sequer olhou para trás, apenas acenando para mim com um movimento de sua mão.

Heath me puxou na direção oposta, para onde seus amigos tinham voltado para suas conversas depois da entrada barulhenta de Layla.

— Payton. — chamou Heath. Uma jovem com longos cabelos loiros ondulados se virou com um largo sorriso no rosto. Ela estava vestindo um par de shorts jeans que estavam rasgados nas pontas, e o que parecia ser um maiô preto.

Ela se levantou quando nos aproximamos. — Ei, Fable, certo?

Eu sorri. — Sim, prazer em conhecê-la.

Lucas apareceu atrás dela, envolvendo o braço em volta do pescoço dela e puxando-a para trás. — Esta é minha pequena irmã pirralha.

— Oh!

Payton deu uma cotovelada em seu irmão mais velho no estômago, e ele se dobrou rindo.

— Ignore-o, eu sou adorável.

Lucas engasgou com o riso. — Você simplesmente me agride abertamente e depois tenta convencê-la de que você é adorável? Boa tentativa, mana.

Sua brincadeira sobre quem era o melhor irmão me fez rir. Eventualmente, Payton apenas empurrou-o para longe e pegou minha mão, me puxando dos braços de Heath. — Vamos, vamos tomar uma bebida.

Olhei por cima do meu ombro para Heath enquanto ela me puxava de volta para a casa, mas ele apenas sorriu e balançou a cabeça. Eu já sentia falta do contato, mas acho que isso era uma festa.

— Sem álcool, Payton, — Lucas disse atrás de nós.

Payton não olhou para trás, mas ergueu o dedo do meio por cima do ombro enquanto continuava a me arrastar para longe. Quando estávamos distantes o suficiente, ela diminuiu a velocidade e eu corri para chegar ao lado dela.

— Lucas não me deixa beber. Ele acha que eu sou muito jovem.

— Quantos anos você tem?

— Acabei de fazer dezesseis anos.

Dei de ombros. — Eu acho que irmãos mais velhos são feitos para serem protetores. — Eu seria uma hipócrita se dissesse a ela que não deveria beber. Não era como se não fizesse isso eu mesma. Eu estava realmente ansiosa para colocar um pouco de coragem líquida no meu

corpo. — Como eles conseguem fazer festas assim e não se meter em problemas com a polícia?

Ela bufou. — Quando você tem muito dinheiro, pode se dar bem com qualquer coisa. Todo mundo tem o seu preço, você sabe.

Eu sabia.

Payton se aproximou do bar improvisado onde dois caras rodavam garrafas e bebidas misturadas. — Dê-me dois cosmos, — Payton pediu sobre a música que se tornava cada vez mais alta à medida que nos aproximávamos da casa. Ele assentiu e começou a misturar nossas bebidas. Não passou nem um minuto antes de um ser colocado na minha frente, o outro na frente de Payton.

Eu bebi, deixando o líquido calmante correr pela minha garganta. Não era forte e tinha um sabor incrível.

Eu observei como Payton tomou um gole do dela e ergueu seu nariz. — Não há álcool nisso, — ela exigiu, olhando para o barman.

— Lucas disse que sem álcool para você. — Ele sorriu antes de ir para o outro lado do bar.

Eu consegui sufocar minha risada com a minha mão.

— Eu vou assassiná-lo, — afirmou, pegando a bebida no bar e murmurando para si mesma enquanto caminhávamos de volta para o lado mais calmo da piscina, onde Heath, Braydon e Layla estavam sentados. — Lucas!

Ele se virou para nós com um sorriso malicioso no rosto.

— O que é essa merda? — Ela rosnou, segurando sua bebida.

— Chama-se *cosmopolitan virgem*. Você sabe, porque não tem álcool. — Lucas cruzou os braços sobre o peito e sorriu orgulhosamente.

Foi quando Payton sorriu de volta que eu sabia que ele não tinha ganho essa rodada.

— Obrigado por isso. Todo o conceito virgem é estranho para mim. Bom saber.

Todos riram alto quando o rosto de Lucas afundou e se transformou em uma expressão de nojo. — É melhor você estar brincando, Pay.

Ela não respondeu, mas deslizou por ele, bebericando sua bebida com um sorriso quando passou caminhando.

Rindo baixinho, eu fiz meu caminho até Heath. Havia vários cobertores grandes dispostos na grama. Sam e outro amigo dos meninos, Matt, conversavam com Heath enquanto Braydon e Layla se sentaram um pouco para trás, as cabeças mergulhadas juntas na conversa. Heath olhou para cima quando ele me viu chegando, sorrindo e batendo no chão no espaço entre suas pernas. Eles estavam de joelhos e ele descansou os braços sobre eles.

Eu fiz uma careta enquanto olhava para o local.

Heath franziu a testa para mim. — O que está errado?

Segurando minha bebida com uma mão e apontando para o vestido longo que eu estava usando com a outra, tentei explicar o problema sem que todos ao nosso redor percebessem. Eu era uma menina, eu realmente deveria saber como administrar algo assim.

— Passe-lhe a sua bebida e levante o seu vestido enquanto você se senta, — uma menina do cobertor próximo ofereceu com um sorriso suave.

Eu fiz isso, passando a Heath minha bebida e levantando a parte de baixo do meu vestido enquanto me encaixava no espaço entre suas pernas. Quando eu estava acomodada, Heath me devolveu minha bebida e me virei para a garota. — Obrigada.

Ela riu. — Sem problemas. Sentar no chão em um vestido longo pode ser uma forma de arte, mas se eu ficasse tão bem quanto você em um, poderia apostar sua bunda que eu diria dane-se e usaria um também.

Aqueceu-me ouvir suas palavras gentis. Talvez os jovens daqui estivessem começando a esquecer e seguir em frente. Talvez eu estivesse me tornando apenas mais uma jovem na escola.

Heath se deslocou para a frente, deslizando meu cabelo para a frente por cima do meu ombro e me puxando de volta contra ele. A pele nua do seu peito aqueceu minhas costas nuas. Eu me inclinei contra ele tomando minha bebida enquanto ele voltava para sua conversa com seus amigos. Eles conversavam sobre a natação e o que seus pais estavam fazendo em suas vidas ocupadas. O pai de Matt tinha uma gravadora, e os pais de Sam eram magnatas do resort e possuíam hotéis em todos os estados, incluindo alguns dos maiores e mais bem conhecidos lugares de Las Vegas.

Foi estranho, no entanto. Mesmo que eu não tivesse histórias como as deles para comparar, eu não me sentia fora de lugar ou sobrecarregada como pensava que faria. Eu não sabia se era por causa de Heath e do jeito

que seus dedos gentilmente me acariciavam, ou se era porque finalmente senti que não era mais a rejeitada com a história de fundo de ser desonesta. Espiei por cima do ombro de Heath para ver Layla rindo com Bray, Payton e Lucas e sorri contente.

Eu ri enquanto Payton e Lucas continuavam a debater sobre quem era melhor, Lay e eu aplaudimos quando Braydon fez uma acrobacia épica no toboágua, e eu simpatizei com a garota gritando com seu namorado porque ela o pegou beijando outra pessoa.

O foco não estava mais em mim. Esses garotos tinham seguido em frente.

Eu era apenas uma adolescente normal. E cara, me senti bem.

Observei a multidão, olhando-a com fascínio enquanto eles dançavam e se apertavam uns contra os outros. Era incompreensível quão diferente este mundo era do meu. O maior temor dessas crianças era se elas seriam convidadas para a próxima festa ou se tropeçariam em suas *Louis Vuitton's*.[37]

O braço de Heath estava envolto firmemente em volta da minha cintura isso ajudou a me sentir à vontade. Para alguém que geralmente mantinha suas demonstrações de afeto de forma privada, ele estava estranhamente confiante hoje. Mas eu o acolhi, no entanto. Não fiquei pensando nisso, mas encontrando conforto na forma como ele não tinha medo de mostrar como se importava comigo.

[37]*Louis Vuitton's* – Marca famosa de bolsas e calçados.

Enquanto meus olhos procuravam a multidão, um olhar familiar me encarou, parando minha sondagem. Ela tinha as mãos nos quadris e os olhos estavam estreitados. Endureci minhas costas, tentando não deixar o olhar duro de Jay tirar o melhor de mim. Eu precisava deixá-la saber que não estava desistindo disso tão facilmente quanto ela pensava.

Ela queria brincar comigo, ameaçar meu futuro e minha chance de finalmente ter alguma coisa. O que ela não considerou foi o fato de que já tinha passado pelas profundezas do inferno, e Heath e sua família finalmente me deram uma razão para revidar.

A ideia de ser mandada de volta para meu pai me petrificou. Mas outra coisa me assustou ainda mais.

Perder Heath e a vida que eu comecei a criar para mim.

Eu consegui segurar seu olhar por mais de um minuto antes que ela se virasse e fosse embora, empurrando as pessoas para o lado enquanto fazia sua grande saída de volta para dentro da casa.

O barulho ao meu redor me tirou dos meus pensamentos enquanto os garotos se empurravam e se divertiam uns com os outros, tirando suas camisas como se estivessem prontos para o mergulho.

— Você não vai nadar? — Perguntei a Heath quando ficou atrás de mim e não se juntou aos outros. Seus dedos estavam acariciando o fundo do meu cabelo. Enrolando e desenrolando enquanto assistíamos os foliões dançar e beber à vontade.

Virei meu corpo para o lado, odiando não poder ver seu rosto. — Não, — ele deu de ombros. — Estou bem aqui com você.

— Heath, vá se você quiser. Eu estou bem. — Mesmo usando a minha voz mais severa, ele ainda deu um sorriso.

Payton sentou-se ao nosso lado. — Sim, vá. Eu ficarei com ela.

Bray já tinha roubado Layla, mal me permitindo cinco minutos com minha amiga antes que ele continuasse a arrastá-la, apresentando-a a qualquer um que ele podia. Layla era sagaz, assim como Braydon, e ele não podia esperar para compartilhar sua nova amizade com quem quisesse ouvir. E com Braydon, isso era todo mundo. Simplesmente porque ele era Braydon.

Heath grunhiu em resposta à oferta de Payton para me fazer companhia. — Isso não me faz sentir melhor, Pay.

— Heath, vá.

— Vamos lá, cara. Vamos nos vestir e mostrar a esses aspirantes o que realmente está acontecendo. — Lucas jogou seus calções de banho no chão ao nosso lado, e eu olhei para cima e murmurei, *obrigada* para ele.

Heath murmurou baixo em sua garganta e o som enviou formigamentos dentro de mim. — Claro. — Apenas quando eu pensava que tinha ganho, ele agarrou meu queixo e virou meu rosto para o dele, cobrindo meu sorriso triunfante com a boca. Por sorte, eu não tinha mais nenhuma bebida no meu copo, ele caiu sobre o cobertor quando eu derreti em seus braços. Sua mão deslizou pelo meu queixo e ao redor do meu pescoço, não me permitindo escapar, enquanto ele me devorava.

Não que quisesse isso de qualquer maneira, de repente pensando que talvez eu não quisesse que ele fosse a qualquer lugar, porque ali

naquele momento estava o lugar onde poderia ter ficado felizmente por toda a vida.

— Está bem, está bem. Nós entendemos o ponto, homem das cavernas. Sua mulher, seu homem. Ela é sua. Não toque, — Payton gemeu, nos dando um empurrão suave. Os amigos ao nosso redor riram e eu não pude deixar de rir em seus lábios enquanto tentava me afastar.

Ele gemeu, mas finalmente recuou, com os olhos quentes e selvagens. Heath queria mais, eu sabia disso. Até agora ele manteve meu ritmo, nunca me empurrando mais do que me senti confortável. Mas eu sabia que depois de cada beijo, eu estava começando a querer mais também. E algum dia, teria que dar em algo.

A ideia de ter intimidade com Heath me excitou em mais maneiras do que esperava, mas eu também estava com medo.

Assustada de quão facilmente tudo poderia ser despedaçado.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Os meninos foram para dentro da casa para vestir a sunga. As pessoas saíram do caminho quando os viram chegando, exceto por uma pessoa que entrou em seu espaço.

— A cadela da Jay está aqui! Oh, alegria. — Payton sorriu com falso entusiasmo.

Um sorriso desenhou na minha boca. — Suponho que você não é sua maior fã também?

— Além de seu bando de princesas, eu não acho que Jay tenha nenhum fã, — ela respondeu secamente.

Muitas pessoas pararam para ver sua interação como se toda a festa tivesse sido o show paralelo e agora elas estavam no evento principal.

Jay estava usando um biquíni dourado, sem surpresas e saltos de quinze centímetros que eu me perguntava como ela conseguia andar ao redor de uma piscina escorregadia, ainda por cima.

Eu não conseguia ver o rosto de Heath quando ele estava de costas para nós. O rosto dela era diferente. Não era presunçoso e confiante como de costume. Seu lábio inferior estava preso em um beicinho sem nenhuma característica. Ela estendeu a mão para tocar seu braço, e eu levantei minhas sobrancelhas quando ele não se afastou. Lucas deu-lhe um empurrão e Jay assentiu com tristeza enquanto os observava desaparecer.

Os olhos de Jay foram para onde estávamos procurando. E eu sabia exatamente para quê. Quando eles me encontraram, eles se iluminaram, e um sorriso presunçoso passou por mim antes dela se virar na ponta dos pés e retornar através da multidão.

Assim como para os meninos, as pessoas pularam para sair do seu caminho. Mas foi por um motivo diferente. Eles não a respeitavam como Heath e Lucas, eles a temiam. E com uma dor surda começando a se formar na parte de trás das minhas pernas, eu sabia exatamente por quê.

— Vamos tomar uma bebida enquanto os meninos estão distraídos, — disse Payton, puxando meu braço. Não tenho certeza se ela estava tentando me distrair, ou simplesmente querendo finalmente conseguir uma vitória sobre seu irmão mais velho, mas eu a deixei mais uma vez me arrastar para o bar.

O barman misturou nossas bebidas e colocou-as no bar para nós. Quando ele se virou, Payton estendeu a mão sobre o bar e pegou uma garrafa meio vazia de vodca. Eu ri quando ela enfiou debaixo do braço e se afastou.

— Fable! — Layla correu para mim. — Braydon e Heath vão descer pelo escorregador.

Ela apontou para a colina onde os dois irmãos estavam subindo. Eles testaram um ao outro com leves empurrões e risos enquanto se dirigiam ao topo.

Havia apenas amor entre os dois. Eles não eram realmente competitivos, mas eu acho que eles realmente não tinham razão para

ser. Eles eram próximos, mais próximos do que muitos irmãos, saindo com a mesma galera e outras coisas, mas ambos tinham suas próprias coisas.

Braydon estava no futebol. Heath era um nadador. Ambos os esportes muito diferentes, que exigiam técnicas e treinamentos diferentes. Eles nunca competiram também pelas paqueras com as mesmas meninas. Braydon era o homem das mulheres, onde Heath era mais quieto e sutil da forma como se importava com alguém. Ambos eram apaixonados pelo certo e pelo errado, mas isso não era uma competição, era algo em que eles se uniam. Uma conexão que eles tinham por causa da forma como tinham sido criados.

As pessoas começaram a se reunir ao redor da piscina, gritando por cada um dos irmãos e gritando por quem eles apostariam que ganharia.

Braydon se virou e ergueu as mãos no ar, aumentando o barulho da multidão enquanto ele flexionava seus músculos. Heath aproveitou a oportunidade para empurrar seu irmão, rindo enquanto tropeçava, mas se conteve antes de descer a colina.

Todo mundo riu.

Payton, Sam e Lucas estavam atrás de nós. Eu olhei para trás prestando atenção quando Lucas ameaçou contar à mãe sobre a garrafa de álcool que sua irmã estava segurando.

Eu ri baixinho sabendo que Lucas realmente não queria colocá-la em problemas. Ele estava apenas tentando cuidar dela. Eu acho que ela sabia disso, e não tinha medo de retribuir tanto quanto recebia, lançando sua

própria ameaça sobre contar ao pai que Lucas teve um trio de mulheres na cama de seu pai.

Eu estava prestes a me virar e me envolver na provocação quando um corpo me atingiu com força total, me jogando pelo ar. Minha perna bateu na lateral da piscina e eu gritei.

— Fable, — os gritos de Layla encheram meus ouvidos antes que meu corpo batesse na água. O ar já tinha sido forçado pelos meus pulmões e eu não tive tempo de respirar antes de meu corpo afundar.

Choque foi a primeira coisa que me atingiu quando afundei pela névoa azul. Eu não sabia onde estava ou o que estava acontecendo. Foi então que o pânico assumiu. Meu corpo percebendo que não havia ar foi quando comecei a me contorcer e me debater. O tecido do meu vestido torceu em volta das minhas pernas e a dor atravessou minha perna enquanto eu lutava para de alguma forma me empurrar para a superfície.

Eu nunca aprendi a nadar apenas me debatia e meu corpo estava confuso. Eu não sabia mais para onde ir.

Eu estava apenas lutando contra uma morte por afogamento?

Ruídos, salpicos encheram a água ao meu redor, e meus pulmões finalmente cederam, minha mente gritando para eu apenas respirar. Eu sufoquei, a água entrou pela minha boca e meu nariz.

Eu ia me afogar.

Eu mal estava ciente do que estava acontecendo quando algo me atingiu por trás, me empurrando através do líquido espesso. Alguém agarrou meus braços, me arrastando com ele.

O ar bateu no meu rosto, e meus pulmões colocaram pra fora a água da minha boca, ofegando e sufocando enquanto lutava para enchê-los de oxigênio e expelir a água que havia se infiltrado.

Meus olhos lacrimejaram enquanto tentava abri-los e entender o que estava acontecendo ao meu redor. Havia uma multidão de pessoas paradas na beira da piscina, seus rostos estavam na maior parte borrados, mas havia o olhar estranho de horror de quem eu tinha identificado agora como Lucas que me puxou para a beira da piscina.

— Respire, Fay. Respire, — a voz suave de Heath estava sem fôlego, mas ele ainda conseguiu me acalmar, e ele pressionou contra minhas costas, me forçando contra a parede da piscina e me segurando lá. Lucas se retirou antes de pegar minhas duas mãos e me arrastar até meus joelhos baterem no concreto.

Eu desmoronei no chão, meu corpo convulsionando enquanto mais líquido se forçava para fora do meu corpo. Eu vi o rosto de Layla primeiro quando deixou cair o corpo ao lado do meu e puxou meu cabelo molhado para longe do meu rosto. — Deixe sair, a água precisa sair.

Eu fiz, e ela nem sequer se afastou quando vomitei até a bile e juntei água ao lado dela.

— Boa menina.

Com meu rosto neste nível, eu podia ver Payton sentada no chão logo atrás de Layla. Lucas estava agora agachado ao lado dela, avaliando seu corpo. O sangue brotou de escoriações nos joelhos e em uma de suas

mãos. Minha mente não conseguia entender o que estava acontecendo, no entanto. Por que Payton estava ferida?

Layla se moveu para o lado quando Heath caiu ao lado dela, seu cabelo molhado e seu rosto em estado de choque absoluto.

Houve outro respingo, e não demorou muito para a voz de Braydon preencher o silêncio. — Que porra aconteceu? — Eu queria dizer a ele que estava bem, mas meu corpo estava completamente esgotado, e não conseguia nem levantar a cabeça do concreto duro.

— Bray, está tudo bem. Ela está bem. — Layla disse suavemente, pondo-se de pé para interceptá-lo quando ele saiu da piscina.

— Querida, — Heath falou baixinho para mim, sua mão roçando minha bochecha. — Apenas respire. Respire comigo.

Eu assisti enquanto ele respirava profundamente, imitando o jeito que enchia seus pulmões. Eu gaguejei enquanto tentava exalar, engasgando.

Ele acariciou minha bochecha novamente, mas eu pude ver sua preocupação começar a se transformar em raiva. — O que aconteceu? — Ele retrucou seus olhos nunca deixando os meus.

— Alguém me empurrou, com muita força, — Payton respondeu quando minha mente estava muito focada em respirar e em estar viva.

— Quem? — Ele falou alto para que todos pudessem ouvir.

O único som que podia ser ouvido era a música ainda tocando no fundo.

— Eu não sei, cara. Estávamos todos observando vocês dois e então Payton voou para a frente, derrubando Fable. — Lucas tentou explicar a confusão.

— Heath, precisamos levá-la para casa. Podemos lidar com isso mais tarde, — disse Layla, a voz da razão.

Era estranho porque Heath geralmente era aquela voz. O carinha com a cabeça no lugar, aquele que sabia o que fazer em uma crise. Mas quando meus olhos encontraram os dele, tudo que pude ver foi raiva.

— Sim. — Ele enganchou as mãos sob os meus joelhos, e uma foi ao redor das minhas costas quando ele me levantou do chão. As pessoas se separaram para que nós pudéssemos passar, quando Braydon, Layla, Payton e Lucas, todos nos seguiram.

Ele me colocou no banco da frente do carro, e eu olhei pela janela para ver Braydon e Sam conversando pela porta da frente. Braydon estava falando rápido, e Sam assentiu, dando tapinhas nas costas dele quando se virou para voltar para dentro.

Heath me levou para casa depois de um curto desvio para o consultório de um médico. O médico nos atendeu e me examinou.

Ele disse que eventos iguais aos que passei podem ser perigosos, por que deveríamos ver se ainda houvesse fluido nos pulmões. Eu ainda correria o risco de me afogar, mesmo horas depois, se eles não conseguissem sair.

Depois de um *check-up*[38], ele decidiu que os meninos conseguiram me tirar da água rapidamente e que meu corpo havia rejeitado o que não precisava de água.

Heath ficou em silêncio, sua mão descansando na minha perna enquanto nós estacionávamos na entrada da garagem. Braydon, Lucas, Layla e Payton já estavam em casa esperando por nós.

Heath saltou e correu em volta do carro para abrir a minha porta. Ele me ajudou e manteve os braços em volta de mim enquanto me levava para o meu quarto. Fui direto para o banheiro. Soltando a toalha que eu tinha enrolado em torno de mim quando Heath ligou o chuveiro. Por mais que eu sentisse que tinha visto água suficiente hoje, meu corpo estava congelado e só queria me aquecer.

— Entre, — ele murmurou, estendendo sua mão para levantar o meu vestido.

Eu pulei para trás. — Heath, tudo bem. Eu posso tomar banho sozinha. — Minha garganta estava arranhada e apertada, e ainda doía um pouco falar.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha. Eu não sei o que pode acontecer.

Eu sabia que ele estava preocupado, mas eu não estava pronta para que visse as marcas que a primeira tentativa de Jay em me machucar tinha causado. — Por favor, Heath. Não agora. Eu não tenho energia.

Ele franziu a testa e por um minuto pensei que poderia recusar.

[38]*Check-up* é uma avaliação médica de rotina associada a exames específicos, de acordo com a idade, sexo e histórico pessoal e familiar com objetivos de verificação de possíveis doenças.

— Meninas! — Foram apenas alguns segundos antes de Layla aparecer na porta, ela estava com Payton no meu quarto, cuidando de seus arranhões. Infelizmente, ela era uma profissional nisso, tendo crescido com um pai como o dela. Layla olhou entre nós preocupada quando o vapor começou a encher o lugar. Foi nesse momento que Heath disse: — Ela precisa de alguém ao lado dela caso algo aconteça. Você pode trazer Payton aqui enquanto faz isso para que ela não esteja sozinha? Eu preciso ligar para a mamãe.

— Sim, claro. Provavelmente é melhor fazê-lo aqui de qualquer maneira para que eu possa lavar os joelhos dela.

Silenciosamente agradeci com meus olhos, e ele pressionou um beijo leve na minha testa antes de deslizar passando por Layla e sair pela porta. Payton entrou não muito tempo depois e fechou a porta atrás dela.

— Nós não vamos olhar. — Ela sorriu, e ambas se viraram para a porta quando eu tirei o vestido branco e entrei no chuveiro, fechando a cortina. A água estava quente e pinicou minha pele gelada.

— Eu não sabia que você não sabia nadar, — Payton disse suavemente.

— Não é algo que eu geralmente revelo quando conheço novas pessoas.

Ela limpou a garganta. — Eu teria pulado se soubesse. Eu pensei que você logo iria aparecer de novo na água.

— Payton, tudo bem. Você também se machucou. Você não poderia ter pulado.

— Heath parecia um super-herói. — Layla riu baixinho. Ouvi alguém se sentar no assento do vaso sanitário e rasgar uma embalagem de Band-Aids. — Heath me ouviu gritar e viu seu mergulho do topo do toboágua. Ele voou tão longe pelo ar que achei que poderia pousar em você.

— Lucas não sabia o que estava acontecendo, até que viu Heath disparar pelo escorregador, então ele também entrou.

— Eu gostaria de ter visto. — Recuando sob o borrifo da água, eu fechei meus olhos, e o calor correu sobre mim, e meu corpo começou a descongelar.

— Eu acho que sei quem fez isso, — Payton murmurou.

Eu tinha certeza que sabia também.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

— Jay estava em pé atrás da multidão quando saímos. Ela não parecia chocada como todo mundo, ela parecia presunçosa, — Payton expressou.

Suspirei. — Sim. Nós não temos exatamente nos entendido desde que cheguei aqui.

— Ela é má, você sabe. — O comentário de Payton trouxe o frio de volta, e eu estremeci.

— Ela obviamente queria que parecesse um acidente, mas deve ter havido muita força por trás para jogar você e eu tão longe.

Aposto que ela pensou que me envergonharia, que eu ressurgiria e todo mundo riria.

— Eu não posso acreditar que Heath namorou com ela. — Só o pensamento disso me fez tremer.

— Eles nunca namoraram, — Payton respondeu parecendo confusa.

Estreitando meus olhos, olhei para onde eu sabia que ela estava sentada na borda da banheira do outro lado da cortina do chuveiro. — Alguém me disse que eles namoraram por um ano.

— Esse alguém foi ela? — Payton bufou sarcasticamente. — Eles ficaram em festas, mas nunca estiveram juntos. Talvez em sua mente, mas não na de Heath.

Talvez Liam estivesse errado. Fazia sentido, ele só os tinha visto em poucas festas aqui e ali, e acho que teria parecido a um estranho que eles eram um casal.

— Ouvi dizer que ela bateu em alguma garota porque estava andando atrás de Heath.

— Sim, eu.

Layla e eu respondemos em um único som. — O quê?

A risada de Payton foi suave. — Passei minha vida inteira saindo com Lucas e seus amigos. Ele nunca teve vergonha de me levar a lugares com ele, e seu pai estava sempre feliz em me deixar ficar lá também. Eu acho que ele sabia como era minha mãe.

Eu queria perguntar, mas ao invés disso eu fiquei quieta, deixando-a continuar, — Heath e Bray são como irmãos mais velhos, e à medida que envelhecemos, outras garotas começaram a ficar com inveja de que eu estava sempre com eles, mas que eles nunca realmente deixavam as outras garotas entrarem. Jay não parecia ter problemas com isso no começo. Heath e ela ficavam apenas nas festas e nós íamos a escolas diferentes. Mas então ela começou a me empurrar para fora do grupo.

— O que aconteceu na festa? — Layla perguntou.

Eu ouvi Payton respirar fundo, e Layla se desculpou suavemente, seguido por mais barulho de *band-aid*[39] sendo aberto. — Nós estávamos jogando tênis de mesa, Heath e eu contra Lucas e Sam. Ela me pegou no corredor depois, me empurrou para o chão e começou a me chutar nas

[39] *band-aid* – curativo.

costelas. Heath enlouqueceu, disse para ela nunca mais se aproximar dele, de mim ou de qualquer um de nós.

A garota era louca, isso era completamente óbvio agora.

— Você não deu queixa.

Payton bufou. — Eu estava em uma festa bebendo, e seu pai é o chefe de polícia. Não havia sentido realmente. E eu sabia que Heath ter dito para ela se afastar iria absolutamente devastá-la. Isso me deu satisfação suficiente.

Minha mente girou. Jay era louca e completamente imprevisível. Eu me perguntei quantas outras garotas ela agrediu para mantê-las longe de Heath. Quão longe ela iria? Só a pergunta me fez estremecer porque sabia a resposta até onde ela precisava ir.

Ela precisava ser parada.

— Alguém precisa dizer alguma coisa. — O tom de acusação na voz de Layla não se perdeu em mim. — Se uma pessoa disser alguma coisa, talvez outras pessoas também falem. Quanto mais pessoas se levantarem, melhor nos ouvirão. Eles não podem ignorar todos.

— Milhões de minúsculos córregos, — eu sussurrei. — Um rio poderoso, — Layla terminou.

Jay continuaria a ferir as pessoas até que ela conseguisse o que queria, e eu sabia, de fato, que esse era um objetivo inacessível. Heath era muito equilibrado e inteligente para querer estar com alguém como Jay.

Ela era exatamente como meu pai, impulsionada pelo poder. E porque eles pareciam tão fortes, imbatíveis, as pessoas tinham medo de se levantar e dizer alguma coisa. Tal como eu era.

Eu estava assustada. Com medo de que ninguém acreditasse na minha palavra contra a do meu pai. E foi exatamente isso que aconteceu quando finalmente decidi que já era suficiente. O juiz me ridicularizou, e a imprensa fez parecer como se eu tivesse culpa. Ninguém me apoiou ninguém me protegeu.

Mas isso era diferente agora. Heath me protegeria.

Braydon e Flick me protegeriam. Helen e Arthur me protegeriam.

Lucas, Payton, Layla, Kyle, Lee, André todas essas pessoas me apoiariam. Eles acreditariam em mim e não tinham medo de ficar ao meu lado. Então, talvez fosse hora de parar de me esconder. Pessoas como Greg Campbell e Jay Crowler precisavam aprender que não conseguiam sobreviver apenas pisando nas pessoas mais fracas que eles. Eles precisavam aprender que suas ações teriam consequências.

Eu fechei o chuveiro. — Você pode me passar uma toalha?

— Claro.

Sua mão atravessou a cortina e eu puxei a toalha em volta de mim. — Eu estarei fora em um segundo.

— Tudo bem. Estou indo para casa para conversarmos mais tarde. Estou feliz que você esteja bem.

— Obrigada, Payton.

Eu a ouvi sair.

— Eu vou estar no seu quarto, — disse Layla antes de desaparecer também.

A porta do banheiro se abriu e fechou silenciosamente, e eu pisei no tapete no chão. Eu tomei meu tempo, me secando e enfiando a toalha em volta de mim enquanto usava outra para secar meu cabelo.

Quando saí, percebi que estava começando a escurecer do lado de fora. — Você vai passar a noite, certo? — Eu perguntei, olhando para onde Layla estava, olhando pelas grandes janelas.

— Eu acho que posso, — ela respondeu, não se virando para olhar para mim. — Eu disse a Andre para onde estava indo. Eu realmente quero voltar para eles, no entanto. Eu quero dizer-lhes o que você me disse, que há esperança vindo.

— Eles vão ficar bem por uma noite, Lay. — Eu realmente queria que ela ficasse. Claro, eu quero que os outros saibam que nem tudo está perdido e que eu não os tinha esquecido, mas eu também posso dizer que Layla tinha muito peso em seus ombros e talvez estando aqui, ela pudesse deixar um pouco disso sair de cima dela.

— Sim, eles ficarão, — ela respondeu calmamente. Ela tomou um momento antes de respirar fundo e se virar para mim. — Você vai contar a Heath sobre Jay?

Eu me encolhi e fui até minha cômoda, tirando algumas roupas frescas. — Fable, — ela rosnou.

— Sim, está bem. Eu vou dizer a ele. Apenas não agora. Tem sido um dia longo, todo mundo está pulando de adrenalina e preocupação, e eu prefiro deixar para quando puder sentar e conversar com ele direito. — As desculpas fluíram livremente. A verdade era que eu queria ganhar um pouco de tempo. Helen voltaria de sua viagem em alguns dias e eu queria que ela estivesse aqui quando explicasse o que tinha acontecido. Ela era uma das melhores advogadas do país. Ela saberia o que fazer, e seria capaz de manter Heath calmo.

Se eu fosse chamar a atenção para Jay, precisava fazer direito. Eu precisava ter certeza de que valeria a pena. Porque se eu começasse a gritar dos telhados que ela estava me machucando, as pessoas seriam menos propensas a acreditar em mim e ela teria mais tempo para criar uma desculpa.

Eu sabia que, se eu contasse a Heath, ele e Bray tomariam as coisas em suas próprias mãos, e isso também pioraria as coisas. Havia uma grande chance de que isso explodisse na minha cara e, na verdade, eu estava sendo egoísta. Eu só queria mais alguns dias com ele antes de enfrentar a possibilidade de perdê-lo.

Layla pareceu aceitar minha demora mesmo que me olhasse com cautela. — Eu acho que os garotos estão fazendo comida. Eu vou me fazer útil enquanto você se veste.

Layla já tinha pego emprestado algumas das minhas roupas e tirou o vestido que Flick havia lhe dado. Dei-lhe um sorriso gentil e ela saiu, fechando a porta.

Eu me vesti rapidamente e me dirigi para fora. Quando passei pela porta de Flick, decidi que provavelmente deveria aparecer e dizer obrigada, e também pedir desculpas por possivelmente arruinar um de seus vestidos.

Eu bati, mas não houve resposta. Franzindo a testa, eu girei a maçaneta e abri a porta bem a tempo de vê-la subindo pela janela do seu quarto.

— Flick?

Seus olhos olharam em choque quando ela puxou a perna saindo da janela. Ela apenas olhou para mim por alguns segundos antes de balbuciar: — Eu estava com um amigo, e vi que vocês estavam em casa e não queria incomodar você, então vim para cá. — Levantei minhas mãos para tentar fazê-la parar.

— Woah lá. — Eu olhei para ela, ela estava vestindo uma minissaia apertada que era estranhamente curta e uma blusa rosa suave. Eu provavelmente teria deixado tudo para lá e a deixado sozinha, se não fosse pelo fato de que estava segurando sua camisa junto com a mão, já que todos os botões pareciam estar faltando ou presos por um fio.

Eu desconsiderei totalmente o fato de que não tinha ideia de como ela tinha conseguido escalar a casa, esgueirar-se pela janela e a questionei com o óbvio. — O que aconteceu com a sua camisa?

Ela abaixou a cabeça e foi até à cama, virando o corpo para longe de mim. Eu não ia permitir isso e dei a volta, então estava na frente dela novamente.

— Ela só ficou presa em alguma coisa, — ela murmurou, puxando-a mais apertadamente.

Eu fiz uma careta. — Como na mão de alguém que tentou arrancá-la?

Ela se encolheu, e eu sabia que tinha acertado na mosca. Eu me agachei para poder ver seus olhos, ignorando a dor nas minhas pernas. Ela se moveu nervosamente e seu rosto estava vermelho. — Flick. Se alguém te machucou, você pode me dizer. Está bem.

— Não... — Ela saiu correndo, de repente parecendo chocada novamente. — Não, não foi isso. Ninguém me machucou.

— Então o que aconteceu? — Eu olhei para o resto do corpo dela, mas não havia sinais óbvios de que ela tivesse brigado. Porque essa era a única outra explicação, que poderia imaginar.

— Eu fui ver Eli, — ela sussurrou.

Rangendo os dentes, finalmente consegui perguntar: — Ele fez isso?

— Ele não queria, nós estávamos apenas... isso aconteceu no momento. Ele ficou empolgado.

— Você está dormindo com esse cara?

Ela balançou a cabeça. — Ele... ele quer, mas está sendo paciente. Esperando que eu esteja pronta.

— Não parece que ele esteja sendo paciente, — eu disse bruscamente.

Ela se levantou e rapidamente passou por mim. — Você não o conhece. Ele não é como os caras da minha idade. Ele é maduro. Ele é doce. Ele é atencioso...

— Ele está com tesão, — eu cortei secamente quando fiquei de pé. Meu corpo doía. Eu passei por muito hoje. Estava sentindo tudo isso dentro de mim, mas não ia apenas varrer isso para debaixo do tapete. Isso era importante.

Ela se virou e me acertou com um olhar. — Eu realmente me importo com ele. E ele se importa comigo.

— Então você não vai se importar se contarmos a Heath e Bray? Porque, obviamente, vocês dois estão tão firmes que nada vai separar vocês. — Seus olhos se arregalaram quando gesticulei para a porta. Neste ponto, eu estava blefando, mas tentei manter meu rosto impassível.

— Por favor, não conte a eles. Ainda não. Espere até você encontrá-lo. Você pode ver por si mesma o quanto ele se importa. Por favor, — implorou ela, com lágrimas nos olhos. — Não o julgue. Apenas o encontre primeiro.

Eu esfreguei meu nariz. Nós já tínhamos falado sobre como eu não sairia com ela amanhã. Ela ficou desapontada, mas disse que um de seus amigos iria com ela. Parte de mim queria ir ao seu encontro e ver se a sensação que eu tinha no meu estômago estava certa. Mas eu estava muito cansada. Não era um problema que eu pudesse lidar agora mesmo com a cabeça fria.

Ela estava certa, no entanto. Eu precisava dar a ele o benefício da dúvida. Algo que muitas pessoas nunca me deram. Eu não podia julgar ainda.

Respirando fundo, meu peito e pulmões doíam. — Ok. — eu murmurei, enquanto deixei isso sair lentamente pela minha boca.

— Obrigada, — ela respondeu, seus ombros cedendo em alívio. — Eu prometo. Você vai ver o quanto ele se importa.

Eu realmente esperava, porque tinha minhas dúvidas. Havia algo errado aqui, eu podia sentir isso.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

— Como você está se sentindo, querida? — Helen perguntou.

Eu me aconcheguei mais perto de Heath, seus braços me segurando enquanto nos sentávamos no sofá, na sala de estar dos Carsons. — Estou bem.

— Você sabe, está tudo bem em não se sentir bem.

Suas palavras me fizeram sorrir, parecendo muito com algo que Heath havia me dito na semana passada. — Estou bem.

— Ok. —Ela suspirou. — Estou fazendo o meu melhor para conseguir um voo de volta para casa o mais rápido possível. Mas pode não ter nenhum voo até segunda-feira.

— Eu sei. Está tudo bem, Helen. Você pode ficar aí, eu estou bem. — Eu senti como se tivesse dito aquelas palavras *'estou bem'* tantas vezes nas últimas horas. Eu estava começando a pensar que talvez ninguém estivesse me ouvindo porque eles continuavam perguntando.

— Tenha um fim de semana tranquilo, relaxe um pouco.

— Obrigada, Helen.

Nós duas desligamos e eu deixei o telefone de Heath no sofá ao lado dele. — Tudo bem? — Ele perguntou enquanto passava os dedos pelo meu cabelo.

Eu assenti. — Ela só queria saber se eu estava bem.

— Você está?

— Sim. Agora podemos simplesmente esquecer essa história?

Braydon foi a minha salvação quando ele atravessou a porta, Layla logo atrás dele.

— Fableee. —Braydon choramingou como uma criança pequena. — Sua amiga está sendo malvada comigo.

Layla revirou os olhos, mas eu observei a contração no canto da boca. — Aguenta, garoto rico.

— Você sabe, realmente magoa os meus sentimentos quando me chama assim.

— Talvez você pudesse comprar alguns novos.

Ele ofegou dramaticamente. — Vocês estão ouvindo isso, vocês dois?

Ele olhou para nós em busca de apoio, mas tanto Heath quanto eu rimos.

Não houve deboche nas palavras de Layla. Foi exatamente como naquele dia em que o Bray me chamou de rato de rua. Era um termo provocante que eu realmente recebera dele. E acho que ele sentia o mesmo de Layla zombando sobre as suas riquezas.

Heath e eu nos levantamos, seguindo as crianças briguentas até à cozinha. Braydon abriu o forno e o cheiro de pizza flutuou. Meu estômago fez barulho, eu estava com tanta fome. Ele puxou para fora o forno e cortou, dividindo a pizza.

Braydon passou para Layla o prato de pizza que ele colocou para ela. Ela olhou para baixo, e seus olhos se iluminaram. — Obrigada. —Ela disse baixinho, pegando o prato e se movendo para sentar no balcão.

Eu esperava uma resposta espirituosa de Bray, mas ele respondeu com um simples: — De nada.

Todos nós comemos em silêncio, ouvindo os sons da mastigação, mas não era estranho. Era bem legal, na verdade.

— Eu não tinha estado em nenhum outro lugar além da Bayward Street desde que saí do reformatório. — Layla comentou quando terminou.

— Vocês se conheceram lá, certo? — Heath perguntou, e eu não pude deixar de sorrir. — Porque você foi presa?

Layla tentou esconder o seu sorriso. — Eu roubei um carro.

— Você o quê? — Braydon levantou-se de repente. — Você roubou um carro?

Ela riu. — Não é como você pensa. Havia dinheiro no painel, cheguei para pegá-lo e alguém me viu. Eu fiquei com medo e pulei e bati o freio. Foi em uma colina por isso começou a rolar. Eu consegui puxar o freio de volta antes que colidisse com qualquer coisa.

— E eles te culparam pelo roubo do carro? — Heath riu.

— Sim. É meio engraçado agora que penso sobre isso. Mas eu estava tão assustada na hora.

— A assaltante desajeitada. — Eu ri.

Ela mostrou a língua para mim, mas logo estava rindo junto comigo. — Não foi o meu melhor momento, eu acho.

Lay suspirou enquanto eu pegava o prato de Heath e andava para empilhá-lo no lava-louças. — Vocês deveriam apenas voltar para a festa. Ainda deve estar em comemoração, aposto.

— Em comemoração? — Braydon riu.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Não, não há mais comemoração. Sam disse que mandou a maioria deles para casa.

Inclinando-me para a frente, olhei para Bray com tristeza. — Sinto muito. Eu sei que você teve grandes planos para dormir com uma ressaca amanhã.

Todos nós rimos.

Heath exigiu que encerrassemos a noite de qualquer maneira. Bem, para mim foi. Eu protestei, mas quando passou os braços em volta de mim e me segurou contra ele, de repente me senti exausta. Talvez fosse porque este era o meu lugar seguro. Em seus braços eu sabia que não precisava lutar, que poderia simplesmente desistir e deixá-lo assumir o controle. Enfiei o meu rosto na curva do pescoço de Heath e os meus lábios pressionaram contra a sua pele levemente. Ele puxou o rosto para trás e capturou a minha boca com a dele, num beijo suave e gentil. Ele não se apressou ou empurrou por mais, nós apenas relaxamos.

Essa era a forma de seduzir de Heath, no entanto, ele sabia exatamente o que me fazia sentir melhor. Se eu precisava gritar e expulsar as minhas frustrações, ou se eu só precisava senti-lo comigo. Ele sabia.

Eu me ofereci para mostrar a Layla onde o quarto de hóspedes ficava, mas Bray estava decidido que iria mostrar a ela. Eu tinha certeza de que não era o que ele tinha em mente, mas deixei passar.

Helen ainda tinha que discutir com Heath e eu sobre o status do nosso relacionamento, mesmo sabendo que ela estava bem ciente de quão perto nós nos tornamos. Eu não queria desrespeitá-la com Heath e eu dividindo a cama à noite como fizemos nas últimas duas noites, mas Heath não estava aceitando as minhas desculpas.

Ele me assegurou que se ela tivesse um problema, não teria medo de nos informar.

Eu me certifiquei de usar calças longas de pijama na cama, dizendo a Heath que ainda podia sentir o frio da água e só precisava estar quente. Ele não discutiu. Ele queria que me sentisse confortável, e eu adorava isso nele, mesmo que o meu argumento fosse uma mentira óbvia.

Naquela noite, quando ele se enrolou na cama comigo, em completa escuridão, ele finalmente me contou o que estava passando pela sua cabeça. — Eu estava com tanto medo. —Ele sussurrou enquanto me abraçava por trás, com um braço sob a minha cabeça, o outro descansando no meu quadril. — Ouvir Layla gritar e depois ver você cair na água... aquele deslize pareceu demorar tanto, e o tempo todo eu fiquei pensando, e se não conseguisse chegar a tempo? —Ouvir a voz de Heath tão vulnerável e suave era tão diferente do que eu estava acostumada. Eu

podia ouvir a dor na sua voz, e eu sabia disso, as coisas entre nós estavam ficando mais fortes. Era mais do que uma paixão de adolescente.

Entrelaçando os meus dedos nos dele, tentei tranquilizá-lo de que tudo estava bem. — Você conseguiu chegar a tempo. Pare de pensar demais.

A sua respiração fez cócegas na pele na parte de trás do meu pescoço enquanto ele soltava um suspiro agudo. — O pensamento de perder você...

— Eu sei. — Eu sabia. Heath trouxe brilho e mudanças na maneira como eu via a vida. Não bastava apenas flutuar todos os dias sem expectativas ou aspirações. Você tinha que ter algo para lutar, um sonho, um objetivo, algo melhor. Porque estar confortável não te encherá de paixão, não te dará a emoção de aprender algo novo ou experimentar coisas que você nunca teria antes. E eu estava começando a desejar novas experiências, festas, vestir-me e, mesmo depois de hoje, nadar na piscina com ele. Eu precisava deles como a minha próxima respiração, especialmente se eles o incluíssem.

A mão de Heath se curvou ao redor do meu quadril para o meu estômago, e ele gentilmente me puxou de volta contra ele. Eu fui com ele. — Diga-me por que você começou a nadar. — A pergunta me surpreendeu também, mas eu estava curiosa para saber.

— Papai nos manteve fora da luz do público o melhor que pôde. Não importava tanto quando éramos mais jovens, mas à medida que envelhecemos, as pessoas começaram a esperar mais de nós. — Sua mão acariciou o meu rosto suavemente e, embora eu não pudesse vê-lo, eu

sabia exatamente onde ele estava, que tipo de expressão estava em seu rosto, a maneira como o seu cabelo estava bagunçado. Eu podia senti-lo. — Eles queriam que fôssemos parte dos seus projetos, talvez uma atuação. Eles se aproximaram de nós quando saímos, querendo que transmitíssemos roteiros ou fotos. Nós até recebemos bolsas de estudo para escolas de Direito. As pessoas esperavam que fôssemos algo ótimo, porque os nossos pais eram muito conhecidos.

— Você não queria isso?

Ele suspirou suavemente. — Eu amo os meus pais. Eles nos criaram direito, apesar da pressão sobre a nossa família. Eles são ricos e bem-sucedidos, e sou grato todos os dias por viver o estilo de vida que eles criaram para nós. Mas me ensinaram que o trabalho duro era o caminho para chegar lá. Eu quero ser grande e fazer grandes coisas, mas quero chegar lá pelos meus próprios méritos e minhas próprias realizações.

Meu coração floresceu. Heath era um em um milhão. Ele era humilde e gracioso. Ele nunca aceitou as coisas que tinha como garantidas. Ele apreciava tudo o que tinha. E ele lutou muito pelo que queria.

— Então, por que nadar? — Perguntei, levando-o a continuar.

— Nadar diz quem sou eu. —Ele respondeu tão simples, mas tão seguro daquelas palavras. — Você nada para um time, um clube ou uma escola, mas quando está na água, não há mais ninguém a não ser você. Tudo o que eu alcanço na água está em mim. É o quanto eu trabalho. É como os meus movimentos são rápidos. É o quanto eu pratico. É tudo sobre a quantidade de trabalho que coloco, é o que determina o meu sucesso.

Meu coração pulou e eu ouvi o suficiente.

Estendi a mão, encontrando sua mandíbula forte e colocando-a entre os meus dedos. Puxando o seu rosto para o meu, nossos lábios se conectaram em uma onda de excitação e tudo ao nosso redor pareceu acender como fogos de artifício.

Nossos corpos emaranhados juntos. Ele passou a mão gentilmente pela minha perna. Puxando o meu joelho, ele puxou minha perna sobre a dele, levantando o joelho para que ficasse entre as minhas coxas. A batida forte do meu coração parecia encher a sala, e uma sensação doce começou a crescer enquanto suas mãos exploravam o meu corpo, suaves e lentas. Mas eu queria mais.

Ele me rolou de costas, o seu corpo vindo sobre o meu e me pressionando no colchão. O peso era bom, ele se segurou sobre mim com a pressão suficiente para não me esmagar. Minhas mãos correram sobre o seu peito nu, era tão forte, os músculos tão apertados e tonificados.

Heath trabalhou duro. Seu corpo não veio de graça. Ele treinou, ele levantou pesos, ele se esforçou, porque ele sabia que o trabalho duro ia ser a coisa que o ia levar até onde queria ir.

O espaço entre nós estava ficando aquecido. Era novo e excitante. — O que você quer, Fable? — Ele sussurrou, sua boca saindo dos meus lábios, vagando sob o meu queixo. Suas respirações profundas eram o único ruído na sala. — Porque eu estou lutando muito agora para não te atacar totalmente.

Uma emoção silenciosa passou por mim, me estimulando.

— Eu quero você. — Eu sussurrei sem fôlego, sem receio. — Eu quero você e não quero deixá-lo ir nunca.

Seus quadris pressionaram-se contra mim e eu ofeguei.

O meu coração batia no meu peito enquanto ele explorava o meu corpo com as mãos, deixando um rastro de pequenas saliências em minha pele. Eu não conseguia explicar o que senti naquele momento. Eu estava eletrificada, ansiosa e nervosa com o que estava por vir, mas ansiei por ver até onde essa conexão entre nós iria dar. Heath extraía emoções de mim que eu nunca soube que tinha, e se um único toque pudesse incendiar o meu corpo, então eu tinha certeza que quando nós compartilhássemos algo muito mais íntimo, não haveria volta.

— Eu sou todo seu. — Ele murmurou antes de fazer assim como ele disse que iria, atacando o meu corpo da maneira mais sensual possível.

Eu disse que queria novas experiências, e o que eu não percebi na época, foi que Heath nas últimas semanas estava me dando uma das mais belas experiências da minha vida.

Apaixonar-me.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A luz do sol penetrou através de uma abertura nas cortinas, atingindo-me bem nos olhos. Eu gemi, tentando rolar na direção oposta, mas logo percebi que dois braços fortes me seguravam no lugar. Eu não pude diminuir o sorriso que surgiu nos meus lábios quando afundei de volta para o calor dos braços de Heath.

— Bom dia. — Sua voz estava áspera, ainda arranhada do sono.

— Sim, a luz forte brilhando nos meus olhos é uma prova irrefutável. — Eu gemi, apertando os meus olhos para fechá-los novamente.

Ele riu baixinho antes de agarrar o meu pulso e torcer o meu corpo, para que eu rolasse em direção a ele. Ele me colocou em seu peito, e minhas pernas instantaneamente foram para os lados de seus quadris.

— Heath?

— Mmm...

— O que você quer ser quando crescer?

Um sorriso cresceu em seu rosto. — Quando eu crescer? — Ele zombou de mim.

Eu revirei os meus olhos. — Sim, idiota. Quando você crescer.

Ele riu, trazendo -me contra o seu peito. — Eu não tenho certeza. Eu sei que tem que ser algo a haver com desportos. Instrutor pessoal, treinador, saúde e nutrição.

— Isso seria perfeito para você. — Eu concordei. — Nadar é a sua vida, e você é muito mandão e controlador para que o instrutor pessoal se encaixe... — Eu não consegui terminar minha frase enquanto ele me virava de costas, me prendendo e sorrindo.

— Mandão e controlador, hein. — As suas mãos fizeram cócegas na minha cintura, e eu comecei a rir.

— Você está apenas provando o meu ponto. —Eu ofeguei sobre o meu riso.

Ele me torturou até que houve uma batida forte na porta e fiquei grata pelo alívio.

— Heath, você pode me deixar na cidade?

Heath revirou os olhos e eu ri. — Sim, Flick.

Obrigada. —Ela chamou brilhantemente. Ela estava animada sobre hoje. Eu poderia dizer.

— Às vezes eu me preocupo com ela por ser tão quieta. — Heath colocou os braços atrás da cabeça, e eu puxei o lençol para me cobrir enquanto me aproximava dele. — Eu me pergunto se Bray e eu fomos muito exagerados e protetores dela. Com mamãe e papai indo e vindo muito, nós meio que assumimos esse papel, certificando-nos de que os caras ficassem longe e assim.

— Você não pode protegê-la para sempre, Heath. Haverá garotos e ela vai ter o seu coração partido.

Ele respirou fundo. — Sim, eu só espero que não seja tão cedo.

Eu queria desesperadamente contar a ele. Mas até que eu tivesse certeza do que estava acontecendo, não poderia começar algo que eu soubesse que Heath terminaria. Eu só esperava que Flick lhes contasse logo, porque se eles descobrissem por conta própria, a merda iria explodir.

— É melhor você se preparar.

Ele gemeu e se inclinou e me deu um rápido beijo na bochecha antes de se arrastar para o lado da cama e procurar por suas roupas. Com as suas costas para mim, eu rapidamente peguei as minhas calças de pijama do chão e as vesti sobre as minhas pernas. Suspirando de alívio.

A culpa se instalou mais uma vez, mas eu a afastei. Lembrando-me de que iria contar a ele. Mas mesmo depois de quase morrer, ele me deu a noite mais perfeita da minha vida, e estava ainda mais relutante em arriscar o que tínhamos.

Eu só precisava esperar por Helen. Ela saberia o que fazer.

Eu tinha esperança.

Ele riu quando me viu lutar para encontrar a minha camisa e vesti-la. Parecia estúpido agora, mesmo para mim, quando ele já me viu em muito menos. Mas por baixo, eu ainda era uma garota tímida, encontrando o seu caminho através deste processo.

— Idiota. — Eu murmurei enquanto puxava algumas roupas novas das minhas gavetas e me dirigia para o chuveiro. Isso só o fez rir mais forte, e enquanto eu queria tirar aquele sorriso lindo do seu rosto, não pude deixar de apreciar o som.

***

— O que está acontecendo com você e Bray? — Perguntei a Layla quando nos sentamos à mesa do lado de fora da piscina.

Eu peguei o pequeno sorriso, embora ela tentasse escondê-lo. — Não é nada, Fay. Ele me faz rir, ok?

Revirei os olhos para a evasão dela. — E o Andre também quando enfia o palito no nariz, mas você não o provoca ou dá apelidos para ele.

Ela veio para mais perto, entrou na água onde Heath e Braydon estavam nadando. Eu aprendi hoje que Braydon realmente nada, não como Heath, mas pelo exercício e resistência.

— Eu acho que é bom ter alguém que não dá a mínima. — Ela murmurou enquanto os observava. — Heath e ele, toda essa família, são diferentes. Eles se importam, genuinamente. Braydon olha para mim como uma pessoa e, além de você e dos outros, fazia muito tempo que alguém não olhava para mim apenas como uma pessoa.

Eu sorri. Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Era difícil passar todos os dias quando as pessoas viam você como um incômodo sujo e repugnante para a sociedade ou um caso de caridade para se sentirem melhor. Era raro onde vivíamos encontrar pessoas que se importassem sem obter nada para si mesmas.

— Você vai contar a Heath sobre Jay? — perguntou ela, mantendo a voz baixa, embora eu soubesse que não havia como eles nos ouvirem.

— Sim. — Eu suspirei.

— Em breve? — Ela perguntou.

— Sim, logo. Eu juro.

Eu ainda não sabia como dizer a ele. Mas eu diria. Em breve.

Nós ainda conversamos por algumas horas antes de Layla finalmente decidir voltar. O meu coração doeu.

— Fable, você precisa me deixar ir.

Eu balancei a cabeça, me agarrando a ela pela vida enquanto Braydon assistia em diversão. — Eu vou deixar você saber assim que Helen estiver de volta, e tiver mais informações sobre a casa. — Eu disse a ela, ainda me recusando a libertá-la.

Braydon finalmente enfiou a mão entre nós e começou a puxá-la para longe. Quando eu olhei para ele, ele riu. — Acalme-se, tigresa. Se não a tivermos visto no próximo fim de semana, vou buscá-la e pode passar mais uma noite conosco, ok?

Eu balancei a cabeça, mas sabia que não seria capaz de esperar tanto tempo. Só de pensar nela nas ruas me fez querer vomitar. Eu queria tirá-la e aos outros de lá e tirá-los imediatamente antes que qualquer outra coisa acontecesse.

Acenei para ela da porta, sentindo a perda da minha amiga em meus ossos quando Braydon a levou de volta para a Bayward Street. De volta ao inferno.

***

Flick estava praticamente sorrindo enquanto passava pela porta não muito tempo depois que eles saíram. Mas notei que ela não era a única.

Eu sorri, incapaz de me conter quando Heath seguiu atrás dela com um sorriso brilhante. — Por que você está tão feliz?

Ele veio até mim, passou os braços em volta da minha cintura e me girou, ainda radiante. — O meu treinador ligou. Um dos olheiros na piscina ontem tem conexões com os treinadores da equipe olímpica. Eles estão vindo na terça para me ver nadar e fazer alguns contatos.

Eu suspirei. — Oh meu Deus. Isso é incrível! — Ele riu, sua excitação era contagiante. Santo inferno!

— Isso é tão bom, Heath. — Flick se gabou antes de subir as escadas.

— Obrigado, Flick. — Seu sorriso caiu um pouco. — Eu vou ter que sair novamente, e seguir para a piscina. O treinador quer que eu treine nas próximas manhãs e noites.

Os seus olhos procuraram os meus como se procurassem uma desculpa para ficar, mas me recusei a dar-lhe uma. Este era o seu futuro. Eu estava tão feliz por ele. Orgulhosa mesmo.

— Está tudo bem. Isto é ótimo.

— Você vai ficar bem?

Eu revirei os meus olhos. — Heath, estou absolutamente bem. Nós já passamos por isto.

Ele me segurou um pouco mais apertado. — Sim, eu sei.

— Concentre-se em nadar ou você vai estar fora do campeonato. — Eu disse a ele severamente.

Ele riu. — Isso é algo que o meu treinador diria.

— Talvez você devesse me contratar.

— Você tem alguma experiência?

— Até agora, tudo o que sei fazer é afundar. — Eu ri secamente.

— Quando isto acabar, vou ensiná-la a nadar. —Disse ele com toda a seriedade.

Eu sorri. — Qualquer coisa para ver você naqueles shorts minúsculos. — Eu mexi as minhas sobrancelhas, mas ele não estava aceitando. Ele estendeu a mão e passou os dedos em volta do meu pescoço.

— Não é brincadeira. — Disse ele, olhando diretamente nos meus olhos. Eu caí dentro daquelas piscinas azuis profundas que eram a cor de seus olhos. Eles me hipnotizavam toda vez que me olhavam. — Eu não posso passar por isso novamente. Isso me assustou imenso.

Ele me puxou para mais perto, nossos lábios se roçando. — Eu sei. — Eu sussurrei. — Agora vá, você precisa praticar.

Ele pressionou a sua boca contra a minha, os seus dedos massageando suavemente no meu pescoço. Eu me levantei, sabendo

onde isso levaria se eu não tivesse um pouco de autocontrole. — Vá. — Eu sussurrei.

Ele reclamou sentindo-se, infeliz, mas me soltou, pegando a sua bolsa de natação do vestíbulo antes de sair pela porta.

Tinha pensado tanto para colocar o meu plano em ação e deixá-lo saber sobre Jay.

Mas, isso teria que esperar agora, porque ele tinha muito o que pensar. Eu queria que ele alcançasse os seus objetivos e os seus sonhos, e se ele fosse escolhido pela equipe olímpica, seria exatamente o que aconteceria.

E tudo seria pelos seus próprios méritos, assim como ele queria.

Não havia como eu interferir, então tudo teria que ser colocado em segundo plano até depois da terça-feira.

Apenas mais alguns dias.

CAPÍTULO QUARENTA

Eu não vi Heath naquela noite. Ele chegou tarde a casa e saiu cedo, bem antes do amanhecer. Nós nos encontramos por um breve momento em seu armário na manhã seguinte na escola. Ele disse que a prática estava indo bem. Ele estava acertando nos tempos que precisava, mas o treinador estava pressionando para ter a melhor equipe de natação olímpica.

Ele parecia cansado, mas animado. Ele estava absorvendo tudo, trabalhando com a adrenalina que percorria o seu corpo. Quando ele desapareceu para a aula, eu caminhei pelo corredor.

Na semana passada eu consegui evitar a aula de ginástica. Mas não havia desculpa desta vez. Se fosse fazer parte desta escola, eu precisava passar em todas as minhas aulas, inclusive na academia.

Não era que eu não estivesse em forma. Eu estava. Eu simplesmente não gostava de correr. Eu estava muito viciada em meus patins. Eles me carregavam. Eles me davam velocidade e agilidade. Quando você corria, tinha que bater seus pés no chão, forçar um pé à frente do outro e empurrar para a frente. Com as rodinhas, você poderia planar, poderia pular, e elas me permitiam voar.

Ninguém prestou atenção em mim, quando deslizei para dentro dos vestiários das meninas e me tranquei em um vaso sanitário para vestir uma calça e uma camiseta.

Elas riram e conversaram até a professora tocar o seu apito nos chamando para a área da academia. Eu quase voltei para dentro quando vi quem estava ao lado da professora, segurando sua arma favorita de destruição, sorrindo maniacamente.

— Hoje temos uma das nossas melhores jogadoras de beisebol se juntando a nós. Ela vai nos informar sobre as regras do jogo, e nós vamos sair e jogar. Jay, é tudo seu. — A professora parecia empolgada quando bateu palmas e sorriu para Jay, que em grande estilo fez uma pequena reverência.

— As regras são simples, mas vou explicar um pouco, já que tenho certeza de que vocês aprenderão rápido. As jogadoras no *outfield*[40] estão lá para pegar qualquer bola. Você precisa jogá-la para uma base e tentar marcar o corredor. Batedor, você bate a bola, depois corre para a base. E se você chegar ao *pitch*[41], e as bases estiverem completamente carregadas... — foi nesse momento que seus olhos encontraram os meus, e se iluminaram com alegria. — ... você bate forte, e não para.

Consegui me esconder durante a maior parte do jogo, optando por sair o mais longe possível. A maioria das crianças da turma eram iniciantes. Alguns dos garotos conseguiram acertar bastante longe, mas eu apenas peguei e joguei de volta, e o meu trabalho estava pronto.

Quando o meu time foi chamado para bater era uma história totalmente diferente. Eu assisti do lado enquanto cada um dos jogadores

[40]Outfield – Campo externo
[41]Pitch - arremesso

tomava sua vez de subir ao *pitch*. Alguns fizeram bem. Outros com medo da bola voltar na direção deles até mesmo para dar um balanço.

Jay estava na primeira base e quando eu pisei para bater, os olhos dela me olharam como um falcão.

Eu tentei ignorá-la. Eu precisava acertar a bola com força suficiente para poder ultrapassar a primeira base e correr para a próxima.

Eu considerei sair, e depois das duas primeiras falhas, sabia que tudo o que tinha que fazer era deixar a bola voar e poderia me sentar de novo.

— Vamos lá, Fable. — Ouvi ela chamar, meu corpo enrijecendo apenas ao som e tom de sua voz. — Apenas respire fundo. Respire todo aquele ar fresco.

As palavras escuras de provocação não estavam erradas para mim. Ela sabia o que tinha feito. Ela sabia que eu poderia ter morrido, que poderia ter me afogado. A água na piscina me sufocando e cortando o oxigênio. Ela estava me atraindo novamente, mas desta vez, eu ia pegar o gancho e mastigar sua linha de merda.

O lançador se enfileirou, e quando a bola veio correndo em minha direção, eu sabia que não ia falhar. O bastão e a bola se conectaram, a vibração da colisão enviando vibrações para os meus braços e para o meu corpo. Eu estava tão admirada que não percebi até que ouvi meu time atrás de mim gritando — Corre — Foi nesse momento que soltei o bastão e corri para a primeira base.

Eu sabia que não tinha chegado tão longe, os sons das pessoas correndo e discutindo sobre quem pegaria a bola e onde a jogaria enchia o

campo. Eu estava apenas a alguns metros de distância quando finalmente olhei para cima dos meus pés e a vi em pé exatamente onde eu deveria cair. Jay e eu tinhamos uma altura semelhante, mas eu sabia que o corpo dela era mais atlético do que o meu, apesar de ela ser tão magra. Ela plantou os seus pés, fazendo como se não estivesse prestes a se mover. Talvez ela tivesse pensado que eu fosse pular para cima e tentar ir ao redor dela, mas ela estava errada.

Eu deixei cair um dos meus ombros um pouco e me inclinei para o lado dela. Eu tinha mais força no meu corpo do que ela, e quando o meu ombro se chocou com o dela, fez com que ela cambaleasse para trás e caissse com um baque no chão. A força me jogou fora um pouco também, mas consegui tocar na base, e a professora gritou cuidado atrás de mim.

Ela correu até nós e ajudou a colocar Jay em pé. — Senhorita Campbell, talvez da próxima vez se concentre em onde você está indo ou alguém possa se machucar. — Ela me repreendeu suavemente.

Jay limpou a sujeira das suas calças. — Está tudo bem. Boa jogada.

As palavras soaram tão sinceras, e com um sorriso satisfeito, a professora voltou-se. — Próximo batedor?

Ela logo se foi, e o sorriso suave e esportivo de Jay sumiu em um instante. — Isso é realmente como você quer jogar, garota de rua? — Ela zombou.

— Deve ter sido todo aquele ar fresco.

O bastão e a bola se conectando atrás de mim me colocaram em ação quando mais uma vez as pessoas gritaram corre! Corre!

Eu fiz, mas com um sorriso no rosto.

Minhas pernas tremiam quando cheguei à segunda base, mas estava me sentindo ótima.

Cutucar um urso pardo nunca era uma boa ideia, mas essa era a minha mensagem para ela. Eu não ia recuar. Talvez eu não devesse ter deixado ela chegar até mim. Talvez eu devesse ter lido melhor os sinais. Mas a gratificação foi demais para deixar passar. Infelizmente, ela não gostava de perder, e minha exultação durou pouco.

Meu corpo estava drenado depois que a professora nos fez correr duas voltas do campo depois do jogo desde que perdemos. Isso eu não me importava, mas o meu corpo estava sentindo quando voltamos para os vestiários para nos vestir e ir para as nossas próximas aulas.

Eu me movi devagar, deixando as outras garotas fazerem suas coisas e sair correndo. Eu não estava com pressa, porém, com um período de estudo livre em seguida. Eu encontrei uma baia tranquila e me vesti, puxando meu cabelo para trás em um rabo de cavalo bagunçado, minha pele simplesmente muito quente para sequer lidar com isso.

Quando saí, alguém agarrou meu braço e me deixou sem equilíbrio. Elas me giraram, e eu perdi o equilíbrio, caindo no chão frio com um grito de surpresa.

Tudo estava girando, então eu nem tive tempo de me cobrir quando um pé se conectou com o meu estômago, forçando todo o ar para fora de mim com força.

A dor foi imediata e lágrimas instantaneamente surgiram em meus olhos.

Outro golpe me engasgou, meu café da manhã ameaçando sair e cair por todo o chão ao meu lado.

— Eu admiro a sua súbita necessidade de lutar contra, garota de rua. — Sua voz estava divertida como se ela estivesse sendo honesta, vendo a minha vitória no campo como admirável. — Mas aqui está a coisa. É a portas fechadas, essa é a melhor oportunidade para mostrar seu poder. Ninguém consegue ver. Ninguém mais sabe. Só você e elas.

Outro reflexo da dor que entrava pelas minhas costelas trouxe bílis para minha boca. Era ácido e nojento, mas eu forcei de volta para baixo. Eu não conseguia me mexer, a dor era excruciante.

— Isto deve ser uma lição para você. — Ela se agachou ao meu lado e baixou a voz. Você não pertence aqui. Você não pertence a Heath. Esta escola gera os fortes. Você é muito fraca, com tanto medo do passado voltando para assombrá-la que não luta pelo seu futuro. Vai para casa.

Com isso, ela se foi e eu fiquei caída no chão.

Eu não fiz um movimento para me levantar, mesmo quando a dor começou a diminuir. Eu chorei. Chorei porque ela estava certa.

Eu estava com tanto medo da história se repetindo que ainda estava deixando isso me segurar. O medo de contar a alguém o que estava acontecendo, e tê-los me desconsiderando, era tão exuberante em minha mente que não tinha percebido que a história já estava se repetindo.

Jay não era como meu pai, ela era meu pai. Mas isto não era mais apenas mental. Havia tomado outras proporções.

Eu finalmente consegui me arrastar pelo chão sujo. Levantar-me em linha reta doía tanto, mas eu queria sair de lá antes que alguém me visse, então empurrei a dor, fiz meu caminho para a área de administração antes que se tornasse demais e vomitei no cesto de lixo da mulher do escritório. Ela rapidamente fez uma ligação para Helen, que acabara de aterrissar no aeroporto e estava correndo para a escola para me pegar.

Foram uns bons quarenta e cinco minutos antes de ela chegar, aparecendo na porta da enfermaria com um olhar preocupado no rosto. — Oh querida. Não é a sua semana, não é?

Tentei dar-lhe um sorriso, mas acho que pareceu mais uma careta.

Eu disse à enfermeira que achava que era um problema estomacal. Ela me colocou todas as perguntas, o que eu tinha comido no dia anterior? O que tínhamos na nossa pizza? Havia algum frango?

Eu apenas balancei a cabeça, mesmo que fosse tudo besteira, mas ela me deu toda a lição de como o frango deve ser cozido, e chegou à conclusão de que provavelmente não era um inseto, mas mais provável intoxicação alimentar. Não fazia sentido e estava completamente errada, mas eu concordei com ela.

Helen deu um tapinha na minha perna quando voltamos para casa. Ela estava convencida de que deveríamos consultar um médico no caso de o vômito ter algo a ver com o incidente da piscina da véspera, mas eu simplesmente disse que não.

Eles saberiam.

Ela me ajudou a entrar e a sentar no sofá, apressando-se na cozinha para me pegar um copo de água.

— Você quer que eu te ajude a ir para a cama? — Ela perguntou, se ajoelhando na minha frente.

Os dois lindos olhos que brilhavam de volta para mim me surpreenderam por um segundo. Ela estava preocupada, aflita. Eu senti como se ela estivesse quase sentindo a dor que eu estava passando, e estava disposta a fazer qualquer coisa possível para tirá-la.

Esse tipo de cuidado era especial. Era do tipo que apenas pessoas fortes e de bom coração tinham. Eu entrei na vida dela como uma garota da rua. Heath viu algo dentro de mim, algo que nos conectou. Ela nunca questionou, só pulou em todas as chances que tinha em que pensou estar fazendo o certo por mim e tornar minha vida melhor.

Ela não precisava fazer nada, mas fizera tudo. E agora eu precisava ouvir aquelas palavras que ela e Heath haviam falado em várias ocasiões.

Confie em mim.

— Não. E-eu preciso te dizer uma coisa.

Minha garganta entupiu, engasgada com emoção. Apertando com o pensamento do que eu estava prestes a fazer.

A voz de Jay soou na minha cabeça.

Você é muito fraca, com tanto medo do passado voltando para assombrar que não luta pelo seu futuro.

Você vai dizer, a Heath? Vai chamar a polícia? Porque o registro de alguém acreditando em sua merda já é nulo.

Estou disposta a fazer o que tenho que fazer para garantir meu futuro. Podes dizer o mesmo?

— O que há de errado, querida? — Helen perguntou, colocando a mão sobre a minha.

— Eu preciso de ajuda.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Lágrimas brilhavam em seus olhos enquanto ela olhava para mim. Eu contei tudo a ela.

Cada pequeno detalhe.

As notas, as ameaças, o abuso emocional e físico. Mesmo porque eu me mantive quieta. Tudo saiu em um fluxo de emoções, e no final, nós duas estávamos chorando, com lágrimas escorrendo por nossas bochechas.

Eu chorei pela dor que sofri nas mãos dos outros, não apenas com Jay, mas durante toda a minha vida. Eu chorei pela mãe que nunca me protegeu, e o pai que saiu com os jogos que torturavam a minha mente. Eu chorei pelos meus amigos, no frio, ainda lutando todos os dias. E chorei pela menininha lá dentro, que acabara de descobrir o que era o amor verdadeiro.

— Oh, Fable. — Ela estendeu a mão e tocou minha bochecha, suas mãos macias e suaves. As mãos amorosas de uma mãe, que sentiu como se tivesse falhado com seu filho. Um sentimento que nunca conheci até aquele momento. — Nós vamos fazer isso direito.

— Estou tão assustada. — Eu inalei, meu corpo contraindo.

Nem uma vez ela disse *"você deveria ter me dito"* ou me repreendeu por manter algo tão grande para mim. Ela entendeu o porquê. E agora que tudo estava dito e feito, ela iria consertar isso.

— Precisamos ir para a delegacia. — Disse ela uma vez que ela reuniu seus pensamentos e inteligência. — Vamos dar queixa e obter uma ordem de restrição dela se aproximar de você.

Eu apenas assenti. Eu estava exausta, mas de alguma forma me senti muito mais leve. Livre. A verdade estava fora agora. Saiu dos meus ombros.

— Precisamos contar a Heath. — E lá estava de volta o problema.

— Eu ia contar a ele, mas então essa coisa com o técnico olímpico surgiu, e não queria distraí-lo. Ele precisa se concentrar nisso, não nessa outra situação. — Eu tentei explicar para ela, mas parecia que não estava entendendo. Ela continuava balançando a cabeça, como se eu tivesse tudo errado.

— Fable, Heath se importa com você. Você é tão importante para ele, posso dizer pelo jeito que ele olha para você. Ele precisa saber.

— Como ele olha para mim?

Ela sorriu, era quase caprichoso. — Ele olha para você da mesma forma que o pai dele olha para mim.

Mesmo nunca tendo visto Helen e Arthur juntos, só poderia imaginar o amor que ele sentia por ela. Você poderia dizer o quão grande era o coração dele pelo jeito que ele fala com seus filhos, e pelo jeito que abriu os braços para mim como se eu sempre tivesse sido parte da sua família. Ele me acolheu, assim como Helen fez. Sem perguntas. Sem dúvidas. Não se importando com o meu passado. Apenas querendo compartilhar seu amor comigo.

— Eu não quero atrapalhar o futuro dele.

— A única coisa que vai prejudicar o futuro dele é se você não estiver nele. Então, precisamos resolver isso o mais rápido possível para que não aconteça.

Suspirei e uma dor aguda atravessou meu estômago. — Vamos. Hospital e então delegacia de polícia.

Ela me ajudou a voltar para o carro, assim que entrou, seu celular tocou. Ela passou a mão pela tela antes de segurá-lo no ouvido.

— Docinho. Sim, ela está aqui. Ela não está se sentindo bem, então eu a trouxe para casa. Ok. — Ela segurou o telefone para mim, e eu coloquei no meu ouvido. Helen ligou o carro e entrou na via.

— Ei. — eu disse.

— Você está bem? — Ele perguntou, sua voz rouca, mas preocupada.

Eu engoli em seco, olhando para Helen, que me deu um sorriso tranquilizador. — Sim, vou ficar bem.

— Deixe a minha mãe cuidar de você. Vejo você depois da escola.

— Você tem treino, eu vou te ver depois disso.

Eu praticamente podia vê-lo franzindo a testa. — Fable...

— Heath... — Eu respondi antes que ele pudesse continuar. — Eu vou ficar bem. Vejo você depois do treino.

Houve silêncio por alguns segundos. — Alguém já te disse que você é teimosa?

— Sim, mas aparentemente linda também.

Ele riu e meu corpo relaxou. — Vejo você depois do treinamento.

— Sim.

Enfiei o celular de Helen no suporte que ela havia colocado no painel e me sentei contra o assento.

Em vez do hospital, Helen me levou a um médico particular. Eles me verificaram imediatamente e determinaram que não havia nenhum dano sério nas minhas costelas ou no meu estômago, mais do que provável apenas contusões. O médico nos descreveu um relatório sobre o que ele encontrou e nós saímos novamente, indo para a delegacia.

Nós nos sentamos no carro por um longo tempo antes que eu percebesse para onde estávamos indo. Ela estava me levando de volta para a delegacia onde fui presa. Eu levantei uma sobrancelha quando chegamos e ela sorriu. — Nós vamos conversar com Lena. Eu acho que ela já conhece sua história, então vai nos dar a melhor ideia de como fazer isso.

Na verdade, me fez sentir um pouco melhor. Eu gostei de Lena. Ela me fez sentir segura. Ela me protegeu quando meu pai apareceu para me pegar, e estava esperando que ela fizesse o mesmo agora.

Fomos para a receção e pedimos para falar com Lena. O policial nos disse para esperar enquanto eles descobriam onde ela estava.

Era apenas alguns minutos antes dela sair do elevador e nos ver na sala de espera. — Oi, eu não estava esperando ver você aqui.

Eu tentei sorrir, mas mesmo isso foi uma luta. Lena franziu a testa e olhou para Helen.

Nós precisamos de uma ordem de restrição, e de registrar acusações de agressão e assédio. — Lena pareceu surpresa, seus olhos passaram rapidamente entre nós duas. Ela abriu sua boca, mas pareceu pensar melhor e balançou a cabeça. — Vamos. Eu vou pegar outro oficial e nós podemos fazer um relatório. — Ela gesticulou com a mão para nós seguirmos. Eu coloquei meu braço contra o meu estômago enquanto subíamos no elevador.

Lena me olhou com cautela. — Adivinho que as coisas não ficaram muito melhores desde que te vi na semana passada.

— Pioraram.

Seu rosto entristeceu. — Nós vamos resolver isso. Não se preocupe.

Lena nos colocou em um quarto muito parecido com o que eles tinham me entrevistado quando estive aqui anteriormente, retornando com outro oficial.

— Helen Carson e Fable Campbell, este é o oficial Keller. Ele vai ouvir suas declarações e qualquer outra coisa que possamos precisar.

O oficial Keller apertou nossas mãos. Ele era um homem mais velho, mas sua voz era gentil quando me pediu para explicar o que estava acontecendo. Ele tomou notas e mais uma vez eu contei sobre tudo. Ele fez perguntas aqui e ali, mas na maioria das vezes, ele apenas ouviu e senti-me bem contando para alguém o que vinha acontecendo comigo. Era muito bom ter alguém apenas para me ouvir, como se realmente me ouvisse.

Você se importaria se tirassemos fotos das contusões? — Ele perguntou, apontando para as minhas pernas.

— Eu deixo. Se isso ajudar.

Ele assentiu. — Contusões desaparecem. É bom que tenhamos algum tipo de evidência de que elas estavam lá. Vou tentar ser o mais rápido possível.

Eu balancei a cabeça, e ele enfiou a mão no estojo que trouxera e puxou uma câmara. Levantei-me e virei-me para a parede. Fiquei aliviada quando Lena se aproximou de mim e apertou minha mão, me tranquilizando.

Acabou muito rápido, ele tirou algumas fotos e nós terminamos.

— Então o que acontece agora? — Helen perguntou. Eu tinha certeza de que ela só estava fazendo isso para o meu benefício, pois era bem entendida em qualquer tipo de processo relacionado à lei.

— Nós emitiremos a Jay a ordem de restrição. Vai ser difícil com vocês duas frequentando a escola juntas, então vou recomendar para o resto da semana que você tire uma curta ausência e faça o seu estudo e trabalho em casa, até que possamos arrumar algumas coisas— O oficial Keller explicou. — Eu vou falar com a escola, ver se conseguimos algum tipo de filmagem de segurança para tentar fazer o backup[42].

Helen assentiu e olhou para mim. — É um processo.

[42]Backup - Backup é uma cópia de segurança. O termo em inglês é muito utilizado por empresas e pessoas que guardam documentos, imagens, vídeos e outros arquivos no computador ou na nuvem, hospedados em redes online como Dropbox e Google Drive.

— Sim, mas vamos fazer isso o mais rápido e sem dor possível. — Ele confirmou.

Lena o acompanhou até à porta antes de voltar e sentar-se à mesa. — Você fez a coisa certa, Fable.

Eu não disse nada. Em vez disso, sentei-me afundado no assento. Era como se cada grama de energia e luta tivesse drenado do meu corpo. Eu estava acabada. — Eu só quero ir para casa.

— Eu sei, querida. — Disse Helen, colocando a mão nas minhas costas. — Vamos para casa.

Lena me surpreendeu quando chegamos às portas da frente da estação, puxando-me para um abraço. Minhas costelas doíam quando passei meus braços em volta de sua cintura fina, mas era esse o contato que eu precisava. — Você é corajosa e é forte. Você é uma sobrevivente e eu espero que outras pessoas possam aprender com você no futuro, e saiba que não há problema em ficar de pé e pedir ajuda. — Ela sussurrou em meu ouvido.

Suas palavras me atingiram no coração. Isso se tornou mais do que apenas enfrentar meus medos. Estava mostrando aos outros que não havia problema em ficar de pé e falar quando havia algo errado.

— Obrigada. —Murmurei de volta, minha voz emocionada e sofrida.

Fiquei feliz que quando chegamos a casa, os meninos estavam treinando, e Flick estava na casa de um amigo trabalhando em um projeto da escola porque eu não estava pronta para enfrentá-los ainda. Foi um longo dia e minha mente estava acelerada. Eu só queria dormir. Eu queria

me enrolar e não me mexer. Eu finalmente fiz isso, falei mesmo com tudo dentro de mim gritando contra.

Todos ao meu redor pareciam confiantes de que eu conseguiria passar por isso e sair ilesa ao outro lado, mas não tinha muita certeza. Quando você passava tanto tempo acreditando que sua palavra não valia merda nenhuma, era difícil acreditar que não era verdade.

Eu sabia que isso não era o fim. Jay não ia se acusar e admitir que ela fizera algo errado. Não era o estilo dela. Ela negaria tudo, e eu estava com medo de que, independentemente da evidência de que tivesse que provar que estavam errados, ela ainda tivesse muito poder.

Eu tinha que me lembrar, porém, que não podia deixar alguém como ela crescer pensando que eles estavam acima de tudo. Se ela não fosse parada agora, e se safasse com tudo o que tinha feito, isso a levaria mais longe, alimentando sua atitude de rainha do mundo e as coisas só piorariam.

Se não fosse eu, seria outra pessoa.

Fiquei imaginando quantas pessoas meu pai havia pisado antes que ele finalmente encontrasse a confiança necessária para infligir tanta dor nas pessoas que deveria amar e se importar mais. Quantas vezes ele deixou alguém de joelhos?

Quantas vezes ele tinha se safado? Havia alguém que pudesse tê-lo parado?

Havia alguém como eu que poderia ter se levantado e dito não, não está tudo bem?

Eles poderiam ter mudado minha vida, a vida de minha mãe. Mas eles estavam com muito medo. Como eu estava.

Meu coração bateu com mais força no meu peito e, por um segundo, até me senti sorrindo. Não importa o que aconteça, se seguir adiante mudasse o rumo da vida de alguém para melhor, e impedisse Jay de destruí-los, então toda essa porcaria, tudo pelo que passei, todo dia que passei nesse inferno que me levou a esse momento, teria valido a pena.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Estava começando a escurecer quando decidi finalmente descer e encarar o pessoal. Heath logo estaria em casa e Braydon também, e Helen deixara claro que tinham que saber o que estava acontecendo. Ela disse que ajudaria a compartilhar a carga, sentir que tudo não estava nos meus ombros. E depois de compartilhar com ela, Lena e o oficial Keller, eu já sentia que ela estava certa.

Outras pessoas sabiam agora. Não era para eu lidar sozinha. Eles poderiam ajudar, resolver alguns dos problemas e trabalharmos juntos para chegarmos a uma solução. Eu ainda estava com medo do que Heath diria. Amanhã as pessoas da equipe olímpica estavam vindo para vê-lo nadar. Eu sabia que isso iria afetá-lo, mas neste momento eu não tinha certeza do quanto, mas pensando que poderia destruir suas perspetivas futuras porque escolhi esconder meus problemas, agitava meu estômago já dolorido.

Quando cheguei mais perto, pude ouvir vozes elevadas. Elas ecoavam até ao patamar. Eu não conseguia entender o que eles estavam dizendo enquanto estava no topo da escada, mas eu podia perceber o tom baixo da voz de Heath e o muito mais alto de Helen.

Havia outra voz também. Uma muito mais profunda, mais suave. Demorei um minuto para descobrir quem era.

Arthur estava em casa.

De repente, a porta bateu com passos largos e pesados no duro piso de madeira. Ele parou no final da escada e olhou para mim, seus olhos brilharam quando ele segurou o corrimão com força em sua mão. As profundezas do azul que eu amava estavam muito mais escuras.

— Volte lá em cima e ponha um maiô. — Ele ordenou, seus olhos nunca se desviando dos meus.

— Heath...

— Agora, Fable. Encontre-me na piscina. — Ele se virou para ir embora.

— Por quê? — Eu perguntei suavemente, sabendo que ele ainda podia me ouvir no espaço aberto.

Ele congelou, mas não se virou. — Porque você está prestes a ter sua primeira aula de natação. — E ele se foi.

Minha garganta se apertou, e eu me perguntei se deveria voltar para o meu quarto e me arrastar sob as cobertas da minha cama. Mas de qualquer forma, ele me encontraria. Nós teríamos que conversar e evitar o problema só pioraria as coisas. Eu odiava ver Heath tão chateado, tão desapontado e sabendo que tinha feito isso para ele.

Suspirando, voltei para o meu quarto e encontrei o maiô que Helen tinha me dado no primeiro dia em que viemos para cá depois do funeral de Eazy. Eu o coloquei e enrolei uma toalha na minha cintura, descendo as escadas.

A casa estava quieta, mas pude ver Helen em pé nas grandes janelas que davam para a piscina, com a xícara de café em suas mãos. Arthur deu

um passo atrás dela, envolvendo um braço em volta da cintura dela e dando um beijo suave em sua bochecha.

— Ele está com raiva. — Eu murmurei, chamando a atenção deles.

— Ele está frustrado. — Disse ela, e se virou nos braços do marido. Ela sorriu para mim. — Ele nada quando está...

— Estressado. — Eu terminei. — Eu sei.

— Como você está se sentindo? — Arthur perguntou. Ele estendeu a mão e tocou meu braço com um toque suave.

— Ok, eu acho. Um pouco dolorida. Eu não achei que você voltaria por um tempo. — Seu sorriso brilhou sob sua barba.

— O resto do mundo pode esperar quando um dos meus filhos está em apuros. — ele disse.

Eu lutei contra o nó na garganta. Suas palavras significam mais para mim do que ele poderia imaginar. Levou dezessete anos, mas finalmente tive duas pessoas, dois pais que estavam dispostos a me colocar em primeiro lugar e lutar por mim. Não importava se eles eram ricos, isso nunca foi algo que eu sonhei. Tudo que eu sempre quis foi que alguém se importasse. E agora eu não tinha apenas alguém, tinha família.

Limpei a garganta e passei ao redor deles, abrindo a porta de correr e saindo para o ar frio da noite. As luzes ao redor da piscina brilhavam na água enquanto eu observava Heath se mover abaixo da superfície.

Andei devagar até à borda da piscina, deixando cair a toalha em uma cadeira enquanto saía. Deixando meus pés pairarem sobre a borda, a água estava fria mas refrescante, depois de um longo dia de drama

e autodescoberta. A semana passada aqui tinha sido uma montanha russa de emoções e lições sobre a vida que eu nunca esperei. Eu encontrei dor e amizade, e até mesmo uma parte de mim que eu não sabia que existia.

Mas foi ao encontrar Heath que me salvei.

Meus pés balançaram para a frente e para trás, a água empurrando de volta contra eles. Ele fez sua volta no final da piscina, seus pés empurraram a parede, e ele nadou até onde eu estava sentada. Ele apareceu ao lado dos meus pés, tirando os óculos e limpando o rosto com a mão. A água chegava logo abaixo do peito, que subia e descia rapidamente, enquanto seus pulmões reuniam o ar que haviam buscado.

— Entre. — Ele disse, sua voz agora mais calma.

Eu virei meu corpo e deslizei para fora da borda, segurando firme enquanto me abaixei na água até meus pés tocarem o fundo. Uma olhada por cima do meu ombro, para o seu rosto me disse que ele tinha visto a destruição que Jay tinha me feito, e seu rosto rapidamente endureceu novamente. Mas quando ele baixou o corpo ainda mais na água, a tensão nele pareceu se soltar.

Eu sabia agora porque ele me chamou para aqui. Era o lugar dele e, quando estava na água, encontrava a paz.

Ele se aproximou das minhas costas e colocou as mãos nos meus quadris, me afastando da segurança da borda da piscina. Eu poderia tocar no fundo, mas eu ainda não gostava disso, sabendo que se ficasse por baixo, isso me sufocaria.

— Eu estou bem aqui. — Ele disse baixinho, lendo meu receio. Eu flutuei suavemente, a água levantou meu corpo para o topo por alguns breves momentos antes de afundar novamente. — Lição um, flutuar.

Uma leve risada me escapou. — Bem, parece que já estou falhando. — Não importa o quanto eu empurrava, meu corpo ainda afundava de volta ao fundo.

— Deite-se. — Ele ordenou. Uma de suas mãos subiu para a parte de trás do meu pescoço, e eu me forcei a inclinar para trás. O conforto do seu toque retornando. A outra mão empurrou minha parte inferior das costas, forçando meus pés a subir e meu corpo a cair para trás.

Eu entrei em pânico. Agitando-me contra ele e a água até meus pés estarem firmemente de volta ao chão. Minha respiração ficou mais rápida, mais dificil.

— Fable... — Seu corpo veio contra o meu, sua boca no meu ouvido e seus braços se movendo ao meu redor para me segurar perto dele. — Você está assustada?

Aquelas palavras. As mesmas que ele usou quando estávamos aqui pela primeira vez. Quando ele me segurou, usando sua própria força para nos manter à tona.

Eu respondi da mesma maneira que eu tive então.

— Não realmente. — Eu me pressionei contra ele, virando a cabeça e aconchegando a mandíbula dele.

— Por que não?

A resposta ainda era a mesma. — Porque eu confio em você.

Ele me permitiu alguns momentos antes de se afastar, suas mãos voltando aos lugares que estavam antes. Ele guiou meus quadris mais uma vez, empurrando-os para a superfície enquanto ele segurava meu pescoço.

— Quando você está na água, você afunda porque seu corpo está em linha reta para cima e para baixo como uma vara. — explicou ele enquanto eu lentamente comecei a levantar até ao topo, minha cabeça para trás, olhando para o céu. — Quando você se deita de costas, a superfície do seu corpo fica mais aberta, então você flutua para a superfície em vez de ser puxada para o fundo.

A água espirrou suavemente nas minhas bochechas e meus pés finalmente romperam a superfície. As mãos de Heath lentamente saíram do meu corpo e logo ele não estava me tocando. Ele ficou ao meu lado e, enquanto sorria, eu também sorri.

Eu estava flutuando.

Podia não ser muito, mas era alguma coisa.

Sua lição foi aprendida, e depois de um minuto ele ajudou a baixar meus pés de volta ao chão da piscina. Ele usou a mão para afastar os fios molhados que estavam presos no meu rosto. — Isso não era tudo sobre uma aula de natação, era?

Sua mão segurou meu rosto. — Você tem que ser capaz de se espalhar se não quiser que a água a arraste para baixo. Quando você está sozinha, é difícil não afundar. São seus amigos e sua família que você confia para ajudá-la a cobrir mais a superfície e mantê-la à tona.

— Eu não sei se isso é incrivelmente brega, ou seriamente incrível.

Ele chegou mais perto, inclinando a cabeça para que seus lábios tocassem os meus. Ele me beijou. Era suave e lento e exatamente o que eu precisava agora. Minha mente estava em todo lugar hoje. Eu estava começando a me perguntar como consegui me manter calma por tanto tempo.

Eu acho que não consegui realmente. Eu chorei muito.

Mas com Heath, parecia que nada disso importava agora. Ele estava aqui.

Ele nos moveu ao redor da piscina, balançando suavemente contra a água, nossas testas mergulhadas juntas.

— Eu gostaria que você tivesse me dito. Eu gostaria de ter parado antes que ficasse tão ruim. — Ele admitiu. Eu podia ouvir a tensão em sua voz. Como se machucasse ele pensar em mim passando por tanta coisa sozinha.

— Eu sei. Eu sinto muito. — eu disse.

Acho que ele sabia que não precisava dizer mais nada. O que aconteceu, aconteceu, e agora que as pessoas sabiam e eu estava compartilhando a carga, eu só esperava que nada pudesse me derrubar.

Foi quando Braydon saiu pelas portas da casa momentos depois que soube que Heath não era o único a quem eu devia uma desculpa. Braydon gostava de rir. Ele era como uma bola de energia que às vezes parecia impossível parar de pular. Então você sabia que quando o rosto dele não tinha um sorriso, a merda era grave.

— Oi Bray. — eu pronunciei suavemente, virando nos braços de Heath, então ele estava em minhas costas.

— Eu não sei se estou com raiva ou aliviado. — Ele comentou, chegando para a borda.

Heath bufou. — Junte-se à festa.

— Você está bem? — Ele perguntou seriamente.

Eu assenti. — Eu estou agora.

— Bom, porque eu tenho uma bandeja de ovos na geladeira que iria usar para fazer omeletes. Mas, em vez disso, digo que vamos atirar ovos à casa dela. — Ele sorriu e, de repente, o Braydon que eu conhecia estava de volta.

Ele se importava. Todos eles se importavam. E isso significava não estarem chateados por eu mentir, mas sim estarem felizes por que eu estava bem.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Heath teve sua sessão com os treinadores olímpicos na tarde seguinte. Ele arrasou e fiquei tão aliviada. Arthur estava em casa e foi com ele. Todos discutiram seu potencial e disseram que entrariam em contato muito em breve. Ele teve que sair no dia seguinte para voltar ao trabalho, mas eu apreciei o que ele tinha feito para voltar e me apoiar, e ao Heath.

Heath tentou fazer parecer que não era nada, mas isto era tudo para ele, era o seu futuro. Um futuro que ele fez por conta própria através do seu trabalho duro e persistência.

Eu estava orgulhosa dele.

Heath e Bray disseram que Jay não estava na escola. Havia rumores sobre o que estava acontecendo. Eu acho que as pessoas não eram tão alheias à tensão entre nós duas como eu pensava. E com nós duas ausentes, a fábrica de boatos estava correndo solta, mas até agora não havia ocorrido nenhum acontecimento.

Apesar de ela aparentemente estar como AWOL[43], tirei a semana inteira de folga, fazendo o trabalho da escola por meio de e-mails de professores e com as anotações basicamente ilegíveis de Braydon.

Com a chegada da noite de sexta eu estava animada. Braydon havia prometido ir buscar Layla no sábado e trazê-la aqui para o fim de semana. Eu me senti horrível por não a ter visto, mas com tudo o que

[43]Absent Without Official Leave: termo usado nos EUA para descrever um soldado ou outro membro militar que deixou o seu posto sem permissão normalmente em desacordo com uma ordem em particular. Também considerado como deserção, ausência, retirada.

estava acontecendo com Jay, Helen disse que era melhor se ela viesse até nós, em vez de correr o risco de ir até lá e possivelmente dar algum tipo de defesa a Jay.

Eu sabia que Layla entenderia e, se algo estivesse errado, ela me encontraria.

Meu telefone, que os meninos e Helen exigiram que eu tivesse comigo, zumbiu debaixo do meu travesseiro. Eu bati nele, desejando que calasse a boca. O corpo quente de Heath estava bem contra minhas costas nuas, o sentimento reconfortante me embalando de volta ao sono.

Quando o telefone começou a zumbir de novo, eu o tirei, pronto para jogá-lo contra a parede para calar a maldita coisa. Mas quando vi a foto de Flick iluminando a tela, eu rapidamente cliquei atender.

— Espera. — Eu sussurrei, lentamente me soltando dos braços de Heath e me arrastando para fora da cama. Eu me virei e verifiquei que ele ainda estava dormindo antes de entrar no banheiro na ponta dos pés e fechar a porta.

— Flick? — Eu perguntei baixinho.

— Fable... — Os soluços dela me fizeram ficar mais ereta. — ...eu preciso de você.

— Onde você está? — Eu perguntei com urgência, minha mente já correndo. Ela foi para a cama mais cedo, onde diabos poderia estar, e como eu poderia chegar lá.

— Eu estou naquela festa que Heath e Bray estavam falando. — Ela fungou um pouco mais alto, e eu ouvi alguém sussurrando baixinho para ela: — Você pode vir me pegar, por favor? Não conte aos rapazes.

Houve uma grande festa planejada esta noite, mas nem Heath nem Braydon tiveram vontade de ir. Eles disseram que a pessoa que possuía a casa não era alguém com quem se davam bem, e se eles fossem, seria apenas para criar problemas. Problemas que nenhum de nós precisava agora.

— Felicity, eles disseram que haveria problemas. O que diabos você estava pensando? — Um soluço alto ecoou dentro do telefone, e eu imediatamente me arrependi de ter gritado com ela. — Ok, querida, me desculpe. Eu estou indo, ok?

Ela me deu o endereço e desligou.

Eu sabia que não precisaria disso, porque, por mais que ela quisesse que mantivesse isso escondido de Heath e Bray, eu não estava disposta a fazê-lo. Eu aprendi minha lição sobre esconder coisas. Isso só piorou os problemas. Infelizmente para Flick, ela estava prestes a aprender da maneira mais difícil, assim como eu fiz.

Eu mantive sua coisa secreta por tempo suficiente, e só porque parecia que as coisas tinham acabado. Mas eu estava começando a me perguntar se talvez não tivesse feito isso, se ela não queria me lembrar de seu pequeno segredo significaria que não havia acabado. Acendi a lâmpada ao lado da cama e sacudi Heath. Levou um minuto, mas logo ele estava esfregando os olhos e olhando para mim.

— O que está errado?

Eu puxei meu moletom sobre a minha cabeça. — Sua irmã foi para aquela maldita festa e acabou de me ligar em lágrimas. Precisamos ir buscá-la agora mesmo.

Ele estava fora da cama antes de eu terminar a minha frase, puxando sua calça jeans. — Precisamos pegar o Bray.

— Por quê? — Eu perguntei, seguindo-o enquanto ele caminhava pelo corredor.

Ele parou na porta de Braydon. — Porque essa era a festa de Eli Sampson. Nós não temos exatamente o melhor relacionamento com ele, e suas festas são notórias por ficarem fora de controle.

Ele chegou e ligou a luz de Braydon. Eu o ouvi resmungar um irritado: — Que porra, cara?

— Flick está em apuros. Levante-se. — gritou Heath

Eu gemi baixinho. — Eu acho que este é um momento ruim para mencionar que Flick está namorando um cara chamado Eli?

O olhar no rosto de Heath era uma mistura de choque e raiva. — Ela tem feito o quê?

— Ela está se esgueirando por aí. — Eu esfreguei o meu rosto. — Eu não sabia por que era tão importante esconder esse cara, mas agora eu entendo.

Heath tinha os punhos cerrados quando Braydon apareceu na porta, vestindo uma camiseta. — O que está acontecendo?

— Nossa irmãzinha aparentemente está namorando Eli. — Heath gritou com seus olhos não parando de me observar. Eu me contorci sob o olhar dele.

Braydon riu. — Sim, tudo bem. Isso é uma piada de mau gosto. — Ele olhou para mim, mas eu apenas balancei a cabeça negativamente.

— Você pode explicar no caminho. — Disse Heath rudemente, agarrando minha mão enquanto corríamos para seu carro. Nós retiramos o carro, e ele olhou para mim. — Não é longe, então você precisa falar rápido.

Suspirei. — Eu pensei que era inocente. Ela estava mandando mensagens para um cara. Eu percebi que era uma paixão. Eu peguei ela voltando para casa no sábado depois de vê-lo. E no domingo ela foi e se encontrou com ele.

Eu poderia dizer que Heath estava lutando para manter tudo com calma. Ele estava com raiva. Não, furioso.

— Eu sinto muito. Eu deveria ter te contado, mas não sabia quem ele era, e prometi a ela que não o julgaria até o conhecer. Isso é algo que as pessoas nunca me deram, então eu estava dando a ela o benefício da dúvida de que sabia o que estava fazendo. — Fiquei quieta pensando em minhas palavras. Por mais que eu quisesse agora, deveria ter dito a ele o que estava acontecendo. Eu fiz o que senti ser a coisa certa.

— Não importa agora. — Disse Braydon do banco de trás. — Espero que você esteja preparada para esta tempestade de merda.

— Qual é o negócio de vocês? Por que vocês o odeiam tanto? — gritei dentro do carro.

— Porque ele é o cara que deixou Anton viciado em medicamentos prescritos. — Me respondeu Heath.

De repente as palavras que Heath disse sugaram o ar dos meus pulmões.

— O quê? — Eu senti que não podia respirar. — Como você... — Eu podia ver o rosto de Eazy em minha mente, observando-o tão quebrado, tão abatido. Ele tinha feito suas próprias escolhas, e ele pagou as consequências de uma maneira que não merecia. Eu tentei me concentrar, mas meu coração estava acelerado.

— Eli costumava ir a Diamond Cross. Nós estávamos na equipe de natação juntos. Ele costumava ficar bem, um pouco louco, mas isso não me incomodava tanto. — Explicou Heath enquanto ele navegava o carro pelas ruas. — Eu peguei ele usando e disse ao nosso treinador. Eles encontraram comprimidos em seu armário e ele foi expulso.

— E agora ele está usando Flick para se vingar de você.

As peças finalmente se encaixaram, e meu pequeno ataque de pânico se transformou em algo muito mais. Fúria.

— Não por muito mais tempo, porque eu vou matá-lo. — Gritou Heath.

— *Não se eu chegar lá primeiro.* — Eu respondi mentalmente.

As ruas estavam cheias de carros, e eu podia sentir o barulho alto da música através das janelas quando Heath parou na mesma rua.

— Encontre Flick e nos encontraremos com você no carro. — Ordenou Heath enquanto descíamos e corriamos em direção à casa.

— Heath. Você precisa ser esperto, não faça nada estúpido. — Eu tentei raciocinar. Braydon estava quieto, mas o olhar de determinação no rosto dele me disse que os dois estavam indo à procura de problemas.

— Encontre Flick. — Ele disse novamente quando eles foram para a casa, desaparecendo pelas portas da frente.

Eu parei na frente da casa, a brisa fresca refrescando minha pele enquanto examinava a enorme varanda da frente e os degraus. A casa seria bonita se não fosse pelos adolescentes espalhados por toda a parte e garrafas e outros itens diversos espalhados pelo gramado.

O gramado estava destruído.

— Fable! — Um corpo veio até mim das sombras, e quando chegou mais perto, eu passei meus braços ao redor dela com força percebendo que era Flick e a puxei. Ela chorou agarrada em minha camiseta, segurando o material em seus dedos. Uma das suas amigas que eu reconheci da escola se aproximou por trás dela, seus olhos estavam olhando ao redor cautelosamente. Ela parecia assustada.

Minhas mãos esfregaram as costas de Flick para cima e para baixo, e eu tentei dar à outra jovem um sorriso tranquilizador. — Está tudo bem.

— Eu quero ir para casa. — Ela fungou.

Colocando minhas mãos em seus ombros, empurrei-a para trás, ela resistiu, mas eu precisava dar uma boa olhada nela. Quando ela finalmente me soltou, sua cabeça baixou e ela recuou. O vestido que ela

usava estava rasgado no ombro, a correia fina pendendo para baixo. Seu cabelo estava uma bagunça, seu rabo de cavalo não mais apertado, mas pendurado no lado como se tivesse sido puxado.

A raiva começou a se construir novamente. — Diga-me o que aconteceu. — Eu exigi.

Ela desviou o olhar. — Eu só quero ir para casa.

— Fable?

Uma voz que reconheci me chamou da escada. Eu olhei contra as luzes brilhantes da varanda, era Payton que deu um passo à frente, correndo até nós pelo passeio. — Acabei de ligar para o Lucas para vir me buscar. Este lugar é maluco. Heath disse que eu deveria pedir a Lucas para levar vocês para casa?

Um estrondo alto de vozes animadas aumentou de dentro da casa, seguido por outro estrondo que soou terrivelmente como uma janela sendo quebrada. — O que diabos está acontecendo lá?

— Você trouxe Heath com você? — Os olhos de Flick se arregalaram. — Eu lhe disse para não os trazer.

— A maioria dessas crianças é da East Street. — Explicou Payton. — As coisas estão sendo destruídas, e eu vou adivinhar que não vai demorar muito até que a polícia apareça. — Explicou ela, olhando por cima de Flick com uma expressão preocupada.

— Isso foi Eli, Flick? — Eu apontei para seu vestido e seu cabelo desarrumado.

— Por que você os trouxe? — Sua voz soou magoada.

— Isso foi por causa de Eli? — Eu exigi, minha voz severa e meu corpo tenso. Ela apertou os lábios, recusando-se a responder-me.

— Ele tentou levá-la para cima. — Sua amiga explicou suavemente. Ela olhou para Flick com olhos tristes. — Quando ela disse não, ele rasgou o vestido e agarrou-a pelos cabelos. Eu a puxei para longe, mas ele jogou nós duas no chão.

Flick estremeceu, mas ainda não falou. Eu estava furiosa agora. Desde que eu era pequena, vendo meu pai vir para atacar a minha mãe com uma mão pesada, sempre me fez jurar que nunca me deixaria ser tratada dessa maneira. Nem eu deixaria que, alguém com quem me importasse, ficasse sujeito a isso. Eli não tinha o direito de tocá-la como tinha feito, e eu ia me certificar de que ele sabia disso.

— Payton, você pode ficar com elas até Lucas chegar aqui? — Eu perguntei

— Fable, não acho que seja uma boa ideia entrar lá. — Ela respondeu nervosamente. Nós duas olhamos para a casa quando ouvimos outro eco estrondoso responder de dentro da casa. — Heath disse que você precisava ir para casa com a gente.

Eu não dava a mínima, porém, Flick se tornou minha família. Onde meu próprio sangue falhou em me proteger, eu não estava prestes a falhar com ela.

— Fable, por favor. — Implorou Flick, agarrando meu braço.

— Fique com Payton. — Eu pedi, puxando meu braço de seu aperto firme e indo em direção à casa. Eu podia ouvi-la chamando atrás de mim,

mas não me importei. Esse imbecil estava prestes a perceber que nem toda garota iria se deitar e pegar sua besteira misógina[44]. E talvez, apenas talvez, possa fazê-lo pensar duas vezes na próxima vez que pensar em colocar a mão em uma garota indefesa.

Eu esperava que Bray e Heath não o tivessem encontrado ainda, porque tinha contas para acertar, por Flick, por Eazy e por mim.

[44]Misógina - que tem aversão às mulheres; que tem grande antipatia por mulher

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Havia pessoas em todos os lugares quando entrei na casa, algumas bebendo e rindo, algumas discutindo no corredor. Duas garotas dançavam na mesa da sala de jantar, os pés amassando e arranhando a madeira lindamente envernizada.

Era uma casa que não duvidei ser impressionante, antes de quem morava nela convidar quase duzentos adolescentes para destruí-la.

Saindo para a grande área de entretenimento do lado de fora, eu olhei para o espaço ao meu redor. Era um longo deck de madeira que percorria toda a extensão da casa. Havia várias mesas montadas, todas com pessoas sentadas ao redor e garrafas sendo empilhadas até ao topo. Dois aquecedores altos de pátio estavam em cada lado das portas bi-dobráveis , aquecendo o ar um pouco frio com chamas suaves.

Eu não tinha ideia de quem estava procurando, nunca encontrei Eli ou vi uma foto, então fiquei aliviada quando vi um rosto familiar ao pé de uma escada que levava a um vasto quintal. O lugar estava lotado.

— Liam. — Eu chamei, buscando ter sua atenção para longe do grupo de caras com quem ele conversava. Ele pareceu surpreso ao me ver e se desculpou, correndo pelas escadas.

— Fable, não esperava ver você aqui.

— Foi uma coisa de última hora. — Eu respondi. — Eu preciso que você me mostre a direção em que Eli se encontra.

— Sampson? — Ele perguntou. — Por quê?

— Porque ele machucou as pessoas que me importam.

Liam esfregou o rosto. — Eu disse a ele para não mexer com Felicity.

Eu congelei. — Você sabia?

Ele pareceu se afundar um pouco. — Sim. Eli é um amigo. Eu não aprovo toda a merda que faz, mas me ajudou algumas vezes, e eu devo muito a ele.

Minha boca ficou seca e tentei engolir. Limpando minha garganta, finalmente consegui perguntar: — Você sabia que foi ele quem deu a Anton as pílulas? — Me senti estranha em usar o nome verdadeiro de Eazy, mas não tive tempo de explicar a merda. Eu só queria saber e queria saber agora.

Ele abriu a boca para falar, mas foi interrompido por outra voz. — Claro, ele sabia. Ele era o único que estava fornecendo para Eli. — A voz de Heath me gelou quando se aproximou de mim e colocou a mão no meu quadril. Eu olhei para a mão dele. Ela estava danificada e inchada, então entendi que era tarde demais para ter um pedaço de Eli. Heath me arrastou de volta para que meu corpo estivesse nivelado com o dele. Eu não tinha certeza se era uma manobra protetora ou possessiva. Mas no momento, minha mente não se importava.

Meu coração tomou conta e doeu.

Os olhos de Liam olharam por cima da minha cabeça para Heath, depois para o lado onde Braydon apareceu. Liam ficou quieto, nem

confirmando nem negando a acusação. Mas eu não estava prestes a deixá-lo escapar com isso.

— Isso é verdade? — gritei.

Ele não olhou para mim, mas assentiu. — Sim. Mas eu não faço essa merda agora.

Meu corpo reagiu. Eu tentei seguir em frente, mas Heath me segurou contra ele.

— Ele foi expulso de casa por causa dessas drogas. Ele morreu. Ele morreu tentando me proteger. — Eu gritei enquanto lutava contra o aperto da mão de Heath.

— Eu não sabia que Eli estava dando para ele. Não pretendia ir tão longe. — Ele se defendeu, parecendo magoado, como se a culpa do que havia acontecido com Eazy pesasse sobre seus ombros. Bom. Eu queria que doesse. Eu queria que ele sentisse a dor do que suas ações causaram.

Eu ouvi mais um vidro sendo quebrando de dentro da casa. As pessoas gritavam, mas meu foco permaneceu em Liam.

— Eu pensei que nós éramos parecidos. Eu pensei que você me entendia. Mas nós *não* somos *nada* parecidos. Eu nunca...

— Machucaria alguém? — O som de sua voz fez meu corpo tremer. — Isso é coisa de rico, considerando que a única razão pela qual você está aqui é porque você esfaqueou seu próprio pai. — Jay parecia se materializar para fora da escuridão, com uma grande garrafa de vodka em suas mãos.

Incrível, acho que esta festa estava prestes a começar.

As pessoas pararam suas conversas. Eles estavam se aproximando da nossa interação, tentando ouvir o que estava acontecendo sobre o som alto da música.

— Dê o fora daqui, Jay. — Heath gritou. — Você e eu vamos ter uma conversa, mas estou guardando isso para outro dia... outra hora.

— Por quê? Para protegê-la? — Ela também gritou. Cambaleou em seus pés, e eu sabia que estava completamente bebada. — Você se importava comigo. Nós tínhamos algo, um futuro, e você jogou tudo fora pulando na cama com uma garotinha assustada.

— Isso é o suficiente. — ele espondeu secamente. Suas mãos segurando-me, mantendo-me presa a ele. — Eu não dei a mínima para você. Isso foi tudo na sua cabeça. Você trouxe isso para si mesma. E agora você não é mais do que uma valentona e uma pirralha mimada.

— Isso é uma mentira. — Ela gritou, pegando a garrafa de vodka pelo pescoço e jogando-a na parede. Infelizmente a garrafa atingiu o aquecedor externo e uma bola de fogo explodiu. Houve um grito que parecia único vindo da multidão quando o fogo engolfou a decoração de madeira. As pessoas correram para escapar das chamas, passando pelo aquecedor do pátio. Ele balançou para a frente e para trás e começou a cair.

Heath me empurrou para a frente. Liam conseguiu me pegar antes que eu caísse no chão e começou a me arrastar. As pessoas ainda estavam gritando. Então aconteceu um barulho alto, e senti uma explosão de calor queimar na parte de trás do meu corpo.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei freneticamente quando Liam me ajudou a ficar de pé. Eu tentei entender o caos que estava acontecendo ao nosso redor quando as pessoas começaram a correr.

— Está pegando fogo, precisamos ir. — Liam chamou por cima da confusão. Sua voz era nervosa quando ele puxou meu braço.

Eu me virei, procurando por Heath e Braydon. Mas ele estava certo, a superfície de madeira já estava em chamas.

— Heath! — Eu gritei.

— Fable, saia. — Eu o ouvi chamar de volta, mas eu não podia vê-lo através da grande quantidade de pessoas e do incêndio que estava rapidamente começando a se espalhar.

— Vá! — Liam me empurrou, e nós conseguimos entrar pela porta, as chamas do primeiro fogo já rastejando ao longo do topo do quadro. Meu corpo foi empurrado e machucado quando duzentos adolescentes tentaram escapar das chamas passando por nós. A mão de Liam escorregou da minha e fui empurrada para o chão. Eu podia ouvi-lo chamando por mim, mas ele estava sendo empurrado para fora. Ele não podia lutar. Alguém mais me agarrou e me arrastou por um corredor, eu tentei ficar de pé, mas a pessoa continuou puxando, o carpete do chão estava arranhando minhas costas enquanto a minha camisa subia.

— Nós temos que sair. — Eu gritei. Mas quando virei a cabeça para ver quem estava me puxando, as madeixas descoloradas me disseram que eu estava com mais problemas do que pensava. Ela me puxou para um

pequeno escritório, jogando meu corpo no chão e batendo a porta atrás de mim e trancando a fechadura.

— Nós não terminamos. — Ela gritou quando se virou para mim, suas feições contorcidas em uma espécie de fúria que eu nunca tinha visto antes.

— Nós vamos morrer! — Eu gritei de volta, tentando me forçar a ficar de pé. Havia apenas uma pequena janela no escritório, uma retangular que ficava no alto.

— Você não pode simplesmente entrar aqui e tirar tudo de mim. — Ela gritava.

Eu gemi quando me levantei, puxando minha roupa de volta ao lugar. — Eu não peguei nada.

— Você fez. Você levou Heath. Minha mãe e meu pai se separaram seis meses atrás. Minha mãe está sempre viajando, então tive que viver com meu pai. — Sua respiração era pesada e dura. — Meu pai não ganha muito dinheiro, então tivemos que arrumar uma casa bem menor. Tudo mudou e a única coisa que me restou foi Heath.

Tantas coisas faziam sentido agora, incluindo seu desespero para mantê-lo.

O salário do chefe de polícia não podia competir com a de uma supermodelo, por isso seu estilo de vida havia mudado dramaticamente. Percebi que todo esse esforço era sua última tentativa de manter as coisas do mesmo jeito. Ela queria segurar Heath porque isso significava que ela ainda seria considerada como tendo uma certa

quantidade de *status* em um mundo que estava perdendo lentamente. Não era uma desculpa, mas fazia sentido.

Eu podia ouvir as sirenes agora, e o disparo de alarmes dentro da casa por causa da fumaça.

— Jay, me desculpe, sinto muito pela sua mãe e o que está acontecendo, mas não podemos fazer isso aqui. A casa está em chamas. Nós vamos morrer se ficarmos aqui. — Eu estava nervosa, mas tentar argumentar com uma pessoa louca não é exatamente fácil, especialmente quando o tempo não está do seu lado.

Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. — Eu quero minha vida de volta. Eu quero minha mãe de volta. Eu quero a minha casa de volta. Eu quero Heath de volta.

Houve um forte estrondo e nós duas caímos no chão, gritando. Ela estava caída, chorando e soluçando no chão.

— Você pode ter sua vida de volta. Você só tem que lutar por isso. E agora, isso significa tentar sair dessa casa antes que nós duas percamos nossas vidas para sempre. — Eu pulei e corri até à pequena janela. Era muito alta, então comecei a olhar em volta. Eu precisava de algo em que pudéssemos ficar.

— A mesa. — Disse Jay, empurrando-se do chão. — Podemos empurrá-la para baixo da janela e subir nela para pularmos.

Corremos até à grande mesa do escritório. Tinha um computador e estava coberta de papéis e arquivos, mas nós jogamos tudo de cima para o chão, sem nos importar quando a tela quebrou.

De pé em uma extremidade, nós duas empurramos. Era pesada, mas lentamente começou a se mover.

Eu engasguei e gaguejei. Estávamos respirando pesadamente enquanto nos esforçávamos para mover o grande móvel de madeira. A fumaça estava enchendo a sala mais rápido, e com a gente em pé e nos esforçando estávamos tomando mais e mais em nossos pulmões daquela fumaça.

Eu estava lutando para respirar.

Eles sempre diziam para você se abaixar do fogo porque a fumaça subia para o telhado, mas com a nossa única opção para escapar de uma janela alta, tínhamos que nos arriscar a sufocar se quiséssemos ser livres.

Conseguindo pegar a mesa parcialmente abaixo da janela, nós duas subimos nela. A fumaça queimou meus olhos, eles picaram e começaram a regar. Nós duas estávamos tossindo, tentando cobrir nossas bocas com nossas camisas enquanto lutávamos com as fechaduras.

A pequena janela não se abria muito, mas seríamos capazes de passar por uma de cada vez. Eu coloquei minha cabeça para fora. Eu podia ouvir as pessoas e ver luzes piscando preenchendo a escuridão.

— Ajuda. — Eu gritei no topo da minha voz. Não houve resposta. — Socorro!

Nós estávamos muito longe e havia muita coisa acontecendo. Ninguém podia me ouvir.

O chão não estava muito longe, então teríamos que arriscar. Um braço quebrado era melhor do que sufocar até à morte.

— Vamos!

Jay não falou duas vezes. Era uma janela comprida, por isso era fácil passar de lado e esperávamos que pudéssemos segurar-nos com as nossas mãos e cair no chão. Jay colocou sua perna primeiro, depois um braço e metade do corpo dela. Quando ela levantou a outra perna, ela empurrou de volta.

A fumaça estava em meus olhos e afetando todos os meus sentidos. Minha mente não conseguia descobrir o que estava acontecendo até que seu pé se conectou com o meu corpo e me derrubou. Já me sentindo tonta e desorientada, caí de costas.

O vento foi derrubado dos meus pulmões quando meu corpo atingiu o chão. Eu suspirei.

Tentando freneticamente preenchê-los novamente.

Eu estava caída na água novamente e estava me afogando.

Eu a ouvi falando enquanto subia pela janela. Sua voz arranhada da fumaça. Ela parecia tão longe. — Você está certa. Eu preciso lutar pela vida que eu quero, pela vida que tive antes. E nessa vida você não existia.

Mais uma vez, eu a subestimei. Ela era louca. Ela perdeu a cabeça. Ela não se importava com quem machucava no caminho para o topo. E ela faria o que fosse necessário para chegar onde queria.

Incluindo deixar-me nesta sala para morrer.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Eu não conseguia me mexer. Olhei para o tecto enquanto a fumaça enchia a sala e começava a descer.

Estava demasiado quente. Eu estava suando profundamente enquanto meu corpo lutava para se manter calmo. Era uma batalha perdida. O fogo estava chegando, e minha única esperança agora era que desmaiasse diante da quantidade de fumaça que estava inalando, bem antes que a chama me queimasse.

Eu mal estava ciente da dor que estava passando pelas minhas costas. Talvez tenham sido quebradas.

Eu só sabia que me sentia pesada. Meu cérebro não conseguia descobrir como se levantar. Estava nebuloso e confuso.

Antes das últimas semanas, eu provavelmente teria apenas ficado aqui. Contente com o fato de que minha luta na vida foi feita. Eu fui torturada, espancada, manipulada e intimidada. Eu tinha passado pelo inferno e voltado em mais de uma ocasião. Eu teria ficado bem em desistir, não ter que viver outro dia seria quase um presente porque, na minha cabeça, as coisas nunca iam melhorar.

Mas elas melhoraram.

Eu encontrei Heath.

Eu encontrei dois pais que me acolheram e me trataram como se fosse deles.

Eu encontrei uma família que estava disposta a fazer o que fosse necessário para tornar minha vida melhor.

Eu encontrei meus amigos, um lugar que eles poderiam ir para chamar de lar. Então eles não teriam que lutar mais.

Eu encontrei o amor.

Amor incondicional e verdadeiro.

Eu encontrei o meu melhor.

E agora que eu podia ver e sentir, não podia desistir.

Às vezes você tem que saber que há algo melhor lá fora para você lutar por isso.

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas.

Tentei dizer a mim mesma que tinha lutado muito para perder tudo agora. Eu precisava ficar acordada e respirar o máximo de ar possível.

— *Ajuda!* — Eu gritei, sufocando, enquanto meus apelos desesperados enchiam o quarto. O gosto da fumaça na minha boca me fez querer vomitar.

Eu ouvi um barulho de dentro da casa. Talvez estivesse desmoronando. Eu tentei de novo. — *Ajuda!*

Tentei me mover e consegui rolar para o lado, mas todo o meu corpo gritou de dor.

Eu estava ficando tonta e as coisas estavam começando a desaparecer.

— *Ajuda!*

— Fable. — A voz de Heath limpou a escuridão na minha cabeça. Ou talvez a escuridão tivesse assumido, e eu acabei de ouvir o que queria ouvir. — Fable, eu estou indo. — Sua voz estava vindo de fora da janela. Ela era real. Ele estava lá.

Eu sabia que ele nunca seria capaz de passar por aquela janela. — A janela é muito pequena. — Eu gritei.

Eu podia ouvir outras vozes. — Ela está no escritório. Podemos passar pela porta lateral para a cozinha.

Era a voz de Liam.

— Crianças, se afastem da casa. — Uma voz profunda explodiu.

— Vá. — Liam gritou.

Parecia haver muita atividade agora. Pessoas gritando ordens, passos pesados na lateral da casa. Passaram alguns segundos e houve pancadas na porta.

— Fable desbloquea a porta. — Heath chamando através da madeira.

— Eu não posso me mover. — Eu gritei de volta. Eu podia sentir minhas pernas agora, mas meu corpo inteiro ainda se recusava a mover-se. — Eu não posso ficar de pé.

Houve tosse e vozes.

— Nós temos que quebrar isto.

— Com o quê? — Braydon.

— Heath, não faça isso! — Alguém gritou.

De repente houve um estrondo alto. A porta se abriu, batendo contra a parede, e Heath voou pelo espaço. Seu corpo estava curvado e ele estava segurando o ombro.

— Filho da puta. — Ele amaldiçoou. Seu braço pendia frouxamente ao seu lado. Ele usou isso para romper. Seus olhos finalmente encontraram os meus e ele caiu de joelhos. Braydon e Liam correram atrás dele, cobrindo a boca com as camisas e tentando se abaixar até o chão.

— Vamos. — Exclamou Braydon.

— Meu braço está machucado. — Disse Heath.

— Eu vou levá-la. — Liam correu e passou seus braços debaixo do meu corpo, continuei gemendo quando ele me levantou do chão. — Vamos.

Braydon foi em frente e Heath correu atrás de nós. Quando saímos do corredor, percebi o quão perto eu estava de me queimar. O fogo praticamente lambeu nossa pele enquanto engolia as paredes do corredor. Nós viramos na direção oposta, porém, deslizando por outra porta que levava a uma lavanderia e depois para a cozinha.

Dois bombeiros ficaram do lado de dentro da porta, eles nos orientaram quando entramos correndo pela porta da cozinha e saímos em um caminho que levava para o lado da casa e para o jardim da frente.

O ar fresco fazia cócegas na minha garganta e nos meus pulmões, eu lutava para conseguir o máximo de ar possível, mas isso só me fez tossir ainda mais.

— Leve-a para a ambulância. — Uma voz profunda gritou por trás de mim.

Eu avistei a casa. Ela iluminou o céu noturno com um brilho laranja brilhante. Bombeiros correram para todos os lugares, alguns seguravam grandes mangueiras, fazendo o que podiam para acalmar o fogo. Havia pessoas espalhadas por toda a parte. Alguns deitados na grama, longe da casa, outros sentados no passeio, segurando máscaras de oxigênio em seus rostos. Houve gritos e choros e devastação em todos os lugares.

Liam me levou correndo para uma das muitas ambulâncias e um paramédico rapidamente limpou a maca.

— Ela estava presa dentro da casa. — Explicou Heath, chegando ao meu lado, ainda segurando o braço em seu corpo. — Ela disse que não podia se mexer, estava deitada no chão.

O paramédico se moveu ao meu redor rapidamente, falando comigo, me fazendo perguntas e estabilizando meu corpo. Duas outras enfermeiras se juntaram a ele e imobilizaram meu corpo e meu pescoço. Eles colocaram um colarinho grosso em volta do meu pescoço e me disseram para não me mexer.

Em seguida veio a máscara de oxigênio.

Heath, Bray e Liam ficaram ao meu lado o tempo todo, me tranquilizando com palavras suaves e me lembrando que eu estava bem.

— Ok, estamos prontos para ir. — O EMT[45] anunciou. Ele olhou para Heath. — Entre. Você vai precisar que alguém veja esse ombro, mas precisamos levar Fable para o hospital.

— Nós vamos encontrá-los lá. — Disse Bray, inclinando-se para me dar um beijo na bochecha antes que ele e Liam fossem embora.

Heath assentiu, segurando minha mão enquanto me empurravam para dentro da ambulância e fechavam as portas. As luzes e as sirenes se acenderam e saímos. O suave brilho laranja do fogo desapareceu na distância.

Heath falou comigo todo o caminho para o hospital.

— Eu pensei que tinha te perdido... de novo.

— Nós não conseguíamos encontrar você.

— Liam disse que viu Jay levando você pelo corredor.

— Eu não posso te perder, Fable.

Suas palavras começaram a se distorcer, mas o zumbido suave de sua voz relaxou meu corpo. Ele estava aqui. Estava tudo bem. Eu consegui.

A viagem para o hospital parecia quase pacífica quando finalmente deixei meu corpo descansar. Eu não precisava mais lutar. Heath estava aqui. Braydon estaria no hospital. Helen estava chegando em breve. Eles estavam todos lá. Eles lutariam por mim. Eles ajudariam a me segurar se começasse a afundar. Eu poderia confiar neles para estar lá.

Fechei meus olhos e soltei.

[45]Emergency Medical Technician – paramédico.

Quando entramos no departamento de emergência, o caos recomeçou. Médicos e enfermeiros se apressaram ao meu redor. O paramédico que me trouxera relatou tudo o que sabia sobre a situação.

Inalação de fumaça.

Dormência.

Possível lesão medular.

Eu assisti Heath o tempo todo enquanto estava na minha cabeça. Ele era minha âncora. Seus olhos se arregalaram e ele olhou para mim com horror enquanto falavam.

— Espero que vocês estejam preparados, há muito mais vindo. Não tão ruim como isto. Possíveis vítimas mortais também. — O paramédico explicou enquanto nos seguia pelo corredor. Eles me empurraram para uma sala e imediatamente começaram a me ligar às máquinas. O cara olhou para mim. — Você está em boas mãos agora, querida. — Ele sorriu suavemente antes de correr de volta para a porta. Sem dúvida, ele estaria fazendo mais algumas idas e vindas da festa.

— Senhor, que tal verificarmos o braço? — Perguntou uma enfermeira baixinho. Eu podia ouvi-la se aproximando de Heath, mas com o meu pescoço no suporte eu só conseguia mover meus olhos.

— Eu não vou deixá-la. — Ele respondeu com firmeza.

Ela entrou no campo da minha visão quando chegou mais perto, e então a enfermeira aproximando-se de Heath com as mãos no ar disse. — Tudo bem, podemos fazer isso aqui, se você quiser. — Ela apontou para a

cadeira que estava ao lado da cama. Ele pareceu olhar entre mim e a cadeira por um minuto.

— Heath... — O som da minha voz estava abafado sob a máscara de oxigênio... — ...deixe-a olhar.

Ele franziu a testa. Ele soltou a minha mão e agarrou a cadeira com o braço bom, puxando-a ao lado da cama e colocando a mão de volta na minha.

A enfermeira olhou para mim e sorriu. — Vou pegar a tipóia e uma faixa para que possamos deixá-lo um pouco mais confortável.

As horas seguintes passaram em um borrão. Os médicos vieram e foram. Enfermeiros me ligaram a todos os tipos de máquinas. Eles me mandaram para uma sala com um grande túnel para fazer um raio-X. Eles testaram meus reflexos e sentidos em diferentes partes do meu corpo. Heath foi levado para ser examinado adequadamente, e Braydon tomou o seu lugar, me contando tudo sobre como tinha conseguido um dos números de telefone das estudantes de medicina. Helen entrou com confiança maternal, e eu chorei quando ela limpou um pouco da fuligem preta que se havia acumulado na minha pele. Todos tentaram me assegurar que eu ficaria bem. As segundas opiniões foram pedidas, mas depois de horas e horas, a mesma conclusão veio no final.

Apenas danos nos nervos.

Eu sentia as minhas pernas e pés, mas minhas costas doíam com uma dor infernal.

— Força bruta pode sacudir o corpo e causar paralisia temporária. Você é muito sortuda. — Explicou o médico. Um suspiro coletivo de alívio pareceu cair sobre a sala. — Vou recomendar alguns medicamentos para a dor. E eu gostaria de mantê-la por alguns dias apenas para monitorar o inchaço ou qualquer problema que possa surgir.

— Ok. — Eu respondi em voz baixa.

— Eu não acho que a fumaça tenha causado muito dano, mas também precisamos ficar de olho em qualquer sinal de que você tenha envenenamento por monóxido de carbono. Então, se por algum motivo perceber que está respirando de maneira diferente, ou se estiver com dificuldades, conte a alguém imediatamente.

Ele disse isso e se virou para ir embora.

— E quanto a Heath? — Eu disse asperamente. Minha voz estava rouca e crua.

— Eu não posso discutir…

— Eu sou sua mãe, então sim, você pode discutir. — Helen retrucou. Heath exigiu que ela ficasse comigo enquanto eles o levaram para os raios X. Mas ele tinha estado fora por mais de uma hora e meia agora.

O médico parecia inseguro, mas acabou cedendo ao olhar de uma mãe determinada. — Heath tem um ombro deslocado. Estou prestes a ir colocá-lo de volta.

Helen correu atrás dele quando saiu pela porta.

— Dane-se. — Braydon gemeu, sentando-se ao meu lado e abaixando a cabeça.

— O quê? — Eu perguntei. — Isso é solucionável, certo?

Braydon assentiu. — Sim, mas isso é semanas e semanas de reabilitação.

Minha garganta ficou tensa. — Ele não será capaz de nadar?

Ele olhou para mim com olhos tristes. — Ele não será capaz de nadar.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Eu não gostei da quietude do quarto do hospital.

Eu odiava que não pudesse me levantar e andar por aí ou até mesmo ir ao banheiro sem alguém comigo. Foi frustrante não poder fazer nada por mim mesma.

Mas o que foi ainda mais frustrante, era ainda não ter visto Heath. Helen tinha ido buscar um pouco de comida e Braydon também tinha ido embora.

Eu queria vê-lo tanto que doía, me sentia culpada, e esse sentimento estava me pesando.

Eu só precisava saber que ele ficaria bem.

Ouvindo uma voz clara, e como se ele tivesse ouvido meus pedidos mentalmente mais uma vez, ele estava parado na porta. Ele parecia bem e forte, mas foi a tipóia em volta do pescoço segurando o braço no lugar, que trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Oi. — eu murmurei, tentando não ser atingida pelas emoções.

Ele entrou e fechou a porta atrás dele. — Como você está se sentindo? — Ele perguntou quando se aproximou.

Os médicos finalmente haviam retirado o irritante colar de pescoço, mas ainda estavam exigindo que eu ficasse o mais imóvel possível por agora, e não fizesse nada que pudesse prejudicar minha recuperação ainda mais. Isso significava ter que ficar deitada na cama enquanto se

aproximava, apesar do quanto eu queria me levantar e me enterrar contra o corpo dele. Era ali que me sentia em paz e confortável. Seus braços eram onde eu me sentia em casa.

Ele puxou a cadeira para o lado da cama e sentou-se imediatamente, pegando a minha mão. — Desculpa por demorar tanto. A polícia está lá embaixo e queria uma declaração. Acredito que eles provavelmente estejam vindo para cá em breve, mas mamãe está tentando segurá-los, dizendo que você precisa descansar.

Eu sorri suavemente. Helen era uma mulher forte, mas quando se tratava de seus filhos, ela era como uma mamãe urso protegendo seus filhotes. Nada estava prestes a passar por ela. — Como está o seu braço?

— Dolorido. — ele respondeu casualmente como se fosse apenas uma contusão ou um pequeno arranhão.

— Heath... — eu murmurei.

— Não. — ele disse severamente. — Eu posso ver dentro da sua cabeça. Você não se sinta culpada por isso. Não foi sua culpa.

Eu tive muito tempo para me sentar aqui sozinha e pensar sobre o que tinha acontecido. Isso estava me deixando louca. — Eu poderia tê-la interrompido mais cedo se tivesse lhe contado o que estava acontecendo desde o começo. Eu poderia ter pedido ajuda. Eu poderia ter contado sobre a pequena paixão de Flick e talvez ela não tivesse escapado para ir àquela festa idiota...

— Você poderia ter *morrido*, Fay. — interrompeu ele. — Não dou a mínima para o que aconteceu antes disso. Não importa. Você está bem, estou bem.

— Mas você não está bem, — exclamei. — Seu braço levará semanas e semanas para se curar. E mesmo assim pode não ser bem o que era antes. E se você deixar de ser escolhido para a equipe olímpica? E se o seu futuro...

— Você é meu futuro. — ele gritou. — Se eu não tivesse derrubado aquela porta, poderíamos ter perdido você. Eu poderia ter te perdido. Nadar ou não nadar, um futuro sem você seria sem sentido de qualquer maneira.

Lágrimas caíram do meu rosto enquanto eu olhava para os olhos azuis pelos quais tinha me apaixonado. Alguns podem chamar isso de paixão adolescente ou amor juvenil, mas eles estariam errados.

Isso era mais que amor.

Isso era encontrar a única pessoa em todo o mundo que viu você por quem você é. É sobre não se importar se o mundo desabou ao seu redor, porque você ficaria no último pedaço de entulho com ele e sorriria. Porque nada ao seu redor importa se ele está lá.

Senti dor, mas quando olhei nos olhos dele, tudo que vi foi céu azul. E eu estava voando.

Abri a boca para dizer-lhe como me sentia, mas não consegui.

— Oi, pássaros do amor. — Braydon anunciou sua presença enquanto abria a porta e entrava.

Eu balancei a cabeça e ri baixinho enquanto Heath apenas revirou os olhos, mas nem ele conseguia esconder seu sorriso.

— Onde você esteve? — Perguntou Heath ao irmão.

Era agora por volta das 7:00 da manhã e acho que a adrenalina da noite passada estava começando a se desgastar. Nenhum de nós tinha dormido mais do que algumas horas antes que eu recebesse o telefonema de Flick.

Flick, que eu ainda não tinha visto.

Helen disse que Lucas levou as meninas para casa e ficou com elas, enquanto ela veio para o hospital.

Braydon se ergueu no final da minha cama. — Eu tive que fazer algumas coisas. — Ele deu de ombros. — Você já disse a ela sobre Jay?

Eu olhei de volta para Heath, cujos olhos se viraram para encontrar os meus ao mesmo tempo. — E quanto a Jay?

— Ela foi presa. — disse ele.

— O quê? — eu gritei.

— Sim, aparentemente algumas garotas se adiantaram e disseram que estavam no vestiário e viram Jay bater em você. — explicou Braydon. — Elas estavam com muito medo de se apresentar até ouvirem que você estava fazendo acusações e Jay havia sido suspensa.

— Elas se chegaram à frente? — Eu disse, não tenho certeza se tinha ouvido direito.

— Payton vai contar à polícia o que Jay fez com ela também. E vamos apoiá-la duma vez que a vimos. — disse Heath, apertando minha mão. — Eles têm muito mais provas de que todas as coisas que aconteceram foram por causa dela. Ela vai ter o que merece. — Sua voz era fria e indiferente. Eu queria me sentir mal por ela. Depois que ela me contou sobre sua mãe saindo e ela e seu pai terem que se mudar, eu quase entendi por que estava tão desesperada para segurar em alguma coisa. Mas então me lembrei.

— Ela me arrastou para o quarto e trancou a porta. — eu disse baixinho, percebendo o modo que os dois corpos dos irmãos ficaram tensos. — Eu vi a janela e empurramos a mesa para subir. Ela subiu, mas me chutou antes que ela conseguisse sair.

Heath apertou a mandíbula.

— Nós a vimos saindo de trás da casa. — explicou Braydon, percebendo que seu irmão estava zangado demais para sequer falar. — Liam veio e perguntou onde você estava. Nós não sabíamos e então ele disse que tinha visto Jay puxá-la pelo corredor antes que ele fosse empurrado para fora. Havia polícia lá e não deixaria ninguém entrar.

— Nós achamos que ela veio da parte de trás da casa, então estávamos indo para lá. — Heath disse, levantando minha mão para que seus lábios roçassem contra ela. — Então ouvi você gritando.

— Nós teríamos passado direto pela janela. — disse Braydon, olhando para Heath. — Nós não teríamos sido capazes de encontrar você.

Lágrimas mais uma vez começaram a cair das minhas bochechas. Eu estendi minha mão para Bray. Ele colocou sua mão na minha e eu apertei com força.

— Sua família me fez sentir tantas emoções diferentes nas últimas semanas. Se não fosse por vocês, eu teria ficado no chão e deixado o fogo me consumir. Porque eu realmente não tinha mais nada. — Eu chorei. — Vocês me deram uma razão para não desistir, e por causa disso, eu ainda estou aqui.

Eu olhei entre os meninos. Eles significavam mais para mim do que a vida poderia descrever. Os olhos de ambos brilharam.

— Aww, cara. — gemeu Braydon. — Eu vou parecer um covarde agora. — Ele tentou limpar a garganta e se levantou da cama.

— Eu não vou contar a ninguém. — Eu ri.

Ele gemeu. — Sim, mas esses caras provavelmente vão.

Ele empurrou a porta, e entrou um grupo de pessoas que me fez querer saltar da cama e me jogar nelas.

Layla correu para mim e se jogou em cima de mim, nem mesmo se importando que as minhas e as mãos de Heath ainda estivessem juntas embaixo dela.

Lee seguiu, Andre, Coop e Phee se aglomerando em torno da minha cama. Eu ri histericamente. — Puta merda! — Todos eles sorriram para mim. — O que vocês estão fazendo aqui?

Layla finalmente me soltou e recuou. — O menino rico veio e nos disse o que estava acontecendo. — Ela sorriu por cima do ombro com carinho.

— De nada. — Braydon sorriu quando ele se afastou e deixou meus amigos me cercarem. — Eu só pensei... ei... o que Fable...

— Ele disse que era ideia de Heath. — interrompeu Layla. Heath riu.

Braydon cruzou os braços sobre o peito e franziu a testa. — Você não podia evitar, você podia? Só tive que fazer a minha parte.

Layla revirou os olhos. — Eu vou te lembrar mais tarde.

Os olhos de Braydon brilharam e o canto de sua boca se transformou em um sorriso. — Ok, então de quem é a bunda que estaremos batendo? — Phee perguntou, com um brilho travesso no olhar. — Porque eu agarrei meus espanadores de junta[46] antes de sairmos. Estou pronta para ir.

— Eu também, — Lee concordou. — Minha mão de cafetão está se sentindo muito forte hoje.

Então trouxe a mão para trás e balançou a palma da mão aberta. Deu um tapa na bunda de Layla e ela gritou.

Todo mundo riu.

Eu comecei a tossir através de todas as risadas. Meus pulmões ainda doendo de toda a fumaça.

[46]Espanadores de junta – auto defesa de segurança.

Heath se levantou da cadeira e se aproximou da minha cabeça. Sua mão afastou o cabelo do meu rosto até que finalmente senti que podia respirar de novo.

— Sério. — Layla disse, seu rosto agora completamente sério. — Onde ela está?

— Na cadeia. — Braydon respondeu, levantando e colocando uma mão em torno de seu pulso.

— Tudo bem, *Xena Princesa Guerreira*. Jay está fora para a contagem.

Layla pareceu relaxar, e notei que ela não se livrou do aperto da mão de Braydon.

Aproveitei o momento para perguntar sobre o clima que estava na sala, mas que ninguém ainda tinha que mencionar. — Onde está Kyle?

— Rehab[47]— Lee respondeu com tristeza.

— O quê? — eu perguntei.

Layla suspirou. — Quando Bray me levou de volta para Bayward Street na semana passada, eu disse a todos sobre esta casa e que nós finalmente estaríamos saindo daquele lugar. — explicou ela com um sorriso. — Kyle perdeu o controle.

Lee abaixou a cabeça e eu estendi a mão e peguei sua mão na minha. — Braydon teve algumas palavras com ele. Acontece que não estava apenas bebendo, ele estava roubando também. Ele estava roubando álcool do clube e trocando por drogas.

[47]Rehab – local para reabilitação de jovem infratores.

Meu coração doeu. Essa pessoa que havia me ajudado por tanto tempo estava quebrada e eu não estava lá para ajudá-lo.

— Heath e eu conversamos com mamãe. Oferecemos a ele a chance de ficar sóbrio e, se o fizesse, poderia ter um lugar na casa.

Lee tinha lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu só podia imaginar o que ele estava sentindo. Ele e Kyle nunca estavam separados. Eles tinham um laço que era inquebrável. Mas ele teve que assistir seu gêmeo rasgar a pouca vida que já tinha em pedaços e seguir um caminho de destruição.

Os Carsons não precisavam ajudar. Eles poderiam ter virado as costas e simplesmente terem dito que não. Mas eles não o fizeram. Porque o amor que eles têm pela sua família e pelos outros é tão puro. Não é um truque. Não é algo que eles estão fazendo para serem notados na imprensa. Eles fazem isso porque se importam.

— Tudo bem, você está muito exausta. — Helen gritou enquanto entrava. — Hora de deixar a menina descansar.

Todos gemeram, mas se despediram e cada um deles se arrastou porta afora. Helen os conduziu como gado antes de me lançar um sorriso por cima do ombro.

Heath não se mexeu.

— Você não está saindo? — Helen perguntou.

Ele baixou a cabeça e apertou os lábios contra os meus. — Não. Em nenhum outro lugar eu quero estar.

Eu sorri. — Eu poderia pensar em alguns lugares que você gostaria de estar e que seriam diferentes do hospital.

— Não se você não estiver lá.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Seis semanas depois

— Você não deveria estar se preparando?

Eu sentei na beira da piscina, meus pés balançando na água. Isso se tornou um dos meus lugares favoritos. Sentindo meus pés balançarem na água enquanto Heath nadava. Eu lia um livro ou fazia trabalhos de escola, mas hoje só fiquei observando-o.

Seu ombro estava começando a se curar. Ainda era apenas cinquenta por cento da força do que era antes do fogo, mas ele estava sendo inteligente e se recuperando lentamente.

Seu técnico havia chamado os oficiais da equipe olímpica e contou a eles a situação. Eles ficaram desapontados pois tinham visto muito potencial em Heath. Ele foi convidado para os testes de natação olímpicos em julho em Nebraska, mas com isso a apenas dois meses de distância, era altamente duvidoso que seu braço voltasse à força normal até então.

A vantagem era que os batedores disseram que ele ainda tinha uma grande chance de se juntar à equipe do USA National Swim no próximo ano, e quando as próximas Olimpíadas aparecessem, ele ainda teria apenas 21 anos, o que era a idade média dos nadadores masculinos.

Seu futuro não acabou. Foi um revés. Mesmo assim ainda me sentia culpada de vez em quando, mas eu sabia que com a quantidade de paixão e determinação que ele detinha, só iria empurrá-lo para fazer melhor.

— Terra para Fable. — Água espirrou sobre mim, e eu ofeguei. Heath riu. — Eu disse que você não deveria estar se preparando?

Chutei meu pé e enviei uma onda de água sobre sua cabeça, mas ele não se abalou, apenas limpando-o. — Sim, eu deveria estar, mas sua mãe e Flick não vão me dar nenhuma pista sobre o vestido que escolheram para mim. Elas acabaram de ir buscá-lo.

Esta noite nós íamos ao baile de formação.

Geralmente era apenas para juniores e seniores, mas Heath estava me levando como sua acompanhante.

E Braydon convenceram alguma menina júnior a levá-lo. Não há surpresas lá.

Eu assisti todos esses vídeos on-line sobre o quão incrível e exagerado alguns caras eram quando eles pediam que as meninas fossem ao baile com eles. A Diamond Cross não era exceção, exceto que sua versão de cima do topo não significava que seus amigos cantassem uma canção de amor enquanto o cara segurava um cartaz.

Não. Eles deram um passo adiante.

Havia helicópteros pousando no campo da escola e celebridades fazendo serenatas para garotas em salas de aula.

Era outro nível de formatura.

Heath me pediu para ir com ele, mas não houve nenhum grande gesto. Tinha sido ele e eu, sozinhos, bem aqui no lugar que ele mais amava - a piscina. E isso significava mais para mim do que qualquer proposta de formatura cara poderia ser.

— Fable. — Flick gritou quando veio correndo pela porta e para o pátio. — Vamos! Você precisa se preparar *agora.*

— Sim, Fable. — Heath zombou.

— Idiota. — eu murmurei, jogando água nele enquanto me levantava. Ele riu antes de mergulhar na água e voltar para o final da piscina para fazer mais exercicios.

— Como é que ele não tem que se preparar? — Eu resmunguei, seguindo Flick no andar de cima.

— Tudo o que ele tem que fazer é colocar um terno. — disse ela revirando os olhos. — Você tem cabelo, maquiagem e então temos que colocar você no vestido e nos sapatos.

— O que você quer dizer... — Eu congelei quando entrei no meu quarto e vi Helen orgulhosamente segurando o vestido que tinham escolhido para mim. — Puta merda.

— Eu sei que você não é realmente ligada em toda essa coisa de colocar um vestido, mas para o baile, eu não negocio sobre isso. — Helen riu. — Eu senti que isso pode ser um pouco mais seu estilo.

Eu respirei fundo enquanto o pegava.

Era como o estilo de uma camisa de botão, mas em um vestido. Havia mangas que chegavam perto do cotovelo, e os botões estavam baixos na frente. Havia um belo cinto de fivela de ouro que apertava a cintura, onde os botões continuavam até bem acima do meio da coxa. Então eles se separaram e caíram para trás, então o vestido era curto na frente, mas tocava o chão nas costas.

— E estes se encaixam perfeitamente no estilo de rua inteiro, com aquele visual diferente que você gosta — explicou Flick, segurando um par de botas pretas até ao joelho que amarravam à frente. Elas só tinham um salto pequeno, e era grosso, então eu não sentiria como se fosse cair.

— É perfeito. — eu sussurrei. Elas acertaram nisso tão bem que fiquei surpresa. Eu não era realmente feminina. Eu não usava vestidos, babados ou renda. Eu tinha um estilo específico. Preto. Jeans. Camisolas de alças ou camisas de menino. Era uma coisa que mesmo estando aqui nunca havia mudado.

Mas eu não senti que precisava. Eu gostei do que vi.

E esse vestido era eu enquanto ainda era bonita, elegante e promissora.

Eu sorri. — Vamos fazer isso.

Helen e Flick se prepararam e cutucaram e me transformaram. Eu me senti surpreendentemente bonita, e estava confiante.

— Ok, seu parceiro estará aqui em breve, então vamos fazer essas fotos. — Helen exclamou, saltando animadamente.

Fiz meu caminho atrás delas, desci as escadas e voltei para a piscina, onde Braydon e sua acompanhante estavam conversando com Heath.

Eu reconheci a garota. Era a mesma garota que me explicara como se sentar com um vestido longo na festa da piscina de Sam. Ela me viu antes dos meninos, seu vestido era longo e requintado. Um roxo profundo. Ele abraçava seu corpo em todos os lugares certos.

— Você está incrível. — disse ela com um sorriso brilhante, fazendo com que os irmãos olhassem para cima.

Eu sorri de volta. — Obrigada, você está linda.

Corei quando meus olhos se conectaram com os de Heath. Havia aquele olhar aquecido que sempre me congelava.

— Porra do inferno. — Braydon murmurou olhando para mim com admiração.

— Braydon! — Sua mãe advertiu.

Heath caminhou em minha direção, cada passo que ele dava aumentando a excitação em meu corpo um pouco mais do que o anterior. Quando ele finalmente chegou a mim e pegou minha mão na sua, eu me senti como um fogo de artifício, explodindo em luzes brilhantes sobre um céu escuro da noite.

Ele não falou. Mas ele não precisava. Ele segurou meu rosto com a outra mão e puxou minha boca para a dele. Eu segui. Eu sempre segui sua liderança porque, com Heath, eu tinha absoluta e total confiança de que ele iria cuidar de mim. Dar-me a ele era fácil.

Porque confiava nele. Eu sempre confiei e iria confiar.

Eu sei disso sem sombra de dúvida.

Seus lábios roçaram os meus e eu suspirei, meus olhos se fecharam.

— Não. — Flick chamou atrás de mim, acalmando seu avanço. — O batom dela está perfeito. Fotos primeiro, então você pode beijá-la depois.

Ele riu contra a minha boca, mergulhando a testa na minha. — Mais tarde. — Eu balancei a cabeça levemente.

Helen nos colocou em posições diferentes, algumas com apenas eu e Heath, Heath e Bray e então Sarah e eu – Sarah sendo o encontro de Braydon.

Depois de trinta minutos de *'coloque o braço aqui'* e *'vire dessa maneira',* eu superei isso. Mas então Helen pediu mais uma foto.

— Vamos, Flick. Entre, preciso de uma foto dos meus queridos filhos para a parede. — Meu coração se aqueceu, e Heath me puxou para perto de seu corpo. Flick se encaixou entre Bray e eu, e eu passei meu braço ao redor de sua cintura.

Esta era minha casa, minha família. Helen nos fez rir quando ela fotografou e fotografou. E quando tudo acabou, ela nos levou correndo pela porta da frente para onde havia dois lindos carros esportivos cintilantes.

— Sim. — Braydon cantou enquanto dançava em torno deles, ansioso para entrar no lado do motorista.

— Você vai deixá-lo dirigir? — Eu perguntei com horror.

Helen franziu a testa para o filho mais novo. — Ele vai dirigir devagar. — As palavras em si eram lentas e pronunciadas, mas muito altas.

— Sim, sim! — Braydon acenou para ela. — Lamborghinis! Heath... Lamborghinis!

Esta família pode não ser toda sobre mostrando o dinheiro que eles tinham, mas mesmo eu sabia que havia momentos e lugares onde você só precisava dizer dane-se, ser grande ou ir para casa.

***

A noite estava cheia de risos e danças, e para Heath e eu, só o tempo sentados sozinhos enquanto as pessoas se movimentavam e se misturavam ao nosso redor. Heath me puxou para o seu colo quando sentamos em uma das cadeiras de uma mesa. Eu fiz um esforço corajoso para manter minhas botas nos meus pés, mas depois de duas horas elas estavam me apertando, e eu as deixei de lado.

— Divertindo-se? — Ele perguntou enquanto segurava minhas costas e enfiava o rosto no meu queixo.

— Eu nunca pensei que teria isso. — eu respondi honestamente. — É surreal pensar que apenas dois meses atrás eu estava em algum lugar tão completamente oposto, pensando que provavelmente nunca saberia o que era ser uma adolescente normal.

— A única coisa que você precisa se preocupar agora é tirar boas notas e descobrir para qual faculdade quer ir.

Ele estava certo. Lena tinha vindo me visitar algumas semanas depois do incêndio e disse que Jay estaria enfrentando algumas acusações muito sérias. Nós ainda não sabíamos o que aconteceria com ela, mas havia uma

data de audiência para a corte chegando, e todos nós estávamos sendo solicitados a testemunhar.

A outra notícia que Lena tinha era que meu pai havia sido preso. O advogado e juiz que foram acusados de suborno fizeram acordos e indicaram Greg Campbell e um punhado de outros em uma lista de pessoas de quem haviam recebido dinheiro para obter o veredicto que queriam.

Não havia mais chance de eu voltar lá, não importa o que acontecesse. Helen e Arthur foram nomeados guardiões permanentes. E mesmo que eu não os chamasse de pai e mãe, eles ainda eram meus pais em todos os sentidos das palavras.

— Você acha que encontrou seu lugar agora?

A pergunta me surpreendeu, mas a resposta foi simples. — Sim.

Seus dedos brincavam com meu cabelo. — Você sabe, que me disse uma vez que quando finalmente encontrasse onde deveria estar, que você fecharia o livro de Fable e voltaria a ser Keira.

A música e o riso brincaram ao nosso redor enquanto eu considerava suas palavras. Virei meu corpo para poder ver seu rosto, e uma das mãos dele deslizou sob a bainha do meu vestido, seus dedos suavemente acariciando a parte externa da minha coxa.

— Eu não sou mais Keira. — eu disse a ele em voz baixa. — Eu acho que nunca percebi, mas era o livro dela que precisava ser fechado. A história de Fable foi de luta e perda, mas foi em sua história que descobri força. E foi em sua história que eu te encontrei. — Eu mergulhei minha

cabeça e encostei meus lábios contra os dele, os olhos de Heath se fecharam enquanto ele respirava profundamente. — Meu feliz para sempre.

Nós nos beijamos suavemente.

Era leve, um toque suave. Mas eu nunca deixei de me surpreender com a forma como um simples toque de Heath poderia me consumir.

— Eu te amo, Fable. — ele sussurrou, sua respiração se espalhando contra os meus lábios.

Nada poderia me preparar para o quanto essas três palavras me atingiram. Eu parei rapidamente, meus olhos encontrando os dele, enquanto eu tentava piscar as lágrimas para não estragar minha maquiagem. Ele esperou, seus olhos me observando intensamente.

Como ele estava esperando. — Eu também te amo.

Sua mão enganchou no meu pescoço e eu fechei meus olhos, soltando um suspiro lento e suave. Ele não me puxou para um beijo íntimo para selar a declaração. Ele não precisava. Isso foi tudo.

Quando eu abri meus olhos para vê-lo ainda me observando, um sorriso silencioso puxou o canto de sua boca enquanto nós dois flutuávamos de volta à realidade. — Você percebe que é como um conto de fadas que sempre terminam felizes depois. As fábulas são mais como lições morais e geralmente incluem animais que falam.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Maneira de arruinar o momento, idiota. — Heath riu baixinho.

— Vamos lá, vamos lá! — Braydon apareceu ao nosso lado, pulando e gesticulando em direção à pista de dança. — Vamos! — Ele mal conseguia se conter, atirando-se na multidão novamente.

Eu gemi. — Se fôssemos animais, Braydon seria como um esquilo.

— Concordo, ele pensa muito sobre suas nozes. — Heath respondeu e eu ri. Havia apenas uma coisa faltando do que parecia perfeição.

— Eu penso que eles poderiam estar aqui. — eu disse a Heath, recuando para olhá-lo nos olhos. Ele sabia exatamente quem eu queria dizer, e seu rosto suavizou.

Layla, Andre, Coop, Lee e Phee estavam morando na nova casa há quatro semanas. Eles estavam de volta à escola, eles estavam aprendendo e desenvolvendo e abraçando as novas oportunidades que estavam sendo oferecidas. Eu os via algumas vezes por semana, e eles sempre saíam com a gente quando íamos a festas ou apenas saíamos com amigos.

Eu tinha ido da menina com dois pais que não se importavam com ela, lutando para sobreviver, para a garota com mais família do que podia contar e vivendo a vida ao máximo.

Heath me beijou brevemente antes de me levantar do colo e me direcionar para o palco.

— Já não dançamos o suficiente? — Eu gemi quando ele nos fez entrar para dançar, twerking[48] e moer os alunos. A música que estava tocando chegou ao fim e foi quando eu a ouvi.

[48]Twerking - Twerk é um estilo de dança em que grande parte dos movimentos se concentram nos quadris e em agachamentos

A guitarra.

Eu olhei para cima e vi Layla em pé no palco em frente à cabine do DJ com um microfone na frente dela, sorrindo de volta para mim enquanto dedilhava seu violão.

Meus olhos se iluminaram quando ela começou a cantar "*Wild Things",* de Alessia Cara. Eu comecei a rir.

Era uma música sobre ser quem você é, e para as pessoas que sentem que não têm um lugar para se encaixar, se unindo e criando um lugar para elas mesmas. Ela nos representava e quem éramos e o que havíamos superado para encontrar nosso lugar no mundo. Nós não desistiríamos um do outro, e seríamos mais fortes por causa das pessoas ao nosso redor que nos levantaram.

Heath passou os braços em volta de mim por trás, e nós balançamos quando ouvimos a voz suave de Layla encher o ginásio da escola. As pessoas pararam e assistiram, sorrindo e cantando junto. E eu soube então que talvez não fosse a única que procurava um lugar para se encaixar.

Todo mundo lutou às vezes. Todos nós tivemos que lutar pelo nosso lugar no mundo. Nem sempre foi fácil, mas contanto que você estivesse procurando algo, era tudo o que importava.

Minha luta não acabou. Estava longe de terminar.

Eu tinha toda a minha vida à minha frente. E eu sabia que no futuro haveria obstáculos, mas não deixaria que eles me impedissem de lutar pelo que queria. Eu tinha sonhos agora, metas a alcançar. Eu estava

acabando de andar na vida, apenas sendo confortável, contente em apenas estar viva.

Os lábios de Heath pressionaram contra o meu pescoço e eu me inclinei em seu abraço.

A vida não era apenas estar vivo, existindo dia a dia.

A vida era sobreviver.

E eu estava pronta para viver.

FIM

PLAYLIST

Burning House - Cam

Natural - Imagine Dragons

Who We Are - Imagine Dragons

7 Years - Lukas Graham

Rehab – Amy Winehouse

Alessia Cara – Wild Things